

ADAM SILVERA
Autor de *Lembra aquela vez*

HISTÓRIA É TUDO QUE ME

DEIXOU

"Este livro vai te
fazer chorar, refletir
e, depois, chorar
um pouco mais."
Nicola Yoon





ADAM SILVERA

**HISTÓRIA
É TUDO
QUE ME
DEIXOU**

History is all You left me **Copyright** ©
2017

Adam Silvera© **2017 by Hoo Editora**

Todos os direitos reservados e
protegidos pela Lei 9.610 de
19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem
autorização prévia por escrito da
editora, poderá ser reproduzida ou
transmitida, sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos, gravação ou quaisquer
outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Coordenadora editorial: **Rayanna
Pereira**

Tradução: **Cristina Lasaitis**

Preparação: **Camila Fernandes**

Revisão: **Jadson Gomes**

Capa: **Rebecca Barboza** Diagramação:
Vanúcia Santos
(AS Edições)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S586h

Silvera, Adam História é tudo que me deixou / Adam Silvera ; tradução de
Cristina Lasaitis. – São Paulo : Hoo Editora, 2017.

304 p.

ISBN: 978-85-93911-07-1

Título original: Noah can't even 1. Literatura norte-americana 2.
Homossexualidade - Ficção I. Título II. Lasaitis, Cristina

17-1755

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana Hoo Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 605

Barra Funda – Cep: 01136-001 – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (011) 3392-3336

www.hooeditora.com.br

E-mail: contato@hooeditora.com.br

Siga-nos no Twitter: @hooeditora

Para aqueles com histórias aprisionadas em suas cabeças e corações.

Imensa gratidão ao Daniel Ehrenhaft, que me descobriu, e Meredith Barnes, que
ajuda todos a me encontrar.
Melhor equipe de todos os tempos!

HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2016

Você ainda está vivo em universos alternativos, Theo, mas eu vivo no mundo real, onde, nesta manhã, aconteceu o seu velório. Sei que você está por aí, me ouvindo. E deveria saber que estou furioso de verdade, porque você prometeu que jamais morreria e, ainda assim, aqui estamos nós. E o que mais me magoa é que essa não foi a única promessa que você quebrou.

Mais uma vez, vou dissecar os detalhes dessa sua promessa. Você a fez no último mês de agosto. Acredite quando digo que não estou ralhando com você quando me recordo desta e de outras memórias com vários detalhes. E ainda duvido que eu consiga surpreender você, já que sempre brincávamos sobre como seu cérebro funciona das formas mais esquisitas. Você poderia encher cadernos inteiros com todas as baboseiras inúteis de que sabia, mas de vez em quando deixava escapar coisas importantes, como o meu aniversário este ano (17 de maio, e não 18), e nunca conseguia acertar direito suas aulas do período noturno, mesmo depois que lhe dei uma agenda bem bacana com zumbis na capa (que você-sabe-quem provavelmente o obrigou a jogar fora). Eu só quero que você consiga se lembrar das coisas, assim como eu. E, se trazer o passado à tona o incomoda — assim como sei que acontecia quando você trocou Nova Iorque pela Califórnia —, saiba que eu sinto muito, mas, por favor, não fique bravo comigo por desabafar sobre tudo isto. A história foi tudo o que você me deixou.

Fizemos promessas um ao outro no dia em que terminei com você, para que você pudesse ir viver sua vida em Santa Monica sem que eu atrapalhasse. Algumas dessas promessas deram maus resultados, mas não foram quebradas; por exemplo, quando eu disse que jamais o detestaria mesmo que você me desse motivos suficientes para isso ou como você nunca deixou de ser meu amigo mesmo depois que seu namorado lhe pediu isso. Mas, naquele dia em que estávamos indo até o correio com Wade para enviar seus pacotes para a Califórnia, você andou de ré pela rua e quase foi atropelado por um carro. Naquele instante, eu vi desaparecer o nosso final feliz — o pacto de que encontraríamos o caminho de volta um para o outro no momento certo, não importando o que acontecesse — e fiz você prometer que cuidaria de si e que

jamais morreria.

— Tudo bem. Não vou morrer nunca — você falou e me abraçou.

Se existe uma única promessa que você estava proibido de quebrar, era essa. E agora sou obrigado a me aproximar do seu caixão daqui a uma hora para me despedir de você.

Só que isto não será um adeus.

Sempre terei você aqui para me escutar. Por outro lado, estar frente a frente com você pela primeira vez desde julho passado e pela última vez na vida vai ser impossível, especialmente por causa da companhia nada bem-vinda do seu namorado.

Mas vamos deixar o nome dele longe da minha boca o quanto for possível hoje, tudo bem? Para ter alguma chance de conseguir sobreviver aos dias de hoje, de amanhã e a todos os outros que virão, acho que precisarei voltar ao começo, quando éramos dois garotos nos entrosando e nos apaixonando enquanto resolvíamos quebra-cabeças.

Foi quando você se desapaixonou por mim que tudo começou a dar errado. E é o que aconteceu depois que terminamos que me deixa tão nervoso. Agora você pode me ver de onde quer que esteja. Sei que você está aí e sei que está me observando, sintonizado na minha vida para compreender tudo por si mesmo. Não são só as coisas vergonhosas que fiz que estão me deixando louco, Theo. É o fato de que você sabe que eu ainda não acabei.

HISTÓRIA

**DOMINGO, 8 DE JUNHO DE 2014 VOU FAZER
HISTÓRIA HOJE**

O tempo está correndo mais rápido do que este trem, mas, tudo bem, já que estou sentado do lado esquerdo de Theo McIntyre. Eu o conheço desde os últimos anos do ensino fundamental quando, durante o recesso escolar, ele chamou a minha atenção. Ele acenou para mim e disse: — Me dê uma mão, Griffin. Estou reconstruindo Pompeia.

Obviamente era um quebra-cabeça com uma centena de peças retratando Pompeia. Naquela época, eu não sabia nada a respeito de Pompeia; achava que o Monte Vesúvio era o covil secreto de algum chefe de histórias em quadrinhos. As mãos de Theo me hipnotizavam enquanto ele agrupava as peças de acordo com as tonalidades antes de começar, separando as estradas de granito das ruínas cobertas de cinzas. Ajudei com o céu, montando as nuvens do jeito errado. Não conseguimos ir longe com o quebra-cabeça naquele dia, mas nos tornamos amigos desde então.

O passeio de hoje nos leva de Manhattan para o Brooklyn para ver se os tesouros perdidos nos mercado de pulgas são tão caros quanto todo mundo diz. Não importa onde estejamos, se no Brooklyn ou em Manhattan, se no pátio da escola ou em Pompeia, planejei virar o jogo com Theo neste dia par. Só espero que ele esteja a fim de continuar jogando.

— Pelo menos, vamos ter o lugar só pra gente — eu digo.

O vagão do trem está tão vazio que é quase suspeito. Mas não estou incomodado. Estou ocupado demais sonhando em como seria dividir este espaço e todos os outros espaços com esse sabichão que ama cartografia, quebra-cabeças, desenhos animados e descobrir o que motiva os seres humanos. Em um trem lotado, Theo e eu nos apertamos no banco, com quadris e braços colados um no outro, e a sensação é muito parecida com a de abraçá-lo, só que eu não preciso soltá-lo tão rápido. É um saco que Theo esteja sentado à minha frente agora, mas pelo menos isso me garante uma vista fascinante. Olhos azuis capazes de enxergar maravilhas em todas as coisas (até em cartazes publicitários sobre clareamento dental), cabelos loiros que escurecem quando estão molhados,

a camiseta de *Game of Thrones* que dei para ele de aniversário em fevereiro.

— Fica bem difícil observar as pessoas em um trem vazio — Theo diz. Os olhos dele se fixam em mim. — Acho que só sobrou você.

— Tenho certeza que vai ter pessoas interessantes no mercado de pulgas. Tipo, uns hipsters.

— Hipsters são personagens, não pessoas — Theo comenta.

— Não faça bullying com os hipsters. Alguns deles realmente têm sentimentos debaixo daquelas toucas e camisas de flanela *vintage*.

Theo se levanta e faz uma flexão de braço ruim nos canos do trem; o cérebro dele produz notas bem altas, mas os músculos não conseguem igualar o feito. Ele desiste e salta para a frente e para trás sobre os bancos do trem como um trapezista saltimbanco. Eu só queria que ele desse um salto mortal para o meu lado e ficasse sentado. Mas ele se segura no cano e estica a perna até os bancos do lado oposto e a camisa dele sobe um pouco, então dou uma olhada em sua pele exposta enquanto tento prestar atenção no sorriso de Theo. Este pode ser o último dia que tenho a chance de fazer isso.

O trem finalmente para e desembarcamos.

Manhattan é nossa casa e tudo mais, então Theo nunca fala mal dela, mas sei que ele gostaria que houvesse mais grafite em seus muros, assim como nos muros do Brooklyn, debaixo do sol de verão. Theo aponta seus favoritos no caminho do mercado de pulgas: um menininho vestido de branco e preto andando diante de letras coloridas que dizem SONHO; um espelho vazio que reivindica encontrar o mais belo de todos em uma caligrafia tão bonita que rivaliza com a escrita perfeita do Theo; um avião dando voltas ao redor de Netuno, o que é fantástico o suficiente para não me dar fobia de avião; cavaleiros sentados ao redor da Terra, como se fosse a tábua redonda. Nenhum de nós sabe o que essas coisas querem dizer, mas são legais pra caramba.

É um caminho longo e quente até o mercado de pulgas, localizado diante do rio East. Theo vê um caminhão de refresco e logo cada um de nós gasta cinco dólares com um copo de limonada frozen, mas já não resta nada do xarope açucarado e somos obrigados a mastigar gelo para sobreviver ao calor.

Theo para diante de uma mesa com bugigangas de Star Wars. Ele franze o rosto e depois se vira para mim.

— Setenta dólares por um sabre de luz de brinquedo? — Theo não consegue conter os pensamentos em voz alta. Isso é um problema.

A vendedora de quarenta e poucos anos nos observa.

— É um sabre que sofreu *recall* — ela diz, simplesmente. — É raro, eu deveria cobrar ainda mais por ele. — Na camiseta dela, lê-se: A PRINCESA LEIA NÃO É A DONZELA EM APUROS QUE VOCÊ ESTÁ

PROCURANDO.

Theo corresponde ao olhar dela com um sorriso relaxado.

— Por acaso alguém deu uma de Obi-Wan e cortou o braço de alguém?

Meu conhecimento de Star Wars é muito limitado, e o mesmo vale para o conhecimento de Theo sobre Harry Potter. Ele é o único ser humano com dezesseis anos que conheço que não é fã do menino bruxo favorito de todo mundo. Houve uma noite em que discutimos por uma hora sobre quem venceria um duelo entre Voldemort e Darth Vader; estou surpreso que continuemos amigos depois disso.

— A tampa das pilhas abre muito fácil e a molecada não consegue manter a boca longe dali — a mulher explica. Ela não está mais falando com Theo, mas com um cara da idade dela, igualmente descontente, que não consegue descobrir como acertar o despertador de um relógio do R2-D2.

— Então tá. — Theo se despede e seguimos em frente.

Caminhamos por alguns minutos (quatro, para ser exato).

— Já terminamos aqui? — pergunto. Faz muito calor e estou derretendo, e com certeza já descobrimos que alguns desses tesouros são muito mais caros do que deveriam ser legalmente.

— Não, de jeito nenhum! — Theo diz. — Não podemos ir embora de mãos vazias.

— Então compre alguma coisa.

— Por que você não compra pra *mim*?

— Você não precisa daquele sabre de luz.

— Não, seu tonto. Compre alguma outra coisa pra mim.

— Então presumo que você também vai me comprar algo, né?

— É justo — Theo diz. Ele dá uma batidinha em seu relógio perigoso. É perigoso de verdade, no sentido de que não é seguro usá-lo e não sei nem por que ele foi confeccionado, porque os seus ponteiros solares são afiados e já arranharam corpos alheios (incluindo o meu) tantas vezes que Theo, a esta altura, deveria jogá-lo em uma lareira para destruí-lo e, em seguida, processar o fabricante. Mas, ainda assim, ele usa esse relógio porque é diferente.

— Vamos nos encontrar na entrada dentro de vinte minutos. A postos?

— Vamos.

Theo sai correndo e quase atropela um homem barbudo carregando uma menininha sobre os ombros. Ele desaparece da minha vista em questão de segundos. Verifico o horário no meu celular — são 16:18, um minuto par — e acelero na direção oposta, em um labirinto alegre repleto de relíquias em promoção. Passo por caixas de tênis velhos, fileiras tortuosas de espelhos borrados como os de um parque de diversões imundo, araras repletas de

echarpes floridas que voejam ao sabor de um ventilador oculto e baldes de conchas marinhas vendidas em conjuntos com pincéis.

Achei as conchas bem legais, mas elas não parecem gritar “Theo!”. Mais ou menos um minuto depois, chego a uma parte do mercado que *parece* falar a língua do Theo. Um filtro dos sonhos feito de arcos de salgueiro e tingido no seu tom favorito de verde. Uma mesa apinhada de barquinhos minúsculos dentro de garrafas. Recentemente, ele estava lendo sobre os macetes dessa arte na esperança de fazer um por sua própria conta, apesar de que sei que ele vai colocar uma nave espacial dentro da garrafa, porque sempre tem que botar um toque de Theo em tudo que faz.

Ainda tenho todo o tempo do mundo — se é que o mundo acaba em vinte minutos. É uma pena que ele não seja um grande fã de fantasia, porque os abridores de carta são bem bacanas e estou meio que esperando que ele já tenha encontrado esta barraca e me dê de presente um desses, de preferência um que tenha forma de bainha de espada, ou este outro com cabo de osso. Tudo bem, porque tenho todo o tempo do mundo... Na verdade, não neste momento, porque de acordo com meu celular tenho apenas nove minutos, um número ímpar que está me deixando bastante ansioso, então coço a palma da minha mão antes de sair correndo de novo. E, de algum modo, volto para um mundo de mais oportunidades perdidas. Theo não precisa de conjuntos de louças e panelas para café da manhã, já que está perfeitamente feliz comendo sua tigela de cereal com suco de laranja e, com certeza, ele não precisa de ferramentas de jardinagem, a menos que elas venham com instruções sobre como cultivar videogames e aplicativos gratuitos.

Então, tiro a sorte grande.

Quebra-cabeças.

Observo o telefone de novo: faltam seis minutos. Não estou mais ansioso, estou entusiasmado. De tanto ir à casa do Theo, eu sei que ele não tem nenhum destes: um celeiro com asas em estilo *steampunk* construído com peças de satélite, o trenó do Papai Noel puxado por golfinhos debaixo d’água (não quero saber o que são as coisas embaladas para presente, mas adoraria ouvir Theo tentando adivinhar), um quebra-cabeça 3D de uma bola de futebol (a parte do 3D é legal, embora a parte esportiva nem tanto). Não sei se Theo se interessa por quebra-cabeças em três dimensões, mas este não parece ser do tipo que dá para “resolver no chute” — rá.

Bum! Já sei. O quarto naquela fileira sobre a mesa: Navio Pirata Condenado. Os piratas estão sendo atirados para fora do navio por uma tempestade e pelo mar revolto, alguns tentam voltar a bordo, enquanto outro está pendurado na prancha. Sei que Theo vai inventar uma história incrível sobre este daqui. A

vendedora coloca o quebra-cabeça em uma sacola plástica e, apesar de custar nove dólares, deixo dez na mão dela, antes de dar meia-volta e sair em disparada.

Theo está esperando na saída, colado na parede para se esconder na sombra, como se fosse um vampiro que saiu de casa muito cedo — ou ficou até muito tarde? Não posso culpá-lo. Nós dois estamos suando. Ele observa o seu relógio de sol.

— Ainda temos dois minutos! Vamos dar o fora daqui antes que a gente entre em combustão espontânea, ou pior, que você se queime de sol.

No caminho para a estação de metrô, a única pista que tenho do presente dele é uma caixa. É um cubo perfeito. Tenho zero ideia do que pode ser. Na estação, ficamos protegidos do sol, mas o calor molhado de uma plataforma apinhada de gente é insuportável a seu próprio modo, a sensação é de que montamos acampamento no topo de um vulcão e nos fechamos dentro da barraca. De algum modo, sobrevivemos à espera de seis minutos e, assim que o trem abre as portas, corremos para um banco no canto e nos sentamos antes que dois caras com idade para estar na faculdade peguem os assentos. O ar condicionado está na potência máxima e agora sinto que voltei a ser eu mesmo.

— Presentes? — Theo pergunta, apontando para minha sacola com os dedos engatilhados.

— Você terminou de fazer as compras primeiro, então você começa — digo, aproximando minha perna da dele, para que nossos joelhos se toquem acidentalmente.

— Não sei que lógica é essa, mas tudo bem — Theo responde.

Ele me dá uma caixinha e o que quer que haja lá dentro não pesa muito e fica se deslocando de um lado para o outro enquanto a agito nas mãos.

Abro e puxo de dentro uma estatueta de ninguém menos que Ron Weasley, o melhor amigo de Harry Potter.

— O que acha? — Theo pergunta. — Sei que ele é seu personagem favorito, então você provavelmente já tem isso, mas achei que esse era mais legal, especialmente porque ele está com esse jeito de quem passou por maus bocados.

Concordo com a cabeça: essa estatueta de Ron Weasley está surrada, e a tinta está arranhada no cabelo ruivo e nas roupas pretas. Mas ele não é meu personagem favorito. Essa é uma confusão comum, porque Ron é o meu favorito do trio (desculpe, Harry; desculpe, Hermione) e não costumam fazer estatuetas de personagens só porque estavam vivos e eram importantes em um único livro. Mas Cedrico Diggory é definitivamente meu personagem favorito na série e em qualquer livro. Quando Cedrico morreu no final do Torneio Tribruxo chorei por mais tempo do que seria capaz de admitir a qualquer pessoa. A morte de Cedrico

foi sem dúvidas a perda mais dolorosa que já tive. Mas, tudo bem, não é como se eu soubesse com certeza qual é o personagem favorito do Theo em Star Wars. Aposto que é o Yoda, mas isso soa idiota até para mim. É a intenção que conta.

— Isto é incrível — digo. — E ainda não tenho, então, obrigado. — Fico imaginando se o antigo dono superou essa fase e resolveu desapegar do boneco por quaisquer cinquenta centavos. A perda de um homem é sempre o ganho de outro, acho.

— Certo. Sua vez.

Estou sentindo falta do vazio do trem anterior e bastante preocupado que pessoas desconhecidas estejam assistindo à nossa troca de presentes e chegando por conta própria à conclusão de que devemos ser namorados. É um saco que estejam erradas. E é duplamente um saco que Theo possa ficar assustado demais até para continuar sendo meu amigo depois de hoje.

Theo puxa o quebra-cabeça da sacola e seus olhos se arregalam.

— Uau, oitocentas peças! Você vai ter que montar isto comigo.

— Qual é a história por trás dele?

Theo observa o quebra-cabeça por um momento.

— É sobre o apocalipse iminente dos zumbis-piratas, óbvio.

— Óbvio. Me diga, como os piratas foram afetados pelo vírus antes de todo mundo?

— O vírus zumbi sempre existiu, mas os cientistas sabiam que era melhor mantê-lo o mais longe possível da humanidade. Eles sabiam que os seres humanos são tão estúpidos e entediados por natureza, que seriam capazes de transformar a terra em um inferno só para não precisar levantar cedo na segunda-feira para ir trabalhar. Os cientistas armazenaram o vírus em uma ilha. Estou editando o nome porque não posso confiar esse segredo a você, Griff. Mas eles não levaram em conta que poderia haver uma tempestade como esta que você vê aqui, que destruiria a ilha e libertaria o vírus, até que ele se tornasse transmissível pelo ar, atingindo primeiro os piratas. Bem, na verdade, infectando primeiro o papagaio do Capitão Verón Caliente, que levou o vírus para a tripulação do navio *Maria Saqueadora*.

Apenas, então, deixo escapar um sorriso.

— Caramba, como você consegue inventar esses nomes?

— Não inventei, estão todos nos livros. Leia a história do seu futuro — Theo diz.

— Qual o nome do papagaio?

— Fulton, mas todos passam a chamá-lo de Penas Podres depois que ele transforma os piratas em mortos-vivos. Depois, eles rebatizam o navio de *O Rastejante Sangrento*, o que soa bem apropriado.

Eu realmente gostaria de passar uma hora dentro da cabeça dele, escalando todas aquelas engrenagens vertiginosas.

— Esses zumbis-piratas são inteligentes o bastante para rebatizar o próprio navio? — pergunto. — Então estamos fodidos.

— É melhor você ser meu comparsa na luta contra os zumbis-piratas — Theo comenta. — Eu sei como nos salvar.

Theo expõe duas estratégias que podemos empregar para sobreviver ao apocalipse. Precisamos construir uma fortaleza em algum lugar bem alto e munida de canhões e outras armas práticas, como bestas que disparam flechas flamejantes. Fácil. Já consigo até me ver brandindo uma como nos livros de fantasia que li. Aparentemente, também vou precisar aprender a cozinhar, porque Theo vai estar ocupado demais montando guarda todos os dias e todas as noites — ele tem certeza que vai descobrir a cura para a necessidade de sono e de descanso enquanto os zumbis estiverem entre nós — e não vai ter tempo de cozinhar, senão acabaremos nós dois virando o jantar de alguém.

— Parece um bom plano, Griff?

— Não prometo que a minha comida vai ser comestível, mas tempos difíceis exigem atitudes desesperadas.

Theo me oferece a mão e nós esboçamos um aperto, selando um pacto sobre os papéis que nos caberão no apocalipse zumbi-pirata. Tocá-lo faz meu coração bater rápido e forte.

Solto a mão dele.

— Preciso contar uma coisa.

O vagão do trem está chacoalhando ruidosamente e os olhares curiosos desviaram de nós. Cada pessoa ali está perdida em seu próprio universo.

— E eu preciso contar uma coisa também — Theo me diz.

— Quem conta primeiro?

— Pedra, papel, tesoura?

Nós dois escolhemos a pedra.

— Ao mesmo tempo? — Theo sugere.

— Pode ir primeiro. O que tenho para dizer não é para ser gritado ao mesmo tempo.

— Confie em mim. Posso apostar que nós dois vamos dizer a mesma coisa. Vai ser mais fácil desse jeito — Theo diz.

Não vou discutir com ele. Talvez o que ele tenha a dizer seja pior do que aquilo que pretendo contar e assim eu não me sinta tão mal.

— Contagem regressiva de três?

— Quatro.

Theo dá um meio-sorriso e concorda.

— Quatro, três, dois, um.

— Acho que eu devo estar louco — deixo escapar enquanto ele diz: — Gosto de você.

Theo fica corado e seu meio-sorriso desaparece.

— Espere, o quê?

Ele gira o corpo e olha pela janela do trem, mas estamos no subsolo, então tudo o que ele pode ver é a escuridão e o seu próprio reflexo no vidro.

— Achei que você ia dizer que gosta de mim. Você é gay, Griff?

— Sou — admito, pela primeira vez na vida meu coração não disparou nem meu rosto começou a queimar. Tudo o que sei é que teria mentido para qualquer outra pessoa.

— Bom. Quero dizer, legal — Theo diz. Ele flerta com a ideia de voltar a fazer contato visual antes de manter o olhar fixo na janela. — Por que você ficou com tanto medo de me contar que acha que está louco?

— Certo, essa é a segunda coisa. Eu acho que tenho Transtorno Obsessivo-Compulsivo.

— Mas o seu quarto é bagunçado — Theo diz.

— Não tem a ver com ser organizado. Você notou como ultimamente eu me forço a ficar do lado esquerdo das pessoas? Não era assim quando eu era criança. E também tem a minha obsessão por números, pois eu prefiro que tudo seja em números pares, com apenas duas exceções: o um e o sete. E o volume do som, e o timer do micro-ondas, e quantos capítulos li antes de fechar um livro, até a quantidade de exemplos que uso em uma frase. Isso me distrai e sempre me sinto *ligado*.

Theo meneia a cabeça.

— Já me senti assim também. Talvez com menos intensidade, mas acho que isso é só um sinal da sua genialidade. Tenho certeza que Nikola Tesla era obcecado pelo número três e, às vezes, dava a volta no quarteirão três vezes antes de entrar em um prédio. Mas, Griff, essas compulsões podem ser só uns pequenos tiques. — Os olhos azuis dele encontram meu rosto, luminosos. — Podemos pesquisar isso depois!

Talvez, ele esteja certo. Talvez, eu não seja só um garoto alucinado com um tique no pescoço que coça a palma da mão sempre que está nervoso, aborda as pessoas pelo lado esquerdo, puxa o lóbulo da própria orelha e opera só com números pares. Talvez, seja como ajustar o foco de uma fotografia e aumentar tanto o zoom em um detalhe que acabe perdendo a noção do conjunto.

— Isso tem me deixado um pouco assustado, como se eu não soubesse quem vou ser no futuro. Tenho medo de que isso possa piorar até me transformar em um Griffin complicado demais para ser seu amigo dentro de alguns anos. — Não

posso acreditar que estou descarregando tudo isso; é surreal, incrível, mas não posso parar. Talvez confessar tudo vá exorcizar qualquer doença.

Theo desliza para mais perto.

— Cara, tenho coisas reais com que me preocupar. Tipo, se os zumbis-piratas vão saber usar arpões e escopetas ou se vão nos atacar com unhas e dentes. Você não me assusta, e nunca será complicado demais para ter minha amizade. — Theo dá tapinhas no meu joelho. — E desculpe se obriguei você a sair do armário agora há pouco... Espere. Eu sou a primeira pessoa pra quem você diz isso?

Balanço a cabeça fazendo que sim. Meu coração está martelando.

— Você não me obrigou. Certo, na verdade, você me pressionou um pouco, mas eu queria contar mesmo assim. Eu só não tinha coragem nem um discurso pronto. Também estava com um pouco de medo dos meus instintos sobre você estarem errados. O lado materno da minha família tende a delirar.

— Você não está delirando — Theo diz. — E não está louco.

Ele segura minha mão e não é para um “toca aqui”. Sei que o mundo não mudou, tudo o que sobe precisa descer, mas o modo como vejo o mundo mudou um pouco para o lado direito, seguindo em frente, e agora consigo enxergá-lo do modo como sempre quis. Neste instante, tenho medo de dizer alguma coisa que force o mundo a girar no sentido anti-horário de novo.

Aperto a mão de Theo, testando o que quer que estejamos fazendo agora. E sinto como se estivesse respondendo uma pergunta que nunca fui corajoso o bastante para fazer.

— Fique aqui comigo, tá bem? — Theo diz.

— Eu não ia mesmo sair com o trem em movimento.

Theo solta minha mão. Eu desmorono um pouco, como se tivesse falhado.

— Nunca contei isso a ninguém, mas faz alguns anos que eu fico sonhando com universos alternativos. Sabe, sempre fico me perguntando “e se?”. — Ele se vira para o outro lado por um momento. — Ultimamente, eu tenho me feito essa pergunta cada vez mais. Muitos dos “e ses” são divertidos, mas muitos outros também são muito pessoais. Toda noite, antes de dormir, eu recolho todas as anotações que fiz nos blocos de rascunho ou no celular e as arquivo em um diário. São dezenas e dezenas de universos alternativos.

O trem para de repente, os passageiros saem e outros entram, e isso nos dá um pouco mais de espaço para respirar. Mas, uma vez que as portas se fecham, Theo tem toda a minha atenção de novo.

— Escrevi sobre um deles na parte interna do meu braço, enquanto caçávamos presentes — ele continua. — Não vou mostrar pra você ainda. Sem *spoilers*. Mas isso acabou de me lembrar uma coisa. Em cada universo que tenho criado,

seu rosto aparece com bastante frequência. E acho que, se você não gostar disso, eu não vou detestá-lo, mas acho que vou precisar de um tempo sozinho, até nos distanciarmos o bastante para que eu consiga imaginar mundos alternativos sem você surgindo automaticamente dentro deles. — Theo se vira e acima de seu cotovelo enxergo as letras, não com a perfeição de sempre, porque nem ele consegue escrever bem em si mesmo, e ele aproxima o braço para me mostrar. O texto diz: *Universo Alternativo: Estou namorando Griffin Jennings e é isso.* — Não sei se isso faz algum sentido pra você, mas eu gostaria que esse universo fosse real — Theo diz, ainda estendendo o braço para mim, como se quisesse gravar aquelas palavras na minha memória. — Se não puder ser, eu vou entender e espero que ainda possamos ser melhores amigos. Só não conseguia imaginar nunca fazer essa tentativa. — Por fim, ele abaixa o braço. — Agora você precisa dizer alguma coisa.

Sinto como se alguém tivesse me jogado em um universo alternativo de deslumbramento. Não posso acreditar que estou tendo esta conversa. Não posso acreditar que estou flertando com Theo e ele comigo. Este universo combina muito bem comigo. Não posso contar a ele todas essas coisas ou, pelo menos, não posso contar ainda. Digo: — Eu ia mesmo falar.

— Certo, mas só fale se achar bom. Senão, cale a boca.

— Cara, eu andava apavorado por esse mesmo motivo. Não sei quando eu conseguiria juntar coragem pra dizer alguma coisa, mas jamais teria feito melhor que esse seu lance dos universos alternativos. Eu só teria dito que gosto de você.

— Você pelo menos teria dito o quanto sou bonito?

— Bonito me parece uma palavra muito forte, mas eu teria dito que você é bom de se olhar, com certeza.

— Bom saber.

Eu deveria contar sobre como gosto do barulho que ele faz quando escreve e como gostaria de saber o que dizem as palavras que ele deposita nos cadernos enquanto está debruçado na mesa. Deveria contar sobre as fantasias que tenho tido sobre a próxima vez irei dormir na casa dele, como gostaria de ficar na sua cama, como não precisaríamos usar edredons separados, e talvez pudéssemos compartilhar um lençol um dia sem que isso fosse estranho. Deveria contar sobre como é divertido vê-lo virar a ampulheta e ver se consegue resolver um imenso quebra-cabeça sozinho, e como sempre fico torcendo por ele, porque sei como ele fica feliz quando vence. Deveria contar sobre como fico grato por ele gravitar ao meu lado direito ultimamente. Mas não digo nada disso em voz alta, porque talvez eu possa admitir todas essas coisas quando estiverem acontecendo em tempo real.

— Por que hoje, Theo?

— A foto que Wade tirou de nós ontem — Theo diz.

De repente me dou conta de que não pensei em Wade nem uma vez durante nossa aventura de hoje. Somos uma tropa de três caras, mas essa é uma batalha de pares e ímpares que não me deixa nervoso, talvez porque nós sempre conseguimos fazer a amizade funcionar: é a única exceção do universo.

Assim como na tarde de ontem, na casa do Theo, quando fizemos um torneio de videogame: Theo e eu contra Wade e o computador, com duplas sorteadas no boné do Wade. A partida foi apertada, porque Wade é muito bom e o computador estava no modo mais difícil, mas Theo e eu vencemos. Levantamos, vitoriosos, e nos abraçamos como se tivéssemos acabado de vencer uma guerra contra os alienígenas ou — algo ainda mais adequado para os últimos dez minutos — uma guerra contra os zumbis-piratas.

Wade nos fez posar para uma foto. Theo e eu fingimos nossas caras mais sérias, mas não conseguimos segurar e rimos.

— Eu nos vi juntos naquela foto e pensei que estava farto de esperar. Já faz um tempo que quero estar com você. Depois da foto do Wade, ficou mais insuportável não estar com você — Theo diz.

— Eu também me sinto assim, acho — eu digo. — E agora? Como selamos isto? Provavelmente com um beijo ou algo assim, mas não estou no clima. — Tropeço na última parte, porque sinceramente é mentira.

Decido que vou me abster de mentiras, porque dizer a verdade traz uma felicidade, um sentimento que abre infinitos universos alternativos. Queria muito ter um chiclete, mas é o Wade o cara do chiclete.

— Talvez, um aperto de mão?

Apertamos as mãos, mas nenhum de nós solta.

— Isto é legal, mas é estranho — digo.

— Bem legal e bem estranho — ele diz. — Mas acho que a gente combina, né?

— Sem dúvida, Theo.

Mal posso esperar para ver o que acontece em seguida.

HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2016

O despertador finalmente cala a boca depois de dez minutos, mas as ameaças dos meus pais de arrombar a porta continuam. Na última vez em que fizeram isso, eu perdi minha privacidade por dois meses até meu pai finalmente trocar a fechadura.

Acho que nunca contei isso para você. Foi depois que terminamos.

— Griffin!

— Mais dez minutos! — eu grito.

— Você disse isso há uma hora — Mamãe responde.

— Seis vezes — Papai acrescenta. — Vista-se.

— Vou sair em dez minutos — digo. — Juro.

A última vez que vesti um terno preto foi no casamento do seu primo Allen em Long Island. Foi dois meses depois que finalmente começamos a namorar, nossa primeira festa formal se não contarmos o batismo da sua irmã. Para meu alívio, Wade — naquele tempo em que ainda éramos próximos — estava errado quando disse que todo casamento gay parece um show da Katy Perry. (Não sei se minha ansiedade teria me deixado dançar com você pela primeira vez debaixo de luzes estroboscópicas.) Quando vi as rosas brancas no solário da casa, comecei a pensar no dia em que eu estaria usando um terno preto diante de você, minhas mãos segurando as suas, pronto para dizer: “Você sabe, é claro que eu aceito”. Naquela época, eu não sabia, mas essa foi a última vez que vesti um terno preto. Certamente não estou vestindo um agora.

Vou ao funeral do jeito como estou — certo, não exatamente como estou, porque aparecer lá de cueca vai ofender sua avó. Mas não vou tirar o moletom verde que você me deu na tarde em que perdemos a virgindade. Faz dois dias que estou usando este moletom; mais do que isso, faz exatamente cinquenta horas, apesar de que o tempo tem aberto umas lacunas. Preferia jamais ter lavado o maldito moletom, agora que você partiu. Ele não tem mais o cheiro da floricultura da sua avó, não tem as manchas de grama de todos os momentos que passamos no parque. É como se você tivesse sido apagado dele.

Pego os quatro grifos magnéticos que você me deu há dois natais e os prendo

no bolso da frente do moletom. Observo o relógio, esperando pelo próximo minuto par, 9:26, e salto da cama. Piso diretamente no meu jantar de ontem à noite, porque esqueci que tinha abandonado o prato no chão enquanto olhava para o teto, pensando em todas as perguntas que tenho medo de fazer a você.

Mas, ei, se há um lado bom em você ter morrido é que você não está por perto para me dizer todas as coisas que eu não quero escutar.

Desculpe. Foi uma coisa bem babaca de se dizer. Preciso de uma mordaca.

Por mais que eu queira me enfiar na banheira e deixar a água do chuveiro cair em cima de mim, tenho que sair deste quarto. Observo o relógio no meu laptop e saio quando o visor muda de 9:31 para 9:32.

O corredor está cheio de fotografias em molduras baratas que minha tia nos deu no último Natal — o tipo de presente que minha mãe considera pouco atencioso, mas, já que é tão boazinha, ela os pendura nas paredes mesmo assim. E ainda bebe na caneca do Yoda que você deu a ela há dois anos sem nenhum motivo especial, apenas porque deu na telha. Você sempre estará presente para os meus pais, mesmo que eles não vejam a sua história nas nossas paredes.

Estou reunindo todas as fotos em suas molduras baratas no meu quarto. Enquanto eu caminho, há alguns lugares vagos nas paredes. Daquela foto de nós na sala de estar de sua antiga casa na Columbus Avenue, montando um quebra-cabeça do Empire State Building; e daquela outra em que tínhamos quinze ou dezesseis anos e você estava com os braços em torno da minha cintura depois do Wade fazer uma piada sobre garotos não conseguirem abraçar outros garotos; e também da foto em que você sorria para mim em um outro banco do parque enquanto eu brindava pelo aniversário de casamento dos meus pais no ano passado. E das minhas favoritas: lado a lado na mesma moldura, nossa foto com cara de paisagem tirada pelo Wade, quando fizemos força para segurar o riso, mas terminamos falhando, e a segunda, em que nos abraçávamos e sorríamos depois de termos anunciado nosso namoro para nossos pais na festa de aniversário da Denise.

Você sempre gostou de ter o brilho do sol acima da sua cabeça. “Como se fosse a auréola de um anjo destruidor e fodão”, você disse. “O anjo que tem uma espada flamejante enquanto você tem uma harpa.” Na sala, meus pais já estão com seus casacos e meu pai segura um pacote de bolo no colo enquanto assiste ao noticiário na TV sem som. Mamãe me vê primeiro e salta do sofá, o que eu sei que é mau para a coluna dela, especialmente em dias chuvosos como este. Ela esconde a dor e se aproxima de mim com cuidado, sem saber qual versão de Griffin vai encontrar.

— Estou pronto — minto. Estou com fome, estou esgotado, arrasado com tudo isso, e não estou pronto. Mas existe um cronograma. O velório é hoje. O

enterro, amanhã. Não sei o que vem depois disso.

Mamãe levanta as mãos na minha direção, como se eu fosse uma criancinha prestes a dar os primeiros passos rumo aos braços dela. É ridículo. Tenho dezessete anos e estou de luto pela minha pessoa favorita.

Agarro meu casaco e me viro para a porta.

— Vou esperar lá fora.

Quando estamos todos acomodados no carro, meu pai liga o rádio para preencher o silêncio. Fico observando pela janela enquanto paramos em um sinal vermelho, contando os números pares para me acalmar: duas mulheres de casaco debaixo de um guarda-chuva azul, dois homens velhos empurrando carrinhos para fora de um supermercado; quatro árvores caídas em um jardim comunitário; duas lixeiras atulhadas de lixo até o topo.

Contar me traz algum alívio, mas não é o suficiente. Deixo a mão cair no espaço vazio ao meu lado, imaginando sua mão na minha. Duas mãos.

Isso faz com que eu me sinta melhor.

HISTÓRIA

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2014

Para mim, Theo e Wade, é uma rotina depois da escola ir para a livraria Barnes and Noble em Upper West Side para fazer a lição de casa, mas as aulas estão quase acabando. Em vez de fazer lição, vasculhamos as prateleiras. Theo devia contar para Wade sobre essa coisa de namorar que estávamos tentando enquanto os dois estavam no treino de corrida, no último período de hoje, mas ele amarelou. Não gosto de segredos. Segredos podem transformar as pessoas em mentirosas, e meus dias de mentir ficaram para trás.

Nós perambulamos por entre *graphic novels* e terminamos no corredor de biografias. É a seção de que menos gosto, mas aqui estou por causa do Wade e do Theo.

— Quero ter meu próprio livro de memórias — diz Theo.

— Só uma pessoa pode fazer isso acontecer — comento.

— Ainda não tenho um título — diz Theo.

— O horror — comenta Wade, esfregando os olhos de novo porque suas lentes de contato novas estão incomodando. — Provavelmente vou chamar minha autobiografia de *Wadeando pela Vida*.

Theo finge um bocejo: — Mal posso esperar por essa maravilhosa leitura.

Wade mostra o dedo médio para o Theo.

— Vou buscar um chá gelado no café. Vocês querem?

— Eu quero. Mas eu pago. — Dou para Wade um cartão de presente, saldo do meu aniversário no mês passado.

— Tem certeza? — pergunta ele.

Concordo com a cabeça.

Depois que ele sai, dou para Theo aquele olhar de por-que-você-não-contou-ao-Wade-sobre-nós-?, mas ele se vira e fica observando as prateleiras.

— Que tal *Theo McIntyre: O Matador de Zumbis-Piratas*? — digo perante o silêncio.

Ele sorri, ainda evitando o meu olhar.

— Mas, se o apocalipse zumbi-pirata não acontecer, isso vai ficar tão confuso quanto um romance de fantasia. Eu me recuso a ter minha existência confundida

com um livro de ficção, droga! Acho que eu deveria ser minimalista. Que tal *Theo: Uma Biografia*?

Balanço a cabeça.

— Você é o meu Theo favorito, mas não é o único que existe.

Ele se vira para mim.

— Você conhece outros Theos? Me dê o endereço deles pra eu acabar de uma vez por todas com essa loucura. — Ele estica as mãos como se estivesse prestes a fulminar qualquer Theo adicional com golpes de karatê. Sua posição de luta me faz lembrar da fantasia de C-3PO hipster que ele usou no Halloween passado: uma camiseta que imitava o corpo do androide e tinta dourada no rosto e nos braços.

— E que tal se o seu livro chamar *C-Theo-PO*?

— Nah. Muito insignificante. Mas é legal como título de capítulo. — Theo levanta uma sobrancelha e aponta para mim. — E eu já sei o título do seu: *Griffin à Esquerda*.

Agora eu quero muito dar um beijo nele.

— É perfeito. — Confiro se Wade não está vindo e puxo Theo pela mão, levando-o até o próximo corredor. Mas não dou o beijo, porque não quero apressar as coisas nem ficar com a sensação de que estamos fazendo isso pelas costas do Wade.

— Cara, temos que contar pro Wade — sussurro. — Se você quiser fazer isso sozinho, tudo bem. Se quiser que façamos juntos, tudo bem também. Mas não vamos sair desta livraria sem contar.

— Combinado — Theo diz, apertando minha mão. — Que horas a loja fecha mesmo? Eu...

— Uau — Wade diz.

Ele está parado no fim do corredor, segurando uma bandeja de chás gelados. Solto a mão do Theo de repente.

— Uau — ele repete, andando na nossa direção.

Ele tem a mesma altura do Theo, mas parece menor pelo jeito como os ombros se curvam. Ele balança a cabeça e consegue esboçar um sorrisinho.

— Esse negócio de tropa foi legal enquanto durou.

Não foi a reação que eu estava esperando.

— Do que você está falando?

— Quanto tempo faz que vocês estão namorando? Eu sabia que isso ia acontecer. Vocês continuam duvidando dos meus poderes psíquicos, mas eu previ isso ano passado. Só não contei pra ninguém.

Não sei o que eu esperava, mas não era isso.

— Você teve uma visão em que eu e Griffin estávamos ficando e o mundo

estava prestes a acabar? — Theo pergunta, com a voz bizarramente aguda.

Wade dá um sorrisinho, passando um chá gelado para mim.

— Bem assim.

— Suas visões são meio gays — Theo brinca, tentando se segurar. — Você deveria falar sobre isso com um terapeuta.

Começo a bebericar o chá, tentando me controlar também.

— Espere. Como você sabia que eu e o Theo gostávamos um do outro? Não diga que é porque você tem poderes psíquicos.

— Não precisa ser clarividente pra saber que isso ia acontecer. A química entre vocês estava bem na minha cara. — Ele hesita. — Acho que isso não soou bem. Em todo caso, não vou ficar segurando vela.

Três é um número que eu já perdoei, mas isso se aplica apenas à nossa tropa. Espero que isso não me incomode tanto agora que eu e o Theo estamos juntos, como se nossa unidade fosse contar como “um”, embora eu talvez não deva contar isso ao Wade.

— Não significa *game over* pra gente. Pense nisso como um novo jogo, com novas fases e novos mundos.

— E novos obstáculos pra mim se eu quiser ver vocês e os seus novos modos de jogo exclusivos — Wade argumenta.

— Você é bem-vindo para participar nas nossas atividades exclusivas — Theo diz com uma piscada.

Wade começa a listar todos os exemplos de amores que deram errado, principalmente nas histórias em quadrinhos. A namorada do Lanterna Verde foi morta e seu cadáver foi guardado na geladeira; Ciclope e Jean Grey são namorados do tempo da escola que continuam perdendo um ao outro para tudo o que o mundo atira neles; o Homem-Formiga ataca a Vespa com inseticida e, uau, não tinha percebido que o Homem-Formiga é tão passional e fisicamente abusivo. Não há um quarto exemplo, e Theo se vira para mim.

— Prometo nunca jogar inseticida em você, Griff. Você promete nunca jogar inseticida em mim?

— Prometo.

Mentira, sinalizo para Wade, esperando que Theo veja e a situação volte ao normal.

Theo pega o seu chá gelado da bandeja.

— Estamos entendidos agora?

— Me prometam que vocês não vão destruir a tropa quando terminarem — Wade diz e eu sei, pelo tom da voz dele, que não está brincando. Isso parece aquela vez em que estávamos na sétima série e Theo e eu ficávamos provocando Wade porque ele tinha escrito seu nome no corte do cabelo e ele ficou rindo, mas

depois pediu para que parássemos.

— Talvez você possa pôr fé na gente, cara — Theo diz calmamente. — Mas, claro, prometo que vamos ser adultos se terminarmos.

— Você tem dezesseis anos, não é adulto — Wade diz.

— Estou contando que vamos ficar juntos por um bom tempo — Theo responde.

Respiro fundo e juro que não vou deixar Wade arruinar meu clima de alegria com Theo.

— Também prometo que não vou destruir a tropa se a gente terminar. Agora podemos voltar a ver livros, por favor?

Theo gesticula para nos aproximarmos e envolve nós dois com os braços. Ele cochicha para Wade com ar fingido: — Precisamos de um abraço coletivo para que o Griffin não se sinta excluído.

— Odeio vocês dois — Wade diz.

Todos nós rimos, e é assim que o drama termina e não há mais segredos, e não consigo parar de sorrir mais do que todo mundo, porque Theo está apostando que ficaremos juntos por um bom tempo. O que é bom. Vai me dar tempo o bastante para descobrir o título perfeito para a biografia dele.

HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2016

Não quero entrar. Não quero entrar, Theo. Não quero entrar, não quero entrar lá e ter que dizer adeus a você.

A capela onde se realiza o velório fica na 81st Street com a Madison e mais parece um monte de blocos de brinquedo empilhados uns sobre os outros, além de incompletos, porque têm a cor bege, como se alguém tivesse esquecido de pintá-los com cores de verdade ou talvez achado que isso seria inadequado. Não consigo acreditar que este é o lugar que seus pais escolheram para se despedirem de você. Não tenho outro lugar em mente, mas, qualquer que fosse, deveria ter alguma cor.

Isso não importa, porque eu não vou entrar ali.

— Vamos entrar, Griffin?

— Não — digo. — Não vou. Não posso.

Mamãe tira a chave da ignição e enfia na bolsa.

— Vamos ficar sentados aqui até que você esteja pronto. — Ela fixa o olhar adiante, nas pessoas de luto (ninguém que eu conheça), que entram na capela ao toque dos sinos, com copos de café.

Não me incomodo de perder a cerimônia das dez horas. Não pretendo cantar nem rezar o meu luto hoje. Como sempre, Mamãe estica a mão e Papai a segura com a sua. O amor dos meus pais é sólido de verdade e neste momento estou entorpecido demais para senti-lo, mas devo a eles a confiança que tinha no nosso futuro, porque eles, assim como nós, estão juntos desde a adolescência. Vê-los de mãos dadas quando estou tentando imaginar a sua mão em contato com a minha me deixa irritado.

Saio do carro e deixo a porta bater atrás de mim. O ar frio do outono invade meu casaco e meu moletom; até respirar neste frio cansa os meus pulmões. A chuva é leve, mas já estou encharcado.

Meus pais abandonam o calor do interior do Toyota e se mantêm à minha direita, respeitando essa minha compulsão que você sempre achou fascinante (e, às vezes, frustrante, se devemos ser francos). Eles permanecem em silêncio. Não dizem nenhuma baboseira de biscoito da sorte. Sou privilegiado por ter pais que

sabem quando ir à guerra comigo e quando me deixar sozinho no campo de batalha.

Você está me esperando lá dentro. Não é você, mas é você.

E eu lhe devo um adeus.

Se você estivesse aqui, eu já estaria lá dentro e... bem, não deixo de notar que seria bizarro você falar comigo em seu próprio funeral. Você sempre foi profissional em me estimular a ser corajoso — a derrubar as paredes que pudessem ser derrubadas, pelo menos. Você não tem culpa das minhas compulsões.

À porta, posso sentir que meus pais querem me tocar. Viro-me e encontro dois novos rostos vindo na nossa direção. Se eu não os conheço, eles também não me conhecem e não fazem ideia de como é difícil para mim, segurar essa maçaneta e abrir a porta para entrar, porque eles não conhecem a nossa história. Devem ser amigos dos seus pais, ou vizinhos que alguma vez você mencionou, mas eu nunca conheci.

A pressão está aumentando, mas ninguém diz nada.

Estou me contorcendo no chão e afundando sem tentar voltar à superfície, tudo ao mesmo tempo.

Pego a maçaneta. Entro em um espaço com ar viciado e cheiro de luto.

Há um enorme painel com seu rosto na entrada. Seus pais escolheram aquela foto desajeitada do primeiro ano do ensino médio, mas não aquela que nós concordamos que era a melhor, a que deveria figurar na capa da sua biografia: aquela em que seu sorriso era um pouco tímido, mas seus olhos azuis continham um quê de travessura. Talvez não fosse essa a impressão que eles queriam que os outros tivessem de você. Não faço ideia de porquê seus pais escolherem essa foto para o seu velório, mas não vou comentar nada. Quem sabe por onde andará a cabeça do Russel e da Ellen hoje em dia.

Aproximo-me do seu retrato enquanto meus pais pairam como sombras, oferecendo condolências a Deus-sabe-quem. Meus olhos fixam os seus, rasos como o papel. Quase me convenço a desistir, mas toco na sua foto e minhas impressões digitais marcam o seu rosto. Meus dedos descem para a plaquinha cor de bronze na moldura, traçando cada uma das letras: **THEODORE DANIEL MCINTYRE**

10 DE FEVEREIRO DE 1998 — 13 DE NOVEMBRO DE 2016

— **Griffin.**

Eu não queria encarar Wade agora. Não falo com ele há dois meses, desde que as coisas degradingaram entre vocês dois. Ele tentou entrar em contato algumas vezes na última semana, claro, mas nunca atendi o telefone nem a porta. Mas me viro. Wade usa uma gravata que você deu a ele há dois Natais e cutuca uma cicatriz no cotovelo. Ou ele está evitando o meu olhar ou suas lentes de contato estão desviando sua atenção para outro lugar. Tenho certeza de que ele se sente culpado por não conversar com você quando teve a oportunidade.

— Sinto muito por sua perda, Griffin — Wade diz.

Seu ex-melhor amigo entende que você foi uma perda *para mim*. Isso faz parte da história.

— E eu pela sua — consigo dizer.

Observo a multidão. Não estou surpreso que a chuva não tenha afetado o comparecimento em massa. Fico me perguntando quantas dessas pessoas ainda não riram. Tenho certeza de que elas sorriram com algo idiota, como fotos engraçadas no celular ou episódios de comédia a que assistiram para se distraírem da morte. Mas quero saber se caíram em gargalhadas, daquelas que fazem as costelas doer. Eu não ri. E não vou ficar furioso com nenhuma dessas pessoas se elas tiverem feito isso. É um saco saber que estarei sozinho com meu luto por um bom tempo. Só quero saber quando vai ser possível rir de novo. E quando vai ser permitido.

O olhar de Wade finalmente se fixa em mim.

— Você vai falar com o Jackson?

— Não é uma prioridade — digo. Eu deveria apenas calar a boca ou ir embora.

— Sei que é diferente, mas provavelmente ele é a única pessoa aqui que sabe o que você está passando.

— O que eles tiveram não foi a mesma coisa — digo, apesar do enorme esforço que estou fazendo para tentar conter as lágrimas e os gritos. Desvio o olhar de novo, para que Wade não tente me consolar.

Vejo o seu avô se apoiando na bengala e sua tia Clara espalhando pacotes de lenços, que ela provavelmente comprou por atacado, como faz com todas as coisas, e sua prima tricotando o que parece ser uma echarpe, mas nem sinal dos seus pais. Faço um esforço e pergunto ao Wade onde eles estão.

— Russel saiu para fumar — ele responde. — Já faz um tempo. Ele deve estar no quarto cigarro agora. E a Ellen já está sentada na frente com a Denise. Com o Theo.

É ela quem está com o seu corpo, não você.

— Vou procurar o Russel.

— Antes que você vá...

Caminho até a porta. Meus pais me veem e decidem vir na minha direção, como se eu estivesse tentando ir embora. Paro quando minha mãe me pergunta aonde vou e indaga se não quero acompanhá-la para dar condolências à Ellen. Mas não tenho forças para isso neste momento. Tento me fingir de bobo e prestar atenção nos arredores. Encontro o seu tio Ned na multidão lendo a Bíblia e tenho um relance da tia Clara usando os próprios lenços enquanto chora junto a uma vizinha que talvez eu conheça.

Mas meus olhos logo se voltam na direção da porta.

Seu namorado está bloqueando a entrada. E ele está olhando diretamente para mim.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2014

É o nosso primeiro encontro e descobrimos que está chovendo quando saímos do trem.

— Boa notícia ou má notícia? — Theo pergunta.

— Sempre tire a má notícia da frente primeiro. Aqui é Nova Iorque, lembra? Onde foi que você cresceu?

— Estou sem guarda-chuva — Theo diz.

— E a boa notícia?

— Estou contando isso pra você agora.

— Sua boa notícia é uma droga.

Se tivéssemos tempo a perder, ficaríamos dentro da estação esperando a chuva passar. Mas hoje é a noite do quiz de cultura pop no Bonus Diner, uma mistura de fliperama com lanchonete, que fica perto da Union Square, e o evento começa às 18 horas.

Corremos, odiando cada trecho em que somos obrigados a esperar para atravessar a rua, e estou feliz que o ano escolar tenha praticamente terminado, porque depois desta tempestade os cadernos em nossas mochilas não vão servir para muita coisa.

Droga. O lugar está barulhento, cheio de gente conversando, mas ainda há mesas livres. Sinto-me traído pelo frio que faz aqui dentro. Os lugares fechados deveriam sempre manter a temperatura oposta ao clima exterior. Ninguém nunca entrou em um restaurante em um dia quente de verão e reclamou do ar condicionado.

No entanto, não vou deixar nada arruinar meu primeiro encontro com Theo. Luto contra meus tremores e registro nossa equipe de dois. Estamos sentados à mesa dezesseis, um bom número. Corro rapidamente até o banheiro para tentar me secar com toalhas de papel. Volto à mesa e sugiro ao Theo que faça o mesmo. Observo o ambiente e só então consigo me sentir mais aquecido. Somos mais jovens do que todas as pessoas aqui, mas logo decido que meus oponentes são as pessoas mais legais em todo o universo.

Theo retorna, esfregando as mãos.

— Vamos acabar com eles.

Ele verifica o cardápio. Este é um daqueles momentos em que quero me inclinar e finalmente beijá-lo. Não quero forçar a barra, mas o fato de não tê-lo beijado ainda desde que começamos a namorar, dias atrás, está criando uma tensão. Mas talvez um primeiro beijo sem um momento marcante seja capaz de falar por si só. Talvez queira dizer: — Ei, adoro você quando não está fazendo nada de especial.

Antes que eu consiga pensar em me inclinar, a *hostess* assobia e faz todos na lanchonete ficarem em silêncio, até mesmo os retardatários às mesas de bilhar e máquinas de *pinball*. Ela enuncia as regras. Haverá vinte perguntas, todas do tipo preencha-a-lacuna. Os participantes terão um minuto para responder a cada uma. Haverá voluntários andando pelo recinto para garantir que ninguém vai colar. O prêmio para o terceiro lugar é uma coleção de cupons para uma loja de presentes online. O prêmio para o segundo colocado é uma réplica da espada e do escudo de *Zelda: Twilight Princess*. E o grande prêmio é um box com os seis primeiros filmes de Star Wars, a versão do diretor. De repente, fico desesperado para ganhar, porque talvez assim eu me torne tão obcecado quanto Theo e possamos fazer coisas como dar festas temáticas de Star Wars no Halloween para os nossos amigos.

Certo, preciso me conter e levar este relacionamento adiante uma semana de cada vez.

Garçons e garçonetes entregam papéis e canetas e recolhem pedidos de comida. Quando eles deixam o salão, a *hostess* anuncia o começo do quiz em um minuto.

Theo se vira para mim e meu coração está tentando fugir do peito com um salto mortal.

— Questão número um...

Não demoro muito a perceber que o público desta noite é principalmente de pessoas mais velhas tentando ficar bêbadas. Em poucos minutos, estamos triunfando.

Onde foi filmado o planeta Hoth em *O Império Contra-Ataca*? Noruega (obrigado, Theo). O roteirista por trás de *Toy Story* e *Firefly*? Joss Whedon. O único personagem de *Os Simpsons* com dez dedos? Deus. O último livro de Harry Potter foi publicado em...? 2007, mas a série na verdade terminou em 1998 (de nada, Theo). Trabalho de equipe.

— Última questão!

Tenho certeza de que acertamos dezenove de dezenove questões, então não temos chance de perder essa.

— Qual ator não pôde fazer a saudação vulcana no *Star Trek* de 2009?

Theo escreve o nome de Zachary Quinto e entrega nossa folha ao voluntário mais próximo.

— Vamos ganhar essa. Esteja preparado para a maratona de filmes na minha casa.

Demora quase vinte minutos para os jurados verificarem as respostas e uma campainha soa. A *hostess* volta para o salão e tosse de um jeito dramático.

— Tenho o prazer de anunciar que temos um empate entre duas equipes! Mas, como temos apenas um prêmio, vamos fazer o desempate! Posso chamar aqui um representante da Equipe Stark-Kirk e um da Equipe Humanos-Piratas?

— Sim! — Theo se levanta e eu espero que ele consiga vencer essa para nós dois. — Você. De pé.

— Quê? Não. Vai você.

— Eu escolho você!

Pego um guardanapo e agito: — Eu desisto.

— Tecnicamente, você se rende quando agita a bandeira branca. É uma diferença muito pequena, mas importante.

— Viu? Você é mais esperto. É você quem vai.

— Você consegue, Griff. Acredito em você. Vai!

Theo me reboca para a frente do salão e depois se retira, me deixando ali. Estou representando nós dois em um quiz; com certeza este é um universo bizarro. Aperto a mão da minha adversária, uma ruiva com óculos grandes. Agora sou eu contra ela duelando por um box de filmes de Star Wars. Todos estão calados, nos observando, entusiasmados com o confronto. Mas minha visão seletiva vê apenas Theo com os polegares levantados, me encorajando.

— O primeiro que responder corretamente leva o grande prêmio — a *hostess* diz. — Questão de desempate. — Ela enfia a mão em um pote de balas vazio e puxa um papelzinho dobrado. — Na série Harry Potter, qual é o nome completo de Dumbledore?

Uma pergunta sobre Harry Potter; é comigo mesmo.

— Alvo Percival Brian Wulfrico Dumbledore!

Antes que a *hostess* balance a cabeça, percebo que respondi errado. O Wulfrico vem antes do Brian. Engasgo. Não consigo nem olhar para Theo. Minha oponente de óculos responde corretamente e recebe uma saraivada de aplausos — os aplausos que eu queria que Theo testemunhasse para mim. Tento lembrar a mim mesmo que tudo isso é uma bobagem, sorrio e dou os parabéns a ela. Ela é gentil o bastante para me parabenizar também, o que faz com que me sinta um pouco melhor.

Volto para minha mesa com a espada e o escudo.

— Sou um desastre.

— Cara, você arrasou! Aposto que não teria confundido aqueles nomes se pudesse responder escrevendo em um papel. É como tentar resolver problemas de cálculo sem uma calculadora.

— Coisa que você faz o tempo todo.

Ele balança a cabeça.

— Não é igual. Você é apaixonado por isso. Eu não acertaria nem o primeiro nome do Dumbledore.

— Você está se esforçando para ser legal comigo porque perdi — digo.

Theo pega a espada da minha mão.

— Ajoelhe-se diante do rei, Griff.

Olho em volta, procurando pelo rei.

— Eu, seu idiota. Eu sou o rei. Quem mais seria o rei? Wade?

Rio, apesar da minha derrota, e me abaixo apoiado em um joelho, inclinando a cabeça enquanto ele me faz cavaleiro.

— Nesta quinta-feira chuvosa, eu, o Rei Theo, da cidade de Nova Iorque, consagro você, Sir Griffin, da cidade de Nova Iorque, por seu vasto conhecimento em romances de fantasia que nunca perderei meu tempo lendo e por ter uma risada que gosto tanto de ouvir que eu me socaria infinitas vezes se você achasse isso engraçado.

Levanto, ainda sorrindo com a nossa idiotice. Theo gira a espada entre os dedos e arremete, mas eu me desvio com o escudo. Continuo bloqueando seus ataques. Ignoramos os garçons pedindo para pararmos e corremos para a área do fliperama, onde finalmente abaixo o escudo.

— Eu me rendo! — anuncio. — É “me rendo”, certo? E não “desisto”?

— Meu trabalho aqui está terminado. Não tenho nada mais a lhe ensinar, Sir Griffin, de Nova Iorque.

Theo brande a espada vitorioso.

Desarmo a nós dois com um beijo, a espada de plástico cai aos nossos pés enquanto ele me puxa para mais perto.

A sensação é boa, mesmo quando esbarramos os dentes. Dou risada quando nos separamos.

— É, acabamos de fazer isso — eu digo.

— Vamos fazer mais vezes — Theo responde.

HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2016

Jackson Wright está aqui e não dá mais para não falar sobre ele.

Não há dúvidas de que eu e ele somos parecidos, até Wade zombava desse fato. O cabelo dele é um pouco mais escuro e mais comprido que o meu, mas ainda é castanho-claro à primeira vista. Nós dois temos uma postura desengonçada, olhamos fundo nos seus olhos azuis com os nossos cor de avelã. Você me contou ter ficado obcecado com uma marca de nascença em formato de ferradura na clavícula dele, do mesmo modo como costumava traçar a “pirâmide esvaziada” na parte interna da minha coxa. A maior diferença entre nós agora é que estou aqui no seu velório com o seu moletom velho e calça jeans e Jackson está com um terno grande demais para ele. Mas a roupa dele até faz sentido, não faço ideia do que alguém de dezoito anos faria com um terno na Califórnia.

E aqui está a sua história com Jackson, de acordo com o que você me contou: você o conheceu no dia 29 de outubro do ano passado enquanto caminhava pela estrada. Você estava a caminho de uma aula particular para um aluno do primeiro ano do ensino médio, enquanto Jackson estava saindo da casa da mãe e indo passar o fim de semana na casa do pai.

A chuva pegou você desprevenido, e não me surpreende, porque você sempre se recusou a verificar o aplicativo de previsão do tempo e se orgulhava da sua capacidade de se adaptar a qualquer condição climática.

Para a sua sorte, Jackson estava ali para resgatá-lo.

Ele já havia visto você antes nessa mesma estrada e achava que você parecia amigável. Ele ficou curioso com o fato de você sobreviver na Califórnia sem carro, nem bicicleta, nem “algum tapete voador”.

Você achou engraçado o comentário sobre o tapete voador. Eu acho que foi banal. É possível que eu esteja programado para ser um babaca com qualquer pessoa que estivesse interessada em você. Mas, sério, convenhamos que a piada do Jackson foi uma porcaria porque...

Vou superar. Vou em frente.

Jackson parou o carro e ofereceu uma carona. Ele era um estranho, mas, com tudo o que você me contou sobre o clima absurdamente perfeito da Califórnia,

parece que a chuva é a primeira etapa do apocalipse zumbi-pirata, então acho que não foi culpa sua.

Só é um saco que você estivesse procurando um novo parceiro para ajudá-lo no universo alternativo que supostamente era nosso.

No carro, você e Jackson começaram a falar de filmes e jogos de RPG. E o restante, infelizmente, é história.

Primeiro: aquele telefonema no dia 7 de novembro comentando em detalhes esse novo cara na sua vida. Eu esperava que o seu lance com Jackson fosse uma coisa passageira, mas se estendeu a um ponto em que eu já não podia ignorar que nosso próprio final feliz estava em perigo. Eu queria saber exatamente como ele era, qual era a sua história, como eram os seus encontros, o que ele tinha que havia fascinado você.

Jackson está bloqueando a porta. Seu pai está tentando voltar para dentro da capela. Com certeza ele estava fumando bastante e o cheiro me deixa instantaneamente nauseado, me fazendo lembrar de todas as vezes em que andamos no carro dele com aquele fedor de cigarro e desodorizador antes que ele finalmente parasse de fumar. (Até agora). Seu pai não manifesta apreço por Jackson além de uma mão no ombro e, embora seja triste admitir, isso faz com que eu me sinta melhor. Jackson veio *de avião* para cá, mas não está recebendo muita atenção do homem que ensinou você a amarrar seus sapatos e a andar de bicicleta.

Meu pai se aproxima do seu. Minha mãe permanece perto de mim. Wade reaparece ao meu lado. Não entendo se Wade está apreensivo com o que vai se passar entre mim e Jackson ou se está tentando me oferecer apoio, mas não preciso dele neste momento. Preciso fazer isso sozinho. Mas, quando estou prestes a me aproximar do Jackson, seu pai e o meu aparecem na minha frente.

— Oi, Russel — digo, torcendo o dedo anular. É uma tática antiestresse que você me ensinou, usada por pessoas que têm medo de avião, o que não significa que pretendo voar algum dia.

A última vez em que falei com seu pai ao telefone foi no dia em que você morreu, mas esta é a primeira vez que eu o vejo desde então. Ele está com os óculos de leitura em vez dos de aro de tartaruga que costuma usar e, quando abre a boca para falar, percebo que seus dentes estão amarelados. Ele se cala. Não faz sentido eu perguntar como ele está. Dou-lhe um abraço, lutando contra uma nuvem invisível com cheiro de cigarro.

— Você está mesmo bem o bastante para dizer algumas palavras? — Russel murmura.

Dou um passo para trás e concordo com a cabeça. Não posso acreditar que estou vivendo em um universo em que farei um elogio fúnebre a você.

Ele me dá um tapinha no ombro, assim como fez com Jackson, e se afasta para procurar Ellen na capela.

Jackson está vindo na minha direção, seus olhos baixos, as mãos nos bolsos. Meus pais e Wade me observam. Com um gesto, peço a eles que nos deem um minuto. Nem sei se Jackson deseja conversar comigo, mas é o que vai acontecer. Minha mãe diz que vai guardar um lugar para mim do lado de dentro. Todos eles se retiram e Wade me olha por cima do ombro, como se esperasse por alguma explosão. Não vai haver brigas no seu funeral, eu prometo.

De repente, estou frente a frente com seu namorado. Há uma grande mancha vermelha no olho dele, e ele também recende a fumaça de cigarro.

— Oi, Griffin — Jackson diz.

Ele diz meu nome como se fôssemos amigos.

Engraçado, porque eu me recusei a conhecê-lo quando você o trouxe aqui em fevereiro, no seu aniversário. De jeito nenhum eu iria a qualquer um dos *nossos* lugares favoritos com *ele*. E nem sequer entramos em contato um com o outro depois que você morreu, não que alguém esperasse isso da nossa parte. Pensei nele, com certeza, mas não ponderando como ele estava, e sim tentando imaginar como foram os últimos momentos entre vocês dois.

Ele estava lá com você.

É ridículo invejá-lo por isso, por testemunhar algo que eu mesmo nunca quis ver com meus próprios olhos? Tive toda esta história com você, Theo, mas ele tem peças do seu quebra-cabeça que me destruiriam se eu tentasse juntá-las, e ainda assim eu as quero.

— Oi, Jackson — respondo.

Não oferecemos condolências um ao outro. Talvez, ele esteja esperando que eu faça isso primeiro; vai ter que esperar sentado.

— O que aconteceu com seu olho?

— Estourou um vaso sanguíneo — Jackson diz. — O médico não sabe se foi de tanto chorar ou de gritar. Mas vai melhorar.

Eu não sabia que alguém podia estourar um vaso sanguíneo de tanto chorar. É algo que você saberia.

Jackson passa por mim dirigindo-se ao seu retrato. Ele não toca no seu rosto nem na plaquinha com seu nome. Ele encosta a testa na sua — um contato um pouco desajeitado, obviamente — e fecha os olhos.

— Sinto sua falta, Theodore — ele diz.

Usar o seu nome completo é inesperadamente íntimo, você nem gostava de ser chamado assim. Você achava que soava muito empolado e formal. Mas não vou chamar a atenção dele. Não posso. E se você tiver mudado de ideia? E se eu terminar revelando que não conhecia você de verdade antes da sua morte?

— Quanto tempo você vai ficar na cidade? — pergunto. Parece mais gentil que perguntar quando raios ele vai embora.

Jackson se vira e dá de ombros.

— Cheguei ontem à noite. Acho que vou ficar mais uma ou duas semanas.

— Está na casa das suas amigas?

Você me contou que Jackson tinha “amigas do teatro” na Universidade de Nova Iorque quando ele veio em fevereiro, embora eu não tenha certeza se vocês foram se encontrar com elas alguma vez — considerando todo o tempo que vocês passaram com sua família, incluindo a tradicional ida ao cinema no dia do seu aniversário. Você deve ter ficado em uma poltrona reclinável com o Jackson; aquele costumava ser o nosso trono, Theo.

— Vou ficar com os McIntyres — Jackson diz.

Sou tão idiota. Ele está cheirando cigarro porque estava lá fora com seu pai, e ele só ganhou o tapinha no ombro porque está com seus pais desde a noite de ontem. Ele deve estar dormindo no seu quarto. Claro que sim. Ele é o curador da principal mostra do Museu McIntyre, cuidando de todos os arquivos da sua vida. Já consigo ver tudo: nossos quebra-cabeças emoldurados nas suas paredes azul-claras; uma estante cheia de desenhos que depois você animou em alta velocidade; prêmios que você não se importava de ostentar; sua mesa de computador decorada com ímãs de robôs e cartuchos de Tetris antigos; o monociclo dourado que você ganhou no carnaval do Bronx no verão passado; o bastão de plástico que você usou primeiro para quebrar uma pinhata na festa de sete anos da Denise e depois guardou para o apocalipse zumbi-pirata...

O intruso se infiltrou no cerne da sua vida, e eu odeio isso.

— Deveríamos nos sentar — Jackson diz. Ele verifica o relógio, que é um dos *seus* relógios antigos. O modo como ele o exibe não tem nada de discreto. — A missa deve começar a qualquer minuto.

Entramos na capela juntos. Troco de lado quando ele se põe a andar à minha esquerda. Aparentemente, ele não liga e vai direto para o assento vazio na primeira fileira, ao lado da sua mãe. Ellen está em silêncio e completamente vestida de preto, descansando a cabeça no ombro de Russel. Estou prestes a me enfurecer por Jackson ter tido a petulância de ir se sentar perto dos seus pais quando meus olhos avistam o seu corpo.

Mesmo vendo, não consigo acreditar.

Você está em um caixão de mogno, com um terno preto do qual não me lembro. Há uma tonelada de flores ao seu redor. Elas me fazem lembrar daquela tarde de verão em que você confessou que adorava os copos-de-leite, receoso de admitir isso, porque “flor não é coisa de homem”. Então divaguei sobre minha obsessão secreta pelas íris da imortalidade depois de ler sobre elas em alguma

história em quadrinhos, e essa se tornou uma alegre conversa de homem. Depois disso, às vezes, visitávamos a floricultura da sua avó antes que ela fechasse no último inverno, perdendo para todos os concorrentes nas compras do Dia dos Namorados.

Verifico as flores no salão de novo e não encontro nenhum copo-de-leite. Deveria ter trazido um buquê daqueles brancos, que eram os seus favoritos. Desculpe.

Caminho na sua direção, mesmo sabendo que não é o momento certo para isso. O sacerdote está prestes a conduzir todos a uma oração ou cantar um hino, mas é você, Theo, que está em um caixão. Minha visão estremece, meus joelhos fraquejam. Minha mãe me chama e meu pai aparece do meu lado esquerdo, puxando-me pelo braço. Eu o afasto e troco de lado antes de deixá-lo me guiar até nossos assentos, no lado esquerdo no fundo da capela, longe da sua família e de Jackson.

O assento é desconfortável. São muitos olhos virados para mim, então me deixo cair no carpete, cruzando as pernas como se estivesse de novo no quinto ano do ensino fundamental.

O Padre Jeffrey começa a leitura de um versículo: Mateus 5:4.

— Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

Acho que há algo de consolador em estar em um lugar com pessoas que amam você. Mas você deveria ter permanecido mais tempo neste universo. E, então, quando estivesse prestes a morrer, você conseguiria encher estádios com pessoas que amassem você, e não apenas uma capela.

As pessoas cantam hinos, mas eu não. Concordamos que eu posso fazer um monte de coisas — como correr acompanhando um carro por quatro quarteirões sem perder o fôlego ou andar de bicicleta sem segurar o guidão por um longo tempo, só deslizando pelas ruas; porém, não sou capaz de cantar.

Mas Jackson está cantando. Não consigo distinguir a voz dele no coro, mas ele olha para você com a cabeça inclinada, igual a uma criança curiosa perguntando por que você está dormindo dentro dessa caixa.

Os elogios fúnebres começam e eles são brutais. Sua mãe é a primeira a ir à frente. Ela tenta fazer uma piada sobre as dezenove horas de trabalho de parto antes de desligar, depois reiniciar e contar a todos que sentirá saudades de cuidar de você quando você estava doente e como lamenta ter confiscado seu Xbox One quando você tirou uma nota C na prova de geografia.

Depois é a vez da Denise. Ela conta a todos como vocês costumavam cantar juntos na sala de estar, algo de que eu não sabia e, quando ela começa a chorar, eu salto do chão e corro na direção dela, porque você está dentro do caixão e não tem como fazer isso. Eu a convido a se sentar comigo no fundo.

Não estou surpreso que seu pai conte a história da sua primeira palavra, “meia”, e essa foi a primeira vez que ocorreu a ele que você era um pequeno ser humano que cresceria para usar todas as palavras para navegar pelo mundo. Já a tia Clara vai sentir falta dos seus “filmes engraçadinhos”. E o tio Ned não sabe mais com quem conversar sobre motores. Wade também é rápido, diz que sente muito sua falta e pede desculpas por ter errado com você. Sua vizinha, Simone, ainda está agradecida por aquele mês em que você fez as compras de mercado para ela, depois que ela quebrou a perna em um acidente de carro.

E então é a minha vez.

Não sei o que eles querem ouvir de mim.

Talvez, estejam interessados em saber que nossa amizade começou por causa de Pompeia. E agora eu deveria estar fazendo meu elogio.

Eu me levanto, ajudando Denise a se erguer do chão também. Eu a incentivo a voltar a se sentar com seus pais, o que ela faz sem reclamar. Ando até perto de você, vejo seu rosto retocado com maquiagem, e você não se parece com o garoto que amo. O corpo tem as suas feições, claro, mas parece feito de gesso e um tanto irreal, e isso faz arrepios correrem pela minha espinha. A gravata azul que escolheram para você teria combinado perfeitamente com os seus olhos abertos. Deixo-me levar pela memória que tenho de você na festa de formatura, colocando essa gravata azul em cima da verde que você usava para ver como ficaria, e então eu me retiro dessa reimaginação, porque não posso mudar a nossa história.

Não posso começar a me lembrar de você do modo errado.

— Um momento — digo para os espectadores.

Caminho até você, segurando a borda do caixão. Verifico o relógio e espero pelo próximo minuto par — 10:42 — e toco as suas mãos unidas. Você está frio, eu sabia que estaria, mas tocar você depois de tanto tempo sem poder fazê-lo me faz lembrar do último verão na praia, o calor das chamas em frente à fogueira e nós dois aconchegados na areia. Mas, diferente daquela noite, quando prometemos um ao outro que partir para cursar a universidade não arruinaria nosso relacionamento, agora estou preso aqui, tendo um monólogo com você enquanto seu namorado está sentado logo atrás. Aperto suas mãos, chorando um pouco.

Vou contar aos seus amigos e à sua família uma história sobre você, tudo bem? Não vou muito longe.

Solto sua mão e me viro. Vou para a frente, sem enxergar nada a não ser sapatos e o púlpito, atrás do qual estou tentado a me esconder.

— Eu amo o Theo — digo, engasgando. Aperto o lobo da minha orelha direita entre o polegar e o dedo médio. — Ele foi meu melhor amigo desde os dez anos,

minha pessoa favorita, que deveria continuar existindo para sempre. Eu contava tudo para ele, até coisas sobre mim que me assustavam. Assim como naquela vez em que eu assumi para ele que talvez fosse louco no mesmo momento em que ele me contou que era gay... — Conto a eles sobre como deixamos cair nossas máscaras de hétero dois anos atrás, em 8 de junho, e como isso me ensinou que a sinceridade às vezes conduz à felicidade.

Essa memória vem e vai rapidamente.

Estou chorando agora, abertamente, e puxo minha orelha com uma das mãos, apertando a outra sobre o peito.

— Ele fez com que eu me sentisse seguro no mundo e seguro comigo mesmo. — Minhas pernas estão prestes a ceder. — Não sei para onde ir a partir daqui. Acho que nenhum de nós sabe. Ninguém teria gastado dinheiro apostando que Theo iria embora tão cedo, e isso não é justo, é um pesadelo total. Mas todos nós amamos loucamente o Theo e a história é o modo que temos para guardá-lo conosco.

Faço o caminho de volta para o meu lugar no chão, pensando em mil outras coisas que queria dizer. Meu pai se inclina e beija o alto da minha cabeça. Ele me diz que fiz um bom trabalho, mas ele não sabe de nada. Disse o bastante para as pessoas que estão aqui, mas há muito mais coisas que preciso contar a você.

O Padre Jeffrey se aproxima do altar quando Jackson se levanta do banco. Ele sobe ao púlpito.

— Oi, pessoal, eu sou o Jackson — ele anuncia com a voz tensa. — Eu era o namorado do Theo na Califórnia.

Não aguento ouvir isso.

Mas tenho que ouvir. Em nome da minha sanidade, vou enfrentar esse discurso. Você não gostaria que eu me esquivasse, que ignorasse um pedaço da sua vida. Apesar de que isso me leva a me perguntar se você contou a ele histórias sobre mim, ou se guardou segredo sobre nossos momentos juntos, assim como fez com ele. Não sei qual dos dois está ganhando: a sua ânsia de contar uma história sobre nós porque não fazê-lo é sufocante ou manter nossa história guardada no peito como uma piada interna que você não pode deixar ninguém saber.

Jackson está inquieto, mexendo no seu relógio.

— Meus pais se divorciaram quando eu tinha quatorze anos. Mesmo quando era criança, eu sabia que eles não se amavam. Quando finalmente consegui minha carteira de motorista este ano foi maravilhoso, porque não precisávamos mais fazer aquelas viagens constrangedoras, quando um dos meus pais me deixava na casa do outro sem sequer dizer um oi. Não imaginava que encontraria alguém para amar nas viagens entre as casas dos meus pais nos fins de semana.

Eu nem sabia que era o mesmo cara até a terceira ou quarta vez. Mas um dia estava chovendo e eu o vi no caminho para a casa da minha mãe, na mesma hora de sempre, e ele não tinha guarda-chuva. Então parei o carro e ele me perguntou se eu costumava resgatar estranhos da chuva.

Posso ouvir essas palavras saindo da sua boca. Meu rosto queima.

Jackson sorri consigo mesmo ao lembrar essa história. Já posso perceber que é muito íntima, mais do que eu pensava que gostaria de saber.

— Eu disse a ele que já o tinha visto algumas vezes ali e que ele parecia inofensivo, mas era melhor que não se revelasse um *serial killer*. Claro que ele me achou suspeito por saber um pouco sobre ele, então fez uma brincadeira e começou a bater com o ombro na porta como quem está tentando fugir.

Isso parece algo que você faria.

Ouçõ alguns risos atrás de mim.

— Theo estava tremendo. Ele pegou meu suéter da Santa Monica College do banco de trás... eu nem sequer tinha oferecido, ele só pegou e me disse que também havia começado a estudar lá. Avisei sobre um professor sinistro que tínhamos no campus e começamos a nos conhecer melhor naquele passeio de carro de quinze minutos. Não cheguei a contar ao Theo, mas pensei em me perder um pouco só para passar mais tempo com ele. Acho que deveria ter contado.

Jackson faz uma pausa.

Estou em guerra comigo mesmo. Odeio a tristeza dele por você *versus* sinto solidariedade por ele estar arrasado por sua causa. Também queria que algumas coisas que tenho a lhe dizer fossem tão doces assim, e não as coisas que vão mudar o modo como você me vê.

Minhas unhas se cravam na palma das mãos.

— Não tive oportunidade de dizer isso a ele, mas trocamos nossos números de telefone e nos encontramos no campus. Conteí que me sentia atraído por ele no fim de um dia incrível que passamos juntos. Foi só o que fiz. — Os lábios de Jackson tremem por um segundo antes de o choro começar de verdade. E, não sei como, parece mais como um choro de alegria. Quase me sinto compelido a levantar e ir até lá dar um abraço nele ou um tapinha nas costas. E me censuro enquanto imagino você impotente, à deriva no oceano.

— Mesmo se eu tivesse apenas aquele momento no carro com Theo, quando fomos ao planetário, ele me afetou de um modo como todo mundo deveria ter a sorte de ser afetado uma vez na vida. Tive o privilégio de ser desmantelado por ele até encontrar uma versão melhor e mais genuína da pessoa que quero ser. Espero deixá-lo orgulhoso.

Jackson se vira para você.

— Obrigado, Theodore — ele termina.

Ele volta para o assento, onde fica encolhido, segurando o estômago e escondendo o rosto com a outra mão.

O velório termina, o que é bom para meu coração e minha cabeça, mas eu passaria por outras mil histórias sobre você se houvesse gente aqui para contá-las.

Bem-aventurados são aqueles que choram, porque serão consolados.

Amanhã de manhã vamos enterrar você.

HISTÓRIA

DOMINGO, 15 DE JUNHO DE 2014

Sei que vou parecer psicótico se tentar explicar minha preocupação crescente com números pares a qualquer pessoa, inclusive Theo — *especialmente* Theo —, porque isso está chegando ao limite da obsessão. Quando Theo e eu estávamos nos beijando na estação de trem, na sexta-feira, depois da escola, eu me peguei contando nossos beijos. Não como um, dois, três, quatro e assim por diante, mas, tipo, um, dois, um, dois, um, dois para garantir que fossem pares. E, quando Theo se afastou depois de um beijo ímpar, eu avancei para dar mais um. E há problemas maiores do que beijar Theo de novo, mas a contagem está se alastrando para outras coisas da minha vida também. Assim como a data ímpar de hoje, que está me deixando um pouco nervoso. Ou como eu espirrei três vezes seguidas e estou desejando um quarto espirro.

Ah, sim, estou resfriado.

Parece que correr debaixo da chuva e fazer um quiz em uma lanchonete fria são perfeitos como primeiro encontro e como receita para deixar alguém doente. Sou esse alguém. Theo se esquivou desse tiro, mas está se jogando no fogo cruzado apenas para me fazer companhia.

— Já terminou de espirrar? — Theo pergunta.

Eu ficaria muito grato se conseguisse espirrar mais uma vez.

— Você não precisava ter vindo!

Estamos no chão do meu quarto, resolvendo o quebra-cabeça dos zumbis-piratas.

— É, bem, eu não estava tendo sorte com o nível dezenove do Tetris, porque não consegui fazer meu cérebro parar de sentir saudades suas — Theo diz. — Não estou preocupado em ficar doente. Só preciso que você termine de construir a prancha do *Rastejante Sangrento*, só isso.

— Eu sei, eu sei. — Fungo. — Só estou confuso porque, se eu construir a prancha, significa que o zumbi-pirata que está pendurado nela vai subir a bordo e infectar os piratas humanos ou simplesmente matá-los. — Olho para ele. — Eu queria impedir o apocalipse, se é que isso faz sentido.

— Mas, se o apocalipse não acontecer, nós não vamos ser os dois últimos

caras no mundo encarregados de recriar a população — Theo diz.

— Você é o mais idiota dos gênios se acha que é assim que a reprodução funciona.

— Ah, eu sei como funciona. Só não vou deixar que isso impeça a gente de continuar tentando.

Não sei se Theo sorri porque nos imagina transando ou porque gosta de me deixar sem graça, só sei que não tenho coragem de continuar esta conversa. Recolho todas as peças da prancha e começo a montá-las como um bom soldado; e, que saco, agora fico pensando em um jogo em que sou um soldado raso recebendo ordens do sargento Theo McIntyre e, quando ele manda que eu vá para o chão e faça cem... Certo, agora preciso parar. Ajusto o cobertor em torno dos meus ombros para esconder meu colo dos olhos dele.

— Você ainda está com frio? — Theo se levanta e pega seu moletom verde de cima do aquecedor. — Pronto, está seco agora. Deve haver algum estudo científico comprovando que o suéter do seu namorado vai te deixar mais aquecido e curar qualquer doença muito mais rápido do que um cobertor da Pottery Barn.

— Na verdade, ele foi comprado na Target. — Deixo o cobertor onde está enquanto visto o moletom do Theo. Tem o cheiro da floricultura da avó dele e fica tão confortável para mim quanto para Theo. — Obrigado, cara.

— Você fica muito bem de verde — Theo diz. — Fique com ele.

— Duplo obrigado, cara.

O quebra-cabeça está progredindo: o navio tem buracos, como se os humanos não infectados tivessem conhecimento do vírus zumbi e já tivessem começado a disparar tiros de canhão. O mar — que Theo se encarregou de montar — também tem um monte de buracos, como uma porção de redemoinhos profundos que ameaçam engolir o navio; há um pirata a bordo atualmente sem cabeça porque a peça que falta está do lado do Theo. O céu está escuro e despedaçado, o que é minha culpa, como sempre. E eu só o deixo ainda pior quando, por acidente, encosto o joelho ali ao me curvar para dar ao Theo um beijo de agradecimento; as peças saem do lugar.

Meu beijo era para ser dois, mas Theo me puxa para o seu colo e me prende, transformando o gesto em algo mais. Theo para e nós respiramos.

— Você quer...?

— Quero... o quê? — Isso poderia significar um milhão de coisas. Quero deixar o quebra-cabeça de lado e levar nossos beijos para a cama? Quero ficar nu, arremessar minha cueca pelo quarto e transar com ele? Quero deixar as coisas mais simples e talvez deixar que ele me masturbe e eu faça o mesmo com ele? Quero tirar um cochilo porque estou terrivelmente doente e nem deveria

estar acordado, muito menos tendo contato físico?

— Não me obrigue a dizer — ele diz.

Theo está corando. Finalmente fui eu quem o deixou sem graça.

— Desculpe, mas, se você não me contar o que quer, vou presumir que é tricotar um suéter novo pra você.

— Você tricota, Griff?

— Pare de gracinha, Theo.

Theo segura um sorriso e balança a cabeça.

— Quer treinar o repovoamento da humanidade?

— Mas eu estou doente.

— Eu sei. Só peço que não espirre em cima de mim.

Saio de cima dele porque ele está no chão e nós dois sabemos, das vezes em que ele dormiu aqui, que esse não é um lugar confortável para se passar a noite. Foi assim que criamos o sistema em que nós dois dormíamos na mesma cama, com a cabeça de um ao lado dos pés do outro, cada um com seu próprio cobertor. Mas não precisamos mais fazer isso. Levanto e vou fechar a porta, apesar de meus pais estarem fora fazendo compras para o churrasco de aniversário da irmã do Theo esta semana.

Concordo com a cabeça.

— Sim, vamos treinar.

Uma coisa que eu nunca tinha antecipado sobre minha primeira vez: que seria no meio do dia. Sempre achei que devesse acontecer à noite, algo que a gente faz depois de ir se deitar, e ainda assistir à TV depois se você não estiver muito cansado. Meus pais não devem voltar em menos de duas horas. Minha mãe e meu pai são muito detalhistas quando fazem compras. Theo e eu teremos bastante tempo para treinar — uma ou talvez duas vezes se tudo der certo, ou então se terminarmos mais cedo.

— Se incomoda se eu fechar as cortinas? — pergunto.

— Estamos no sexto andar, Griffin. Não acho que alguém vá nos espiar.

— Eu sei, mas acho que vou ficar mais à vontade se estiver mais escuro.

— Você sabe que é lindo e gato, não é?

— Que bom que acha isso, mas não quero dar motivos pra você mudar de ideia.

— Sem chance. Mas faça como preferir.

Theo vai até a cama e se senta na ponta enquanto eu apago as luzes e fecho as cortinas. Fico parado ali. Theo é bom com as palavras, mas melhor ainda com as ações, é muito bom em fazer as coisas. É essa parte dele que fica constrangida em dizer a palavra “sexo”, mas totalmente tranquila quando as cartas já estão na mesa. Ele me chama, acenando com dois dedos e uma careta símia idiota que

sempre me faz rir.

Eu hesito.

— Acho que deveríamos pôr uma música pra tocar...

— Griffin, não temos que fazer isso se você preferir esperar.

— Não, eu quero! Mas quero um pouco de música. Desculpe se isso é idiotice.

Sinto-me esquisito em pedir desculpas, mas admito que tentar fazer deste momento algo especial soa meio bobo. Não posso voltar atrás e começar tudo de novo. Faz uma semana que estou namorando Theo, e não há nenhum universo alternativo em que eu não me sinta encabulado com o nosso “aniversário de namoro”. Não quero que ele pense que sou um banana por prestar atenção em detalhes como esse. Eu costumava achar que era cafona meus pais comemorarem os aniversários de casamento todos os anos. Olhe para mim agora: preocupado com as bodas de uma semana. Uma semana com alguém que gosto de verdade. Uma semana com alguém por quem esperei durante anos. Não quero que fique só a cargo da minha imaginação saber como é passar um ano com Theo.

— Não é idiotice, Griff.

Theo dá sugestões como “Love Shack” só pelo ridículo, mas escolhemos uma de uma lista de trilhas sonoras de filmes de ação.

É épico.

A música tocando alto provavelmente vai espantar qualquer pensamento que me faça hesitar e as cortinas fechadas fazem com que eu me sinta invisível o bastante para afugentar minha timidez. Sento-me ao lado de Theo, que imediatamente segura minha mão e me beija. Deitamos. Quando nossas camisetas finalmente saem, é diferente de todas as vezes em que fomos à praia, porque nunca abraçamos um ao outro sem camisa.

— Vamos fazer uma contagem regressiva de três para tirar as calças?

— Que tal quatro?

Theo sorri.

— Certo.

— Quatro...

Abro o zíper dos jeans dele enquanto ele desfaz o nó do cordão do meu pijama.

— Três...

Deslizo para fora do pijama devagar, abaixando a cueca boxer também. Antes de terminar, espero para ter certeza de que Theo está fazendo o mesmo com seu jeans e as cuecas com estampa de Tetris. Ele está, sim...

— Dois... Um.

E assim que acaba a contagem estamos nus na minha cama, com as roupas aos nossos pés.

É estranho. É estranho como tanta coisa pode mudar em uma semana. É estranho como, de melhores amigos tentando confessar um ao outro o que sentimos, nos tornamos namorados. É estranho como foi Theo quem me derrubou por acidente para fora do *playground* quando éramos mais novos, o que deixou uma cicatriz em forma de coração no meu quadril, e agora ele pode ver e tocar a cicatriz enrugada pela qual é responsável. É estranho como costumávamos pegar na mochila do Theo um controle extra do videogame, e agora eu o vejo correr até o outro lado do quarto para pegar camisinhas — que ele trouxe apenas para o caso de não nos controlarmos. É estranho como dói no começo e é estranho como ouvir Theo conversando comigo para checar se estou bem dá uma sensação melhor do que todo o resto que está acontecendo. É estranho como estamos aprendendo a fazer isso juntos, como não estou fazendo contagens, como consigo estar presente com ele e comigo mesmo sem distrações e como esqueci que estou resfriado. É estranho como não é nada daquilo que eu pensava que seria depois de assistir a incontáveis horas de pornografia.

É estranho como posso sentir o amor que ele tem por mim sem sequer mencionar essa palavra, e espero que ele possa sentir o amor que tenho por ele também. É estranho como, depois que terminamos, nada parece estranho, e não desejo ser invisível quando estou com ele, e não consigo acreditar que duvidei que um momento assim aconteceria.

— É uma coisa que aconteceu — Theo comenta enquanto descansa a cabeça no meu peito.

— É uma coisa estranha que aconteceu — digo. — Estranha, mas boa. A melhor coisa estranha possível. Uma coisa que devia ganhar uma medalha de estranheza maravilhosa.

— E o que tem de maravilhosamente estranho nisso?

— O fato de que eu consegui fazer isso com você. — Observo o teto. Poderia ser um céu noturno e sem estrelas. — Mas também o jeito como me sinto. Sou o mesmo eu, mas não exatamente. Você também se sente assim?

— Não. Acho que você expressou bem: estou maravilhosamente estranho e diferente. — Theo se vira e deita de barriga para baixo. — Precisei de muita coragem para parar de enrolar e ser totalmente sincero com você e, droga, quero o crédito por ter feito isso! Sou um novo homem! Estou maravilhosamente estranho e diferente! — Ele se ajoelha no colchão e soca o ar.

Tenho vontade de pegar a espada e o escudo que ganhamos na outra noite e entregar para ele, mas estou exausto. Agora estou lembrando que tenho um resfriado.

— Sou Theo McIntyre, um cara que acabou de transar com outro cara! Um cara que ama outro ca... — Ele cala a boca, provavelmente desejando ter o poder de voltar no tempo e apagar as palavras. Ele gesticula indicando a cama. — Dane-se. Eu amo você, Griffin. Não vou me dar ao trabalho de fingir que não. Isso não é totalmente novo pra mim. Fazia um tempo que eu sabia disso. Estou tão feliz de ter me assumido pra você.

Não sei se consigo processar que sou digno de ser o primeiro beijo de alguém, o primeiro namorado de alguém, a primeira vez de alguém, o primeiro amor de alguém. Esta tarde merece um troféu de estranheza maravilhosa.

Sorrio e finalmente ele vem: o espirro número quatro.

— Eu deveria estar doente. Quero dizer, estou doente — digo, com a garganta raspando.

— Como é que é?

— Desculpe, hã, eu estou doente. Hoje é um dia muito bizarro, quero dizer, estranho, quero dizer, um dia maravilhosamente estranho para alguém que deveria estar deitado e tomando sopa. Não estava nem esperando ver você, porque estou doente, mas você veio. Faz uma semana que estamos namorando e acabamos de transar e você está dizendo que me ama e eu estou tipo: *como assim?*

Fico pensando no que acabo de dizer. Ou estou fazendo algo muito certo ou muito errado. Theo ri e balança a cabeça.

— Você é tão desajeitado, Griff. Não deveriam nem deixar você sair do seu quarto. E aqui está a deixa para eu fazer um comentário romântico sobre como vou me trancar aqui dentro com você, mas acho que sou melhor do que isso. — Ele se deita ao meu lado, segurando minha mão. — Por favor, não vá surtar. Se quiser, a gente pode se fingir de bobo, como se nada tivesse acontecido. Posso refazer tudo desde o começo quando você estiver pronto.

Deslizo um dedo pela linha do maxilar dele. Tenho o namorado mais sincero do mundo me olhando neste momento. Não tenho motivo para mentir para ele, nenhum motivo para mentir para mim mesmo.

— Você já está se fazendo de bobo se pensa que não amo você. Mas eis o pronunciamento oficial: eu amo você, Theo. Amo você, cara que transou com outro cara. Amo você, cara que ama outro cara. — Quatro vezes. Falei que o amava quatro vezes e foi cada vez mais fácil. Imagino cada uma dessas palavras como um destemido saltador de paraquedas, uma associação de palavras corajosas que cruzou as nuvens para vir aterrissar na minha cama.

Theo e eu ficamos assim por um tempo, mas então minha mãe manda uma mensagem de texto — perguntando como estou e dizendo que logo ela vem para casa e vai trazer sopa quente — e sabemos que é hora de ele ir embora. Não há

nada suspeito com o fato de Theo estar aqui, mas sabemos que as coisas estão diferentes agora. Amor e sexo foram adicionados à receita da nossa amizade. Somos uma coisa nova. E, cara, Theo e eu nos vestindo juntos é uma espécie de milagre oculto, algo que as pessoas nem sonham que possa existir até acontecer em tempo real. Tento me agarrar a esse sonho, à certeza de que tudo vai ser infinito como parece agora, para que eu viva mais momentos como este e nossa história seja a história de amor dos namoradinhos de escola, assim como foi com os meus pais.

— Vou acompanhar você até a porta. — Ajudo-o com as alças da mochila, só uma desculpa para tocá-lo um pouco mais.

— Você diz isso pra todos os caras com quem dorme, não é?

— Só para aqueles que são idiotas o bastante pra me amar.

— Então, tipo, uns dez caras?

— Você espera que sejam só dez?

Theo e eu nos beijamos pela milésima vez esta tarde e, ao sair, ele diz: — Vejo você depois. Não esqueça que amo você. Aliás, caso esteja duvidando, eu ainda amo. Ei, você é demais. Não mude nunca. Se você mudar, pode ser que eu deixe de amar, que é algo que estou fazendo agora. Amo você vezes dez.

— Se você me ama, nunca mais coloque matemática neste relacionamento — respondo, esfregando meu nariz.

Theo continua balbuciando “eu amo você, eu amo você” enquanto caminha pelo corredor, como se essas fossem as três únicas palavras em seu vocabulário — e antes, que vire a esquina para chegar ao elevador, ele para e coloca a mão em concha ao redor da orelha. Eu acrescento um “também” para que a conta encerre em quatro palavras. Assim que fecho a porta, sinto saudades dele. A sensação é meio patética agora, mas eu a afasto porque sei que não vai ser assim quando eu e Theo estivermos juntos daqui a alguns anos. Confio nisso. Não vou mais dar atenção àquelas dúvidas que faziam com que me sentisse inferior ao Theo. E também acredito que esta foi a primeira vez dele porque ele quis assim, e não porque eu servi de teste para alguém mais digno dele no futuro. Não é só uma crença; eu *sei*.

Ele disse que me ama. Acredito nisso também. Mas quero mais. Quero *saber*.

SÁBADO, 21 DE JUNHO DE 2014

O resfriado de verão do Theo — bem, vamos falar a verdade e chamar esse resfriado de *meu*, porque é óbvio como ele ficou doente — passou bem a tempo para a festa de aniversário de seis anos da Denise no Central Park. O tema da festa foi princesas Disney (e o que mais seria?). Denise e quase todas as suas amigas estão vestidas de Elsa, mas dizer que é uma festa de Frozen seria injusto

com as duas Belas, em vestido de baile, e uma guerreira Mulan.

— Deveríamos ter nos fantasiado também — eu digo.

— Você não consegue ostentar um vestido tão bem quanto Denise — Theo diz.

— Eu deveria ter esquecido de vir — Wade diz. Voltou a usar os óculos neste fim de semana, já que suas lentes de contato ficaram insuportáveis. Ele acena para nós: — Vocês se lembram de mim? Wade Church? O cara que concordou em vir a esta festinha de criança apesar de ter coisa melhor pra fazer?

Theo se vira para mim.

— Ei, você ouviu alguma coisa? Tipo, um fantasma dizendo que tem coisa melhor pra fazer?

Sinto um pouco de culpa por dar risada, mas não é o suficiente para me conter. Além disso, não é novidade que existem toneladas de bullying na amizade de Wade e Theo. Todo mundo está acostumado com isso agora, principalmente eu. Às vezes, tenho receio que ele resolva procurar amigos melhores, não estou tão desesperado assim para ter um número par na nossa tropa.

— Tanto faz. Só não transem aqui ou vou ter que chamar a polícia.

Ah, e tem outra coisa: Wade faz referência à nossa vida sexual sempre que pode.

— Não existem dedos médios suficientes no mundo, Wade — Theo diz. — Mas, pra começar... — Ele mostra o dedo para Wade duas vezes e acena para que eu faça o mesmo, e eu faço. — Aqui estão quatro.

Wade força uma risada.

— Trabalho de equipe. Legal.

Existe alguma verdade nisso. Agora que as aulas acabaram, Theo e eu estamos fazendo planos para o verão. Não queremos de jeito nenhum que Wade se sinta jogado de lado, mas parece que já estamos falhando nisso. Em todo caso, antes que o verão comece, Theo e eu decidimos nos assumir para os nossos pais. E Wade não pode nos acompanhar nisso; é algo que cabe só a nós dois.

Minha mãe e meu pai estão sentados com os pais do Theo à mesa de piquenique, almoçando com os outros pais. Estão rindo e gracejando enquanto, entre as árvores, um exército de Elsas corre atrás de uma Mulan. Estou um pouco nervoso. Mais que um pouco. Eles nem fazem ideia do míssil que estamos prestes a disparar sobre eles.

— Agora parece uma boa hora — eu digo.

— É, por que não? — Theo se vira para o Wade. — Certo, garoto. A gente vai lá se assumir para os nossos pais. Você, com seus poderes psíquicos, teve alguma visão de como isso vai se desenrolar?

Wade balança a cabeça.

— Prevejo que tudo vai continuar perfeito na perfeição da sua vida, Theo.

— Perfeito — Theo diz. Ele faz um sinal de paz. — Nos dê dez minutos. Quinze, se eles quiserem tirar umas fotos.

Na minha cabeça, corrijo para dezesseis minutos, mas guardo isso para mim.

— Certo. — Wade se senta no chão e pega o celular. — Espero conseguir usar o Instagram sem todas essas Elsas vindo me perguntar se não quero fazer um boneco de neve.

Revestidos de coragem, caminhamos na direção da mesa de piquenique. Interrompemos a conversa educadamente, perguntando para nossas mães e pais se podemos incomodá-los por um segundo. Eles nos seguem até a árvore com o balão de aniversário amarrado ao tronco, e nos juntamos debaixo da sombra.

— O que foi, garotos? — Papai pergunta.

— Queríamos atualizar vocês sobre uma coisa — Theo diz. Os quatro olham para nós, mas deixo de me sentir em desvantagem quando Theo segura minha mão. — Nós estamos namorando e resolvemos que, se vocês não gostarem, vamos nos mudar e passar a viver aqui nas árvores. — As palavras se derramam tão rápido da boca dele que soam como uma única palavra enorme em vez de vinte palavras separadas.

— Não, a gente concordou que moraria no píer — acrescento.

Theo olha para mim.

— Estou tentando despistá-los. Se eles não gostarem, também não vão saber onde nos encontrar. — E a atenção dele se volta para os nossos pais. — Tudo certo?

Não sei como eles estão se sentindo, mas não acho que esteja tudo certo. Coço a palma da minha mão livre. Senti-me corajoso quando vim até aqui, e mais corajoso quando Theo apertou a minha mão, mas meu estômago está revirando, porque fizemos um caminho sem volta. Estou quase apertando o lóbulo da minha orelha quando todos eles abrem sorrisos.

Russel ri.

— É isso? Achei que vocês estavam tentando sair da festa e ir pra outro lugar. O pobre do Wade parece arrasado. E a resposta teria sido não, mas pra mim está mais do que bem vocês dois namorarem.

Ellen engancha o braço no de Russel, dando tapinhas em seu ombro.

— Theo, eu achei que você finalmente tinha hackeado alguma rede e forçado o Griffin a ser seu cúmplice.

— É um cenário plausível — Theo diz. — Justo.

Minha mãe dá uma mexida esquisita nos ombros, como nunca a vi fazer antes, e pode ser felicidade por ver seu filho namorando, mas não sei se gosto.

— Vou dar um abraço. — E ela abraça a mim e ao Theo de uma vez. — Achei

que este dia demoraria anos pra acontecer. Estou tão feliz.

Depois que minha mãe se afasta para abraçar os pais do Theo, meu pai abraça o Theo.

— Boa escolha, Theo — Papai diz. Depois ele se vira para mim e, sim, mais um abraço. — Agora não vão mais dormir um na casa do outro. Mas estou feliz por vocês dois.

Os abraços e elogios desajeitados sobre formarmos um casal fofo finalmente chegam ao fim. Sinto tontura. Theo e eu voltamos até Wade, que está dando muita risada.

— Eles estouraram a cota de abraços para filhos saindo do armário — Wade diz.

— Fala sério — respondo.

Wade olha para o telefone.

— Está acontecendo pra valer — ele diz. — Vocês se assumiram um para o outro, beijaram, transaram e agora se assumiram para os seus pais. Vocês fizeram o serviço completo.

— Obrigado pelo resumo — Theo diz.

— Acho que eu aceito isso. Agora se juntem. Hora da foto. — Wade se levanta e ergue o celular na nossa direção.

Theo e eu enganchamos os braços na cintura um do outro.

— Com sorriso ou sem sorriso?

— Com sorriso desta vez — eu decido.

Todas as pessoas importantes da nossa vida sabem sobre nós. Nosso melhor amigo, nossos pais. Theo e eu já conversamos sobre o que vem a seguir. Combinamos de contar para todo mundo, na internet, durante este verão, mas não estamos com pressa — não mais. Minha maior preocupação é emoldurar a última foto que Theo e eu tiramos como melhores amigos ao lado da primeira foto que tiramos como namorados.

HOJE

TERÇA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 2016

Você morreu em um dia ímpar e estamos enterrando você em outro.

Está chovendo, mas você está protegido dentro do caixão. A fila para depositar flores sobre você está andando, pegadas afundando na lama do gramado do cemitério, onde somos obrigados a deixá-lo. Desta vez, me lembrei de trazer os copos-de-leite.

Nós nos reunimos em um círculo enquanto você desce no solo.

Penso sobre universos alternativos, enquanto neste entregamos você ao descanso. Há bilhões, trilhões deles existindo ao mesmo tempo: um universo onde nunca terminamos e você ficou em Nova Iorque; um universo fora do alcance do mar que quis devorá-lo; um universo em que *nós dois* fomos estudar na Califórnia; um universo em que você largou a universidade, parou de trabalhar com animações e deixou o Jackson para trás, porque sentia muita saudade de mim; um universo em que nos encontramos em algum ponto na metade do caminho, porque você queria não apenas que eu fosse o seu futuro, mas que o ajudasse a encontrá-lo; um universo em que somos os únicos sobreviventes do apocalipse zumbi-pirata... Incontáveis outros em que as coisas estão certas, talvez com um toque de errado. Mas, em todos eles, eu e você somos mais do que história. Tenho que acreditar que esses universos existem, é a única forma de lidar com o sofrimento hoje. Versões alternativas de mim estão perfeitamente felizes com versões alternativas de você, porque você está vivo. Todos esses Theos alternativos honraram a promessa que você me fez de nunca morrer (nem mesmo nas mãos de um zumbi-pirata).

No entanto, você está sendo baixado para dentro de um buraco. Seus pais e Denise estão em prantos. Jackson está chorando e os ombros dele se viram para a direita e para a esquerda como se ele estivesse à procura do ombro de alguém — do *seu* — para chorar, até que a realidade desmorona sobre ele também. Wade está ao lado dos meus pais, abraçado à minha mãe.

E eu, de alguma forma, estou de joelhos. Estava de pé há um minuto, sacudindo para a frente e para trás, pedindo para minha pessoa favorita sair do caixão e vir me abraçar. Levanto o rosto e os olhos do Jackson encontram os

meus. Por um segundo, parece até que nós dois vamos correr e nos jogar naquele buraco com você. Ser enterrado vivo deve ser melhor do que qualquer coisa que vier depois disso.

Este é o momento do fim. Este é o momento em que desistimos de esperar que o tempo se inverta, quando abandonamos a tentativa de encontrar cura para a morte, quando passamos a viver neste universo sem Theo, quando dizemos adeus.

Mas eu não posso. É adeus para muitos, mas não para mim. Nunca para mim.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 2014

O nosso Dia da Tropa estava bastante atrasado. Ficamos relaxando no High Line, o parque mais legal da cidade. O Central Park é bacana e tal, mas não tem nada diferente em comparação com uma estrada de ferro urbana e suspensa. Havia um trânsito pesado de pedestres no caminho de cascalho, mas nós três conseguimos encontrar um ótimo lugar no gramado de frente para o rio Hudson. Juntos, montamos o quebra-cabeça de um dragão acorrentado — algo que teríamos feito antes de Theo e eu namorarmos.

Decidimos voltar caminhando, sob o sol cada vez mais baixo conforme passamos pelos prédios, e enquanto nos aproximamos de casa me lembro da minha missão. Queria esperar até que estivéssemos sozinhos, mas por que Wade não poderia ouvir isto também?

— Ainda vem comigo comprar camisinhas? — pergunto ao Theo. É a primeira vez que vou comprá-las e, se Theo sabe o que é bom pra ele, é melhor que venha comigo.

— Para eu perder essa, você vai ter que encontrar uma passagem só de ida para um universo alternativo onde você ande pelado 24 horas por dia — Theo diz.

Wade se esforça para reaver a voz e cospe: — Da próxima vez, só diga que vai. — Ele balança a cabeça e começa a se distanciar. — Divirtam-se.

Theo corre e bloqueia o caminho dele.

— Não, não. Você não quer segurar vela, certo? Vamos, seja um parça e ajude os seus outros parças a comprar camisinha.

Ajudo Theo a arrastar Wade até a farmácia Duane Reade ao lado do meu prédio. Wade está balançando a cabeça, mas estamos todos rindo como idiotas quando chegamos ao corredor de planejamento familiar — direto na prateleira das camisinhas. Meu planejamento familiar é: não começar uma família da próxima vez que fizermos sexo. Mas as camisinhas têm uma efetividade de apenas 98%, então, quem sabe?

— Você vai adorar as opções — Theo diz, sorrindo diante das nossas possibilidades e do desconforto de Wade. — Não consigo deixar de pensar nos

cavalos e nas sandálias de gladiador com essa Trojan. E a Magnum deve ser destruidora, como se viesse com uma bazuca. Acho que Casanova força demais a barra para ser suave. Suave vem antes do sexo, não durante. — Theo pega uma caixinha preta. — E esta? Tentaram soletrar *pele* com dois l's. — E depois pega uma caixinha azul. — Ou podemos ir de Classic? Não sei se alguém vai querer Classic quando temos camisinhas Trojan Gelo e Fogo.

Levanto a mão.

— Eu vou com a Classic se isso garantir que meu pau não vai arder nem congelar.

— Bem pensado.

— E a Durex? — Wade sugeriu, tentando entrar no espírito da brincadeira. Ele nunca transou antes, mas eu e Theo sabemos que ele chegou perto de conseguir algumas vezes no primeiro ano do ensino médio. — Faz você pensar em pôneis ou foguetes?

— Eram cavalos e bazucas, mas não. — Theo pega o pacote de Durex da mão do Wade e dá um tapinha em suas costas. — Obrigado, cara.

Entramos na fila. Não estou mais rindo. Estou torcendo para terem um caixa automático aqui, porque comprar camisinhas é a transação comercial legal mais constrangedora que existe. É esquisito ser visto em sua sexualidade, não sei por quê. Ainda me sinto um pouco estranho pelo Theo me ver assim, e isso porque ele não é um caixa aleatório de farmácia. É raro eu ver os mesmos caixas aqui, então não deveria me importar. Eu poderia estar comprando estas camisinhas do outro lado do mundo, em um país que jamais vou visitar de novo. Mas, ainda assim, parece que essa compra vem com um holofote. Agarro uns pacotes de doces por impulso para distrair um pouco a atenção.

— Fique frio — Theo diz. — Você não está comprando drogas.

Ele tem razão. Vou ficar frio. Não estou comprando drogas. Nem sequer estou comprando bebida alcoólica, para isso precisaria ter 21 anos. Comprar camisinhas é totalmente normal. É uma coisa que muitos caras fazem porque existem opções, o que significa que é um negócio bem estabelecido, o que significa que muitas marcas tentam nos convencer que a camisinha delas é a melhor, o que significa que todo mundo — inclusive, eu mesmo neste momento — devemos agradecer não só por elas ajudarem a tornar o mundo um lugar mais seguro, mas também por evitarem que ele se torne superpopuloso.

— Griffin, Theo. Oi.

Não pode ser.

Congelo ao ouvir a voz do meu pai. Ele está bem atrás de nós. Sinceramente, eu preferiria ter sido pego me masturbando. Wade ri consigo mesmo, talvez porque isso vai ser terrivelmente humilhante. Ele bate palmas devagar.

— Acho que vocês se arrependem de terem me trazido aqui.

Não dá para ficar frio agora. A única coisa que pode piorar esta situação é se eu me virar e descobrir que meu pai também está comprando camisinhas. Sei que meus pais ainda transam, porque não sou idiota, sei que eles não estão só assistindo à Netflix ou indo dormir cedo quando me desejam boa noite por volta das 20 horas. Viro-me e vejo que ele está segurando lâminas de barbear e caixas de cereal. O cereal me lembra de quando eu era criança e comia o café da manhã assistindo aos desenhos das manhãs de sábado na TV. Nunca mais serei *tão* inocente.

— Oi, pai.

— Como foi no parque? — Ele vê as camisinhas nas minhas mãos, mal escondidas entre os pacotes de minhocas de gelatina. — Ah. — Ele está tentando dizer alguma coisa. Os braços dele estão se movendo por todos os lados, como se ele fosse um robô ligado pela primeira vez.

Queria desesperadamente ter um superpoder agora. Talvez controle mental, assim eu poderia apagar as memórias do meu pai e fazê-lo dar a volta e sair daqui. Mas me conformaria com a invisibilidade.

— Proteção é bom — Papai diz. — Você não pode engravidar, mas existem outros perigos.

A esta altura, eu até aceitaria o poder de combustão espontânea, qualquer coisa.

Deposito as camisinhas em um pote de moedas de chocolate.

— Não, não vou fazer isso — murmuro. — Vamos esquecer que isso aconteceu, pai. Vamos indo, pessoal. — Tentamos sair da fila, mas meu pai nos bloqueia no corredor.

— Espere. Nós deveríamos poder conversar sobre isso. Não precisa ser algo embaraçoso — Papai diz.

— Isso também não precisa acontecer na fila da farmácia... — Sabendo que não temos escolha a não ser segui-lo, nós quatro terminamos nos escondendo no corredor dos produtos para banho. Theo e eu estamos lado a lado. Nós nos viramos para Wade, que está sorrindo e não vai aproveitar a deixa para sair. Claro que não. Ele finalmente está em vantagem.

— Sua mãe e eu estávamos pensando em nos sentar com você qualquer hora para conversarmos sobre essas coisas... conversar sobre sexo. Vamos chamar pelo nome. Sexo. Achamos que vocês dois pensariam nisso em algum momento... — Papai se interrompe. — Espere. Vocês dois já...?

Meu rosto está queimando, talvez meu desejo pelo poder de combustão espontânea esteja se realizando.

— A gente já — respondo.

Papai suga o lábio superior, que é uma coisa que ele faz sempre que fica nervoso e com medo de deixar escapar as palavras erradas. Ele olha diretamente para mim.

— Essa foi a sua primeira vez?

— Foi.

— Boa escolha — Papai diz, ficando vermelho. — Isso saiu errado. Desculpe, Theo. Estou tentando dizer que sexo significa algo mais quando é feito com alguém de quem a gente gosta.

Sei que meu pai fez sexo algumas vezes antes de conhecer minha mãe — esqueci, porque esse assunto surgiu alguns anos atrás, mas ele me contou — e é bom saber que ele se sente assim. Só é um saco que eu tenha que ser lembrado de tudo isso agora, quando só o que queria era comprar camisinhas com meu namorado.

O silêncio é constrangedor e doloroso. E interminável também.

Theo aponta para um frasco atrás do meu pai.

— Ei, um xampu que também serve como condicionador.

— Um produto revolucionário, Theo! — Wade ri. Não posso culpá-lo pelo tanto que está se divertindo às nossas custas.

— Sei que vocês não precisam dessa conversa sobre pássaros e abelhas — Papai continua. — Pássaros com pássaros? Talvez, abelhas com abelhas? Não sei bem se os garotos fazem o papel do pássaro ou da abelha nessa expressão. — Ele se perde tentando decifrar esse detalhe antes de voltar à terra. — Não conheço todos os mecanismos do sexo homossexual, mas ultimamente tenho pesquisado em diferentes fóruns e estou por aqui para conversar, caso tenham alguma pergunta. Vocês dois.

Pesquisando em fóruns? Meu Deus.

— Certo — digo, com os olhos grudados no chão de linóleo gasto. — Obrigado, pai.

— Obrigado, Gregor — Theo diz.

— Quando precisarem — Papai diz.

Nunca mais, por favor.

— Agora vou fazer um favor a vocês dois — Papai diz.

Talvez, ele vá fazer um truque mental Jedi para que todo mundo se esqueça que esta conversa aconteceu. Ele volta para a fila, pega as camisinhas de volta do pote de chocolates, levanta o pacote para que todos nós vejamos, aproxima-se da caixa, coloca as camisinhas, o cereal e as lâminas de barbear sobre o balcão. Meus olhos passeiam pela loja porque não suporto mais assistir. Vejo um frasco de veneno para ratos e as engrenagens da minha história de super-herói começam a girar. Vou beber um pouco e, de repente, terei a habilidade de virar

um ratinho quando me der vontade — um rato que não precisa de camisinhas, um rato que pode evitar o constrangimento de ver seu pai comprando camisinhas para ele.

Theo e eu disparamos para a saída. Wade caminha atrás de nós, com um sorriso enorme.

Do lado de fora, Papai me oferece a sacola com nossas camisinhas, muda de ideia e oferece para Theo antes que eu consiga pegá-la, depois volta a oferecer para mim, depois de novo para Theo. Arranco a sacola da mão dele quando ela vem na minha direção.

— Você já está indo para casa? — Papai pergunta.

Concordo com a cabeça, olhando para o chão.

— Acho que não vou fazer contato visual com você por, pelo menos, uns dez anos.

— É justo. Vejo vocês mais tarde. Boa noite, Theo.

— Boa noite, Gregor.

Ele se afasta.

Wade bate palmas devagar mais uma vez.

— Parabéns. E aí, acham que seu pai já está tentando adivinhar quem fica por cima e quem fica por baixo?

— Cala a boca — Theo diz.

Agarro o braço do Theo e nós três andamos na direção oposta à do meu pai.

— Sei que é muito cedo, mas acha que posso ir morar com você? Nunca mais volto para casa. A menos que seus pais venham com a conversa das “abelhas e abelhas” pra você também.

— Nah, eu ouvi essa conversa dos pássaros e das abelhas quando tinha dez anos — Theo diz.

— Acho que eles não imaginavam que você só precisava da conversa das abelhas, né? Ou era a dos pássaros? Droga, a dúvida do meu pai até que fazia sentido — comentei.

— Não importa. Eu gosto de pássaros e de abelhas.

Agarro o pulso do Theo e o faço desmunhecar.

— Vamos lá, é comigo que você está falando. Não tem que fingir gostar de pássaros... nem de abelhas... dane-se, você não precisa mais fingir que gosta de garotas.

— Não estou fingindo que gosto — Theo diz. — Tenho certeza que sou bissexual.

— Por que você não me contou?

— Achei que você soubesse. Eu tive uns *crushes* e coisa e tal, mas acho que conversei mais sobre essas coisas com o Wade.

O sorriso do Wade desapareceu. Agora o rosto dele está como pedra, o que na verdade é ótimo, porque eu teria um surto se ele risse de mim e do Theo por causa disso. Ser flagrado por meu pai enquanto comprávamos camisinhas é uma coisa, sentir que meu relacionamento está ameaçado é outra.

— Achei que aqueles *crushes* fossem disfarces — digo em meio ao silêncio. Fiz a mesma coisa que ele; eu achava que as garotas eram legais e tal, mas não achava que seria capaz de namorá-las de verdade.

— Bem, não eram. — Theo parece genuinamente intrigado. — Desculpe se você entendeu só meia verdade. Mas por que isso importa? É você que estou namorando, Griff.

Olho para Wade, mas ele está colado ao celular. Não gosto de saber que eu não conhecia essa verdade essencial sobre Theo. Sei que existem muitas coisas nele que talvez eu nunca consiga entender nem ter para mim, como seus pensamentos fugazes e suas conversas com outras pessoas, mas isso é algo muito maior. É uma verdade fundamental do coração dele, uma das coisas que mais gosto no Theo — o modo como ele me ama, o modo como ama seus pais e sua irmã, o modo como ama a tropa, o modo como ama descobrir os mistérios da vida e resolvê-los.

Isso coloca tudo de ponta-cabeça, não é?

Solto o pulso dele.

— É idiotice, mas pra mim parece mais competição. — Sinto como se estivesse disputando com o mundo inteiro, como se não existisse um jeito de eu acabar sendo o melhor par para ele neste planeta. Antes, eu pensava que poderia ver algum cara novo rondando Theo, mas agora tenho que desconfiar de todo mundo. Há coisas que eu não quero saber, mas tenho que saber.

— E qual é o seu tipo de garota?

— Não sei que tipo de garota eu gosto, Griffin, porque acho que meu tipo são simplesmente boas pessoas, ponto-final. — A voz dele suaviza. — Sinto muito porque nunca conversamos de verdade sobre isso, mas acredite quando digo que não é algo assim tão sério na minha cabeça. Não é nada que tire o meu sono, porque estou feliz com você e não esperando que alguém melhor apareça. — Theo segura minhas mãos. Não há leveza em sua voz, apenas convicção. — Por favor, não se sinta ameaçado.

Ele beija meu rosto.

Acredito nele, neste momento, mas é o que pode acontecer no futuro que me sufoca um pouco. Mas também não vou dizer nada. Ser paranoico não vai me fazer bem nenhum.

Beijo o rosto dele.

— Isso era pra ser uma briga? — Wade pergunta. Ele nem se dá ao trabalho de

levantar os olhos da tela do celular, mas estou grato por ele estar aqui quebrando a tensão. — Faltou o sangue espirrando.

Caminhamos em silêncio por um tempo.

— Griff? — Theo diz, por fim.

— Sim?

— Duas coisas importantes daqui pra frente.

— O quê?

— Um: daqui em diante a gente só vai comprar camisinhas pela internet.
Dois: definitivamente, não vamos usar as que o seu pai comprou.

HOJE

QUINTA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO DE 2016

Achei que nada pudesse rivalizar com a bizarrice do Dia de Ação de Graças do ano passado. Você deveria vir a Nova Iorque para as ceias da minha família e da sua, como era a nossa tradição. Em vez disso, você ficou na Califórnia e foi à ceia da família do Jackson. Seus pais ficaram desapontados, Denise ficou desapontada, Wade ficou desapontado, eu fiquei desapontado, e todos nós ficamos desapontados pra caramba, porque essa seria a primeira vez que veríamos você desde agosto.

Porém, ninguém reclamou porque você disse que precisava muito se concentrar nos trabalhos de faculdade — especialmente na sua animação, aquela sobre pescadores-guerreiros capturando ovos de dragão em um vulcão, que, por fim, você acabou abandonando.

Passei o Dia de Ação de Graças inteiro no apartamento da minha tia, imaginando se você gostou da família do Jackson e por que você estava tão obcecado com o próprio Jackson. A minha cabeça não era um lugar confortável para se estar. Na verdade, era sufocante, mas você estava vivo e ainda era meu sonho de final feliz.

Eu voltaria no tempo para ter de novo esses problemas.

O apartamento da minha tia é insuportavelmente quente como sempre.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Rosie.

Nunca vou me esquecer de quando você conheceu a Rosie, confundindo-a com uma versão mais delgada da minha mãe, que estava mais gorda naquela época, e a parabenizou pela incrível perda de peso, o que todo mundo achou engraçado, até Mamãe. Rosie deve ser uma década mais velha que minha mãe, mas frequenta a academia, e acho que posso sentir os músculos abdominais dela quando nos abraçamos.

— Feliz Dia de Ação de Graças, Griffin — ela diz, me apertando. Tenta me olhar nos olhos, mas eu me solto totalmente, e ela cumprimenta meus pais, dando um beijo em minha mãe. A sororidade das duas sempre me fez desejar ter um irmão. O luto provavelmente seria menos solitário se eu pudesse contar com alguém da minha idade, talvez só um pouco mais velho, mais sábio e com mais

cicatrizes de batalhas que estou enfrentando pela primeira vez. Talvez, eu não tivesse feito as coisas que fiz.

A cozinha está cheirando a bolo de milho e molho gravy (para o purê de batatas pelo qual você era obcecado), e há peru, recheio para o peru, macarrão com queijo que não vou nem tocar, arroz amarelo, e então sou envolvido pelo aroma doce do molho de cranberry. Tiro o casaco, mas a cozinha ainda está me assando vivo porque estou com o meu moletom, então vou para a sala. Meus priminhos correm na minha direção, tentando subir em cima de mim. Não tenho sorrisos para eles. Não consigo nem lembrar direito os nomes deles, de tão pouco que os vejo. Eles moram no norte do estado e seus nomes começam todos com R, uma tradição maluca que um dia vai levar a crianças chamadas Rasputin ou Raiden, igual ao do Mortal Kombat. Enfrento também os abraços e a solidariedade dos meus primos mais velhos, mas minha avó é a única que me esgota de verdade.

— Griffin, venha, sente aqui — ela solicita, dando tapinhas no ar porque não há nenhum lugar ao lado dela em que eu possa realmente me sentar. Agacho ao seu lado, deixando-a tomar minha mão entre as suas.

Ela faz noventa anos em dezembro. Eu perdi você aos dezoito. Ela viveu como mecânica militar, gerente de farmácia, bisavó, esposa de um homem que nunca conheci e depois de outro homem de quem nunca gostei. Você viveu como um gênio, um estudante celebrado com honras e com um futuro promissor, meu primeiro amor e depois namorado do Jackson. Ela viveu bastante a vida dela, e você teve a vida interrompida antes que pudéssemos resolver as coisas.

— Como vai o seu olho? — Vovó pergunta. Ela provavelmente está se lembrando da vez em que uma colega de escola, Jolene, me deu uma cotovelada no olho por acidente... no sexto ano. Isso é o que a demência faz com você. Meus primos, às vezes, fazem piadas porque para eles nada deve ser mais engraçado que a mente de uma pessoa abandoná-la e tomar vida própria.

— Meu olho está bom, vovó — digo. — Muito melhor. E como vai você? Como vai o Primo? — Primo é seu canário amarelo de barriga marrom, que ficou doente faz um tempo.

— Você já rezou hoje?

— Rezei hoje de manhã — menti.

Mentir sobre orações seria muito mais pecaminoso se alguma vez na vida eu tivesse acreditado em Deus, mas, bem, esses pensamentos servem melhor a alguém que tenha razões para acreditar no milagre da ressurreição.

Olho para Davis, meu primo de dez anos que é obcecado por futebol e ficou enojado ao nos flagrar em um beijo. Ele confiscou a TV que vovó poderia estar usando para assistir aos seus programas. Só assim eu poderia me esgueirar para

um canto e me desligar. Vejo o copo vazio dela e crio uma nova estratégia de fuga.

— Quer mais água?

— Já tenho água. Cadê o Theo? Quero ver um daqueles filmes dele.

Vovó gosta muito das suas animações. Acho que a preferida dela é aquele clipe de quarenta segundos, da aranha perseguindo aquele inseto vermelho. Quando ele alcança seu grupo, juntos formam uma superformiga que afugenta a aranha. Mas é possível que ela só gostasse das flores que você colocou no cenário.

Eu poderia colocar algumas das suas animações para ela ver, aquelas que carrego no telefone — exceto “Griffin à Esquerda”, essa é exclusiva para os meus olhos —, mas eu mesmo não tenho coragem de ver esses vídeos. Porém, preciso do meu telefone, de todo modo, para ouvir a sua voz.

— Theo não conseguiu vir — digo. Tenho certeza de que minha mãe ou minha tia contaram a ela que você morreu. Ela já esqueceu, mas vou distraí-la em vez de repetir a verdade. Gosto que ela pense que você está vivo. — Vou buscar mais água pra você, vovó.

Separo Davis da TV, encarregando-o da tarefa de buscar mais água para sua bisavó, e me retiro para o quarto da Rosie, para me esconder debaixo das cobertas da cama dela.

Colocar uma música no modo repetir costumava deixar você louco. Eu nunca conseguia espantar certas músicas e batidas da minha cabeça, a menos que ouvisse a música por uma semana seguida, às vezes duas.

O som da sua própria voz gravada deixava você ainda mais irritado. Sinto muito que você tenha que ouvi-la de novo enquanto coloco sua última mensagem de voz no modo repetir: — *Ei, Griff, desculpe, eu perdi sua ligação. Eu estava fora de casa e meu celular estava desligado... Do jeito que você falou, parecia que estava na prancha. Se os piratas do Walking Dead ainda não pegaram você, me ligue pra me dizer se está bem. Tchau, cara.*

Gosto muito dessa mensagem, porque não há nenhuma menção ao Jackson, apesar de ele provavelmente ser o motivo da sua saída. E também porque você me chamou de Griff e não Griffin... como costumava fazer quando Jackson estava por perto.

Aperto o play de novo.

Estou na trigésima oitava repetição quando alguém me dá tapinhas no tornozelo. Eu nem tinha notado que meus pés estavam para fora da cama. Estou tentado chutar essas mãos, mas saio de baixo das cobertas e vejo meu pai.

— O jantar está pronto. A ceia de *Ação de Graças*, que acontece só uma vez por ano. Você não vai ver bolo de milho por mais um ano.

Que porcaria de anúncio para um jantar de Ação de Graças — que me importa se tem bolo de milho? Será que ele esqueceu completamente o motivo pelo qual estou escondido da família que normalmente fico entusiasmado em ver?

Porém, eu me levanto e vou até a sala. Quase todo mundo já está com a comida nos pratos, encostados na parede formando um círculo, enquanto as crianças estão no chão, sentadas, com as pernas cruzadas ou de joelhos. Certo, oração primeiro, depois a comida. Minha mãe já preparou um prato para mim, porque, aparentemente, quando uma pessoa está enlutada, ela retrocede a uma idade em que precisa segurar na mão de alguém na hora de atravessar a rua, pedir permissão para dormir na casa de um amigo, provavelmente precisa dormir com uma luz acesa e não consegue se servir sozinha no jantar.

Agradeço antes que deixe escapar alguma barbaridade merecedora de uma mordida e desvio de Reynaldo — acho — para me acomodar entre o som estéreo quebrado e um vaso de planta que precisa desesperadamente de água.

Rosie joga uma toalha por cima do ombro e bate palmas, como se fôssemos um time, e ela, a técnica, prestes a nos dar as coordenadas para o jantar.

— Quem quer conduzir a oração? — Ela se vira para seus três filhos crescidos: Richie, o mais velho, que estava sempre tão preocupado com o trabalho que nem sequer conversava com você; Ronnie, que não trouxe o amor de sua vida mais recente para a ceia deste ano; e Ricky, que sempre foi meu menos favorito. Não porque ele é o terceiro filho e seu nome não combina muito com os dos irmãos, mas porque ele costumava falar merda sobre nós às nossas costas, que eu nunca contei a você porque as bobagens homofóbicas dele são problema dele.

Nenhum deles se oferece. Meu pai dá um passo adiante.

— Uau, primeira vez. Manda ver, Gregor.

A coxa de peru, a qual tenho certeza que Papai afastou mulheres e crianças do caminho para pegar, quase rola do prato quando ele gesticula para a família, convidando-nos a dar as mãos. Mas estamos todos segurando nossa comida e, em alguns casos, também a bebida. Ele percebe o erro, dando uma risadinha. Ricky está à minha direita e certamente não seguraria a minha mão de jeito nenhum, e o filho dele, Ralph — que nome de velho —, está à minha esquerda. Ele tentaria subir em cima de mim outra vez depois de ganhar atenção por uma fração de segundo, então foi melhor assim.

— Querido Deus, obrigado por reunir nossa família por mais um ano de boa comida e boa companhia, mas principalmente boa comida... — Ele faz uma pausa, esperando risos. Vovó, minha mãe, Rosie e dois dos meus primos mais velhos fazem a vontade dele esboçando risadinhas, mas nenhum dos mais novos cede; o instinto de afagar o ego ainda não está bem desenvolvido neles. —

Infelizmente, um rosto amigo que se tornou muito conhecido por nossa família ao longo dos anos está ausente hoje. Todos nós, especialmente o Griffin, sentimos muitas saudades e continuaremos orando pela família dele.

Acho que vou surtar ou vomitar, ou então vomitar e surtar, Theo.

Papai para e respira fundo.

— Deus, pedimos que proteja nossa família por mais um ano e agradecemos por suas bênçãos, amém.

No coro do “amém”, eu me afundo na parede, descansando o braço na borda do vaso. Se antes eu achava que conseguiria comer alguma coisa, agora não mais. Penso de novo na sua família, especialmente na Denise. Não consigo nem imaginar como esta noite deve estar sendo para eles, ou como é ser uma família específica pela qual as outras estão rezando — em vão — no Dia de Ação de Graças. E Jackson também deve estar ali à mesa, acampando na casa deles. Não acho que ele seja um parasita, mas até *eu* soube manter alguma distância. Eles já têm feridas suficientes para ter que lidar com a dor alheia.

— Griffin, Griffin — Vovó me chama do outro lado da sala, sua voz alta o bastante apenas para que eu a escute através da conversa dos meus primos sobre futebol americano. — Onde está o Theo? Eu fiz purê de batatas.

Ela não cozinhou purê de batatas, foi Rosie quem usou sua receita. E você realmente adorava aquela receita, apesar de que você gostava de batatas em geral. Nunca consegui entender como você era capaz de jantar purê de batatas com batata assada e batatas fritas e só uma maçã verde para acompanhar. Mas você adorava e fazia isso sempre.

— Theo não conseguiu vir, Vovó — respondo. — Vou avisar que ele perdeu o seu purê de batatas.

— Você vai avisá-lo? — Ricky pergunta. — Ah, mano.

— Nem pense — Rosie avisa.

Vovó está tentando me fazer uma pergunta, mas os primos mais novos estão silenciando-a. Os pequenos instigadores querem ver o circo pegar fogo. Quando tento me levantar, Papai me segura e me mantém no chão, enquanto Mamãe pega minha mão, apertando-a. Ricky funga.

— Ah, vamos lá. Ele namorou o cara por quanto tempo, um ano?

— Eu o conhecia havia sete anos — respondo entre os dentes e coçando muito a palma da minha mão, porque estou nervoso pela pessoa que ele está tentando despertar em mim.

— Você está obcecado. Supere esse cara e faça alguma coisa por si mesmo. — O tom de voz do Ricky nem sequer é hostil. É como se ele estivesse simplesmente afirmando, como se nós fôssemos amigos trocando conselhos.

Levanto, afastando a mão do meu pai, mas ele continua a me segurar.

— Não vou bater nele — minto, soltando-me do meu pai e da minha mãe. Ricky é seis anos mais velho que eu, e não estou dando a mínima. Sei que você não gosta que eu entre em brigas, e não é só porque *não sei* brigar, mas porque você não está aqui para me acalmar ou me conter.

— Você não entendeu, você não... — Viro-me para todos na sala, tentando encontrar alguém que entenda, mas não há ninguém que tenha passado por isso. — Tudo o que fiz por ele, fiz por mim também, porque vê-lo feliz me deixava feliz. Isso não é obsessão, seu idiota, isso é amor.

Ele está constrangido, suas bochechas ficam coradas. Rosie parece bastante envergonhada consigo mesma por ter criado esse babaca.

— Só que ele estava namorando outra pessoa — Ricky responde. — Supere. Ele superou você.

Theo, acho que você vai ganhar companhia, pena que não seja alguém que valha a pena.

Vou para cima do infeliz — e escuto minha mãe e Rosie arfarem de espanto, uma torcida animada entre os primos e gritos dos outros — e meu pai me segura antes que eu consiga evitá-lo, arrastando-me na direção da cozinha enquanto Ricky cai na risada.

— Vamos pra casa, Griffin, vai ficar tudo bem — Papai diz, sem me segurar porque estou furioso, mas, sim, me abraçando, porque estou chorando.



É seguro dizer que o próximo Dia de Ação de Graças vou passar em casa ou em qualquer universidade que aceite um cara que pretende passar o restante do último ano do ensino médio sem fazer nada.

Meus pais estão sentados diante da TV da sala comendo as sobras da ceia — será que conta como sobra se a comida não foi tocada uma única vez? — e eu estou de volta ao meu quarto. Estou estirado na cama quando o telefone toca. Esperava que fosse o Wade, mas é a sua mãe. A última vez em que ela me ligou foi para contar que você tinha morrido. Já são quase 23 horas, o que me deixa ainda mais nervoso ao atender.

— Alô?

— Oi. É a Ellen. Desculpe ligar tão tarde.

— Tudo bem. Como foi a sua... — Desisto de perguntar sobre a ceia. Provavelmente esse é um dos poucos pesadelos que ela pode tentar ignorar. — Como você está?

— É impossível, Griffin. Estou sempre... É ótimo ouvir a sua voz — ela diz. — Na verdade, eu já estava indo descansar, mas quis ligar para saber se posso te

dar o número do Jackson. Ele queria ligar pra você, mas achei que seria melhor você entrar em contato com ele se estiver disposto.

Quase pergunto por que Jackson quer falar comigo, mas acho que ela já perdeu bastante tempo como nossa mediadora.

— Tudo bem — digo. — Ele está acordado?

— Ele está bem acordado. No fuso horário da Costa Oeste — Ellen responde depois de uma longa pausa. Fico me perguntando se ela está apreensiva com o que pode acontecer se eu e Jackson conversarmos.

— Vou ligar para ele e deixar você descansar. Se houver algo com que eu possa ajudar, como tomar conta da Denise ou ir ao mercado pra você, pode contar comigo — digo.

— Obrigada, Griffin. Você é muito gentil. Aviso se precisar de algo. Tenha uma boa noite.

— Boa noite.

Desligo, e Ellen me manda por mensagem o contato do Jackson. Fico observando os sete números que se seguem ao código de área da Califórnia. Aperto *Chamar*, antes que a razão leve a melhor sobre a solidão. Este exato momento opera a mudança repentina entre a mesmice de sempre e uma tensão insuportável. Sento e aperto a mão no peito, contando os toques.

— Um, dois. Um, dois. Um, dois. Um, dois...

— Alô?

— ... Um, dois — termino. Ele atendeu durante um toque ímpar, não começamos bem. — É o Griffin.

— Oi — Jackson diz. Fica calado por um momento, posso ouvi-lo respirar. Respiros breves e baixos que você provavelmente já ouviu enquanto ele dormia. — Obrigado por ligar.

Meneio a cabeça como se ele pudesse me ver.

— Está tudo bem?

— Não — Jackson diz. — Não faz sentido fingir que está tudo bem. Sem querer pressionar, mas você vai fazer alguma coisa esta noite? Sei que é meio estranho. É, é estranho. Mas eu queria dar um pulo aí. Estou com vontade de sair de casa.

Se fosse apenas por mim, não sei ao certo como eu responderia esse convite. Só sei que você teria gostado que eu o aceitasse.

— Acho que o Theo gostaria disso — digo. E é verdade. Sei que, se Jackson e eu nos dermos bem, você vai ficar feliz, principalmente porque é algo que nunca conseguimos enquanto você estava vivo. Embora concordar com isso me deixe enjoado.

— Tem razão — Jackson diz. — Ele teria gostado.

— Posso encontrar você na casa do Theo. Me dê vinte minutos.

— Tudo bem. Vejo você daqui a pouco.

— Até logo. — Desligo.

Nossa conversa durou três minutos e dois segundos. Assim está melhor.

Eu me esforço para sair da cama. Talvez, conversar com Jackson resulte em algo bom. Ninguém me entende, Theo. A orientadora escolar garantiu que vou me recuperar com o tempo. Meu primo acha que sou jovem demais para estar apaixonado. Wade não sabe nada sobre apaixonar-se. Meus pais acharam que eu estava em condições de ir à ceia em vez de ficar na cama escondido debaixo das cobertas. Não sou idiota, sei que isso não é saudável. Mas eu e você tínhamos planos. Não contávamos com um mapa para alcançar o nosso destino, e o atalho que você tomou com Jackson me deixou muito perdido. Ainda assim, tive esperanças de que encontraríamos o caminho de volta um para o outro. E, então, você morreu e eu fiquei aqui perambulando completamente desorientado. Conversar com outro alguém perdido deve ajudar.

Coloco meu casaco azul-marinho por cima do seu moletom. Visto meus jeans escuros e as botas que você me deu de aniversário este ano, que já estão gastas e arranhadas — e me lembro da nossa piada interna sobre como é idiotice comprar botas em maio, quando o clima é mais amigável aos tênis. Apesar de sua ligação para me desejar feliz aniversário ter vindo só no dia seguinte, as botas chegaram no dia certo e são minhas preferidas. Obrigado de novo, Theo.

Meu pai está à beira de um cochilo quando eu atravesso a sala. Ele desperta quando me vê com o canto do olho. Minha mãe já está dormindo sobre o braço do sofá, com os pés entre as pernas do meu pai. Ele dá um tapinha no joelho dela.

— Estou dormindo — ela murmura. Põe um suéter em cima do rosto e desliga.

— Aonde você vai? — Papai pergunta. — São quase onze e meia.

— Vou me encontrar com... — Quase disse o seu nome. Sempre que eu ficava até tarde fora de casa nos fins de semana ou quando não tinha aula no dia seguinte, tudo o que precisava dizer aos meus pais era que estaria com você e problema resolvido. Mas me corrigi a tempo: — Jackson. Preciso sair um pouco. E ele também.

Papai retira a perna da Mamãe de cima do colo e se levanta do sofá, cobrindo-a com um cobertor.

— Ele ligou pra você?

— Ellen me deu o número dele, porque ele queria falar comigo, então eu liguei.

Percebo que ele está surpreso, se não preocupado.

- Quer que eu leve vocês de carro a algum lugar? Deve nevar hoje à noite.
- Estou com vontade de andar, pai. Tudo bem?
- Seu celular está carregado?

Respondo que sim.

Papai me abraça. Ele me faz prometer que vou ligar se quiser que ele vá me buscar e que vou atender se ele me telefonar. Sim, sim, sim, sim...

E você vai ver eu me encontrar com Jackson a sós. É incomum. Algo que só acontece uma vez na vida, assim como estar no telhado na companhia de suas duas pessoas favoritas para ver o cometa Halley cruzar o céu. Só que você dificilmente conseguiria ver eu e Jackson no mesmo lugar, mesmo que fosse para a passagem de um cometa.

Em vez disso, vou caminhar pelas ruas da nossa cidade com alguém que não é você, alguém que também se apaixonou por você. Esse não é o melhor dos mundos para alguém que ficou dividido entre dois garotos?

HISTÓRIA

SEXTA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 2014

Não faço ideia de por que a orientadora escolar quer que eu me encontre com o Theo no fim do dia. No intervalo das aulas, cruzei com Wade e ele também não sabe. Ele deu de ombros e disse que mais tarde descobriremos o que é, mas não saber faz com que eu me sinta diminuído. Theo está feliz, certo?

É muito difícil fingir interesse na aula de geociências do sétimo período. Preciso saber a diferença entre rochas ígneas, sedimentares e metamórficas para as provas orais semanais e os simulados, mas juro que consegui prestar atenção a no máximo dois por cento da aula desta tarde. Estava ansioso demais pelas notícias do Theo. Assim que soa o sinal do fim da aula, desisto de ir até o meu armário para ir direto ao do Theo e sinto alívio por vê-lo ali.

— Oi — digo, beijando-o no rosto. Todo mundo sabe que estamos namorando e isso não é nada de mais. Vários dos nossos colegas do segundo e do terceiro ano do ensino médio já achavam que estávamos namorando quando ainda éramos apenas amigos, e os do primeiro ano descobriram isso bem rápido, porque Theo e eu chegamos à escola quase todos os dias de mãos dadas. Tem sido bem legal que nossos diretores nem liguem pra isso.

— O que aconteceu? Nós não vamos esperar pelo Wade?

— Com certeza não — Theo diz, sorrindo. — Desculpe o suspense.

— Estou tranquilo — brinco, afrouxando minha gravata.

— Certo. — Theo para de encher sua mochila e se escora no armário. Do lado de dentro, há uma foto de nós dois colada com um adesivo do Tetris. — A orientadora vocacional me ligou para conversarmos sobre minha admissão antecipada na universidade. Alerta de *spoiler*: Tenho notas matadoras no quadro. Estou até deixando pra trás uns alunos do quarto ano nas aulas preparatórias para os exames. A sra. Haft até me chamou de *wunderkind* e precisei me segurar para não pedi-la em casamento naquele mesmo instante.

— Uau. E, hã, o que precisa acontecer pra você passar?

— Querem que eu escreva uma dissertação até o dia primeiro de novembro para enviar às universidades — Theo explica. — A sra. Haft acha que eu devo tentar Harvard, mas estou mesmo interessado no programa de animação da Santa

Monica College. Preciso conversar com meus pais sobre como estão as finanças deles. Cara, a esta altura, no próximo semestre, eu posso estar na Califórnia! — Ele fecha os olhos enquanto encosta a cabeça no armário, sorrindo, quase perdido nesse sonho em que ele está livre de mim. — Não é maravilhoso?

Não quero que meu rosto me traia, então o abraço antes que ele abra os olhos.

— Você merece isso, Theo. Vou ajudar como puder. — Para o nosso bem, espero que essa oferta não seja vazia.

No entanto, estou assustado. A possibilidade do Theo se mudar para o outro lado do país dá a sensação de que esse pode ser o começo do fim. Eu já andava nervoso de pensar sobre o que aconteceria quando eu estivesse no quarto ano e ele fosse para a universidade. Agora existe uma chance de ele ficar dois anos à minha frente. Isso não parece promissor e não consigo espantar esses sentimentos paranoicos da minha cabeça.

Afasto-me e vejo que ele está sorrindo. O rosto dele se ilumina do mesmo modo como acontece quando ele vê o trailer de um filme ao qual está entusiasmado para assistir. Ele já tem uma prévia em mente e mal pode esperar para conferir se as coisas vão ser como ele está sonhando.

Sorrio para ele. Mas é mentira, não estou feliz.

HOJE

QUINTA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO DE 2016

Agora seria um bom momento para me refugiar no nosso *bunker* à prova de apocalipse zumbi-pirata, porque o fim do mundo chegou. Estou indo até sua casa para me encontrar com a pessoa que roubou você de mim.

Não odeio Jackson, Theo. Mas também não preciso ser amigo dele. A única razão para eu ter sido amigável quando o encontrei foi porque não podia ser um babaca. Eu nem sequer podia transparecer que estava contra ele ou que queria sabotar o relacionamento de vocês. Quando finalmente nos reencontrássemos, você veria que meu amor por você era mais importante, até mesmo do que a minha felicidade. Mas agora — por mais frágil e patético que pareça — Jackson é a pessoa para quem estou me voltando. Não sou forte o bastante para sofrer sozinho.

Está congelante e o ar frio fere meu pescoço, minhas orelhas e minhas mãos quando pego o celular para mandar uma mensagem ao Jackson: *Estou a duas músicas de distância*. Apago esse texto e, no lugar, envio: *Estou a uns seis minutos daí*.

Jackson não teria entendido a primeira mensagem, eu só a enviaria a você. Não o estou confundindo com você, mas estou fazendo o caminho de sempre até o seu quarteirão. No tempo que levo para enfrentar o vento, passar pelo supermercado com bicicletas acorrentadas nos parquímetros, pela locadora de carros, pela padaria com aroma de geleia e pelo *pet shop* de luzes apagadas, ouço “Love Minus Zero/No Limit”, do Bob Dylan, duas vezes. Você sabia como medir a distância em músicas, mas Jackson não sabe.

Este quarteirão é um lugar cheio de memórias, e sua força repentina é quase insuportável. O trecho da rua em frente aos correios onde você quase foi atropelado, quebrando a sua promessa de nunca morrer; a escada do seu vizinho, onde nos sentamos e choramos depois de terminarmos, limpando nossas lágrimas com as mangas da blusa e as mãos um do outro; o degrau que leva ao lobby do seu prédio, do qual você sempre esquecia e que chutou com o dedão pelo menos duas vezes; a calçada onde jogamos *frisbee*, esperando que o carteiro trouxesse sua carta de aprovação da universidade; as várias vezes em que

ficamos trancados do lado de fora, em especial na semana em que descobrimos o sexo e não conseguimos entrar no seu apartamento vazio; e depois que você se mudou para a Califórnia, às vezes eu me via em frente ao seu interfone, cheio de saudades, desejando apertar o botão do apartamento 2B e intimar você a descer até aqui e se jogar nos meus braços.

Não vou subir as escadas ou nunca mais conseguiria sair dali. Nem sequer consigo entrar no lobby.

Mando uma mensagem para Jackson. *Estou aqui embaixo. E com frio.*

Em dois minutos, Jackson vem correndo até a entrada, colocando um agasalho por cima de uma jaqueta mais leve. Talvez, ele use aquela jaqueta nos dias de chuva sobrenaturais na Califórnia, dias em que ele para o carro na estrada para garotos incríveis como você.

Isso não foi proposital. Preciso daquela mordança. Conheço o procedimento, Theo.

— Oi — digo, com o aceno de cabeça que diz “e aí?”. Jackson está a um passo de mim, já tremendo de frio e eu quase me inclino para um meio abraço, mas retrocedo a tempo.

— Oi. — Jackson fecha o zíper do casaco e afunda um chapéu na cabeça, com um pouco do cabelo escapando pelos lados. — Desculpe, não consegui encontrar a minha outra luva. — Ele calça uma luva e enfia a outra mão nua no bolso do casaco.

Eu teria dado uma rasteira em você, caso voltasse para Nova Iorque com essa atitude de quem amarela diante do frio.

— Para onde vamos? — ele pergunta.

— Não sei bem — digo. — Vem comigo.

Por um tempo, não registro nada além dos carros buzinando, do chapinhar dos passos na neve derretida, dos ocasionais pedestres com seus celulares. Olho para a minha direita e vejo que Jackson está logo atrás, ao lado da minha sombra projetada pela luz dos prédios. Ele se vira e anda de ré para se proteger do vento. Mudo de posição, da minha esquerda virado de frente para a esquerda dele virado de costas. Mas, então, ele se vira de novo e eu volto à posição anterior enquanto ele segura o cachecol diante do rosto. Tenho certeza de que deixei você tonto com essa dança, Theo, mas Jackson não faz ideia do que está acontecendo aqui.

Viramos uma esquina, onde ficamos mais protegidos da forte ventania.

— Como foi a ceia? — pergunto. Percebo que ouvir isso dele não vai ser nem de longe doloroso como seria ouvir da Ellen ou do Russel, ou, ainda pior, da Denise.

— Não muito boa — Jackson responde. — Eles não queriam se sentar à mesa.

Então ficamos na sala e pedimos comida chinesa. Denise ligou no Disney Channel, mas acho que ela nem assistiu. Me ofereci para assar bolo de milho ou brownies, mas ninguém se interessou.

— Denise não quis ajudar a cozinhar?

— Não — ele diz.

É ainda pior do que eu imaginava.

Jackson para diante de um restaurante fechado, depois acelera de novo, ficando um pouco à minha frente como se fizesse alguma ideia de para onde estamos indo. Caminho rápido e o alcanço, e, levando em consideração o comprimento das nossas pernas, que são igualmente longas, é uma boa corrida, mas eu venço. É ótima a sensação de ganhar dele.

— Eu não deveria ter passado esta noite lá — ele diz. — Não é o meu lugar.

Não, não é. Ele é como aquela peça em formato de W do quebra-cabeça de mapa celeste sobre a qual você e eu discutimos, aquela que eu vivia tentando inserir no lugar errado apesar da sua insistência. No quebra-cabeça da sua casa não há um espaço destinado ao Jackson.

— Eu me sinto culpado por Theo ter passado seu último Dia de Ação de Graças comigo.

Sim, ele *deve* sentir-se culpado. Se você ao menos soubesse que aquele seria o seu último Dia de Ação de Graças, sei que teria vindo para casa, mesmo que isso significasse trazer Jackson consigo, como se fosse uma mala repleta de videogames novos — que você jogaria por um tempo antes de seu interesse desaparecer, porque você acabaria sentindo saudade dos clássicos.

Você e eu sempre fomos bons em nos desapegar, principalmente das coisas que estão fora do nosso controle. Eu poderia atirar algumas memórias na direção dele para provar isso, mas estou apenas acumulando-as.

Lembro a mim mesmo que o fato de uma pessoa ser clemente não faz com que seja fácil pedir desculpas. Lembre-se disso, Theo.

— Não há nada que você possa fazer agora — digo, depois de um minuto.

Encolho-me diante de uma nova rajada de ar congelante e neve no meu rosto. Escondo as mãos dentro das mangas, cruzando os braços sobre o peito para manter o casaco preso. Paro de caminhar quando Jackson sai do meu campo de visão. Ele enfia a mão com a luva no bolso e estende a mão nua aberta diante de si. Parece meio idiota de início, mas me lembro de fazer igual quando eu era criança. Esta deve ser a primeira nevasca do Jackson e ele sorri quando consegue pegar os flocos de neve. Ele fecha a mão, amassando a neve, depois a limpa na calça e vem na minha direção.

— Posso contar pra você uma história do Theo? — Jackson pergunta. Ele diz isso com a urgência de quem passou o dia inteiro enfurnado dentro de casa e

morrendo de vontade de interagir com alguém; entendo essa urgência.

Uma parte de mim quer dizer *sim*, a outra parte está gritando *não*, *nem pensar*!

— Não quero que a situação seja esquisita, Griffin — Jackson diz. — A gente deveria conseguir conversar sobre o Theo. Se isso for loucura ou impossível, podemos ir cada um para o seu lado e nunca mais voltarmos a nos ver. Tenho certeza de que todo mundo acha mesmo que isso vai acontecer. — Ele parece um pouco triste enquanto diz isso. Também está totalmente certo. — Mas acho que nós podemos ser melhores do que isso.

É verdade. Sei que é. É por isso que estou aqui no frio congelante em uma noite de Ação de Graças. Você iria querer que mantivéssemos a sua memória viva. Pensei que não haveria uma chance de essa pessoa — a mesma que pediu para você parar de ser meu amigo — sugerir fazer amizade comigo. Não sei se aguento ouvir sobre a felicidade de vocês dois, mas talvez isso me ajude a entender você melhor. Talvez, me ajude a montar algumas peças do quebra-cabeça da sua vida. Hora de fazer o teste.

— Qual é a sua história do Theo?

Jackson se agacha, pegando um punhado de neve para fazer uma bola — talvez sua primeira bola de neve, mas não sei, porque há neve no chão desde o dia do seu funeral — que ele atira na parede.

— Theo ficou chocado quando contei que nunca havia tocado em neve antes. É meio que uma mentira, porque existe uma foto de mim quando criança fazendo um anjo na neve em frente à ponte do Brooklyn, mas, na verdade, eu não me lembro de nada disso. Theo estava torcendo para nevar quando viéssemos aqui no aniversário dele, só para poder me ver... — Ele se interrompe.

— Para poder testemunhar sua primeira nevasca — digo.

Entendi. É igual àquele fim de semana quando você me apresentou à trilogia original de Star Wars. Assistir às batalhas dos Jedis foi divertido, e me imaginar usando um sabre de luz duplo também foi o máximo, mas meu momento favorito com certeza foi quando vi o sorriso em seu rosto enquanto você apertava o play no seu laptop.

Você se virou para mim como se eu devesse ter uma opinião formada quando tudo o que eu havia visto eram palavras amarelas na tela me soterrando de informação.

E é nesse ponto que tudo complica. A história do Jackson machuca, mas é só porque já experimentei essa mesma felicidade antes.

— Vem comigo — digo. Agora sei aonde vamos. Levo-o na direção do Lincoln Center. Tenho minha própria história a compartilhar.

Quando você estava aqui comigo, fazendo esta mesma caminhada, andávamos

de mãos dadas como se ninguém fosse achar estranho. Andávamos devagar para aproveitar o máximo de tempo possível longe da supervisão dos nossos pais, mesmo quando nossas meias estavam molhadas e os dedos dos nossos pés ficavam gelados. Com Jackson, me apresso. Logo chegamos à entrada e caminhamos pelos degraus amplos e iluminados. A praça elegante com suas colunas e os enormes cartazes promovendo o último espetáculo de balé sempre me lembrou o cenário de um romance de fantasia — disse isso a você na primeira vez que viemos aqui como um casal.

Gravito na direção da Fonte Revson. Sempre a chamei de “A Grande Fonte”, isso antes que você me contasse as particularidades dela. Os jatos de água que cintilam na escuridão não me trazem a mesma alegria de antes.

— Vou me antecipar e dizer que acho que você e o Theo vinham aqui fazer desejos — Jackson comenta.

Por um breve instante, esqueci que Jackson está aqui. Estou prestes a chorar diante dele. Estremeço, mas não é de frio, e me afasto. Ele não é uma pessoa de quem eu desejaria um abraço.

— Sim, fizemos desejos. E tudo isso era uma besteira. — Dou as costas à fonte. — Olha, tem um monte de moedas aqui. As pessoas realmente pensavam que esses trocados pudessem comprar coisas, como riquezas de verdade ou o que for. Somos todos cretinos.

Jackson observa as águas.

— Sempre achei que fosse mais uma religião do que uma fantasia — ele diz. — Se ignorar os que estão lançando moedas para ganhar mais dinheiro, todos os outros estão rezando. Atirar uma moeda na fonte é só um pouco menos frustrante do que rezar em alguma igreja. Se você vai direto à casa do Chefe, você espera que isso dê algum resultado.

Viro-me para ele.

— Pergunta: como raios você consegue acreditar em Deus? Depois do que aconteceu com o Theo?

Jackson dá de ombros.

— Não passo o domingo na igreja, mas sempre gostei da ideia de que há planos maiores. Eu tinha grandes planos com o Theo... e agora não tenho mais. Deve haver algo que se possa tirar disso. Me recuso a acreditar que a morte dele foi sem razão.

— Theo não morreu para que você pudesse aprender alguma grande lição da vida. — Sinto meu rosto esquentar.

Jackson se aproxima de mim e dou para trás porque estou tremendo ainda mais e ele deve estar nervoso por estar sozinho comigo.

— Não é isso que quero dizer, Griffin. Isso seria um desperdício terrível. Eu

sei disso, e você sabe. Mas não vou ignorar Deus porque estou furioso com a morte do Theo. Ele acreditava em Deus.

— Não preciso que você me diga em que o Theo acreditava — eu retruco. Sinto muito, Theo. Eu deveria me desculpar com ele e não apenas com você. — Desculpe, eu... eu estou em um momento ruim e... — Não entendo por que ele procuraria conversar com Deus para se consolar quando poderia conversar com você. — Eu deveria saber disso, mas estar de volta aqui sem o Theo é uma droga.

— É. E essa é uma das razões pelas quais não estou animado para voltar pra casa. — Jackson se vira para a fonte. — Sei que é um tabu contar isso, mas qual foi o desejo que você fez?

— Sei que você está mais interessado no que o Theo desejou — eu digo.

— Mas isso exigiria uma ressurreição — Jackson responde.

— Acho que não é *tão* tabu assim contar — digo. Alguns dos meus desejos também precisariam de uma ressurreição para se realizar.

Conto ao Jackson sobre algumas coisas que desejei, como a saúde da sua mãe quando ela teve aquele susto com o câncer de mama. E como desejei tanto que você conseguisse uma bolsa de estudos, para que seus pais tivessem dinheiro para trazê-lo de volta a Nova Iorque sempre que você sentisse saudades de casa.

Porém, não conto ao Jackson sobre outros desejos que fiz, como no último Réveillon, quando chorei até ficar sem fôlego porque desejei que você me ligasse à meia-noite e dissesse que sentia minha falta, que me amava e que voltaria para mim em breve.

— Isso foi muito gentil da sua parte — Jackson comenta. — Altruísta.

— Eu só desejei o que fosse o melhor para ele — digo. Não sei bem se eu acredito que era a melhor pessoa para estar com você, Theo, mas eu realmente acho que era melhor do que Jackson.

Jackson vasculha os bolsos do casaco, puxa um punhado de moedas, fecha os olhos, sua boca esboça algum desejo e ele arremessa todas as moedas na fonte.

Não vou perguntar o que ele desejou.

Ele se coloca ao meu lado, com os sapatos derrapando na neve, enquanto esfrega os braços.

— Está frio — ele diz.

Eu mesmo não sei se sobrevivo a mais um minuto disto. Estou prestes a encerrar o passeio, mas também não tenho motivos para ansiar ficar sozinho no meu quarto.

— E também está tarde. Se você quiser, pode vir à minha casa pra gente conversar um pouco.

— Você não precisa fazer isso. Talvez tenha um café aberto?

— Meu pai está acordado e ele vai ficar bem mais tranquilo para ir dormir se eu estiver em casa — explico. — Mas, se você achar estranho, tudo bem.

— Não, eu quero continuar conversando. Vamos. Mas talvez a gente deva pegar um táxi? Não sei se sobrevivo a uma caminhada.

Eu podia dar uma dura nesse seu garoto da Costa Oeste pela falta de valentia, mas a esta altura ir de carro parece uma boa. Seguimos pela calçada em direção aos bairros, no sentido da minha casa, enquanto esperamos por um táxi vazio na calçada da noite. Depois de um tempo, finalmente um carro para ao nosso lado. Jackson entra primeiro, aquecendo-se no banco atrás do motorista — naquele que seria o meu lado esquerdo se eu sentasse. Penso em me sentar do lado direito e manter o corpo em um ângulo que me deixe de frente para Jackson, mas já estou coçando a palma da mão, então corro para o outro lado do carro e abro a porta.

— Vou roubar o seu assento — digo a ele.

Ele se desloca para a direita e eu entro. Se está confuso ou incomodado, não demonstra. O que você contou a ele sobre mim, Theo? Ele sabe do meu Transtorno Obsessivo-Compulsivo? Jackson fecha a porta do lado dele e eu faço o mesmo com a minha. Dou ao motorista o meu endereço e chegamos lá em oito minutos. Pago em dinheiro e saímos correndo para o meu prédio.

Foi em 2011 que você veio até minha casa pela primeira vez. Seus pais iam passar o dia com Denise, fazendo compras para o aniversário dela. Eles não queriam você em casa sozinho. Então, ligaram para os meus pais e eu fiquei muito animado quando Papai me contou que você viria passar umas horas aqui, porque estávamos naquela fase estranha em que era mais difícil nos encontrarmos, porque estávamos nas férias de verão. Você trouxe um quebra-cabeça: um castelo medieval, e havia também um filme dos X-Men passando ao fundo. Enquanto montávamos, fizemos planos para nos vermos novamente — levando em consideração que meus pais me aceitassem andando por aí com você, claro — e pude perceber o quanto você sentia minha falta também, e isso foi legal, mesmo que nunca tenhamos dito em voz alta.

Mas trazer Jackson em casa é algo completamente diferente.

O exterior do meu prédio parece um pouco sofisticado, mas, quando entramos, não posso deixar de notar algumas coisas nas quais nunca prestei atenção: a falta de porteiro; a pintura lascada nas grades azuis-escuras; as manchas de impressões digitais nos botões do elevador, sem nenhum funcionário contratado pelo zelador para limpá-los diariamente; a mancha amarelada no corredor. Espero que o Jackson não veja. Isso é idiotice porque sei que frequento uma escola particular e ganho mesadas fartas todo mês, mas detesto pensar que Jackson vai comparar a beleza do seu prédio com a do meu e tenho certeza que

em tudo você era superior a alguém como eu.

Chegamos à minha porta. Jackson se escora à parede. Abro a porta e espio o interior do apartamento; vejo meu pai e minha mãe dormindo no sofá, com a TV ainda ligada. Vai ser difícil conversar com Jackson na sala com eles ali. Então entramos nas pontas dos pés e vamos direto para o meu quarto. Jackson fecha a porta atrás de nós.

— Juro que meus pais têm um quarto só pra eles — digo. — Minha mãe gosta de dormir no sofá de vez em quando.

Jackson não responde. Ele estuda o meu quarto, começando pelas fotos emolduradas que tenho de você acima da cama. Lá fora, as histórias suas com ele podem me alfinetar e me apunhalar. Mas aqui no meu quarto, onde as memórias sobre você saltam da cama, das prateleiras, das paredes e da escrivaninha, estamos no meu território. Posso usar nossa história como uma arma se eu quiser. Só que não quero. Não vou usar sua morte para machucá-lo, especialmente não com você nos observando.

Não consigo encará-lo.

Jackson se aproxima da minha cama, pairando sobre as fotos antes de finalmente pegar aquela em que você sorri para mim sentado no banco.

— Qual era a ocasião? — ele pergunta em voz baixa.

— O aniversário de casamento dos meus pais, em abril retrasado — respondo. — Eles estão juntos desde os dezessete anos, acho. Não sei. Meu pai diz que é desde os dezesseis e minha mãe diz que é desde os dezessete, mas acho que eles estão contando aniversários diferentes, se você entende o que eu digo.

Eu não deveria olhar a foto ao mesmo tempo que Jackson, porque, talvez, eu comece a chorar, mas sinto saudades de ver o seu sorriso além das minhas lembranças, então acompanho o olhar dele.

— Aquela foi uma tarde fria.

— Seus pais têm um bom casamento?

— Sim, eles estão muito bem. Às vezes, fico confuso quando entro em algum cômodo e eles estão lá rindo e conversando. Achei que a esta altura eles já teriam dito um ao outro tudo o que há para se dizer, sabe? Mas não. Eles nunca calam a boca, e eu adoro isso.

Apenas então percebo que ele me perguntou isso por causa de seus próprios pais.

Jackson se senta na cadeira da escrivaninha, encolhendo os ombros dentro do casaco largo. Ele olha para mim, claramente desanimado, depois volta a observar a foto do aniversário de casamento.

— Não vou nem fingir que você não teve os mesmos sonhos que eu. Sei que você amava o Theo desse jeito também.

Amava? Eu o amo, este amor não é no pretérito imperfeito.

Ele não espera pela minha resposta e continua: — Mas ninguém me leva a sério, como se eu não tivesse permissão para estar arrasado pelo Theo e pelo amor, porque não tenho nem idade para beber. Meu pai teve coragem de me dizer que eu tenho o resto da vida para me apaixonar de novo.

— Acho que você precisa esquecer de visitá-lo em alguns fins de semana quando voltar pra casa.

Jackson faz uma careta de sarcasmo.

— Ele não vai notar ou não vai se importar. Ele trabalha para uma companhia aérea, então vai ganhar fins de semana livres para ficar em outras cidades ou sair para conhecer mulheres nos bares ou... desculpe, acho melhor eu calar a boca.

Não sei bem por que ele está se desculpando, mas ele sempre está pedindo desculpas por alguma coisa, não é? Agora ele está me fitando.

— Você também se sente derrotado? Isso me lembra aquela corrida em que eu estava vencendo e caí, estourei o joelho e perdi todas as coisas pelas quais eu corria.

Espero que ele não esteja insinuando que achava que venceria a disputa por você. Se há um momento em que ele realmente deveria pedir desculpas é agora.

— Eu estava nessa mesma corrida, Jackson. E você não estava vencendo.

— Eu não estava falando sobre você, juro. Nunca me achei bom o bastante para ganhar um cara como o Theo. É o que quis dizer sobre estar vencendo — Jackson diz.

Evito os olhos dele.

— Desculpe.

— Eu entendo. Você e o Theo cresceram juntos e foram a primeira vez um do outro em praticamente tudo. Mas você entende que eu também o amava, não é? E ele também me amava, apesar de eu ter dificuldades de acreditar nisso por causa de você. Não sei por que isso importa tanto para mim, mas gostaria que você não tentasse apagar o que ele e eu tivemos, principalmente porque todo casal precisa começar em algum lugar. Você apenas veio antes.

Acho que eu deveria dizer algo agora. Mas não consigo.

— Está furioso, não é? Olhe, fale comigo. Sempre que o Theo e eu discordávamos sobre alguma coisa, resolvíamos imediatamente. Se deixássemos pra lá, acabaria de um jeito muito pior e desnecessário. Por favor, fale comigo, Griffin — Jackson diz.

Calar a boca e desligar são as coisas que melhor sei fazer durante um confronto.

Você costumava apontar essa falha em mim. Ainda assim, estou resistindo muito mais do que de costume para não dizer algo imperdoável. É o *seu* perdão

que eu quero. Prometi ser melhor em calar a boca a respeito dos meus problemas com você quando estivéssemos juntos, especialmente depois que você me contou como conversar sobre as coisas estava funcionando para você e o Jackson. Não é que eu não quisesse resolver certas questões, apenas não queria fazer isso no calor do momento quando havia chances de dizer algo mal pensado, que pudesse magoar.

Porém, você também teve desentendimentos com Jackson.

Nos primeiros meses do seu relacionamento, você se voltava para mim sempre que brigava com Jackson. Ele não gostava do fato de sermos tão próximos, nem de você não tê-lo deixado me tirar da sua vida. E, já que eu não podia falar mal do Jackson, era obrigado a aconselhar você a dar tempo ao tempo, que tudo se resolveria. E sem falta, sempre que você me ligava, eu esperava que fosse para me contar que você e Jackson tinham terminado e que não havia sido por causa das brigas, mas porque você ainda me amava e sentia falta de mim. E, sem falta, sempre que você ligava, era para dizer: “Nós demos um jeito de resolver a situação, como você disse. Obrigado por me ouvir, Griff”.

Sento na cama e não faço ideia do que dizer agora.

Jackson se levanta, fechando o zíper da jaqueta.

— Vou indo agora. — Ele caminha em direção à porta do meu quarto. — Desculpe por ter aborrecido você com tudo isso.

Ele para e lança um olhar desapontado na minha direção, não muito diferente daquele que eu costumava ver no seu rosto quando eu ficava enfurnado na minha zona de silêncio.

— Desculpe por ter tentado, Griffin. Eu realmente pensei que você fosse entender.

Quer eu goste ou não, preciso falar. Jackson também tem uma história com você. Tenho certeza de que vocês dois também tiveram piadas internas, lugares favoritos, fotografias que podem me magoar, mas, mesmo assim, valeria a pena olhar apenas para ver seu rosto novamente, histórias que podem me apresentar à pessoa que você era na Califórnia. Existe uma faceta sua que eu nunca vi. Jackson não só a conhecia como o amava por causa dela.

— Não vá — eu peço. — Você tem razão. A gente ama o mesmo cara, e isso é estranho, e ele iria querer que a gente conversasse de todo jeito, mesmo sobre as coisas que eu não quero ouvir ou as que eu preferiria guardar só para mim.

Levanto da cama e vou até meu guarda-roupa. Tiro de lá o colchão inflável, aquele que meus pais nunca me pediram para usar quando você passava a noite aqui.

— Você deveria ficar. Está bizarro lá fora. Talvez, a gente possa continuar a conversar amanhã de manhã.

Ele hesita.

— Tem certeza?

Desenrolo o colchão inflável no lado oposto do quarto, longe da minha cama.

— Tenho, tudo bem. — Puxo o carregador do celular da tomada e o jogo na minha cama, depois conecto a bomba de ar. Ela é barulhenta e pode acordar os meus pais, mas não há como evitar. Faltam quinze minutos para a uma da manhã, e estou pronto para desmaiar depois de ouvir sua mensagem de voz.

— Obrigado, Griffin — ele diz.

— Sem problema. Posso arrumar algo pra você vestir. — Por hábito, abro a sua gaveta. Fico paralisado por um segundo observando suas quatro camisetas e dois pares de pijama, um short de ginástica, apesar de você detestar exercícios, meias, um macacão do Monopoly, que você trouxe de brincadeira, e um moletom com capuz. Jamais vou deixar Jackson vestir suas roupas. Fecho sua gaveta e abro uma das minhas, jogando sobre o colchão de ar uma camisa de mangas compridas que ficou pequena para mim e um pijama.

— Quer um pouco de água?

— Sim, se não for incomodar. Obrigado.

Saio do quarto, faço xixi, escovo os dentes, vou até a cozinha na ponta dos pés buscar dois copos d'água e volto para o quarto, onde encontro Jackson já usando minhas roupas. Ofereço um copo a ele.

Ainda estou surpreso com a presença dele — desse cara com quem eu não queria nenhum contato — e com o fato de que ele vai passar a noite neste quarto, onde fiz tudo com você; onde dormimos e transamos, jogamos videogame e montamos quebra-cabeças, brigamos e trocamos beijos desajeitados, cantamos mal no karaokê e dançamos lentamente e sem música; este lugar em que éramos nós mesmos e também um do outro, com tantas coisas nesse ínterim e tudo mais.

Pego um edredom para ele no guarda-roupa e um travesseiro da minha cama. São coisas minhas, nenhuma que você tenha usado; essas ficam comigo. Fiquei com três travesseiros, então dou para ele um segundo sem explicar o porquê.

— Estou desmaiando — digo, apagando as luzes. Jackson é atingido por uma nesga de luar. — O banheiro é do lado esquerdo do meu quarto, caso você precise.

— Obrigado — Jackson sussurra, como se eu já estivesse dormindo. — Boa noite.

Caio na cama, ainda usando os jeans e o seu moletom, e viro de costas para ele. Abraço o seu travesseiro de encontro ao meu peito e descanso o rosto no lugar onde você costumava descansar o seu. Meu telefone está quase sem bateria, mas conecto os fones e aperto o play para ouvir sua mensagem de voz de novo e de novo.

No meio da quarta repetição, Jackson me chama: — Griffin? Desculpe, Griffin, você está acordado?

— Sim? — Olho para a parede.

— Obrigado por me dar essa chance. Agora eu entendo por que o Theo não parava de falar sobre você.

Não respondo. Mas retiro os fones. Afundo a cabeça no travesseiro, fechando os olhos, e faço de tudo para pegar no sono, mas não consigo porque estou puxando minha orelha e com vontade de chorar. Você me manteve vivo enquanto estivemos distantes. Prometo que sempre farei o mesmo por você.



O choro do Jackson me faz acordar. Ele está tentando reprimi-lo, mas simplesmente escapa. Ele está como eu nos últimos dias, do mesmo modo como me entreguei ao luto, mas tentando garantir que não chamaria a atenção dos outros, que pensam que palavras vão fazer com que eu me sinta melhor. Não posso me virar, porque se a cama ranger, ele vai descobrir que estou acordado. Não sei como consolar esse estranho.

Jackson, assim como eu, ama você. E, assim como eu, ele está preso neste universo sem você. Sei o que você diria: existem infinitos universos alternativos. Será que há algum em que você tenha decidido observar o Jackson do além vida? Não, isso está errado. Até Jackson disse que você estava sempre falando sobre mim. Recuso-me a acreditar que vivo em um universo em que você não está comigo nem na morte. Recuso-me a acreditar que você está sofrendo por ele agora, enquanto ele chora, e, se ajustar o seu telescópio um pouco para a esquerda, você me verá totalmente acordado sem fazer nada para consolá-lo. Você deve achar que sou o pior ser humano que existe e eu juro que não sou.

Cometi alguns erros, claro, e, se você já olhou meu histórico, sinto muito, mas não posso voltar no tempo e desfazê-los. Você vai ter que me perdoar.

Isto é, se você estiver neste universo nos observando, Theo.

HISTÓRIA

SEXTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 2014

O quebra-cabeça de casa mal-assombrada que estou montando com Wade no chão do quarto do Theo está indo bem. Não tenho certeza se isto é bom ou ruim. É um quebra-cabeça de duzentas peças no qual estamos investindo nosso tempo em vez de aproveitar as festas de Halloween como todo mundo faz.

Wade levanta o rosto, segurando a peça necessária para coroar o rei fantasma, batendo-a nas janelas estilhaçadas da mansão. Ele está fantasiado de Doctor Who.

— Ei, Theo? Dá pra ir logo com isso? — ele pergunta. — Você sabe com que frequência o Halloween cai numa sexta-feira?

— Mais do que cai em uma sexta-feira treze — Theo responde sem vacilar. Ele ainda nem terminou de se vestir. Está no computador, refazendo sua dissertação para a entrada na universidade.

— Eu tinha onze anos quando disse isso — eu gemo. — Vê se desapega.

Amo o Theo, mas também amo o Halloween. Há uma festa no Brooklyn com máquinas de fazer nevoeiro, karaokê, DJ e, principalmente, um concurso de fantasias do qual estamos todos querendo participar, mas Theo precisa entregar sua dissertação até a meia-noite. Ele ia enviá-la às 19 horas, até que cometeu o terrível erro de lê-la de novo. Acabou que ele já não acredita nas coisas que escreveu durante o último mês e, agora, às 21:45 — um minuto ímpar —, ainda estamos neste quarto sem névoa, sem karaokê e sem DJ.

Pelo menos, temos fantasias. Ninguém aqui é fã de verdade do Doctor Who. Mas Wade está usando esse paletó de tweed, gravata borboleta vermelha, um chapéu fedora no mesmo tom e carregando uma bengala que parece uma varinha — tudo porque Shania, a organizadora da festa e último *crush* do Wade, é uma grande fã de Doctor Who. Wade também está apostando um dólar com Theo para cada vez que alguém chamá-lo de “Doctor Who negro”.

E é claro que Theo e eu estamos com as melhores fantasias que o universo já viu: zumbis-piratas. É uma homenagem ao nosso relacionamento, óbvio, mas também é só pela diversão e pelo besteiro. Esta noite sou Griffy, o marujo, que foi morto pelo Theo Caolho, o Sanguinário — só que Theo ainda não tem sequer

uma gota de sangue falso em cima dele que não tenha vindo dos meus abraços.

— Quanto tempo mais você precisa? — Wade pergunta. — Tenho certeza que sua dissertação está boa.

— Se eu estivesse tentando deixá-la “boa” já estaríamos na festa há uma semana — Theo responde, girando diante do laptop para olhar para nós. — Tudo pode mudar se eu acertar tudo aqui, certo?

Ele raramente fica tão estressado. Aos olhos dele, são pouquíssimas as emergências pelas quais vale a pena surtar.

— Eu teria que ser muito burro para achar que sou o cara mais inteligente por aí. Tem muitos candidatos mais qualificados que eu e não posso depender de eles se darem mal com suas dissertações para pegar essa vaga. Eu preciso ser o melhor. — Ele esconde o rosto entre as mãos. — Desculpem. Talvez, seja melhor vocês irem sem mim.

Wade olha para mim, perguntando em silêncio se devemos sair.

— Vai na frente — digo a ele. — Boa sorte com a Shania.

— Boa sorte com a dissertação, Theo — Wade diz. — Depois eu mando a conta do Doctor Who negro.

Assim que ele sai, me ajoelho diante do Theo, segurando as mãos dele entre as minhas. Vejo que os olhos dele estão vermelhos. E os meus se arregalam.

— O que foi?

Nunca vi Theo tão perto de chorar.

— São as mudanças, Griff. Agora tenho em mente que vou estar na universidade no ano que vem. Sei que nem tudo vai ser bom se eu for aceito. Vai ser daqui a um ano e eu já sei que vou sentir muitas saudades suas.

Theo desaba no chão comigo, coloca meus braços ao redor dos seus ombros e descansa o rosto no meu peito.

— Sabe que eu amo você.

— Amo você também.

— Amo a ideia da universidade também. Espero que isso não nos separe. Sempre pensei que o ensino médio era tipo um jogo com notas que não tinham nenhuma importância, mas eu estava errado. As pessoas certas estão prestando atenção. Em algum universo alternativo, em que eu não fui o primeiro da classe, provavelmente teria sido descuidado e perdido essa oportunidade.

— Mas você não perdeu — comentei. — Está reescrevendo o texto pela quarta vez porque é importante demais pra você.

— Se eu não for aceito, vou ficar arrasado.

— É muita pressão em cima de você, Theo. Uma pressão que você não esperava viver com um ano de antecedência — lembro a ele. Massageio o braço dele e respiro fundo. Nunca foi fácil encontrar as palavras certas para consolar

alguém tão brilhante. — Você não é só alguém com boas notas, Theo. — Faço uma pausa esperando que ele me corrija com um comentário gracioso como “notas astronomicamente incríveis” ou “as melhores notas que este mundo já viu”, mas ele não está com disposição para brincar. — Você não é uma pessoa que só memoriza coisas para a prova e depois esquece tudo no dia seguinte. E você não depende da sorte quando participa dos quizzes de cultura pop. Você leva livros para estudar no banho. Basicamente, você é um super-herói muito esquisito.

Ele força um sorriso.

— Um dia o Batman vai tirar aquela máscara e, bum, serei eu!

— O Robin é mais gato, mas o Batman também dá pro gasto.

Theo olha para mim e eu me inclino e dou-lhe um beijo.

— Como me saí com o discurso motivacional? — pergunto.

— Bom, eu estou motivado — Theo diz. — E me sentindo culpado por você não estar lá fora curtindo o seu feriado favorito. Saia já daqui.

Arranco meu tapa-olho e o atiro para o outro lado do quarto.

— Essa coisa incomoda, de qualquer forma. — Levanto-me, puxando-o comigo. — Você vai se dar um descanso de dois minutos antes de voltar para a dissertação.

Theo parece um pouco ansioso, mas aceita me conceder dois minutos em troca do meu Halloween.

— Meus pais me ensinaram estes beijos quando eu era mais novo.

Curvo-me sobre o rosto dele, como se estivesse mergulhando para um beijo, mas, em vez disso, roço meus cílios nos dele e fico esperando que ele faça o mesmo.

— Este é um beijo de borboleta.

— Faz cócegas — Theo diz.

Encosto minha testa na dele duas vezes.

— Este é um beijo de homem das cavernas.

— Não sabia que as pessoas das cavernas eram tão românticas.

Esfrego meu nariz no dele sem parar até que Theo me imite.

— Este é um beijo de esquimó. — Quero um quarto beijo agora, tão especial como os anteriores. — Meus pais só me ensinaram três, mas vou descobrir mais um agora... hã... — Olho além da janela, onde as ruas estão vivas e desmortas por conta do Halloween. — E agora um beijo de zumbi. — Mordo de leve a bochecha dele, rosnando. Caio na risada quando Theo me entrega o seu próprio beijo zumbi.

— Gostei mais do beijo zumbi — Theo diz. — Dane-se a universidade. Em vez disso, vamos transar.

— Seus pais e a Denise estão aqui.

— Danem-se eles também.

Sorrio.

— Não. Vou ajudar você com a sua dissertação. Vamos. — Aponto para a cadeira da escrivaninha e ele suspira. Mas não consegue ficar sentado e começa a andar pelo quarto.

A pergunta é simples: de qual criação você mais se orgulha?

De início, Theo queria falar sobre seus vídeos animados, mas esta noite ele mudou de ideia; está superorgulhoso dos seus universos alternativos. Juntos, vasculhamos seus diários. Estamos de pé diante da janela, mas não estou nem um pouco distraído com os Harry Potters e os dinossauros de lingerie andando pela rua. Theo está praticamente me levando para um passeio dentro de seu próprio cérebro, uma viagem pela sua imaginação, e nós dois estamos perdidos lá dentro, perdidos nos perguntando o motivo deste universo em que vivemos ser melhor do que todos os outros. Somos dois zumbis-piratas que não saíram do navio para ir devorar cérebros, mas certamente temos uma grande viagem à nossa frente.

Em todo caso, sempre teremos um próximo Halloween.

HOJE

SEXTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 2016

Bom dia, Theo. Desculpe ter ignorado você a noite passada. Não consegui me desvencilhar daquela sensação de que você estava pairando acima do Jackson em vez de mim. Era como uma coceira percorrendo meu corpo mais rápido do que eu poderia coçar. Não revirei os olhos, mas fiz um balanço da nossa vida. Escavei fundo a nossa história e relembrei todos os nossos melhores momentos e as memórias felizes que por fim teriam trazido você de volta para mim em vida. Já não acredito que estou sozinho nisto, falando comigo mesmo.

No entanto, ainda me pergunto com que frequência você procura Jackson.

Jackson. Não esqueci que ele está aqui.

O choro dele gerou um furacão de solidariedade e raiva dentro de mim, e, embora eu tenha me mantido firme contra as forças da tristeza, estou arreventado. Deveria ter me virado para olhar se ele se cansou de tanto chorar e acabou dormindo ou se ficou acordado olhando para as paredes, assim como eu, mas não consegui.

Jackson tinha razão. Ontem foi um mau começo para ele e para mim. Para falar a verdade, nem sei o que começamos. Por sorte, não tenho que ir à escola hoje, portanto não vou precisar passar a manhã brigando com meus pais para ficar em casa ou então ficar zumbizando nas aulas, caso me mandassem para a escola de todo jeito. Jackson e eu vamos aproveitar este tempo para passar a limpo nossa conversa sobre você.

Sento-me quando meu celular mostra às 8:02. Quando me viro, Jackson não está na cama. O edredom está estendido sobre o colchão, as roupas de Jackson estão no chão, mas ele não está lá. Saio do quarto para verificar se ele está no banheiro tomando um banho ou fazendo qualquer outra coisa, mas encontro a porta do banheiro totalmente aberta. Escuto o bater de teclas do teclado no laptop da Mamãe. Você sempre brincou com ela por causa disso, acusando-a de tentar parecer ocupada para fugir das suas perguntas sobre como ela era quando adolescente.

Na sala, encontro Mamãe sentada à mesa de jantar com Jackson, que está ocupando a sua cadeira. Pergunto-me se Mamãe contou a ele que aquela era a

sua cadeira ou se ele se sentiu inclinado a sentar ali por sua causa. Talvez, seja só coincidência.

— Sinto muito por isso — Mamãe está dizendo. Primeiro penso que ela está se desculpando comigo, mas ela fecha o laptop e olha para Jackson. — Alguns clientes não receberam o aviso de que eu não verificaria e-mails hoje. Então, você vai largar a universidade no restante do semestre?

— Meus professores têm sido compreensivos, mas eu não consigo — Jackson diz.

— Nem eu — digo, juntando-me a eles na mesa. Sento-me de frente para Jackson, como sempre fiz quando você estava naquela cadeira, e mantenho os olhos na bagel que está diante dele. — Mas ninguém vai me dar uma folga, então acho que vou repetir em todas as matérias.

— Ainda dá tempo de mudar isso — Mamãe diz com suavidade.

Ela discorre sobre as conversas que teve com meus professores sobre os créditos extras e licenças para que eu saia das aulas e vá ao escritório da orientadora educacional sempre que precisar. Mas paro de prestar atenção assim que levanto o rosto. Estou registrando novamente por que Jackson Wright está aqui, em meu apartamento, usando minhas roupas.

Em vários aspectos, Jackson é um clone meu. Nossos olhos castanhos têm marcas de insônia e de choro, emoldurados por olheiras mais escuras do que as que tive no verão passado, quando passamos uma semana inteira jogando games online no Xbox até o amanhecer.

Ele nem sequer tocou no bagel, e aposto que ultimamente só tem comido o mínimo necessário para calar os roncos do estômago. Além disso, ele não consegue acompanhar os trabalhos de faculdade e outras demandas da vida. Ele amava você, e você o amava.

— Griffin? Griffin? — Mamãe segura minha mão e aperta.

— Desculpe. — Retiro minha mão de baixo da dela. — Fiquei perdido em pensamentos de novo. — Escondo minha mão embaixo da mesa para que Jackson não me veja coçando a palma.

— Não precisa se desculpar. — Minha mãe se levanta, carregando o laptop. — Vou acordar o seu pai.

Não sei a que horas ele foi para a cama, mas felizmente minha mãe explica a ele por que Jackson está aqui.

— Dormiu bem? — pergunto a ele. Fazer-se de bobo é uma forma de mentir, eu sei.

Jackson dá de ombros e evita o meu olhar.

— Você sabe.

Não sei se o que ele quer dizer é “você sabe como são essas coisas” ou se é

“você sabe que não dormi bem”, mas prefiro não perguntar.

— Você falou com o Russel ou a Ellen?

— Liguei para a Ellen há uma hora. Parece que estão todos descansando esta manhã. — Jackson pega o bagel e, por um momento, parece que ele vai girá-lo no prato como se fosse uma moeda, depois olha para mim com as bochechas vermelhas; talvez esteja acostumado a fazer isso em casa, ou com você.

— Obrigado por ter me deixado passar a noite. Pensei em sair hoje cedo para liberar o seu espaço, mas sua mãe estava acordada quando vim até aqui para ligar para a Ellen.

— Ela reconheceu você do funeral? — E continuo me fazendo de bobo, porque sei que minha mãe já está bem familiarizada com as fotos do Jackson. Mostrei a ela o álbum online que você fez com fotos de vocês dois. Queria que ela me dissesse que não sou louco por notar uma semelhança entre mim e ele.

— Sim, reconheceu — Jackson diz, encolhendo-se um pouco. — Não dá pra negar que ficou bem surpresa por me ver aqui.

Imagino que ela tenha ficado tão chocada quanto os espectadores do seu funeral que testemunharam dois garotos em uma competição bizarra, cada um com seu próprio elogio ao amor de sua vida. Até hoje minha mãe nunca tinha visto outro garoto, que não você, saindo do meu quarto.

— O erro foi meu. Eu deveria ter deixado um aviso no quadro para que ela soubesse que você estava aqui.

— Ela levou numa boa — Jackson diz. Ele se inclina na minha direção e abaixa a voz. — Preciso perguntar uma coisa. Por favor, responda com sinceridade. Eu não perguntaria se achasse que não posso dar conta, certo?

Ele vai perguntar alguma coisa extremamente íntima sobre você, Theo, estou sentindo. Talvez, ele seja corajoso o bastante para perguntar sobre nossa primeira vez, ou por que eu terminei com você.

— Você me odeia? — Jackson dispara. — Sei que não conhecemos um ao outro. Mas vou entender se você me odiar ou tiver me odiado. Acho que eu queria saber como ficamos um em relação ao outro sem o Theo.

Este café da manhã é ainda mais estranho do que o primeiro em que você me esqueceu — aquele que aconteceu algumas semanas depois de terminarmos, quando você não me mandou uma foto do que estava comendo com alguma legenda pretensiosa. Elas sempre tinham noventa por cento de chances de me fazer sorrir e me ajudar a levantar da cama. Mas Jackson Wright, na minha sala, me perguntando se eu o odeio? Isso com certeza é muito mais estranho.

Estou prestes a tentar responder a pergunta dele quando meus pais saem do quarto.

— Gregor, este é o Jackson — Mamãe diz.

Jackson se levanta e oferece a mão para o meu pai. A cada segundo que passa sem que Papai aperte a mão dele me sinto cada vez mais culpado por saber que sou o motivo da resistência dele com todo o meu ódio e meu choro. Ele finalmente cede, talvez lembrando-se de que é um adulto e deve colocar isso acima do fato de ser um pai quando há outra criança envolvida — principalmente uma que está terrivelmente constrangida em nossa casa.

— Bom dia — Papai diz. Ele rapidamente se encaminha para o sofá. — Quanto tempo você vai ficar na cidade?

— Volto na segunda-feira — Jackson diz, levantando-se. — Eu realmente tenho que voltar para a casa do Theo agora. — Ele tenta levar seu prato até a pia da cozinha, mas minha mãe se interpõe do mesmo modo como fazia com você. Ele se vira para meus pais e diz: — Obrigado pelo café da manhã e por não terem se incomodado de eu passar a noite aqui.

Ele volta para o meu quarto e eu o sigo, escorando-me no batente da porta.

— Você está bem? — pergunto.

Jackson senta no colchão de ar, a cabeça baixa enquanto ele revira o celular na palma das mãos como se fosse um daqueles miniskates.

— Você está bem?

— Claro que não.

— Eu também não.

Jackson abaixa o telefone, dobra o edredom, recolhe suas roupas do chão e vai para o banheiro sem dizer uma palavra. Giro o bico do colchão de ar e o observo esvaziar, com aquele assobio agudo diminuindo enquanto a cama se dobra sobre si mesma. Jogo tudo dentro do armário, incluindo o travesseiro com o qual ele dormiu. Estou exausto. Voltaria a dormir facilmente. Mas sei que devo a ele mais uma tentativa.

Jackson volta do banheiro e me devolve as roupas com que dormiu.

— Obrigado de novo por me deixar dormir aqui, Griffin. Vou chamar um táxi.

— Poupe seu dinheiro — eu digo, sem fazer a menor ideia de qual é a situação financeira dele, apesar de que posso apostar que está na média. — Vou andando com você. — Agarro meu casaco e visto por cima do seu moletom.

— Não está muito frio lá fora?

— Talvez não muito. — Verifico a temperatura no aplicativo do meu celular. — Tudo bem, está bem frio lá fora, mas tenho certeza que você também vai gostar do ar fresco. — Calço as botas, pego o celular e as chaves. — Especialmente se você vai passar o fim de semana inteiro no apartamento.

— Tem razão. Obrigado, Griffin. — Ele termina de colocar sua jaqueta e a única luva. Fico tentado a pegar um par de luvas extra, mas ele já está indo para a porta. Na sala, ele acena para meus pais; você saberia disso, mas eu não

consigo distinguir se o aceno dele é de má vontade ou hesitante.

— Obrigado de novo pelo café da manhã, sr. e sra. Jennings. Tenham um ótimo fim de semana.

Eu nunca disse a ele qual era meu sobrenome. Suponho que foi você quem contou ou, então, o Facebook. Mas tenho um relance do que você provavelmente viu nele, e não estou falando dos modos. Ele certamente tem um coração programado para resgatar garotos da chuva.

— Boa viagem de volta. — Meu pai não levanta do sofá, mal levanta os olhos do laptop. Sem dúvidas, ele está jogando um daqueles jogos de quebra-cabeça que você apresentou a ele, para que mantivesse a mente afiada mesmo nos fins de semana e dias de folga.

— Aonde você vai, Griffin?

— Vou levá-lo até a casa do Theo. — Sempre vou chamar aquela casa de sua, apesar de você nunca ter gastado nem um dólar com aluguel e não estar mais morando lá fisicamente. — Estou mesmo querendo caminhar um pouco.

Nenhum dos meus pais protesta. Eles sabem que a alternativa é me verem enfurnado no meu quarto, escutando sua mensagem de voz infinitas vezes.

— Parece bom. Ligue pra gente se mudar de planos. — Mamãe sai da frente do seu laptop e vem apertar a mão do Jackson. — Novamente, sinto muito por... — Ela se interrompe, com os olhos vagando pelo ambiente. Realmente espero que ela não fosse se referir a você como a perda do Jackson *de novo*. — Boa sorte com suas decisões sobre a faculdade.

Saio na frente sem dizer nada. Jackson me segue pela escadaria e não sei se ele consegue perceber minha mudança de atitude, mas preciso me controlar até chegar ao último degrau, para não descontar minhas frustrações nele — *de novo*. Odeio essas palavras agora e, provavelmente, sempre odiarei, já que estão marcadas por este mesmíssimo momento de traição e decepção; é por causa desse tipo de maldição que as pessoas precisam estar atentas ao que dizem e ao que fazem. Chego ao último degrau ainda carregando essa feiura dentro de mim e não consigo me desvencilhar dela, assim como não consigo me desvencilhar da tristeza e da vergonha.

Sou como uma moeda virando constantemente — cara, coroa, cara, coroa, cara, coroa, cara, coroa —, como se alguém tivesse me jogado para o alto com o intuito de resolver alguma questão, mas não conseguiu me agarrar de volta, e agora estou caindo em um abismo, incapaz de saber que lado estará para cima quando eu aterrissar.

Escondo a mão no bolso do casaco e coço a palma em paz.

Estou tentado a levar Jackson até sua casa pelo caminho de sempre, mas isso revolveria muitas lembranças.

— Vamos virar à esquerda — digo, dando as costas ao supermercado e à locadora de carros no último segundo. — Você tem amigas em Nova Iorque, certo?

— Mais ou menos. Minhas colegas Anika e Veronika estão estudando teatro na Universidade de Nova Iorque. Nós cursamos o ensino médio juntos, mas essa é uma daquelas amizades em que a distância estraga tudo. — Jackson dá de ombros. — Sinto saudade delas, mas posso ver pela internet que elas estão muito bem sem mim.

— Vocês três eram muito próximos?

— Éramos muito unidos desde o primeiro ano. Era a primeira reunião do clube de Dungeons & Dragons e a gente queria participar, mas percebi que elas tinham receio quanto ao que isso poderia representar para o nosso *status* na escola. Sei lá, acho que estávamos só sendo adolescentes de quatorze anos. — Então, Jackson é uma dessas pessoas com dezoito anos que falam dos quatorze como se tivessem acontecido várias vidas atrás. Aposto que você achou isso charmoso. — No terceiro ano já tínhamos superado essa besteira, mas, já que o ex-namorado da Anika estava no clube de Dungeons & Dragons, formamos nosso próprio clube na casa da Anika, depois da escola, e inventamos nosso próprio jogo, Cages & Chimaeras. O Theo até...

Você o quê?

— O Theo o quê? — pergunto em voz alta.

— Theo jogou com a Anika e a Veronika em fevereiro, quando estávamos aqui.

Eu não sabia disso. Queria acompanhar você, é claro, mas de maneira alguma eu ia querer encarar o sofrimento de ver você segurando a mão do Jackson ou rindo das piadas dele. Concordo com a cabeça, educado, mas Jackson nem percebe, porque não está olhando para mim.

— Por que você não entra em contato com elas enquanto está aqui? — perguntei.

— Anika e Veronika foram passar o Dia de Ação de Graças com a família. Acho que elas vão voltar no mesmo dia em que vou embora, o que é um saco. Elas queriam conversar pelo Skype, mas... — Ele se cala novamente.

Estou prestes a desafiá-lo a me contar mais, mas ele para. Estamos diante da vitrine da Game Express, minha loja de games favorita. Você precisa admitir que, por mais que seja fiel à GameStop, a Game Express jamais o deixará na mão, porque tem os melhores descontos.

— Tudo bem se a gente entrar aqui rapidinho?

— Sim, vamos.

Talvez, eu encontre você lá dentro.

O calor no interior da loja dá uma sensação boa. Não reconheço a moça atrás do balcão e eu definitivamente me lembraria de uma pessoa com mechas azuis nos cabelos e lentes de contato amarelas: alguém com uma vibe demoníaca. É muito legal. Mas eu não deveria ficar surpreso com rostos novos. Não venho aqui desde o começo do verão, e mesmo a minha visita anterior não foi muito longa.

— Eles têm um monte de coisas para Gameboy — Jackson comenta. Ele pega alguns jogos em promoção de uma cesta, largando-os no instante seguinte.

— É, é muito bom.

Não há nada que eu queira comprar, então apenas sigo Jackson enquanto ele passeia pela loja — a minha favorita, não a sua — pela primeira vez. Pelo menos, acho que ele nunca esteve aqui antes. Não sei por que você viria com ele para cá durante o inverno, a menos que estivesse querendo me encontrar ao acaso e me deixar confuso ou sentindo ainda mais a sua falta. É melhor eu calar a boca ou você vai pensar que voltei ao meu antigo eu paranoico. Juro que melhorei. Juro que estou mais realista hoje em dia.

Jackson passa um bom tempo com os jogos para Xbox. Ele fica namorando um jogo de corrida, um de luta e um de espionagem, antes de seguir adiante.

Interrompo: — Não tem mais nada chamando sua atenção?

— Não, não tem.

— Eu estava contando os jogos que você olhou e você parou em três...

— Certo. — Ele está confuso.

— Eu tenho um problema com os números. Prefiro fazer as coisas em números pares.

— Eu nem ouvi você contar.

— Estava contando mentalmente. Estou sempre contando mentalmente. Às vezes, eu nem percebo, mas sei que estou.

Sei o que parece e quero poder dizer a ele e ao resto do mundo que tudo bem, que não precisamos nos deter em acontecimentos ímpares como este, mas sei que não vai ficar tudo bem — se eu tenho o poder de controlar algo em favor da minha sanidade, quero me dar esse alívio.

— O número três me deixa muito ansioso de um jeito que o um não deixa, porque as coisas normalmente vêm em unidades, então três é o primeiro número ímpar que me faz antecipar um quatro. Eu não consigo me concentrar em nada se não for assim.

Jackson concorda com a cabeça e pega da cesta uma continuação de Halo em promoção. Não parece tão natural quanto os três primeiros jogos que ele parou para olhar, então estou tentado a pedir para que ele veja mais dois jogos, de modo que eu tenha dois conjuntos de três e possa superar este momento com um

brilhante número seis, mas aceito e sigo em frente.

— Obrigado — digo.

Se ele está me julgando, não consigo perceber. Não acredito que ele tenha esse tipo de feiura dentro de si, de verdade, diferente dos meus colegas de classe nos últimos meses — e você não sabe nada sobre isso —, em que minha compulsão só piorou.

— De nada — Jackson diz. Ele continua passeando pelos corredores, e de vez em quando o vejo olhando para mim; é bem possível que eu tenha arruinado a busca dele ao fazê-lo se preocupar com números pares. Mas talvez não. Ele parece à vontade aqui, como se tivesse deixado a tristeza do lado de fora e não fizesse ideia de que ela continuará a persegui-lo assim que sairmos da loja.

A paz dele me faz lembrar você no chão com um quebra-cabeça.

Andamos até um mostruário de jogos clássicos. Seu peso me afunda ainda mais quando vejo aquela fileira de cartuchos. Eu nunca possuí nenhum desses consoles, mas você era obcecado por eles: os primeiros Playstation e Nintendo, o Sega Genesis, o efêmero Dream-cast e um Gameboy grande, que não cabia em nenhum bolso, a não ser no de um macacão largo de fazendeiro. Não consigo deixar de sorrir diante das prateleiras de vidro empoeiradas, lembrando os tempos em que eu jogava alguns desses com você, ou então ficava vendo você jogar enquanto fazia lição de casa: Pac-Man, Space Invaders, Earthworm Jim, Sonic, Mortal Kombat, Batman e muitos outros.

— É como um mercado de pulgas — Jackson diz.

— Só que não é. — Aponto para o cartaz de NÃO ESTÁ À VENDA. — Gosto do fato de que isso é só um altar.

— Com alguns pontos a mais por não estar em um museu.

Identifico um cartucho que está em uma das prateleiras mais baixas. Tetris. Sento-me de joelhos. Jackson se abaixa ao meu lado.

— Era o favorito dele — Jackson comenta.

Esse comentário não me incomoda tanto quanto os outros, porque você jogando Tetris não é um detalhe muito íntimo. Caramba, até os professores sabiam do seu vício em Tetris por causa de todas as vezes em que confiscaram o seu celular na sala de aula. Jackson toca o estojo com a mão. Talvez, ele tenha esquecido que estou aqui, bem ao lado dele.

Tenho uma história para contar ao Jackson.

— O Theo alguma vez contou pra você sobre Mac: A Maldição de Família?

— Não.

— Ele detestava. Quero dizer, a *maioria* das pessoas detestaria. Mas ele achava que seria perfeito, porque era um jogo em que você avançava resolvendo quebra-cabeças baseados em física. Mas havia tantas falhas que o Theo se

encarregou da tarefa de ir à loja comprar todas as cópias para que ninguém mais corresse o risco de ter que sofrer com aquilo. Apostei dois dólares que ele não faria isso. Perdi.

Jackson ri um pouco, o que é ótimo porque essa é basicamente uma piada de quarenta dólares sobre você — bem, uma piada de 38 dólares, porque você recebeu dois de troco.

— Ele passou dias reclamando desse jogo. Às vezes, eu acordava recebendo uma mensagem de texto em que ele contava mais algum detalhe que ele detestou ou achou sem sentido. — Estou sorrindo de novo e, desta vez, estou sorrindo *com* ele, o que é um descanso bem-vindo de toda a confusão, angústia, culpa e infelicidade. É o tipo de alívio que eu experimentava sempre que estava em casa, doente, e sentia saudades do seu rosto e da sua voz, e então você me telefonava no momento em que as aulas terminavam e eu me sentia inteiro de novo. Daria tudo para poder jogar Tetris com você agora. Saber que isso é impossível, arrasa meu devaneio e me encarcerava de novo neste universo vazio.

— Vou esperar você lá fora — digo ao Jackson.

Levanto e saio tão rápido que a atendente com cabelo azul deve pensar que eu surrubei algum chaveiro do Super Mario ou coisa assim. O ar frio arranha meu rosto como um beijo de zumbi. Jackson vem atrás de mim alguns segundos depois, de mãos vazias. Se ele planejava fazer compras — momento péssimo para comprar jogos —, acabo de arruinar esse plano.

— Desculpe por ter feito você falar sobre ele — ele diz. — Não conhecia essa história. É bizarra, mas é legal descobrir algo novo sobre ele, em vez de só lembrar nossos bons momentos, sabe?

— É bom falar sobre ele — concordo. — Sempre. — Mas é um saco eu estar falando de você, e conversando com você, e você não poder me responder. É algo que Jackson vai voltar para a Califórnia sem saber. — Sei que falar sobre o Theo o mantém vivo. Mas isso não torna mais fácil encarar o fato de que ele não está aqui, vivo por conta própria.

Jackson concorda com a cabeça e enfia as mãos nos bolsos, estremecendo. Isso é tudo. Ele está me olhando do mesmo modo como estou olhando para ele: dolorosamente. Não vou mentir para ele, não vou dizer que tenho certeza de que tudo vai melhorar, assim como ele não tenta me consolar com todas essas besteiras. Emparelho ao lado esquerdo dele e o guio de volta à sua casa.



— Aqui estamos.

Ele fica parado em frente à porta, esperando-a abrir sem nem ter olhado para o

interfone. Então imagino que ele tenha se acostumado a ter a porta sempre aberta quando esteve aqui em fevereiro. Aperto o 2B para ele enquanto Jackson saltita para cima e para baixo. Está tentando se aquecer ou talvez precise muito fazer xixi, não que ele tenha dito isso durante nossa caminhada silenciosa até aqui.

— Quem é? — Ellen pergunta pelo interfone.

Jackson responde e acrescenta o meu nome. Ellen libera nossa entrada.

— Na verdade, eu não estava planejando subir — digo ao Jackson. — Só queria acompanhar você.

— Não quer ver todo mundo?

— Claro que sim, especialmente a Denise. Mas, sei lá, quero respeitar o período de luto e não quero invadir o espaço deles. — Pensei muito sobre isso, mas nunca pensei em contar ao Jackson, o fantasma que assombra sua casa agora. — Não disse isso como uma indireta pra você, sei que suas opções eram muito limitadas, especialmente com suas amigas fora da cidade esta semana.

— Posso ser sincero com você? — Jackson diz. Ele avança pelo corredor, evitando o frio que ainda assola a entrada do prédio. — Seria bom se você subisse comigo, mesmo que só por alguns minutos.

Ele é uma peça que não encaixa no quebra-cabeça. E sabe disso.

Posso apenas imaginar sua cara se eu dissesse não para Jackson agora, mas tenho certeza de que seria a mesma cara que você fez da última vez que eu o vi... Mas não quero pensar nisso, esqueça que mencionei. É tabu.

— Vamos subir — digo ao Jackson.

Mal me dou conta do Jackson me agradecendo. Subindo a escadaria, vamos em direção ao seu apartamento, e eu não quero estar aqui, ainda é cedo demais. Sempre vai ser cedo demais. O tempo não cura todas as feridas, nós dois sabemos que isso é besteira e costuma vir da boca de pessoas que não têm nada consolador ou original para dizer. Porém, me pergunto se os outros mantêm essas mentiras porque não querem dizer a amarga verdade. A ferida nunca fecha e a dor permanece, sempre aguda, sempre ardente, sempre sufocante, sempre sangrando.

Ellen nos cumprimenta à porta. Ela não está acenando com os dedos, como sempre. Isso deve ter algo a ver com o fato de que não somos eu e você voltando de um cinema, mas, sim, dois garotos que amam você.

— Bom dia.

— Bom dia — Jackson responde, passando por ela e entrando.

— Bom dia, Ellen. — Entro e dou um abraço nela, assim que ela fecha a porta. Ela corresponde ao gesto, e esta é a primeira vez que nos abraçamos desde que perdemos você. Neste abraço, não sinto mais que ela esteja decepcionada por eu haver terminado com você e ainda me enxerga como seu outro filho.

Neste instante, estou feliz que Jackson tenha me convencido a vir até aqui.

Ellen me puxa pelo braço.

— Vamos fazer um pouco de chá gelado pra vocês.

Direi isto mesmo depois do triunfo dos zumbis-piratas: qualquer um que recusar o chá gelado da sua mãe — mesmo no inverno — odeia a felicidade. Sigo-a até a cozinha e tudo ali parece igual, a não ser por uma mesa redonda nova diante da janela. Jackson se senta primeiro. Pego quatro copos — um para Denise — para me distrair e não ficar imaginando o que teria acontecido com a mesa velha e perfeitamente boa, e se esta outra mesa está aqui há tanto tempo que Ellen nem a consideraria mais como nova. Sento-me ao lado do Jackson enquanto Ellen começa a cortar os limões.

— Theo iria querer todos estes para ele, não é? — Ellen diz. — Tiveram uma boa noite?

— Foi boa — Jackson responde.

Não sei mais o que acrescentar. Escuto o dedilhar de um piano vindo da sala de estar.

— É a Denise tocando?

— Deve ser. — Ellen espia o cômodo adjacente enquanto mistura o chá. — Que bom, o Russel está com ela. Minha irmã me encaminhou um artigo na quarta ou na quinta-feira... Os dias estão bagunçados ultimamente; não importa. Ela me mandou um artigo sobre como distrair as crianças da tristeza forçando-as a seguir a rotina. — Ela serve o chá e se interrompe para nos dizer que está sem canudos, algo que imagino que parou de comprar desde que você foi morar na Costa Oeste. — Vale a pena tentar.

— Totalmente. — Minha rotina me acalma, quando não está me virando do avesso.

Ellen verifica o relógio.

— Daqui a pouco vamos levá-la até a casa da amiga dela, Mitali. — Sem dizer mais nenhuma palavra, ela vai para a sala.

Eu me lembro da Mitali. É uma garota que fala muito rápido e seus pais fizeram uma festa de detetive para ela anos atrás. Mitali, Denise e outras meninas cujos nomes esqueci insistiram em ser chamadas de “detetives crescidas” em vez de “detetives mirins” e levavam isso a sério demais, mas colaboramos com a brincadeira. Você foi a vítima assassinada na sala, que estava cercada de fitas amarelas de cena do crime — como, *cof*, enfeites decorativos de festa, *cof-cof* —, até que você fez uma pausa para beber água enquanto elas investigavam a última pista no quarto da Denise. Grande erro. Mitali veio correndo e acusou você de estar fingindo. A pior parte: ela me acusou de ser um mau médico por eu ter errado sobre você estar morto. Queria que você estivesse

fingindo ter morrido agora também.

Bebo o chá gelado e deixo meu copo na pia. Jackson e eu vamos atrás de Ellen na sala. No sofá, há cobertores dobrados e um travesseiro. Talvez, ficar na sua cama tenha sido demais e Jackson resolveu se acomodar aqui. Não pergunto a ele. Ellen se agacha ao lado de Denise, que está sentada no banco do piano com Russel, e segura a mão da filha entre as suas.

— Temos que sair daqui a pouco. O pai da Mitali disse que está fazendo aquela torta de maçã que você adora. Quer ajuda pra escolher uma roupa bonita?

— Eu posso me vestir sozinha — Denise diz. A voz dela não tem emoção. Ela puxa a mão de volta, sai de cima do banco, me vê, dá as costas, depois vira-se de novo para uma segunda olhada. Seus olhos se arregalam.

— Griffin! — Ela corre para mim e me abraça em torno da cintura; acho que não notei durante o funeral o quanto ela está grande.

— E aí, Dê?

— O que você tá fazendo aqui?

A resposta é esquisita, mas devo contar a verdade a sua irmã: — Jackson passou a noite na minha casa e hoje eu vim trazê-lo até aqui.

Denise franze o rosto e fica olhando para mim e para Jackson.

— Achei que vocês dois se odiavam.

Há uma coisa que você me disse uma vez: o mundo deveria parar de mentir para as crianças, porque elas sempre são brutalmente sinceras conosco.

— Denise! — Ellen censura.

— Denise, meu Deus — Russel diz.

As bochechas dela ficam vermelhas. Detesto que ela esteja encabulada por causa disso.

— Griffin e eu só não tivemos a chance de sermos amigos até agora — Jackson diz. Sinto que ele está sendo um pouco condescendente com ela, não acha? Não acredito que ele tenha essa intenção, mas talvez não tenha passado muito tempo com crianças. E o mais importante: ele não nega o que ela afirmou. Ele realmente acha que eu o odeio e, apesar de eu não ter o desejo de atear fogo nele ou amaldiçoá-lo para que ele sofra mil mortes terríveis, não sei dizer se ele está errado.

— É — é o melhor que consigo dizer.

Então Ellen apressa Denise a se aprontar para a torta de maçã e as brincadeiras com sua amiga falante, condenando-a a continuar com as ocupações de uma criança de nove anos com as quais ela não consegue mais se importar. Aposto que perder você vai ser o passaporte precoce da Denise para o mundo adulto. Sento-me no sofá, lutando contra as lembranças, mantendo meu olhar longe da porta fechada do seu quarto logo adiante. Russel está sentado na beira do banco

do piano, com o rosto entre as mãos. Não sei o que dizer, então puxo assuntos de rotina, porque falar sobre normalidade é, digamos, normal.

— É. *A rotina* — Russel resmunga. — Tenho certeza que a Veronica vai mandar pra El outro artigo cheio de baboseira quando estivermos a caminho da casa da Mitali e vamos parar tudo na mesma hora para testar. — Ele se levanta e tira um maço de cigarros do bolso do robe. — Você pode avisar pra El que estarei lá fora esperando ao lado do carro?

Nunca vi Russel sair tão rápido. Ele nem sequer parece se lembrar de que está de roupão, ou então não se importa.

Passam alguns minutos até que Ellen e Denise saiam do quarto, usando roupas novas para a festa. Os olhos da Ellen percorrem os arredores com a mesma intensidade daquelas manhãs em que ela ia nos levar até o fliperama em New Rock e você ainda estava no chuveiro.

— Onde está Russel?

Jackson aponta o polegar na direção da porta: — Saiu.

— Ele disse que vai estar no carro — acrescentei.

Se Ellen está tentando ocultar sua irritação, está falhando. Ela respira fundo e joga um molho de chaves sobre o sofá entre Jackson e eu.

— Vocês sabem onde tudo está. Griffin, você pode ficar se quiser, claro. Jackson, se você sair, não esqueça as chaves. Devemos voltar em poucas horas.

Denise me dá um abraço e Jackson dá um “toca aqui” quando ela está de saída.

— Não vou demorar muito — digo ao Jackson quando ficamos sozinhos.

— Não estou mandando você embora — ele diz.

— Eu sei. — Definitivamente não quero estar aqui quando seus pais e sua irmã voltarem. É demais para eles, se você me entende. — É difícil ficar aqui... Não sei como você está aguentando.

— Não tenho escolha — Jackson responde.

— Certo. É bom que você esteja aqui. — E estou sendo sincero.

— De jeito nenhum eu ia perder o funeral dele.

Levanto-me e vou na direção da porta do meu quarto. Estou bem ciente de que você não vai estar do outro lado, curvado sobre sua mesa de trabalho enquanto rascunha as linhas de um universo que espera trazer à vida em alguma animação. Apesar disso, ainda me sinto tentado a bater na porta.

— Não cheguei a entrar aí — Jackson diz.

Viro-me.

— O quê? Achei que você estivesse dormindo no quarto.

— Céus, não. Você conseguiria?

Imaginei esta situação antes e sempre me vi na sua cama. Mas eu já sentia

falta de estar com você em seu quarto muito antes da sua morte.

— Você chegou a ver os pais dele entrarem?

— Russel algumas vezes, sim.

— Alguém disse que não queria que você entrasse?

Jackson balança a cabeça.

Viro-me de novo para a porta e pego a maçaneta.

— Vou entrar. Você pode fazer o que quiser, mas eu...

— Vou entrar com você — Jackson diz. Sinto seus passos rápidos no assoalho.

Ele se põe do meu lado esquerdo, mas, em vez de soltar a maçaneta e trocar de lado, eu estreito o espaço que me separa da porta para que ele não esteja mais ao meu lado. Estou ainda mais perto de você agora. Viro a maçaneta. Aqui estamos, na mostra principal do Museu McIntyre.

Quero contar a você como é estar cercado por estas paredes azul-claras de novo. Nossos quebra-cabeças emoldurados ainda estão aqui: o astronauta esperando pelo trem, o meu favorito; um mapa do Brasil que foi terrível, mas bem divertido de montar; uma mala aberta contendo outra mala apinhada de bonecas russas matrioscas; e Pompeia, nosso primeiro quebra-cabeça, recriado exatamente do mesmo jogo que montamos na escola. Se eu tivesse que tentar descrever como é, diria que é minha ressurreição.

Mas esta maravilha, esta segunda vida, é efêmera. Todo o ar foge do meu peito assim que vejo fotos suas com Jackson no parapeito da janela ao lado da sua cama. Exatamente onde nossas fotos costumavam ficar. Seu braço está ao redor dos ombros do Jackson e seu sorriso é enorme; é uma imagem à qual me acostumei, claro, e é por isso mesmo que parece tão deslocada.

Dou as costas para a janela, antes que as outras fotos me apunhalem e antes que eu me vire para Jackson, querendo saber se ele fez você retirar nossas fotos daqui. No entanto, só encontro mais objetos estranhos. Perto da *graphic novel* que dei para você está um box com uma série de quatro *thrillers*. Não sei se foi presente do Jackson ou se não tem relação com ele. O filtro dos sonhos no chão é novo também, e não sei se é de alguma ocasião especial com Jackson, assim como o boneco do Batman, que mandei fazer com o seu rosto e ainda está no alto da sua estante de livros.

Não quero perguntar nada ao Jackson. Eu já estive errado antes. Não quero pistas da sua vida sem mim. Não posso mais fazer isso. Saio correndo do quarto, quase tropeçando nos meus passos. Jackson está me chamando, mas não consigo estar com ele agora, então saio do seu apartamento e desço as escadas.

Graças a Deus não tirei o casaco, porque está gelado aqui fora. Paro de correr ao chegar à esquina, tremendo. Olho para o céu, estreitando os olhos para o sol entre as nuvens, antes de fechá-los e ver seu rosto em minha memória com mais

clareza.

Mas o você de que me lembro é diferente daquele que encontrei em seu quarto. Você finalmente foi capaz de falar comigo, Theo, e não gostei de tudo o que você tinha a me dizer.



Estou arrasado no momento em que entro pela porta. Uma lição que aprendi diversas vezes depois do fim do nosso namoro e da sua morte é que a dor se torna física. Meu corpo dói. Estou esgotado de um jeito que você acharia parecido com aquela vez em que demos três voltas de bicicleta ao redor do Central Park — o número de voltas ainda me incomoda — e vencemos aquela subida íngreme. Meu estômago estava apertado, minhas pernas ardiam, meus braços estavam doloridos e minha garganta, seca. Preciso tanto de um cochilo agora quanto daquela vez.

Sigo direto para meu quarto, ignorando minha mãe enquanto ela fecha o laptop e chama por mim, pois ela havia pedido para meu pai avisá-la quando eu chegasse em casa, mas só quero ficar sozinho. Apenas eu e você. Não com a Mamãe. Não com o Papai. Entro no meu quarto, fecho a porta e me jogo na cama, exausto demais para chorar. Espero que você não pense que isso significa que estou menos triste. Culpe o meu corpo. Estou me enterrando entre os nossos travesseiros quando a porta do quarto abre. Como é da minha natureza burra, esqueci uma peça-chave na hora de me blindar contra pessoas indesejadas: a fechadura. Queria poder sumir em um dos meus universos alternativos agora.

— Jackson voltou bem? — Mamãe pergunta.

— Sim, Jackson está de volta à casa do Theo, onde está de luto pela perda *dele* — digo, virando-me e sentando na cama. — Você estava prestes a dizer que o Theo é a perda do Jackson de novo, não estava?

Ela meneia a cabeça, como se eu precisasse de alguma confirmação da parte dela.

— Vocês dois o amavam, Griffin. Não vou fingir que essa dor não é dele também.

— Não, esse é o trabalho do Papai — digo.

— O que seu pai fez? — Mamãe pergunta.

Papai fica quieto, provavelmente ponderando se vai ou não se armar e partir para a guerra comigo.

— Ele deixou o Jackson muito sem graça... tipo, nem *eu* fui tão frio com ele — digo. Posso apenas imaginar como deve ser estar fora do meu estado, fora do meu fuso horário, na casa de alguém que tentou me transformar em um inimigo,

sentindo-me malquisto e vulnerável.

— Corta essa, Griffin — Papai retruca. O tom de voz dele me lembra de quando eu era criança e me metia em confusão por pequenas coisas, como tentar entrar no quarto deles e assustar minha mãe enquanto ela estava trabalhando ou ficar gritando palavras inventadas para conseguir atenção. — Você não pode estar irritado com sua mãe por ser gentil demais com aquele garoto e estar irritado comigo por ter sido frio demais com ele.

— Então você admite que foi frio demais? — rebato.

— Não vou negar. Não fui muito receptivo com ele, mas é porque conheço o meu filho. Não acredito que você esteja decepcionado de verdade com sua mãe ou comigo. Não vamos brigar com você se você não brigar conosco. Como é que o Wade nos chama? A Equipe Griffin?

— O Esquadrão Griffin — corrijo.

— O Esquadrão Griffin — Papai repete. — Sabemos que ver o Jackson não deve ser fácil, mas você encarou essa mesmo assim. Espero que isso tenha te ajudado de algum modo. Caso contrário, ele vai embora e você não precisará vê-lo de novo. Mas estamos aqui pra te ouvir e queremos saber o que você precisa de nós.

— Eu realmente preciso de uma coisa — digo.

— O quê? — Mamãe pergunta.

— Tempo. Por favor, me deem tempo. Estou muito cansado. — Não consigo chorar. Não consigo brigar.

Papai começa a protestar, mas, por sorte, Mamãe faz com que ele se cale. Logo estão fora do quarto e encontro forças para fechar a porta atrás deles, trancando-a desta vez. Volto para a cama e me arrasto para debaixo dos cobertores, esperando dormir imediatamente. É claro que não consigo. Considerando a semana, o mês, o ano e a vida que estou tendo, sou idiota de pensar que teria sorte com as pequenas coisas.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 25 DE DEZEMBRO DE 2014

Este é o primeiro ano em que a tropa não está fazendo amigo secreto de Natal. Normalmente, sorteamos os nomes no boné do Wade, mas agora que Theo e eu estamos namorando não deixaríamos de dar presentes um para o outro se sorteássemos o nome do Wade. Esse é o tipo de coisa que torna a nossa amizade injusta com o Wade. Rompemos a tradição, o que o deixou um pouco decepcionado, mas ele logo superou quando percebeu que ganharia mais de um presente.

Depois de ter passado a manhã e a tarde com nossas próprias famílias, é bom nos reunirmos no quarto do Wade. Estamos ouvindo a *playlist* de jazz nas suas caixas de som novas. Theo me mostra seu celular e clica no meu nome: — Olha só sua foto nova de contato.

É a foto que mandei para ele hoje de manhã, de mim ao lado da árvore de Natal, segurando o enfeite do Ron Weasley que ele me deu no dia em que nossa história começou. É loucura ver como duas estações já se passaram e eu ainda fico de rosto corado por causa desse cara.

Wade deve ter visto a foto, porque ele distribui os presentes que Theo e eu deixamos debaixo da miniárvore de Natal quando chegamos.

Theo e eu concordamos, no começo do mês, que nossos presentes tinham que ser “cuidadosamente aleatórios”. Basicamente, isso significa que não posso dar a ele um quebra-cabeça e ele não pode me dar nada centrado no Harry Potter, o que é um saco, porque não ganhei nenhum presente relacionado ao Harry Potter este ano, pela primeira vez desde não sei quando. Um chaveiro teria sido bem-vindo. O presente que Theo me deu, uma caixinha envolta em papel verde-esmeralda, me faz pensar se não fui exagerado no presente que vou dar a ele. O meu está em uma caixa grande.

Ficamos nos entreolhando ansiosos. Fazemos um círculo e estimulamos Wade a começar. Ele começa com o meu presente, que é um romance: *As Aventuras da Cortesã e do Golem*. É uma comédia sombria sobre uma prostituta estéril que rouba uma poção do seu cliente mago para gerar uma criança e termina dando vida a um golem.

— Não faço ideia se é bom — digo, levantando as mãos. — Mas você andou insinuando que estava interessado em dar uma nova chance à ficção se encontrasse algo diferente. Se você conhece outros livros como esse, precisa parar de esconder e compartilhar com a gente.

Wade sorri.

— Muito obrigado, Griff.

— Griffin — Theo tosse, corrigindo-o. Ele insiste em ser a única pessoa além do meu pai que me chama de Griff.

— Maníaco controlador — Wade tosse em resposta. Ele balança a cabeça e observa a contracapa. — Este livro parece ser minha praia. Não sei o que isso diz a meu respeito, mas estou dentro. Obrigado, Griffin.

Ele abre o presente do Theo: uma dúzia de gravatas diferentes. Há também uma nota dizendo para ele aumentar o repertório do seu guarda-roupas.

— Meu guarda-roupa vai ficar perfeito. Obrigado, Theodore McIntyre. Tudo bem eu te chamar assim, Theodore McIntyre?

— Theo está bom — Theo diz, sorrindo. Eles se cumprimentam com um soquinho dos punhos.

— Sua vez — digo ao Theo.

— Pra você, otário.

Theo abre o presente do Wade: uma coletânea ilustrada de receitas de coquetéis.

— Assim que você receber a admissão antecipada na universidade, quero que saiba ser um menor bêbado responsável — Wade diz.

Theo e eu rimos.

Então Theo puxa o presente que dei a ele para mais perto. Eu queria muito que estivéssemos a sós neste momento. Você não precisa estar namorando alguém para saber se ele gostou ou não do presente. Acho que temos detectores muito bons para isso, a menos que alguém aqui seja incrivelmente habilidoso em dissimulação. Theo me tortura abrindo a embalagem muito devagar, mas a piada se volta contra ele: dentro há mais um pacote para abrir. Assim que ele abre usando suas chaves, tira de dentro um busto do Batman. Ele demora um segundo para perceber que não é o rosto do Bruce Wayne olhando para ele. É o rosto dele mesmo, graças a esse *website* que encontrei que coloca o rosto das pessoas em bonecos e *action figures*. Theo ri tanto que cai para a frente. Estou quase desmoronando junto com ele, de puro alívio.

— Não entendi — Wade diz.

— No Halloween, o Theo brincou que um dia a máscara do Batman cairia e nós veríamos que era ele esse tempo todo — digo. Se estávamos mirando segundo o critério de “cuidadosa aleatoriedade”, acho que acertei no alvo.

Assim que Theo se recupera e me dá um beijo de agradecimento, ele pousa o Batman-Theo ao seu lado e gesticula na direção dos meus presentes.

— Abre o do Wade primeiro.

— Sim, senhor.

— Aviso — Wade diz. — É, tipo, uma coisa de casal, mas acho que você tem mais chances de surtar, Griffin. Mas não pense que estou de boa com o fato de vocês dois serem totalmente inseparáveis. Só tive essa ideia e não consegui me livrar dela.

Abro o papel de presente e tudo o que vejo é o fundo de uma moldura, mas, quando viro, vejo meu rosto e o do Theo. Juntos; não como um espelho, mas quase. Diferentes partes de nós dois estão misturadas para criar um único rosto: o olho azul dele e o meu, cor de avelã; a pequena constelação de sardas sobre o nariz dele e o nó no dorso do meu; o lábio inferior dele e o meu lábio superior; a sobrancelha alourada dele e a minha, escura. É um retrato e também um quebra-cabeça.

Minha mão chega a tremer diante da sensibilidade desse presente.

— Wade, uau. Muito obrigado. — Jogo o retrato no colo de Theo e dou um abraço de urso no Wade, provavelmente pela primeira vez na vida, depois me sento ao lado do Theo. — Vou pendurar na parede assim que chegar em casa.

— Imaginei que sim. Vamos ver o que o Theo tem pra você.

— O melhor por último, claro — Theo diz. — Rufem os tambores, por favor!

Ficamos parados por alguns segundos antes de batucar o chão com nossos punhos. O pacote é pequeno, porém é pesado. Rasgo o papel de embrulho e descubro um pequeno baú do tesouro.

— Por favor, me diga que tem minizumbis-piratas aqui dentro — digo. Theo dá de ombros. Destranco o baú e dentro há quatro estatuetas aladas com um cartão.

— Uma compulsão de grifos? — pergunto com um sorriso.

— Cuidadosamente aleatório, certo? — Theo diz entusiasmado. — Grifos por causa do seu nome, óbvio. Aliás, esses danados são bem difíceis de achar, mas encontrei um com o Wade em um brechó e encomendei os outros três pela internet.

Eu os examino e me detenho quando vejo uma plaquinha nas costas de um deles.

— O que é isso?

— Os coletivos simplesmente não fazem sentido. Um congresso de babuínos, um panapaná de borboletas, uma trompa de lhamas. Não faz sentido. Absurdo completo. Então criei uma compulsão de grifos pra você. Compulsão funciona porque você tem essas peculiaridades e porque coloquei ímãs nos grifos para que

eles fiquem unidos.

Theo tira uma placa do bolso e me entrega, demonstrando que devo colocá-la por dentro da camisa, e joga um grifo em seguida, que fica preso ali por magnetismo.

— Venci o Natal? O sentido do Natal é a gente vencer, certo?

— Vocês dois venceram o Natal — digo.

— Boa resposta — Wade diz.

— Resposta meia-boca — Theo comenta.

Coloco as placas de metal dentro da minha camisa, imantando todos os grifos. Não conto para eles que eu estava mentindo. Eles não venceram o Natal. Eu venci. E como não teria vencido? Existe uma compulsão de grifos pairando ao redor do meu coração.

HISTÓRIA

QUARTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 2014

Se eu tivesse me consultado com uma vidente no último mês de janeiro e ela tivesse previsto que eu começaria a namorar Theo em junho, eu teria passado o resto do ano elaborando uma missão para recuperar meus dez dólares. Mesmo se videntes existissem de fato, não acho que eu sobreviveria à expectativa. Às vezes, é bom ser surpreendido. Vai soar idiota e eu jamais diria isto em voz alta, mas a forma como eu e Theo nos assumimos um para o outro foi como ser pego em uma tempestade. As tempestades podem ser terríveis quando derrubam a energia elétrica e devastam casas, sem dúvida. Mas, às vezes, o trovão é a trilha sonora de algo imprevisível, que nos põe alertas e faz o coração disparar. Se alguém tivesse me avisado sobre a tempestade, eu teria morrido de medo e me enfurnado dentro de casa.

Mas não fiz isso.

É noite de Réveillon e faltam poucos minutos para a meia-noite. A festa que meus pais estão dando na sala para os amigos deles e os vizinhos favoritos está bem cheia, então ninguém notou que eu e Theo escapulimos para o meu quarto com taças de champanhe.

— Saúde — Theo diz.

— Saúde.

Brindamos e bebericamos nosso primeiro champanhe. É seco, frisante e azedo — exatamente como a garrafa anunciava. Não fechamos a porta. Caso meus pais percebam que nos ausentamos, não quero que pensem que estamos transando, especialmente se isso aumentar as chances de que eu vá ter mais uma conversa constrangedora com meu pai. Mas é quase meia-noite e temos alguns motivos para querer ficar a sós.

Coloco a champanhe sobre minha cômoda e ligo a TV para não perder a contagem regressiva. Quatro minutos para 2015.

— Vamos detonar o ano que vem, certo?

— Não, não vamos detonar o ano que vem, seu troglodita — Theo diz, incorporando sua cara mais séria. — Talvez, a gente o convide pra vir em casa e o levemos pra jantar? — Ele ri. — Nah, vamos detonar o ano que vem. — Theo

abaixa a taça também. Ele vem para os meus braços e me abraça forte. Descansa o queixo no meu ombro por alguns instantes antes de aconchegar a testa no meu pescoço, pele sobre pele.

A contagem regressiva começa e a multidão que está congelando na Times Square nos carrega em coro para janeiro. Meu peito se aperta.

— Quatro — digo.

— Três — Theo diz.

— Dois.

— Um.

— Feliz ano novo. — Balanço a cabeça, incrédulo, maravilhado com o cara na minha frente. É ano novo e eu estou abraçando alguém, e sendo abraçado também. E posso beijar alguém e ser beijado. Nós nos beijamos enquanto “Auld Lang Syne” toca ao fundo e continuamos unidos pelo máximo de tempo possível, mas depois me afasto e estou chorando.

— Griff, o que foi?

— Essa música me deixa emocionado. — Fecho os olhos. Estou um pouco encabulado de chorar na frente dele. — Amo você, Theo.

— Eu me amo também.

— Fique sério por dois segundos. Estou chorando.

— Certo. Um, dois...

— Retiro o que disse.

— Amo você mais ainda, Griffin — Theo diz, puxando-me para perto dele. — Estou deslumbrado com o tanto que você me faz feliz. Obrigado por estar aqui comigo quando eu sou idiota o bastante pra achar que preferia estar sozinho.

Quando Theo for para a Santa Monica College — e ele vai, porque ele é o Theo —, vai ser duro, mas aparentemente eu o deixo deslumbrado de felicidade. Não vou deixar isso me abalar.

Não posso prever o que vai acontecer este ano, mas estou pronto para mais tempestades.

HOJE

DOMINGO, 27 DE NOVEMBRO DE 2016

Vou ligar pra ele, tudo bem?

Devo isso ao Jackson e também a você.

Sento-me em um suporte para bicicletas, deixo meus pés balançarem. Está frio e escurecendo, mas este é o único lugar onde tenho certeza que terei privacidade, já que meus pais estão sempre invadindo meu espaço. Espero o minuto mudar e, assim que chego às 8:34, aperto o botão *CHAMAR* no número sem nome do Jackson. Talvez, eu crie um perfil de contato para ele depois disso. Ele atende um pouco depois do quarto toque, perigosamente perto do quinto.

— Griffin — Jackson diz. Há um barulho de água esguichando ao fundo.

— É um mau momento pra ligar?

— Eu sempre respondo e faço ligações quando estou no banho — ele explica.

— E não houve nenhum acidente com os telefones?

— Alguns — Jackson admite, e me pergunto se ele está tão surpreso quanto eu com a leveza em sua voz. Talvez, esteja até aliviado por falar sobre algo que não vai fazê-lo chorar. — Você recebeu minha mensagem ontem? Não sei se ela chegou aí ou não, mas eu...

— Recebi — interrompo. — Achei que a gente devia conversar antes de você ir embora. A menos que você esteja tomando banho porque precisa ir a algum lugar...

— Não, não vou sair — Jackson diz. — Estou tomando banho porque não tenho outra coisa a fazer. Denise e os pais dela já foram para a cama. — É esquisito ouvir Jackson se referir a Russel e Ellen como os pais da Denise, e não os seus. — Quer vir aqui? Tenho certeza que o Russel e a Ellen não vão ligar.

— Termine o banho e vista-se — digo. — Existe uma entrada para o Central Park na 72ª Oeste. Não é longe da casa do Theo, mas se você se perder pode usar o mapa no seu celular.

— Que horas?

Quase digo a ele que estarei lá em seis músicas.

— Devo estar lá em vinte minutos. Até logo.

Desligo, imaginando se dei tempo suficiente para que ele termine de tomar

banho e se enxugue o bastante para não voltar à Califórnia com um resfriado mortal, vista-se, localize sua segunda luva e me encontre no parque. Se ele atrasar, atrasou. Passei a maior parte do ano passado esperando — principalmente por você. Agora estou esperando que Jackson realmente apareça.



Fui bem pontual ao chegar no parque. Jackson, por outro lado, não. Estou me aquecendo com dois chocolates quentes com leite de coco, cada um com quatro doses de calda de caramelo. Você sempre disse que esta é a poção da sua genialidade, como se fosse um cientista louco. Esses chocolates com leite de coco foram pedidos obrigatórios durante o outono e o inverno, assim como os picolés do Homem-Aranha foram durante a primavera e o verão.

Mantenho um olhar atento à procura do Jackson, da esquerda para a direita e vice-versa. Beberico do meu copo e logo o vejo cruzar a rua correndo e vir na minha direção, com a jaqueta aberta e as mãos afundadas nos bolsos.

— Desculpe, eu me perdi — Jackson diz.

— Tudo bem. Eu deveria ter ido te buscar. — Entrego a bebida dele. — Esta é uma bebida que o Theo inventou. Não é nada muito maluco, só chocolate quente com leite de coco e caramelo. Já experimentou? — *Não, por favor, diga que não.*

Jackson balança a cabeça, negando. Ele acolhe o copo nas mãos, aquecendo-se, e observa a bebida.

— Theo também falava sobre inventar seu próprio smoothie, mas nunca teve tempo pra isso. — Espero que ele queira comentar. Ele meneia a cabeça e não diz nada. Não sei se está entediado ou perdido em pensamentos. Ele olha ao redor. — Estive aqui antes, em fevereiro.

Eu devia ter adivinhado. No segundo mês do ano, ele esteve aqui com você. No penúltimo mês do ano, ele está aqui comigo. Não consigo entender como um simples momento pode mudar completamente nossa vida. Sinto-me como uma pedra quicando na superfície do mar: dor, alívio, dor, alívio, dor, alívio, até, por fim, afundar.

— O Theo chegou a fazer sua imitação de troll quando vocês passaram pelos túneis aqui? — pergunto.

— Não aqui em Nova Iorque, mas ele fez isso lá em casa. Temos uns túneis que começam na lateral, passam por baixo da rua e levam você para a praia — Jackson diz.

Se me lembro bem, as imitações de troll começaram por causa da sua mãe. Ela costumava ir buscar você e o Wade no ensino fundamental, em uma época em que eu não fazia parte da tropa, e, quando fazia tempo bom, ela caminhava com

vocês pelo parque e contava histórias sobre os trolls que vivem nas pontes e túneis do parque ameaçando comer crianças que fogem de casa. Estou muito surpreso que você não tenha sido um grande fã de fantasia apesar de sua mãe ter tanta imaginação.

— Posso levar você pelo caminho em que o Theo teria levado — digo. — Mas não vou fazer as vozes. Sou péssimo com as vozes.

— Vai ser legal — Jackson diz. — Sei que o Theo queria que eu “conhecesse” os trolls de Nova Iorque, mas tivemos que nos encontrar com minhas amigas uma noite e não tivemos tempo pra isso.

Não gosto de saber que ele irritou ou decepcionou você. Não gosto que você tenha visto futuro no relacionamento de vocês a ponto de relevar a decepção, porque vocês dois teriam mais tempo juntos depois. Não gosto de saber que ele também confiava seu futuro a você. Não gosto de como ele ainda faz com que eu me sinta ameaçado. Não gosto de como sou injusto com ele. Não gosto de desapontar você com meu ciúme. Não gosto de aborrecer você com estas besteiras.

Afasto esses pensamentos. Não adianta eu ficar frustrado porque você compartilhou sua infância com o Jackson.

Entro no parque e Jackson me segue. É uma boa oportunidade de respirar ar fresco e acertar os ponteiros com ele.

— Desculpe ter saído daquele jeito no outro dia. Pensei que entrar de novo no quarto do Theo seria como estar em um museu, mas não consigo tirar da cabeça que ele está morto.

— É mais um mausoléu que um museu, não é?

— Exatamente.

Estranhamente, estou prestando atenção demais nos montinhos de neve suja e no lixo espalhado. Isso deve parecer feio para alguém que vive na terra das praias, do sol eterno, das gaivotas e dos golfinhos. É como se um visitante aparecesse em casa sem convite e sem me dar a chance de arrumar meu quarto. Já me senti assim antes, mesmo sem o Jackson ao meu lado. Em janeiro e fevereiro, logo antes de você e Jackson virem aqui, pensei que estivesse sofrendo de depressão sazonal, assim como todo o restante de Nova Iorque. Talvez, estivesse mesmo sofrendo um pouco disso — e estava, um clima brutal, do tipo dê-um-jeito-de-vestir-dois-casacos —, mas devia ser em grande parte por saber que você estava feliz e tranquilo em um lugar ensolarado, em um fuso horário diferente, provavelmente tomando um smoothie com alguém que não era eu.

— Quero ser sincero com você, Jackson — digo a essa pessoa agora. E espero que ele acredite na coisa inacreditável que vou dizer porque é cem por cento verdade. — Eu não odeio você. Pensei que odiasse, de verdade. Mas eu só

odiava o seu relacionamento com o Theo. Não pensei que você seria uma pessoa que ele realmente traria a Nova Iorque para apresentar à família e aos amigos. — Penso em parar em um dos bancos, mesmo que estejam molhados de neve derretida, mas Jackson não senta ao meu lado e sou obrigado a encará-lo durante esta confissão. — Odeio o fato de que você tem uma história com o Theo. E odeio que você estivesse construindo um futuro com ele.

Não posso dizer a você qual foi a última vez que fui assim tão honesto.

Você é meu humano favorito desde sempre, mas não posso mesmo dizer isso a você, Theo.

— Você sabe que eu também não te odeio, né?

Permaneço imóvel mas não o encaro. Olho para todos os lados, menos para ele, contando: oito grades na entrada do esgoto; seis pilhas de folhas mortas e dilaceradas com o formato de uma carranca; dois postes com lâmpadas acesas (faço uma anotação mental para encontrar mais um até a saída do parque para compensar aquele quebrado mais adiante); duas pessoas adultas se aproximando... e aposto que *elas* não estão no meio de uma situação impossível como a que Jackson e eu estamos milagrosamente enfrentando — ou talvez até abraçando.

— Você queria que o Theo parasse de falar comigo. — Não digo isso como uma acusação. É uma conversa legítima, de um cara para outro, de um coração partido para outro. Não faz sentido transformar isto em um confronto, não fará de mim um vencedor.

— Bem, eu odiava sua história com o Theo também — Jackson confessa. — Detesto como seu relacionamento com ele sempre fazia eu me perguntar se o nosso sobreviveria. Sabe, eu nem deveria ter vindo com ele a Nova Iorque em fevereiro. O aniversário da minha mãe era na véspera e nós sempre passamos juntos. Com café da manhã no restaurante favorito dela, depois um cinema, depois de volta ao restaurante para o almoço, depois mais cinema, depois de volta ao restaurante para o jantar, depois mais cinema, depois de volta ao restaurante para tomar um milkshake, e por último um filme em casa.

Quase o interrompo para afirmar que gosto muito da simetria da mãe dele — quatro filmes e quatro idas ao restaurante —, mas fico calado e o deixo continuar. Nunca tive a impressão de que ele nem sempre foi parte de sua visita à sua família.

— Mas eu faltei ao aniversário dela porque sabia que o Theo estaria aqui e veria você. — Jackson abaixa a cabeça. Agora olho para ele. — Era aquele lance de longe dos olhos, longe do coração. Eu jurava que, se não tivesse feito aquela viagem com o Theo, com certeza ele me ligaria para me dizer que você e ele voltariam a ficar juntos. — Estou prestes a me virar quando ele fisga meu olhar.

— Achei que talvez no ano seguinte o Theo pudesse celebrar comigo e com minha mãe.

Ele dá de ombros e sei que não é para encerrar o assunto.

Ele está fazendo o que já fiz antes, quando tentei encolher meus próprios sentimentos, fazer meus problemas parecerem menores para os outros, porque, às vezes, as pessoas simplesmente não entendem. Mas eu entendo, e ele deveria saber disso.

O primeiro túnel dos trolls é logo em frente. Continuamos parados.

Não nos odiamos. Também não deveríamos odiar as histórias um do outro.

Não consigo me desvencilhar de todos esses sentimentos. Pelo menos, não de imediato. E duvido que Jackson também consiga, especialmente no Central Park, onde estou servindo de guia em um passeio que você deveria estar conduzindo. Nossa situação é como um jogo de cartas viciado, e a mão que o universo nos deu é toda feita de curingas, como se fôssemos alvo de uma piada cósmica. Mas talvez não precisemos nos curvar a ele tão facilmente. Talvez, possamos continuar jogando e nos tornar nossos próprios reis, apesar de tudo.

Dou um passo na direção do Jackson, olho nos olhos tensos dele, um ainda mais vermelho que o outro por causa daquele vaso estourado. Abraço-o forte. Abraço-o por ele mesmo, porque ele sabe em primeira mão como o amor e um coração arrasado podem deixar uma pessoa louca e desconfiada. Eu o abraço por você, para que se orgulhe de mim por fazer a coisa certa em vez de dar as costas a ele como na outra noite. Eu o abraço por mim mesmo, porque a sinceridade brutal dele, de algum modo, me poupa de me sentir inútil e derrotado. Abraço-o por todos nós, porque não estamos mais lutando um com o outro.

— Finalmente estamos fazendo algo certo — digo, dando um passo para trás.

— Uma pena que não tivemos essa maturidade quando ele estava vivo — Jackson diz. — Talvez chegássemos lá, um dia.

Concordo com a cabeça.

— Detesto que tenhamos complicado a vida dele daquele jeito... e detesto saber que isso poderia ter chegado ao ponto em que o Theo teria que dizer adeus a mim ou a você, ou, talvez, a nós dois, já que não conseguíamos conviver.

Essa é uma das muitas razões pelas quais sinto muito, Theo.

— É. — Isso é tudo o que Jackson consegue dizer.

Dou um tapinha em seu ombro e me viro, convidando-o a me seguir. As histórias que vou contar a ele sobre você são boas para ele ouvir e boas para eu contar. Tudo bem ele estar um pouco distante esta noite. Eu meio que gosto de estar na poltrona do piloto, guiando-nos pelos céus que conheço. Acho que Jackson e eu corremos o risco de ter uma queda se ele estiver totalmente no controle.



— Esta é uma despedida melhor do que eu estava esperando — Jackson diz enquanto caminhamos na direção da saída, pelos mesmos portões onde eu e você nos alternamos fazendo xixi, tarde da noite, e montando guarda um para o outro. — Nem imaginei que veria você de novo. Queria aproveitar para pedir desculpas por ter tentado tirar o Theo da sua vida.

Sei que tenho muitas razões para me desculpar também, mas há algo mais profundo me incomodando.

— Você tem mesmo que ir embora amanhã?

Você ouviu bem, Theo. Eu, Griffin Sem-Nome-Do-Meio Jennings, perguntei à minha antiga nêmesis Jackson Wright se ele pode ficar em Nova Iorque.

— Não posso mais perturbar a família do Theo. Eles precisam ficar em paz — Jackson diz.

— Fique com a gente — argumento. — Afinal, você não tem que se preocupar com a escola.

— Não sei se seu pai vai gostar — Jackson diz.

— Ele vai levar numa boa. Sinto muito que ele tenha sido um babaca com você. Ele só estava sendo fiel a mim. — Diferente da minha mãe, que não estava sendo fiel o bastante, mas ela estava certa. Sei disso.

— Mas meu voo já está reservado — Jackson diz.

— Seu pai trabalha para a companhia aérea. Você não consegue passagens gratuitas?

— Bem... sim.

— Olha, se você quiser voltar pra casa, não vou impedir. Mas, se quiser escapar, estou dando uma oportunidade.

— Não, não é que eu não queira ficar, mas...

— Estou pronto para demolir sua próxima desculpa.

— Tenho uma pergunta, não uma desculpa.

— Você quer saber por que eu quero que você fique, não é?

— Exatamente.

— Você é a única pessoa que sabe o que estou passando, o que nós estamos passando. A família do Theo está sofrendo mais que nós, sem dúvidas. Mas nós o perdemos também e sinto que as pessoas estão surpresas com o fato de que ainda não segui com a minha vida. Não sei se isso também vale para você. Em todo caso, não me importo com o que as pessoas pensam. E não tenho nenhuma intenção de me esquecer do Theo, jamais. Se algum gênio aparecesse e dissesse: “Ei, quer usar um dos seus desejos para esquecer que o Theo existiu e curar seu

coração partido?”, eu provavelmente faria dois desejos e depois chutaria o saco do gênio por dizer algo tão estúpido.

— Você não usaria mesmo seu terceiro desejo?

Balanço a cabeça. A menos que eu tivesse garantia de uma nova rodada com o gênio e pudesse fazer seis desejos no total, eu jamais faria o terceiro desejo, mesmo se isso me deixasse na companhia daquele gênio babaca para sempre.

— A questão é: eu entendo você e você me entende — digo a ele. — Acho que podemos ajudar um ao outro a passar por isso e, melhor ainda, acho que podemos nos ajudar a nos curar. Topa?

Ele sorri, mas parece trêmulo sob a luz fria do poste.

— Eu teria que ser um idiota para recusar uma cura. Você tem razão quando diz que voltar para casa seria um saco agora. Seria muito solitário e eu veria vestígios do Theo em todo lugar. — Ele para. — Tem certeza de que quer isso?

Vejo vestígios seus em todos os lugares também. Mas tenho esperanças de que conversar com Jackson sobre você possa ajudar a mitigar a dor. E, definitivamente, vai ajudar a diminuir a solidão.

— Sim, tenho.

Estamos próximos da minha casa, então Jackson e eu seguimos direto para lá com o plano de ir buscar as coisas dele amanhã quando eu voltar da escola. Conforme nos aproximamos do meu prédio, eu digo baixinho: — Sinto muito por tudo também.

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO

Jackson também não consegue dormir. Faz quase uma semana desde o seu enterro e seria justo parar de culpar o fuso horário pela insônia dele. Ninguém consegue dormir porque você nos mantém acordados: eu, Jackson, sua mãe, seu pai, sua irmã e, provavelmente, o Wade. São seis horas da manhã e, por mais que eu devesse me esforçar para tirar pelo menos um cochilo, já que preciso me aprontar para a escola dentro de uma hora, Jackson e eu estamos parados diante da janela fechada vendo um avião cruzar o céu escuro.

— Faz duas semanas — digo. Duas semanas desde que você se foi.

— Eu sei — Jackson diz. Ele se afasta da janela e se acomoda no colchão de ar.

Continuo observando o avião. Jackson deveria estar no aeroporto agora, preparando-se para o voo das 8:00 de volta para casa, viajando no tempo de modo que ganhasse três horas de vida de volta. Mas, em vez disso, ele está aqui para conversar comigo, e, diferente de você, Jackson pode me responder.



Meu pai para o carro bem em frente ao seu prédio. Aviso ao Jackson que vou vê-lo depois da escola. Ele está cansado pra caramba. Não sou nenhum monstro; considerarei deixá-lo ficar no meu quarto enquanto eu ia para a escola, mas todas as nossas coisas estão ali, as suas e as minhas. Não acho que Jackson vá me roubar; a única coisa que ele tomou de mim foi você, e você estava disponível. Só que não o quero mexendo nas minhas ou nas suas coisas enquanto estou acordado, tentando adivinhar a história sem que eu esteja lá para contá-la.

Está um silêncio mórbido dentro do carro. Se meu pai não disser nada até o segundo semáforo, vou ouvir música. O segundo semáforo não demora a aparecer e eu coloco os fones de ouvido para escutar o cover de Lily Allen para “Somewhere Only We Know” quando Papai trava olhares comigo pelo espelho retrovisor. Ele diz: — E você conhece bem o Jackson?

Não sei o que pensar do tom de voz estranho do meu pai.

— Sei que o Theo confiava nele — digo, deixando os fones de ouvido balançarem. — E eu também confio.

— Quantos anos ele tem?

— Ele tem dezoito. — Até quinta-feira, pelo menos, quando ele completa dezenove. Você nunca fará dezenove anos. Está preso no tempo.

E, então, as porteiças rebentam e Papai me dá um sermão: eu errei ao incentivar Jackson a perder o voo, errei ao convidar Jackson para ficar no meu quarto, especialmente sem ter falado com ele e com Mamãe primeiro, errei por ir ao parque tarde da noite, especialmente porque há menos policiais vigiando nesta estação (e não faço ideia de onde vem essa informação, mas tanto faz), errei e continuo errado por agir de forma tão irracional.

— Sei que você sente falta do Theo, mas...

Coloco os fones de ouvido e ligo o som bem alto.



Zumbis devoraram o meu cérebro hoje, por assim dizer. (Não foram os zumbis-piratas que vão nos governar um dia, infelizmente.) Durante o ensino médio, adotei diversas formas zumbis. Houve os dias de morte cerebral, depois que fiquei acordado até tarde estudando para as provas semestrais. O mesmo aconteceu depois de sessões de videogame, durante toda a madrugada ou telefonemas com você. Eu me arrastava como um zumbi pelos corredores, incapaz de passar nas provas ou até mesmo de inventar uma desculpa por não ter

feito a lição de casa, enquanto o seu rendimento não caía. E há o tipo de zumbi que me tornei agora: aquele que perdeu tudo — o cérebro, o coração, a luz, a direção. Ele perambula pelo mundo, colidindo com isso, tropeçando naquilo, mas continua seguindo sem parar. Assim é a vida depois da morte.

Hoje sou o zumbi parado diante do seu antigo armário, como se houvesse algum *bunker* no subsolo, onde eu ainda poderia encontrá-lo vivo.

Mas sei que não.

Você está morto e eu sou o pior tipo de vivo.



Estou em casa antes que o táxi do Jackson chegue. Não posso mandá-lo sair todos os dias quando vou para a escola, tampouco posso esconder você quando ele está no meu quarto. Olho ao redor em um devaneio. Posso encaixotar as coisas que são muito íntimas e exclusivas para mim, como as cartas que você me escrevia todos os meses no nosso aniversário de finalmente-estamos-juntos. Ou o desenho que você me deu no primeiro mês de aniversário de primeira-vez-que-transamos; a generosidade com que você nos retratou é engraçada demais para não emoldurar, mas também crua demais para compartilhar. Há um monte de pequenas coisas que eu jamais gostaria de compartilhar com ninguém, muito menos com Jackson. Talvez na época em que eu queria provocar ciúme nele, mas não agora. Ele não precisa que eu esfregue certas histórias na cara dele.

Por sorte o apartamento está vazio. Empacoto tudo o que consigo encontrar em uma única caixa e fecho com fita adesiva. Não por ser desconfiado, mas por não achar que seja uma boa ideia deixá-la no armário do meu quarto, onde convidei o Jackson a ficar à vontade para pegar roupas de cama, guardo-a no armário do corredor. Meu olhar cai em uma caixa de sapatos: coisas que retirei do meu quarto alguns dias depois que você morreu, durante nosso período de silêncio mútuo. Aqueles objetos não têm por que ficar no meu espaço, então deixo a nova caixa em cima da outra e fecho a porta do armário.

Jackson me manda uma mensagem; vai chegar a qualquer momento. Desço as escadas a tempo de vê-lo sair do táxi com uma única mochila de academia. Eu esperava que ele viesse com uma mala de rodinhas, mas esqueci que ele é praticamente um garoto como eu, que supostamente passaria apenas uns poucos dias aqui.

Conforme subimos as escadas, Jackson me conta como os seus pais agiram esquisito quando ele contou que ficaria na minha casa. Não sei se eles desconfiam de mim, o que não faria sentido. Eles não fazem ideia de que a pior coisa que sou capaz de fazer é mentir, e isso só começou depois do término do

nosso relacionamento. Porém, estou cortando as mentiras, confie em mim. Ser brutalmente sincero é uma forma de liberdade que nunca experimentei. Talvez os seus pais tenham agido estranho por causa da improbabilidade de... não sei que palavra usar aqui, porque *fazer um par* soa muito romântico e *amizade* soa forte demais. Você saberia qual palavra usar. Qualquer coisa que Jackson e eu sejamos é improvável. Mas, no fim do dia, por mais preocupados que seus pais possam estar, eles não convidaram Jackson para continuar na casa deles, então aqui ele está.

— O que seus pais disseram? — pergunto.

— Meu pai diz que tudo bem ele me arrumar outra passagem quando eu estiver pronto para voltar pra casa. Minha mãe não gosta da ideia de eu abandonar a faculdade pelo restante do semestre, mas ela confia que eu sei o que é melhor pra mim — Jackson responde, deixando a mochila de academia ao lado da minha escrivaninha.

Deixo escapar uma risada sombria.

— Fico imaginando como deve ser isso. Fui fulminado por um sermão a caminho da escola. — Vasculho minhas roupas, escolhendo camisas, camisetas, jeans e cuecas boxer que não ligo de emprestar ao Jackson.

— É, Gregor não pareceu feliz de saber que vou passar um tempo aqui.

— Não, ele está mais irritado porque fiz isso pelas costas dele. Enfim.

Entrego as roupas, mais do que provavelmente ele usará aqui, mas é o bastante para encher uma gaveta para ele. Caio na minha cama e jogo para ele o controle da TV.

— Meu cochilo durante a aula de álgebra foi interrompido, então vou fechar os olhos um pouco. Sinta-se livre para assistir a qualquer coisa que queira ou ler, ou dormir, como preferir. Você tem quase dezenove anos, vai se virar.

— Obrigado — Jackson diz, baixinho.

Estou tentado a perguntar se ele está bem, mas você sabe como sou quando estou a ponto de desmaiar; eu falo como um sonâmbulo, meio na escuta, meio sonhando, e não faço nenhum sentido. Este não é o melhor momento para ter uma conversa séria, como suspeito que ele queira ter. Nem sequer tenho forças para colocar os fones de ouvido e ouvir sua mensagem de voz, mas o som da TV me traz algum consolo, um pouco de familiaridade. Nem toquei nela depois que você morreu, porque as pessoas não deveriam ver TV quando quem elas amam está morto. No entanto, agora, enquanto pego no sono, ela me lembra das nossas maratonas, dos filmes que detestamos, dos programas a que assistíamos semanalmente, documentários que nos mantinham acordados, dos filmes de ação que nos aborreciam e do ruído de fundo sem sentido que ela despejava enquanto nos beijávamos e fazíamos outras coisas sem sermos interrompidos.

É mesmo um saco que você não esteja dormindo ao meu lado. Principalmente porque seria bom saber se estou mesmo dormindo com um sorriso no rosto ou se estou apenas louco e imaginando isso.



Dá uma sensação ímpar que Jackson agora seja parte de nós, não é? Ímpar em número, sim, mas quero dizer ímpar de estranha, inesperada. É algo que você teria gostado se estivesse aqui com a gente. Como você pode ver, Jackson e eu estamos crescendo por sua causa. Espero que não pareça que estou dizendo que a sua morte uniu nossa vida; detestei ouvir Jackson dizer isso e detestei a mim mesmo por sequer insinuar isso. Em todo caso, nós três vamos deixar de jantar com meus pais esta noite, porque ainda estou me recuperando da bronca do meu pai. Detesto me sentir como uma criança malcriada.

Além disso, agora que estou sendo um pouco mais eu mesmo, quero que Jackson e eu tenhamos um tempo a sós (excluindo você, bem, incluindo, claro). Especificamente, quero saber o que aconteceu com ele depois que eu dormi — o melhor sono da semana inteira — que fez com que ficasse mais distante. Sentamos no colchão com nossas tigelas de macarrão e ele passeando com o controle por uma lista de filmes.

— O que você está a fim de ver?

— O que você quiser.

Jackson coloca o segundo filme do *Exterminador do Futuro*, mas depois de vinte minutos olhando com impaciência ao redor do quarto, está bem claro que não estamos prestando atenção.

— Você ainda está assistindo? — pergunto.

— Não — Jackson responde.

— Porque é um lixo?

— Porque estou pensando no Theo — Jackson diz.

— Eu ia perguntar. Foi alguma coisa que eu disse mais cedo?

— Você mencionou meu aniversário. Theo e eu tínhamos planos. A gente ia fazer aulas de surf, ir a uma exposição e acabar na praia. É bizarro como não vou estar em casa no meu aniversário e não vou estar com ele e... Devo estar soando como um disco quebrado.

Balanço a cabeça.

— Tenho certeza que juntos nós soamos como uma orquestra de discos quebrados. Já que você ainda está aqui, pode se encontrar com suas amigas. Elas vão voltar pra cidade até lá, não vão? Talvez, o seu aniversário seja o rolê que você precisava. Se isso não funcionar, estou aqui para qualquer coisa aleatória.

Ele suspira.

— Obrigado, Griffin. Pra dizer a verdade, eu nem pensei na Anika e na Veronika. Vou entrar em contato com elas amanhã ou depois. Com certeza vou precisar me distrair no dia do meu aniversário.

Eu entendi. Mesmo quando você estava vivo, os eventos que você perdia pareciam errados quando finalmente aconteciam. Eu precisava procurar pessoas com quem não me importava muito, e isso era um saco. Ter um plano nem sempre é uma garantia.

Faz duas semanas desde que você morreu, e uma semana desde que Jackson e eu fizemos nossos elogios fúnebres. Como eu disse: ímpar.

HISTÓRIA

QUARTA-FEIRA, 25 DE MARÇO DE 2015

Não acredito que minhas esquisitices sejam realmente esquisitas.

Não é esquisito estar pronto para o meu aniversário em maio, porque finalmente vou parar de ter quinze anos pelos próximos 366 dias (ano bissexto!). Não é esquisito colocar a culpa de tudo o que acontece de ruim no mês de março, porque este é o terceiro mês do ano. Não é esquisito fazer as contas de quanto estou comendo para não arriscar um número ímpar de refeições ao dia. Não é esquisito listar exemplos na minha cabeça e ficar frustrado quando percebo que não consigo chegar a um número par deles.

Não é só com os números, claro. Sou um ímã para o lado esquerdo de todo mundo e não sei por quê. Pode ser perturbador, mas desde que todo mundo esteja do lado certo e os números estejam equilibrados, fico muito bem. O sete não me incomoda tanto, mas talvez seja porque eu tenha nascido em um dia 17. Ou, talvez, porque o número sete seja muito legal. Talvez, eu esteja dando mais importância a essas coisas do que elas realmente têm.

Talvez, as esquisitices *sejam* mesmo esquisitices.

Talvez, eu esteja sendo duro comigo, porque essas minhas esquisitices que Theo acha fofas não bastam para fazê-lo ficar.

Em janeiro, Theo recebeu uma admissão antecipada na Santa Monica College.

Estamos sentados no chão da sala dele; eu de frente para o lado esquerdo do Theo, óbvio, enquanto ele abre a sua mais recente encomenda da sua futura casa. Russel grava no celular o momento em que ele abre o embrulho para incluir na pasta “Os Grandes Momentos do Theo” que ele tem no computador. Theo tira da caixa um boné, uma camiseta e um moletom da Santa Monica College.

Não posso entrar em pânico porque Theo tirou três itens de dentro do pacote, certo? Isso não faz sentido. Sei por que estou perdendo o fôlego: porque cada vez que acho que Theo vai reconsiderar a ideia e resolver ficar em Nova Iorque por mais um ano, algo assim aparece: um e-mail, uma carta, um envelope ou uma caixa de brindes como esta, e sei que ele já está de saída.

Theo coloca o boné e pisca para mim.

— Os chefões de SMC com certeza sabem seduzir um cara, né?

Uma ideia de universo alternativo: Theo e eu estamos morando juntos em uma casa abarrotada de chapéus, porque compro para ele um por dia para fazê-lo ficar.

HISTÓRIA

DOMINGO, 17 DE MAIO DE 2015

Talvez, eu tenha criado muitas expectativas sobre o meu aniversário. Ainda faltam algumas horas e não está sendo o dia memorável para o qual eu estava fazendo contagem regressiva, muito embora esteja tudo em seu devido lugar: acordei com um vídeo do Theo sem camisa exclusivamente para os meus olhos; meus pais me deram 350 dólares (devolvi dez dólares à guisa de caixinha por eles terem me colocado no mundo, mas, na verdade, eu só queria um número que soasse mais par para mim); fui com Theo e Wade até a lanchonete-barra-fliperama, onde Theo e eu nos beijamos pela primeira vez, e jogamos algumas partidas de *pinball* e hóquei de ar; ganhei alguns presentes ótimos e ainda nem recebi o do Theo, mas o meu preferido até agora é um chaveiro do Cedrico Diggory que Wade me deu.

E agora estou andando pela Union Square com o cara que mais amo, enquanto ele segura minha mão e assobia a música tema de Star Wars.

Entretanto, só consigo pensar que Theo não estará aqui no outono.

Eu não o terei mais aqui no primeiro dia de aula em setembro, nem para uma fantasia de casal no Halloween, para sessões de estudo para as provas semestrais em novembro, para toda a loucura que precede o Natal em dezembro, para o aniversário dele e para o meu *próximo* aniversário. Assim que ele se for, não teremos esses dias nem os pequenos e os grandes momentos que couberem neles. Tenho Theo comigo agora e, mesmo assim, não consigo abrir um sorriso que não seja falso. Mas, pelo menos, posso mentir se isso o fizer feliz.

— Hoje foi incrível — digo. — Obrigado por arranjar tudo.

Theo se encarregou do meu aniversário. Não sei se é porque me ama ou porque se sente culpado por ir embora, mas ele se encarregou desse trabalho e foi até o fim. Eu tive minhas dúvidas. Ele tem passados muitas noites e fins de semana baixando programas para computador para se preparar para a vida na Santa Monica College. Preciso continuar me lembrando que ele nem sempre coloca o cérebro na frente do coração. E o mais importante: não é ruim quando ele faz isso.

Ele me leva até um banco. Sentamos e ficamos assistindo a duas mulheres

jogarem xadrez ali perto.

— Griffin, preciso contar um segredo — ele diz.

— O que é? — Isso já não parece bom.

— Conheço você — Theo diz —, tipo, um tantinho. Estamos namorando há quase um ano e nos conhecemos bem antes disso. No quinto ano. Sei que tem alguma coisa pegando. Você deveria conversar comigo quando tem algo acontecendo. Se você não me contar, os Fiscais de Maus Namorados vão aparecer na minha casa e me dar uma advertência.

— E o que acontece quando você receber várias advertências?

— Vou ser condenado a um mês inteiro sem masturbação e sexo. Você tem que me salvar — Theo implora. — Você não está bem, está?

Mantenho o olhar fixo no jogo de xadrez, no número perfeito do quadriculado.

— Vou sentir sua falta — conto a ele, o que é verdade. — Sei que ainda teremos o verão inteiro juntos, mas o que vai acontecer quando você se mudar para a Califórnia? Vamos nos ver só nas férias?

— E isso não é o bastante pra você?

— Estou com medo de que não vá ser o bastante para você — admito. — Você vai conhecer algum cara, ou garota, talvez vocês só façam amizade primeiro, mas isso vai fazer você sentir falta de algo físico. Não acho que o Griffin-pelo-Skype vai ser suficiente.

— O Griffin-pelo-Skype vai continuar amando o Theo-pelo-Skype? Espero que sim, porque o Theo-pelo-Skype planeja amar pra caramba o Griffin-pelo-Skype, mesmo que não possa beijá-lo.

Ele conseguiu me fazer sorrir. Dane-se todo mundo que não gosta de demonstrações públicas de afeto, porque eu preciso recolher minha cota de beijos antes de me tornar o Griffin-pelo-Skype.

— Sente-se melhor? — ele pergunta.

— Desculpe por não ter comentado nada disso antes.

— Tudo bem. Só não esqueça daqueles Fiscais de Maus Namorados cretinos que vão querer impor o celibato a um jovem de dezessete anos com um namorado bonito. — Theo tira o celular do bolso. — Falando nele, preciso entregar seu presente de aniversário. Ainda não está pronto, mas juro que tenho a intenção de terminá-lo.

Ele escolhe um vídeo e aperta play. É uma animação. Mostra uma compulsão de grifos voando ao longo da tela. O grifo emplumado é do meu tom de azul favorito e está do lado direito até o momento em que ele dispara para a esquerda. A narrativa de um grifo se movendo para o lado esquerdo não faria nenhum sentido pra mais ninguém, mas faz todo o sentido pra mim. Significa que ele presta atenção ao modo como me movo, à minha cor favorita. Tem apenas

quatorze segundos de duração e conta mais como um clipe do que como um vídeo, mas sei quanto tempo demora para fazer um único quadro, e esse é um tempo que ele devotou para mim.

Esse clipe significa que meu humano favorito me ama.

— Juro que vou acrescentar mais coisas a ele — Theo diz, provavelmente se sentindo uma merda porque eu fiquei apenas olhando para ele sem dizer o quanto amei o presente. — Tenho algumas ideias, mas não quero dar *spoiler*. Gostou?

Eu me lanço sobre ele e, que se dane, não vou soltá-lo.

HISTÓRIA

SÁBADO, 27 DE JUNHO DE 2015

Depois de passar a manhã alimentando e dando nomes aos patos do Central Park (Daffy era um babaca que não queria dividir a comida), depois de uma tarde tomando sorvete no High Line, acompanho Theo de volta para seu apartamento — bem na hora em que a família dele, meus pais e Wade gritam “Surpresa!”.

Ele se vira para mim. Dou um soquinho de brincadeira no peito dele.

— Surpresa, Theo — digo.

— Não faço ideia do que está acontecendo — ele diz para a sala. — Bom trabalho, todo mundo.

— É uma festa surpresa — Denise grita, com um sorriso enorme que me mostra que ela perdeu aquele dente mole na arcada inferior.

— Você, mocinha, é um gênio — Theo diz. — Mas por que eu estou ganhando uma festa surpresa?

A mãe dele se aproxima e o puxa para um abraço, balançando-se com ele.

— É a sua festa de formatura. Foi ideia do Griffin.

Theo se solta dela e se vira para mim.

— É um saco que você precise esperar mais quatro anos pra se formar — digo.

Theo bate palmas, com urgência.

— Preciso pedir que todos vocês voltem para suas casas para que eu possa ficar sozinho com meu namorado na casa vazia. — Ecoam algumas risadas, mas o que se vê são principalmente rostos corados e olhos arregalados dos nossos pais. — Por favor, deixem todos os presentes. — Ele olha ao redor. — Espera. Não tem presentes? Nova missão! Saiam e vão me comprar algo bacana, voltem daqui a duas horas. Obrigado.

Ninguém sai para comprar presentes para Theo.

Os pais dele oferecem ao Theo um pouco de vinho, talvez crentes de que essa seja a primeira vez que ele beba, mas ele recusa assim que me vê segurando um chapéu de formando verde, que comprei de um aluno formado este mês. Theo abaixa a cabeça e me deixa coroa-lo.

Todos param para tirar fotos do Theo com o chapéu. Russel incentiva nossa tropa a se juntar para uma “foto de família”. Pergunto-me que família vamos ser quando formos só Wade e eu, com Theo na Califórnia, mas agora estamos unidos como nunca desde que Theo e eu nos assumimos.

— Você é um leitor de mentes — Theo me diz.

— Não, não sou — admito. — Grande parte da sua confusão sobre ir ou ficar se devia a você não completar o ensino médio até a graduação. Você nunca teve essa glória.

— E agora vou me despedir com um gesto de paz, antes de ter a chance de ser eleito o orador da minha turma — Theo diz, como se se formar do ensino médio com um ano de antecedência não fosse uma grande conquista. — Tenho certeza que a Suzanne Banks vai ficar com o posto agora, mas ela sempre vai ser a segunda da classe no meu coração.

— Vá verificar seu travesseiro.

— Tem alguma coisa ali?

— Se o Wade for bom em fazer favores, deve ter.

— Está lá — Wade diz.

Wade e eu seguimos Theo até o quarto, onde ele corre para pegar o diploma falso que criei para ele:

THEODORE DANIEL MCINTYRE

PRIMEIRO ALUNO DA CLASSE e O SER HUMANO MAIS INCRÍVEL
DO UNIVERSO

HOJE

QUINTA-FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 2016

Assim que Jackson desligar o telefone após conversar com sua mãe, desejarei um feliz aniversário a ele. São cinco horas da manhã em Santa Monica, mas não estou surpreso que a sra. Wright seja o tipo de mãe que acorda a essa hora para dar um telefonema de aniversário para o filho. Estou impressionado que ela consiga se antecipar a mim, considerando que Jackson estava dormindo a dois metros da minha cama.

Sento-me na cama, pensando em como dezembro está começando com um monte de primeiras vezes. É o primeiro mês em que você não está vivo, o que também significa que estamos há quase um mês sem você. É a primeira vez do Jackson celebrando o aniversário dele em Nova Iorque, longe dos pais. É o primeiro dia com neve e sem aula — e ficamos felizes de saber da suspensão das aulas ontem à noite, mesmo porque odeio nevascas. E eu, hã, preciso de uma quarta primeira vez...

Certo, certo.

Estou com problemas. Ajude-me aqui, Theo. Você sempre foi tão bom em me ajudar a equilibrar os números. Estou tentando adivinhar o que você diria agora. Olho para o quarto ao meu redor, que você sempre sugeriu como um bom lugar para começar. Muitas vezes você me salvou de ser soterrado pelo pânico; e estou sentindo o pânico se aproximar de mim agora.

Não sei se estou apenas imaginando ou não, mas meu coração está acelerando mais do que o normal. Estou desesperado por qualquer coisa, como quando duas pessoas estão encalhadas em um silêncio constrangedor e tudo ficaria um pouco melhor se uma delas dissesse algo...

Já sei! Hoje vai ser o primeiro dia em que vou sair para brincar na neve como um presente para Jackson.

Saco. Você deveria ter me lembrado que vou sair mais tarde para encontrar as amigas do Jackson pela primeira vez, você sabe que temos planos de sair pra jantar. Agora não consigo tirar isso da cabeça, pois ficou marcado como um número cinco. Preciso de um sexto agora. E ficarei bem se conseguir pensar em algo além do sexto, já que assim chegaria ao sétimo, e talvez daí consiga um

oitavo e, uau, se eu bater essa marca estarei muito perto de dez primeiras vezes hoje. É tentador quebrar esse recorde.

Mas não consigo.

Meu coração está se rebelando, meu peito está apertado, minha garganta está seca e minhas unhas estão em guerra contra a palma da minha mão.

Jackson percebe. Mas ele está colocando sua segunda meia e para. Ele afasta o telefone da boca e me pergunta se estou bem.

— Coloque sua meia, por favor — digo.

— Depois eu ligo de volta, Mãe. — Jackson desliga o telefone e imediatamente veste a outra meia. Preciso do equilíbrio de duas meias em dois pés tanto quanto preciso de uma sexta primeira vez.

Meu rosto fica quente, ou talvez já estivesse assim há algum tempo. Não sei, não sei. Tudo em mim queima. O calor se espalha pelos meus ombros, cotovelos, pulsos, coxas, joelhos e dedos dos pés. Quero arrancar a roupa e chorar um pouco porque não estou conseguindo me concentrar no que deveria — a próxima e última primeira vez —, porque tudo o que consigo pensar é que você não está aqui para me ajudar e que Jackson nunca vai entender como é viver dentro de uma cabeça igual à minha, impotente contra estes impulsos.

Jackson, com as duas meias, se aproxima e se agacha diante de mim, quase como se eu estivesse atado a explosivos e pudesse me autodestruir a qualquer momento.

— Griffin, o que foi? — Ele se ajusta de modo a ficar do lado oposto ao meu joelho direito. — É algum problema de ângulo?

Encontro minha sexta primeira vez: esta é a primeira manhã em que deixo Jackson me ajudar a me acalmar. Ele tem me ajudado com a tristeza. Eu costumo afastá-lo no que diz respeito às minhas compulsões. Você esteve comigo desde o começo e eu me voltava para você. É difícil controlar algo que tem controle sobre mim. Ninguém entende, mas é libertador deixar outra pessoa tentar.

— Estou bem. — Enxugo a testa com as costas da mão. — Fiquei preso na minha cabeça.

— Foi alguma coisa com o ângulo? Como posso ajudar você da próxima vez? O cuidado dele me faz lembrar de você.

— Era uma questão com os números. Vamos deixar isso de lado porque já passei tempo demais dentro da minha cabeça. — É o fardo de ter um cérebro que dá voltas, acho. Sei que os cérebros não deveriam dar voltas... Só as mentes, mas não os cérebros propriamente ditos. Mas há muita coisa acontecendo na minha cabeça que não entendo e talvez nunca compreenda, e parece ridículo me apegar à ideia de que meu cérebro é feito de carne e fica parado no mesmo lugar, uma coisa que funciona como os demais cérebros.

— Sinto muito — Jackson diz.

— Não foi culpa sua — minto. Não posso deixar escapar que essa sequência de pensamentos degradingolou por causa dele, pois ele foi a origem da minha conta de primeiras vezes.

Imaginei uma porção de vidas mais fáceis em universos alternativos — alguns em que Jackson já não existe e alguns em que ele nunca existiu —, mas nunca me imaginei em um universo onde Jackson é um acréscimo útil e bem-vindo à minha vida. E eu jamais teria previsto um universo onde realmente me preocupo com os sentimentos dele.

Levanto da cama e olho através da janela. A nevasca está forte e espera-se que vá chegar a 1,20 m hoje e, talvez, 1,80 m até o domingo.

— Tem certeza que você ainda quer passar o dia na neve?

— Tenho — ele diz. — Quero mandar aos meus pais fotos minhas na neve. Mensagens diferentes para cada um, claro.

Aposto que o pai do Jackson não vai ligar até perto do meio-dia, apesar de que espero estar errado. Até lá, vamos pôr a culpa no trabalho. Talvez, ele esteja voando e impossibilitado de ligar. Talvez, ele vá surpreender seu filho com uma visita a Nova Iorque para vê-lo. Duvido que vá acontecer. Espero que Jackson não esteja contando com isso também.

— É seu dia — digo. Vamos esperar até que a neve não esteja despencando assim, mas estou determinado a honrar os desejos dele. — Está animado para ver Anika e Veronika?

— Vou ficar surpreso se isso acontecer de verdade — Jackson responde, ainda observando pela janela como se fosse a última vez que vai nevar em sua vida. — Veronika sempre arruma uma desculpa para cancelar os encontros. Ela odeia sair de casa. Tenho certeza de que ela cancelará tudo agora com este clima.

— Não é à toa que você e o Theo não podiam ter arriscado se atrasar na noite em que ele quis levar você ao parque — digo.

Por falar nisso, acho muito maduro da minha parte abordar esse assunto. Você me deve um joinha.

— Exatamente — Jackson diz.

— Deveríamos ter um plano B, só pro caso de precisar. — Meu coração já não está tentando pular fora do peito. Ajudar Jackson está me resgatando da minha própria cabeça. — Pense nisso como um plano para um dia na neve dentro do plano do seu aniversário. O que mais você gostaria de fazer? Das coisas que só dá pra fazer em Nova Iorque?

— Theo costumava falar sobre o High Line — Jackson diz.

Afasto-me da janela, para que Jackson não me veja corar. Estou corando, não estou? Meu rosto está queimando de novo. Fico imaginando se você mencionou

meu nome quando falou do High Line, se contou a ele que comprávamos limonadas e ríamos da vendedora de sorvete que tomava picolés escondido quando achava que não havia ninguém observando. Talvez, você tenha evitado contar a ele como nós andávamos de mãos dadas e criávamos histórias sobre a vida das outras pessoas que víamos trabalhando nos escritórios. Talvez, você jamais falasse sobre mim para não ferir os sentimentos dele.

— Se suas amigas forem chatas nós vamos ao High Line — prometi. Faz um tempo que não vou lá. — Jackson?

— Sim?

— A propósito, feliz aniversário.

Jackson finalmente tira os olhos da janela e sorri. Não há como não ver a tristeza no sorriso dele, como se estivesse esperando ver você quando se virasse. Mas, quando alguém está de luto, um sorriso genuíno já é uma pequena vitória em meio à grande batalha.

— Obrigado, Griffin.

Não quero falar por você, mas tenho certeza de que vai se sentir melhor tendo estas palavras suas lançadas neste universo: — E o Theo também te deseja feliz aniversário.

Jackson está um pouco surpreso, mas o sorriso dele não se desfaz — não fica mais triste nem mais feliz.

Às vezes, a neutralidade é uma vitória também.



— Existe uma palavra mais fria do que gelado? — Jackson pergunta, embrulhado dos pés à cabeça com o casaco, o chapéu, as luvas e o cachecol do meu pai, que o obriguei a vestir.

— Gelado pra cacete?

Jackson concorda.

— Está gelado pra cacete. Já não tenho certeza se quero um boneco de neve como meu melhor amigo.

Aliso a base do boneco de neve.

— Não. Não dá mais pra voltar atrás. Não trabalhamos tanto na bunda dele pra desistirmos agora.

— Talvez, devêssemos fazer uma boneca de neve — Jackson sugere batendo os dentes de frio. — Você só vê bonecas de neve quando é uma família precisando de uma mãe para as crianças. Mas, sempre que é só uma pessoa de neve, todo mundo a transforma imediatamente em um homem.

— Então esta vai ser uma boneca de neve revolucionária! Alguma pessoa de

neve ainda escreverá sonetos sobre esse feito — digo. Pego um montinho de neve e começo a modelar os seios da boneca de neve. — A propósito, esse é um típico pensamento do Theo vindo de você. A gente não brincava muito na neve porque eu não sou muito fã do gelo, mas acho que, se tivéssemos feito isto, o Theo teria essa ideia iluminada de criar uma boneca de neve porque sim.

— Não consigo pensar em uma pessoa melhor pra inspirar a ideia — Jackson diz por cima do uivo do vento. Não está sorrindo desta vez.

Nós continuamos construindo e moldando, convencidos a não parar para nos aquecer dentro de um lugar fechado, porque depois seria muito difícil voltar para este frio. Os seios da mulher de neve parecem mais cones, mas passo para a cabeça porque Jackson e eu não somos exatamente adolescentes obcecados por seios. A cabeça da mulher de neve não é proporcional ao corpo, assim como o corpo não é proporcional às pernas em forma de bola.

— Ela precisa de um rosto agora — Jackson diz.

Sinto-me culpado por dois motivos. O primeiro é que eu deveria ter feito isso com você e jamais postergado, porque eu pensava que teríamos todo o tempo do mundo quando voltássemos a ficar juntos. Também me sinto culpado porque não conseguiria ficar tão feliz com isto quanto o Jackson está agora.

— Vou arrumar um rosto pra ela. — Meus dentes estão batendo. Caminho pelas redondezas, feliz por não estar mais com os joelhos em contato com a neve molhada. Vou até a lata de lixo para pegar uns itens (bem, vamos chamar pelo nome certo: *lixo*) que podem ser úteis para dar um rosto à boneca de neve.

Volto e jogo no chão nossas opções, todas coloridas em contraste com a neve branca. Jackson imediatamente escolhe um caco de vidro verde de uma garrafa quebrada de Heineken.

— Sério? Você vai esfaqueá-la? — Tiro o vidro da mão do Jackson e dou à mulher de neve um sorriso... bem, um sorrisinho torto.

— Nada mal — Jackson reconhece.

— Não duvide dos meus dotes artísticos.

Jackson usa a tampinha suja de uma garrafa d'água para fazer o nariz da boneca de neve. Eu esvazio um saco de pipocas e uso punha-dos para fazer os olhos e o pacote para fazer um cabelo muito liso.

— Está bonita — Jackson diz, rindo um pouco.

— Bonita considerando que é feita de neve e lixo, não é?

— É, eu não sairia com ela — Jackson diz.

— Não faz seu tipo?

— Prefiro minhas bonecas de neve com nariz de cenoura e olhos de biscoito de baunilha — Jackson diz.

Rio um pouco, o que me surpreende. Não posso dizer que eu vá sentir

saudades da boneca de neve quando ela for só um montinho de pipoca em uma poça d'água. Obviamente, vou jogar o caco de vidro fora antes de abandoná-la aqui. Mas essa foi uma pausa bem-vinda para tudo o que está acontecendo. Acho que é isto o que Jackson significa: uma pausa bem-vinda, apesar de ele também fazer parte disso tudo. Acho que posso dizer que ele é a liberdade.

Você pensava no Jackson como a liberdade?



Apesar de todo o tempo que vivo em Nova Iorque, de vez em quando alguém recomenda um restaurante que existe desde sempre e cuja existência é uma surpresa para mim. Sei que a cidade é enorme, mas, uau. Imagino como ficaria chocado se tivesse vindo de Los Angeles. Anika aparentemente é fã do Spotlight Diner, que fica em frente ao Washington Square Park e aos dormitórios da Universidade de Nova Iorque. É mais próximo ao centro da cidade do que tenho ido atualmente, mas é uma garantia de que o aniversário do Jackson não será arruinado; as chances de Anika e Veronika aparecerem são muito maiores, porque nosso ponto de encontro é próximo de onde elas moram. Se elas faltarem, Jackson e eu podemos ir ao High Line, que fica a vinte minutos de caminhada ou uma viagem rápida de táxi. (Se eu conseguir achar um táxi, vamos de táxi).

Jackson está sentado à minha direita, claro. Do outro lado da nossa cabine, há um espelho. Devo dizer: a camisa social que emprestei ao Jackson não fica nada mal nele. Não vou cometer o excesso de dizer que fica ótima porque está tão larga nele quanto fica em mim, mas ele consegue passar a impressão de alguém que não está vivendo de um guarda-roupas emprestado. Talvez seja tarde demais para dá-la de presente de aniversário a ele, não é? Nada melhor do que o velho truque do “se você gostou, pode ficar com ela”.

— Tem mais alguma coisa que eu deva saber sobre Anika e Veronika? — pergunto. Recebi umas informações básicas, nada muito íntimo, nada como assuntos que devo evitar ou coisas que podem ofendê-las. Já caí em umas emboscadas no passado e foi um saco.

— É, tem alguma coisa que ele deveria saber? — uma garota comenta atrás de mim.

Levanto o rosto e reconheço Anika e Veronika das fotos do celular do Jackson, mas ele realmente precisa de um celular com uma câmera melhor. Elas são lindíssimas, nível estou-até-esquecendo-que-sou-gay. As duas têm pele escura e estão vestidas como irmãs com seus tops jeans, mas as semelhanças param por aí. Anika tem cabelos longos e trançados e um corpo esbelto, forte —

provavelmente por causa da prática de corrida. Veronika tem o cabelo raspado e piercings no nariz, na sobrancelha esquerda, nas orelhas e no canto do lábio inferior.

— Feliz aniversário! — Anika diz.

E Veronika comemora.

Jackson desliza para fora da cabine e tenta abraçar Anika primeiro, mas Veronika se coloca no caminho, apertando-o pela cintura.

— Estou tão feliz que vocês vieram — ele diz.

— Eu não perderia isso nem para ver o apocalipse — Veronika diz.

— Pela milésima vez esta semana, isso não faz sentido. Deleta — Anika diz, tirando Veronika do caminho para abraçar Jackson. — Você está basicamente admitindo que quer ver o mundo pegar fogo.

— Pela milésima vez esta semana, o mundo é um saco e eu posso incendiá-lo de olhos fechados ou, por um segundo maravilhoso, ver tudo virar cinzas — Veronika diz. Ela se acomoda na cabine sem dizer nada para mim.

Anika abana a mão com desdém na direção de Veronika e se vira para mim: — Griffin, não é? Eu sou Anika.

— Oi. — Levanto para apertar a mão dela antes de voltar a me sentar.

— A “outra” — Veronika diz. — Por assim dizer.

Não sou o outro. Sou o primeiro.

— Ela está brincando — Anika diz com um olhar sombrio na direção da amiga, que se senta ao lado dela. — Não tem graça, mas ela está brincando.

Não estou rindo e não vou fingir que sim.

Jackson se senta, devagar, como se de repente estivesse em dúvida se o programa foi uma boa ideia. Mas o sorriso dele não desaparece.

— É muito legal ver vocês duas. Como foi o Dia de Ação de Graças? Como têm sido as aulas? O que tá acontecendo?

Ele só fez três perguntas e, antes que eu possa cutucá-lo para que faça uma quarta, Anika e Veronika atiram as respostas: — O Dia de Ação de Graças foi esquisito sem você. Ninguém quis comer a salada de cranberry da minha mãe — Veronika solta, casualmente, lendo o cardápio.

— Mas todo mundo entendeu por que você não estava lá — Anika acrescenta.

— Minha mãe manda as condolências, claro.

— Como vocês est...

— As aulas vão bem — Veronika interrompe. — Estamos indo a muitas festas com a turma do teatro. Também não reprovamos em nenhuma disciplina ainda, o que é bom. A Universidade de Nova Iorque está montando um espetáculo que é basicamente uma versão hipster de *Peter Pan*. Anika e eu estamos competindo pelo papel da Wendy, embora, se ela quisesse, sem dúvidas conseguiria roubar o

papel do Capitão Gancho do Jeremy.

Anika intercepta o garçom.

— Ei, pode trazer água? E uma mordaca para esta aqui? — O garçom vai embora. — Você está falando umas dez vezes mais do que deveria.

Eu diria umas vinte vezes. Não consigo entender como Jackson pode ter saudades de alguém tão egocêntrica e insensível. Também imagino que você não gostasse de jogar cartas com essa garota. Anika parece gente boa, sem dúvida. Mas de forma nenhuma, depois de se encontrar com Veronika, você diria ao Jackson: “Adorei essa garota! Vamos fazer isso mais vezes!”.

— Só estou feliz — Veronika diz. — Faz tempo que não vejo o Jack.

— Jackson — ele corrige. — Só o Theo me chama... me chamava assim.

Além do meu pai, só você me chamava de Griff. Tanto Jackson quanto eu demos a você essa intimidade. Você se foi e levou consigo Griff e Jack, mortos com você.

— Eu não tinha como saber disso — Veronika diz.

— Talvez, você soubesse se realmente participasse dos nossos encontros pelo Skype — Jackson diz.

Ele não parece irritado, só decepcionado. Não sei se Jackson é do tipo que se enfurece. Ainda estou aprendendo.

— Escuta, Jackson... Tudo bem se eu chamar você de Jackson? — Veronika se inclina para a frente. — Você poderia ter se mudado pra cá com a gente. Você decidiu ficar em casa e ir à faculdade...

— Ir a uma faculdade que tinha os melhores cursos para mim — Jackson interrompe.

— Não, não vamos brigar — Anika diz. Ela se vira para mim, como a se desculpar.

— O curso de animação não é tão ruim aqui. Sei de um cara que adora — Veronika diz.

— Bom pra ele. Não quero frequentar uma universidade em que o curso de animação não é tão ruim. Sinto muito que minha faculdade não produza espetáculos hipster do *Mágico de Oz*...

— *Peter Pan* — Veronika corrige.

— ... mas respeito que vocês tenham se mudado pra cá pra fazer o que é melhor pra vocês. Sabia que você e a Anika ficariam mais próximas quando passassem a ser colegas de dormitório, mas não tinha como saber que eu acabaria sendo jogado de lado.

Veronika olha pela janela, como se estivesse entediada.

— Estou surpresa que você tenha notado alguma coisa, já que *sempre* estive muito concentrado no Theo.

Não estou gostando de ver para onde esta conversa vai. Alguém ainda vai dizer algo estúpido, imperdoável. Já estou ansioso por causa das três perguntas que o Jackson fez e que deram início a esta confusão. Estou coçando a palma em cima da mesa, esperando que Jackson perceba e decida pelo cessar fogo. Mas ele nem se dá conta do garçom que chega para perguntar nosso pedido e logo se afasta, para não se envolver no tiroteio.

— Theo sempre esteve ao meu lado — Jackson diz.

Veronika bate palmas.

— Parabéns para o Theo, então! Vocês dois estavam na mesma cidade. Eu parei de participar dos encontros pelo Skype e de mandar mensagens pra você depois que seu relacionamento com o Theo decolou dessa forma que não conseguimos entender, mas você esperava que entendêssemos. Compreendo. No ensino médio, fiquei ao seu lado sempre que você levava um fora e ficava na fossa com o coração partido, e aí você pegou um carinho bonito na estrada e foi mágico, uma história perfeita para publicar no blog. Eu entendo sua obsessão, mas não coloque toda a culpa em mim. Você também tem culpa, Jackson.

Ele fica piscando.

— Você não tem mais nenhum interesse em sermos amigos, não é? Não fique com pena de mim por causa do Theo. — A voz dele fraqueja; em seu lugar a minha seria um rugido.

Veronika balança a cabeça.

— Não tenho pena. Não tente distorcer isso como se eu odiasse você, só porque não adorava seu namorado tanto quanto você. Estou triste por você, claro, mas eu não conhecia o cara. Jogamos cartas uma vez e vocês dois só ficaram fazendo piadas internas.

São tantas emoções se debatendo em mim durante este pingue-pongue: ciúme e curiosidade pelas piadas internas (mesmo que nós tivéssemos as nossas, provavelmente dez vezes mais); raiva por ela falar como se você fosse insignificante; solidariedade com Jackson, que, assim como eu, está de luto e, também como eu, precisa de amigos que consigam não ser babacas neste momento; confusão porque Anika não resolveu ainda encerrar esta conversa e porque tudo saiu do controle tão rápido.

— Eu estava fazendo com que ele se sentisse bem-vindo e à vontade — Jackson diz.

— Esse era o *nosso* trabalho — Veronika diz, revirando os olhos. — Você não confiou que a gente tentaria fazer amizade com ele. Você o roubou para si mesmo. A gente sinceramente sentia como se você só se visse obrigado a encontrar com a gente porque estávamos na mesma cidade.

Jackson se vira para Anika: — Você também se sentia assim? Com tudo isso

que ela está dizendo?

— Céus, não, com certeza não com todas essas coisas que ela está dizendo. — Anika balança a cabeça e depois dá de ombros. — Mas eu concordo com boa parte. Adoro você, Jackson, mas você colocou o relacionamento de vocês na frente de todo o resto. Não estou brava com você. A faculdade e a distância fazem isso com as pessoas. Mas tínhamos muita coisa acontecendo por aqui também, antes que o Theo... Tinha muita coisa acontecendo com a gente e a gente se sentia estranha por não conseguir contar pra você. Mas, sinceramente, não podíamos arriscar que você não oferecesse a atenção de amigo que isso exigiria de você. Porque, se não oferecesse, não ia ter volta.

— Deixa pra lá — Veronika diz. — Vamos só continuar mandando mensagens sobre quem viu o último episódio de qualquer série idiota que estamos todos vendo e cada um guardar suas tragédias para si.

Agora tenho certeza de que não estou gostando do rumo da conversa. Estou impaciente, coçando as palmas sem parar. Tento relaxar o tique no meu pescoço, girando a cabeça como sempre, mas ele está se espalhando pelos meus ombros e pela coluna, então estou fazendo todos os tipos de alongamentos; estalo os pulsos, terrivelmente tensos, como se eu tivesse ficado até tarde escrevendo uma dissertação; estalo todos os dedos e verifico se estão mesmo todos estalados. Sou o desconforto em pessoa.

— Se for sobre o fim do namoro com o último grande amor da sua vida, é melhor que não me conte mesmo — Jackson diz. — Vi sua mudança de *status* de Em Um Relacionamento Sério para Solteira no Facebook, estou informado até aí. Pelo menos, ele ainda está vivo.

— Jackson, não! — Anika avisa.

O rosto da Veronika se transmuta de um modo como jamais achei possível, considerando as fotos bastante felizes dela que vi na internet.

— Meu *status* no Facebook disse que terminei com o último grande amor da minha vida por causa de um aborto que precisei fazer? Meu *status* no Facebook contou a você que eu não estava preparada para ser mãe e ele não estava preparado para ser pai e, por concordamos que este não era um bom momento, que iríamos juntos até a clínica e ele seguraria minha mão ao longo do processo? Meu *status* no Facebook contou que ele não apareceu e não respondeu nenhuma das minhas mensagens? Minhas mensagens com certeza não foram muito simpáticas, mas a psicóloga do campus com quem estou falando para lidar com a culpa acha que foram justas.

Veronika se levanta, trêmula e de olhos arregalados. Anika abre caminho para ela.

— Nunca quis mal a vocês — ela diz, inclinando-se sobre a mesa. — Sei que

você deve estar magoado de formas que eu desconheço, mas, quando o Theo ainda estava vivo, eu perdi uma parte de mim, perdi uma pessoinha que crescia dentro de mim e ia se parecer comigo. Você nunca vai ser o Tio Jackson. Eu nunca vou ser a mãe daquela criança. Da próxima vez que você vir a mudança no meu *status* no Facebook, talvez você possa me perguntar se estou bem.

Antes que qualquer de nós diga uma palavra, Veronika se vira e corre pela noite. Há silêncio e um sopro de ar invernal. A porta fecha atrás dela.

— Eu não fazia... — Jackson está chorando e, droga, estou quase chorando também.

É justo dizer que ele não fazia ideia do que estava acontecendo, mas também é justo admitir que poderia ter se informado. Vejo-me nele mais do que nunca agora, quase como se fôssemos feitos da mesma gambiarra de engrenagens girando e girando fora de sincronia.

— Ela vai me dar um soco se eu correr atrás dela, não é?

— Será que um soco é a pior coisa que pode te acontecer agora? — Anika pergunta.

Jackson abaixa a cabeça.

— Se você não vai atrás dela, eu tenho que ir — Anika diz. Ela se inclina e dá um abraço rápido no Jackson. — Depois me conte quando você vai embora. A gente devia tentar... bem, não fazer *isto* de novo, mas precisamos colocar a conversa em dia. — Ela acena para mim. — Sinto muito por não conseguirmos conversar mais. — Ela pousa a mão no ombro do Jackson. — Feliz aniversário.

Ela sai apressada.

— Sou um bosta — Jackson diz. Ele enxuga os olhos com as mangas.

O garçom se aproxima cuidadosamente: — Vocês vão pedir alguma coisa?

Digo a ele que estamos de saída e me desculpo pelo transtorno. Deixo uma nota de dez e conduz Jackson para fora. Estou aliviado que minha ansiedade esteja diminuindo, possivelmente porque estou congelando até a morte do lado de fora. Preciso obrigar Jackson a vestir o casaco do meu pai enquanto ele atravessa a rua, caminhando na direção oposta à estação de trem.

— Sou o pior — Jackson diz. — Eu não fazia ideia, mas podia ter ligado.

— Você não é um bosta — digo a ele. — Não dá pra chamar aquilo de jantar, mas foi uma merda do começo ao fim. Nós nunca saberemos pelo que ela passou, mas ela também não faz ideia do que *nós* estamos passando. Não é uma competição para ver quem está mais magoado.

Droga, a tristeza já é bastante complicada sem que precisemos nos perguntar como os outros estão lidando com a parte que lhes cabe.

— Para que lado fica o High Line? — ele pergunta, fungando. O nariz já está vermelho.

Respeito o silêncio do Jackson enquanto caminhamos pela Décima Avenida. Tento convencê-lo a pegarmos um táxi, mas, sempre que paro para chamar um, Jackson continua andando. Se ele está reagindo assim por ter magoado sua amiga, só posso imaginar o que aconteceu quando ele perdeu você no mar.

Ainda não tomei coragem de perguntar a ele sobre aquele dia. Sua morte é a prova de que eu não deveria confiar nas falsas promessas de novos anos, meses, semanas, amanhã, horas e minutos apenas porque sou jovem. E sei que Jackson é a única pessoa que pode preencher as lacunas sobre a tarde em que você se afogou; é a única pessoa que pode apagar de uma vez por todas as coisas horríveis que imaginei. Se Jackson for embora, essas respostas estarão perdidas para sempre. Contudo, ainda não tenho coragem de dar esse passo, pressioná-lo a me contar como foi estar ao seu lado quando você morreu, como foi assistir às tentativas do salva-vidas de bombear oxigênio no seu cadáver.

Sinceramente, Theo, tenho medo de que a verdade seja mais dolorosa do que minha imaginação.

Jackson está trêmulo e abraçando o próprio peito no momento em que chegamos ao High Line, mas, se as pernas dele estiverem tão duras quanto as minhas, ele está sendo corajoso ao me seguir pela escadaria até o topo.

Nunca vi o High Line durante o inverno. Queria que Jackson pudesse ver os trilhos do trem, mas há algo bem legal nos vasos de plantas recobertas de branco e nos bancos de madeira cobertos de neve.

Espero que em vida você tenha tido a oportunidade de caminhar aqui durante o inverno, apesar de que você teria me contado se tivesse feito isso.

Jackson não parece estar encantado com a vista, nem se importar por estar aqui. Ele caminha direto para a grade e observa o trânsito logo abaixo. O vento chega a machucar, está muito mais frio aqui em cima do que nas ruas.

— Eu deveria ter ido atrás da Veronika, né? Eu deveria ter me desculpado e chorado com ela e perguntado como ela está — Jackson diz. Eu mal consigo escutá-lo através do vento. — Eu teria feito isso um ano atrás, um mês atrás. Não concordo com tudo o que ela disse sobre eu ser obcecado pelo Theo. Mas me sinto arrasado sem ele. Fico afastando as pessoas... Eu a deixei ir embora. Você também se sente assim?

— Cem por cento. — Observo o trânsito ao lado dele. Se os motoristas pudessem enxergar como são ridículos deste ponto de vista privilegiado, buzinariam menos e xingariam muito menos uns aos outros. — Theo já lhe contou como foi que ele parou de falar com o Wade? — pergunto a ele.

Jackson balança a cabeça.

— Não muito. Aconteceu no verão, não foi?

— É.

— Theo parou de mencionar vocês dois naquela época — Jackson diz. — Acho que ele percebia que isso me deixava incomodado. Sinto muito.

Meneio a cabeça. Está tão gelado aqui. Queria muito que estivéssemos tendo esta conversa em um lugar fechado.

— Entendo. Às vezes, ele parecia evitar dizer seu nome também.

Que bagunça você deixou para trás, Theo. A bagunça não é culpa sua, mas minha e do Jackson. Mas, cara, isso é barra pesada.

— Só sei que eles tiveram uma discussão — Jackson diz. — Por que você parou de falar com ele?

— Lealdade para com o Theo — digo. — E, agora que posso voltar a falar com o Wade, não falo. Acho que estamos afastando as pessoas, porque, se não podemos ter o Theo, não queremos mais ninguém.

— Mas estou deixando você se aproximar. Não estava contando com isso.

— Estamos deixando de ser quem éramos, acho.

Somos exatamente o que eu odiei na Veronika há uma hora atrás.

Ele não concorda nem discorda.

Agarro o braço do Jackson e o puxo para longe da grade. A lua está às nossas costas. Descemos apressados a escadaria e mergulhamos dentro do primeiro táxi disponível, os corpos trêmulos e dentes trincando. O motorista está com o aquecedor ligado no máximo, mas ou ele é muito fraco ou sou eu que estou prestes a virar um bloco de gelo.

— Como posso consertar isso, Griffin?

Não há respostas fáceis aqui. Não vai ser tão simples quanto um pedido de desculpas. Jackson e eu estamos quebrados, precisando seriamente de reparos, mas o único mecânico que estamos interessados em ver é nossa pessoa favorita — que foi embora para sempre.

— No nosso estado atual, acho que não estamos nas melhores condições para tentar consertar amizades — respondo. Sinceramente não sei se isso é alguma mentira para tentar facilitar as coisas ou se é a verdade, por mais infeliz que seja. Mas é o que eu acho. — Talvez, se a gente deixar o mundo pegar fogo e desabar, tudo acabe voltando ao lugar certo.

Ou, talvez, o incêndio só aumente.

HISTÓRIA

QUARTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2015

Assim que temos certeza que os pais dele não vão subir as escadas, caso tivessem esquecido as chaves do carro, a carteira ou qualquer outra coisa, Theo e eu arrancamos nossas roupas como se elas estivessem pegando fogo. Saltamos na cama. Esta é a última vez que estaremos juntos e nus em meses e não vou deixar essas caixas cheias de roupas dobradas e objetos arruinarem o dia.

Estamos namorando há bastante tempo e, sempre que é possível encaixar sexo na nossa rotina, não perdemos muito tempo nos beijando. Mas, nesta tarde, é diferente. Theo beija com força e com fome, e tudo parece derradeiro para mim.

Sei o que deve acontecer em seguida. E sei que preciso fazer isso por conta própria, porque não vou suportar se Theo fizer primeiro.

HISTÓRIA

SEXTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 2015

Estou calado enquanto Theo, Wade e eu caminhamos até o correio para despachar as quatro caixas do Theo para a Califórnia. O voo do Theo é hoje à noite e já não consigo me controlar. Se eu abrir a boca, não sei o que vai sair. No entanto, Theo e Wade parecem bem enquanto conversam sobre o segundo filme dos Vingadores em vez de ficar lembrando o passado. Mais tarde eles vão se lamentar disso. Eu já lamento.

O correio fica a mais uma quadra de distância, atravessando a rua.

— Eu esmagaria você como o Hulk agora se isso me desse a habilidade de correr como o Mercúrio para a Califórnia — Theo diz ao Wade. — Eu poderia até apostar corrida com os meus pacotes.

— Mas que diabo? Por que você não pode esmagar algum estranho? — Wade pergunta.

Theo dá risada.

— Eliminar um cidadão anônimo? Não é esse o espírito do Capitão América. Ele não pode mais ser seu personagem favorito. O seu novo favorito é o Demolidor, na versão do Ben Affleck. — Ele pisa no meio-fio, virando-se para ver o rosto do Wade.

— Vou sentir saudade de todo esse bullying... Cara, cuidado...

Um carro buzina e Theo para de andar de ré na rua.

— THEO, CORRE! — eu grito.

Theo dispara na direção da agência do correio, tropeça nas caixas que deixou cair e desmorona na rua. O carro desvia dele no último segundo cantando o pneu, quase acertando Wade e eu, e freia na esquina. O motorista sai. Está furioso, acusando Theo de ser descuidado e idiota, mas eu bloqueio tudo o que ele está dizendo. Bloqueio tudo o que existe a não ser Theo. Corro e me ajoelho ao lado dele. Ele está olhando para mim, mas acho que não está me vendo de verdade.

Eu o abraço, assegurando-lhe repetidas vezes que ele está bem e *me* assegurando repetidas vezes que ele está bem. Ele está bem, ele está bem, ele está bem, ele está bem.

Ele vai ficar bem. E eu vou ter que ficar bem também.

Ajudo Theo a se levantar enquanto Wade acalma o motorista, convencendo-o a retroceder, voltar para o carro e esquecer tudo isso. Levo Theo até a agência do correio, onde nos encostamos na parede da entrada, deixando-nos afundar até o chão. Seguro a mão dele e encosto a cabeça em seu ombro.

Deveria dizer que eu o amo ou que eu não sei o que faria se o carro o tivesse acertado. Mas não faço nada disso.

— Acho que deveríamos terminar, Theo.

Theo dá um salto, mas não larga a minha mão; ele acaba de sair do choque.

— O quê?

— Tenho pensado sobre isso nos últimos dias. Estou com medo de ficar prendendo você de algum modo — digo.

— Você não vai me prender — Theo diz. — Isso é ridículo.

— Não posso arriscar. Não posso arriscar ficar no seu caminho.

— Você não está no meu caminho, Griff. Você é a razão pela qual fiz aquela dissertação.

Isso não é verdade, e ele sabe. Ele a teria feito sem mim. Não sou eu o motivo de ele ter recebido uma admissão antecipada. Isso é um mérito dele e de seu cérebro.

— Tudo vai mudar quando não estivermos frente a frente, você sabe disso. Não estou dizendo que devemos parar de ser amigos. Quero que tudo faça sentido e tem algo que não parece certo se... — Não posso fazer isto. — Não parece certo tentar namorar a distância por dois anos.

— Então você não me ama mais, Griff?

Não olhamos nos olhos um do outro durante toda esta conversa. Estou observando as bitucas de cigarro na calçada. Wade teve o bom senso de esperar diante da caixa de correio e nos deixar a sós.

Balanço a cabeça de encontro ao ombro do Theo.

— É o contrário. — Minha garganta apertada. — Você está ferrado porque eu *nunca* vou deixar de te amar. Estou contando que vamos voltar a ficar juntos quando nossa vida estiver mais organizada. Você é meu final feliz. Mas tem que me prometer que não vai ser idiota de se jogar no meio do trânsito. Não morra. Tudo bem?

— Certo. Não vou morrer nunca — Theo diz, me abraçando mais apertado.

— Estou falando sério. Prometa.

— Prometo: nunca vou morrer.

Estico o corpo e puxo a cabeça dele para a minha, beijando-o e apertando sua mão. Estou fazendo a coisa certa. Ele vai se concentrar em si mesmo, vai descobrir a vida que quer ter e, com sorte, estarei incluído nela. Eu vou ficar

bem.

Theo está chorando um pouco e começa os nossos beijos: o beijo de borboleta, o beijo de homem das cavernas — em que ficamos com as testas coladas mais tempo do que o habitual —, o beijo de esquimó acaba comigo e começo a chorar também; e finalmente o beijo zumbi.

— Vou comer as suas lágrimas — Theo diz, rindo. — Eca.

Rio com ele. Espero estar mesmo certo sobre isso ser o melhor para ele. Vai ser um saco se esta for a última vez que estivermos assim tão próximos. Já é um saco eu estar despedaçando meu coração pela felicidade dele.

Mas, se ele está feliz, então estou feliz. Não é?

HOJE

QUINTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 2016

Estou sentado do lado direito de alguém na hora de estudo livre.

Minha respiração está mais difícil. Sinto coceira como se um exército de formigas estivesse atacando meu corpo. Quero gritar, mas estou na biblioteca, um local de silêncio obrigatório, um lugar à prova de chiliques; mais uma coisa que não posso controlar. Tento me acalmar coçando a palma da mão, mas isso tudo é ridículo. Não posso enterrar minha ansiedade na palma da mão, como um cachorro faz com um osso velho no fundo do quintal.

Pensei que esta cadeira fosse melhor do que a outra disponível, que é à esquerda do Wade. Não conheço o cara ao meu lado, mas, quanto mais tento evitar o olhar do Wade enquanto ele me espia do outro lado do recinto, mais passo a conhecer o cara próximo, enquanto ele murmura músicas que não conheço e morde a tampa da caneta. Esses pequenos fatos são o bastante para transformá-lo em uma Pessoa com P maiúsculo, uma Pessoa que está à minha esquerda, uma Pessoa que deveria estar à minha direita.

Tenho que pedir a ele para que troque de lugar comigo. É o que eu deveria ter pedido no primeiro instante. Eu me conheço. Deveria saber que, quanto mais ignoro os pensamentos sobre Wade e seu próprio luto e como me sinto culpado porque ele está sofrendo sozinho, mais e mais eu vou me concentrar em outra pessoa. Eu me inclino, o que é bizarro. Queria muito que você ou o Jackson estivessem aqui para me distrair de tudo isso.

— Ei, poderíamos trocar de lugar?

A tampa da caneta cai da boca do sujeito.

— O quê?

— Podemos trocar de lugar? — Estou ansioso para resolver logo isso, ansioso para estar onde deveria estar, ansioso para arrancar de mim estes formigamentos, ansioso para voltar à temperatura normal, ansioso para ficar fora das vistas do Wade, ansioso para ser invisível.

Ele aponta para um celular ligado à tomada.

— Meu telefone está carregando.

— Você pode deixá-lo aí.

- É, sei.
- Ninguém vai tentar roubar seu telefone.
- Isso é o que você diz.
- Você é do primeiro ano?
- Do segundo.

Isso explica a arrogância dele.

- Só me deixe sentar no seu lugar.
- Por quê?

Eu não deveria ter que explicar minha compulsão para ele. Mas ele tem o que eu quero. Porém, é um estranho que não sabe nada ao meu respeito. Mas talvez ele não seja tão babaca se eu lhe der a chance de me entender. Mas as pessoas deveriam ser gentis sem precisar de motivos.

- É algo pessoal — digo.
- Eu pessoalmente quero ficar de olho no meu telefone — ele diz.

Levanto e chuto minha cadeira, perdendo o controle neste ambiente controlado.

- Você não deveria nem estar com este telefone aqui!

Ele recua, surpreso, talvez com medo. A nova bibliotecária se aproxima com cuidado. Ela não sabe que normalmente não sou um aluno causador de problemas e duvido que vá saber como lidar comigo.

- Viu, agora nós dois vamos ganhar uma advertência — digo a ele. Aposto que vou sentar do lado esquerdo dele na sala da diretoria.

Então vejo Wade vindo apressado na minha direção, a mochila e os cadernos ficando para trás na sua mesa. Estou pegando fogo. A bibliotecária está prestes a dizer alguma coisa, mas Wade se põe entre nós.

- Sinto muito por ele — Wade diz, e o pedido de desculpas dele soa como se lamentasse pela minha existência. — Ele está de luto.

Os olhos da bibliotecária se arregalam. Ela meneia a cabeça de modo compreensivo, parecendo saber quem eu sou. Pergunto-me como ela sabe. Não nos conhecemos direito; por outro lado, aposto qualquer coisa que nos últimos dias eu devo estar fedendo a tristeza e parecendo o garoto do cartaz de alerta sobre depressão.

- Entendo e sinto muito por sua perda, mas você precisa fazer silêncio na biblioteca ou...

— A gente já está saindo. — Wade me agarra pelos ombros e me dirige até o corredor.

Respiro fundo, prestes a chorar.

Desvencilho-me dele.

- Não me toque.

— Como você está? Você não responde mensagens nem ligações.

— Então, entenda o recado.

— Não vou dar pra trás sabendo do seu estado atual — Wade diz. Ele esfrega os olhos. — Eu conhecia o Theo também, há mais tempo que você. Mas tudo bem. Você não está sendo justo me tratando como se eu tivesse segurado a porcaria da cabeça do Theo debaixo d'água e...

Viro para a esquerda e corro. Se eu não fugir deste corredor, ele vai virar a cena de um crime. Wade grita um pedido de desculpas pela cretinice inacreditável que acaba de dizer, mas eu continuo. Ele nunca foi bom com as palavras, mas agora não consigo tirar essa imagem da minha cabeça, de você, à deriva no mar, afogando-se pelas mãos da pessoa em quem você mais confiou antes que eu surgisse.

Vou dar o fora daqui — deste andar, deste prédio. Quase tropeço ao descer as escadas e meio que desejo cair e quebrar o pescoço. Desculpe, isso é horrível de se dizer. Você sabe que eu jamais desistiria da vida assim, especialmente sabendo que a sua vida foi roubada; eu jamais apertaria um botão para me desligar.

Corro para o meu armário.

Lembrar minha senha neste momento é difícil, mas meus dedos giram o disco e fazem o que precisam. Pego o meu casaco e bato a porta, marchando para uma porta lateral. A diretora está descendo as escadas.

— Sem correr, Griffin!

Não paro. Passo por ela, escancaro a porta de saída. Ela chama por mim, vem atrás de mim sem blusa nem casaco, mas eu a deixo para trás rapidamente. Corro pelas ruas, quase escorregando na neve; corro para a estação de trem e mando uma mensagem para meu pai saber que estou indo para casa e que jamais voltarei àquele lugar.

Tudo isso aconteceu porque alguém estava sentado à minha esquerda.



Estamos reunidos na sala discutindo o que aconteceu na escola. Jackson está sentado à minha direita, como deve ser, e meus pais estão sentados diante de nós nas cadeiras que trouxeram da sala de jantar. Todos se acalmaram, eu inclusive. Não me surpreendi quando Jackson me contou que minha mãe ficou surtando ao receber a ligação do meu pai dizendo que eu havia abandonado a escola.

— Você vai ficar em casa comigo amanhã — minha mãe diz. Ela está tentando fazer contato visual comigo, mas continuo olhando para a TV, apesar de estar desligada. — Você está vulnerável demais naquele ambiente agora.

— Também não quero voltar lá na semana que vem — digo. Cansei de fingir que qualquer coisa que eu faça na sala de aula importa para o meu futuro. Posso ser o melhor aluno em todas as aulas, como você era, e fazer toda a lição de casa e, ainda assim, ser vítima de um acidente aleatório e fatal. Se você soubesse que morreria jovem, teria passado tanto tempo estudando, Theo? Na verdade, aposto dois dólares que você teria, sim, estudado... Eu nem consigo me sentar ao lado direito de alguém sem ter um ataque de pânico.

— Certo. Vamos ver como você vai se sentir na segunda-feira — Mamãe diz.

Papai concorda. Ele parece preocupado, não que eu possa culpá-lo.

— Entendemos como é difícil estar em um lugar onde você passou tanto tempo com o Theo — ele diz. E está certo, mas a escola não é o único lugar onde passei tanto tempo com você. Ele se vira para Mamãe. — Talvez, no próximo semestre, possamos transferir o Griff de escola. Um novo começo.

— Isso não é algo que vai desaparecer me fazendo mudar de lugar — digo. — É o Theo.

Jackson concorda.

— Fazer a transferência é fácil. Pensei nisso também, mas parece errado. Como seu eu estivesse tentando esquecê-lo.

Meus pais se entreolham. Eles sempre tiveram um jeito de se consultarem sem dizer uma palavra. Sinceramente, os dois agem como o policial bonzinho no interrogatório. O mais perto que meu pai já chegou de ser o policial ruim foi quando ele desprezou Jackson ao encontrá-lo, mas agora é a vez da minha mãe.

— Jackson, você se importaria se a gente conversasse a sós com o Griffin por um momento? Precisamos falar com ele sobre um assunto delicado.

— Qualquer coisa que vocês me disserem eu vou contar pra ele — digo.

— Tudo bem — Jackson diz. — É uma reunião de família. Eu entendo. Desculpem. — Ele se levanta e vai direto para o meu quarto, fechando a porta atrás de si.

— Isso não era necessário — digo.

Mamãe olha pra mim.

— Nós temos sido muito condescendentes, mas eu sinceramente não sei se o Jackson ficar aqui é o melhor pra você agora — ela diz. — Você está passando por uma perda enorme...

— Jackson é o único que entende — eu interrompo.

— ... e talvez seja a hora do Jackson ir pra casa e dar a você um ambiente mais estável. Mais importante, você precisa ir a um terapeuta de verdade. — Ela se levanta e se senta no lugar do Jackson, o *seu* lugar, ao meu lado. Meus pais raramente erram nesse negócio de esquerda *versus* direita; ainda bem que você também nunca errava. — Se a presença do Jackson estiver afetando suas

compulsões, isso é um problema. Independentemente disso, você precisa ver um terapeuta e um psiquiatra logo.

Não consigo dizer a eles que vou ficar bem, que não há nada de errado comigo. Detesto até mesmo me reconhecer como errado. Mas não acho que palavras e terapia de exposição vão fazer minhas compulsões cessarem. Acho que vai ser o contrário, ver um psiquiatra só vai colocar o foco nas minhas compulsões. O problema, na verdade, é que meus pais são *normais* demais para entender isso.

— Vocês não podem me obrigar — digo. E sei que os venci agora. Eles não podem me punir mais do que eu já me puni.

— Terapia não é uma coisa ruim, não é nada de que se envergonhar — Mamãe diz. Ela estende a mão para mim.

— Então, faça você terapia. — Desvio da mão dela e vou para o meu quarto. Se ela quer ir se consultar com um “profissional de saúde mental” e relatar como eu deveria estar me sentindo de acordo com os sete estágios do luto ou qualquer baboseira que disserem a ela, que fique à vontade. Não preciso disso na minha vida, assim como não preciso do Wade me contando tudo sobre você que eu já sei.

Só preciso de você e do Jackson.

Fecho a porta do quarto e me deixo cair na cama.

Jackson está sentado no colchão de ar, escrevendo uma mensagem para alguém no celular.

— Eles querem que eu vá embora, não é?

Não respondo, o que já diz tudo.

— Tudo bem. Não fique bravo com eles. Provavelmente vai ser melhor. É como a gente disse lá fora, precisamos encarar o Theo onde ele estiver. Não podemos nos esconder dele.

— Mas o Theo *morava* em Nova Iorque — digo. Sento-me. Não posso acreditar que meus pais deixaram Jackson tão constrangido que ele queira ir embora. — Me mandar para outra escola não vai mudar isso.

— Mas eu não moro aqui — Jackson diz baixinho. — Theo não está aqui para mim como está pra você. — Ele se move do centro do colchão para a borda e se senta com os cotovelos nos joelhos. — Já escrevi pro meu pai e ele está vendo se me consegue uma passagem para este fim de semana. Vai ser difícil por causa das nevascas e dos cancelamentos, mas vamos ver.

Então, é isso. Assim que ele se for, sei que vou cair naquele buraco negro de desamparo. Já estou sentindo o apoio dele ser tomado de mim. Deito de costas e observo o teto.

Jackson preenche o silêncio com uma lista de todas as coisas das quais ele

sente falta em casa, sempre aos pares, porque, assim como você, ele se tornou bem cuidadoso com minhas necessidades: ele sente (muita) saudade da mãe e (um pouco) do pai; da cachorra e das corridas que fazem juntos; do quarto dele e do seu dormitório; dos corredores e salas da faculdade (mas não o bastante para querer voltar para as aulas); do carro e de dirigir; do sol e das camisetas regatas; do chá gelado e dos sorvetes; de enfiar os dedos dos pés na grama do parque e na areia da praia.

— Eu também sentiria saudade de todas essas coisas — digo, mesmo que muitas delas sejam alienígenas para mim, mais próximas de um universo alternativo que você tenha criado do que da minha realidade. Não sei como é ter a liberdade de um espaço sem meus pais por perto, como um dormitório, onde somos livres para ficarmos juntos sem a sensação de que existe um holofote sobre tudo o que fazemos. Não sei nada sobre estar atrás do volante do meu próprio carro, de qualquer carro, e decidir meu próprio caminho, gastando quanta gasolina eu quiser, porque foi gasolina que paguei com meu próprio dinheiro. Não sei nem como é ter um cachorro. Mas não posso culpar Jackson por sentir saudades das coisas que conheço, como enfiar os dedos na grama, beber chá gelado, o calor que sinto nos braços e na nuca quando estou de regata, e mesmo algo irritante como proteger meus olhos do sol porque eu sempre prefiro o calor e o suor, em vez do escuro e do frio.

Jackson respira fundo.

— Faz quase um mês...

Eu sei.

— Vai ser o melhor assim. Pode parecer besteira, mas quero estar de volta em casa nesse dia — Jackson diz.

Eu o invejo tanto. Ele vai voltar para sua terra cheia de luz do sol, onde, apesar da dor, encontrará boas memórias suas. E eu estou condenado ao frio congelante e ao vazio. Quase brinco sobre como vai ser bom ter meu quarto só pra mim, como detesto competir com ele pelo chuveiro, mas isso é mentira. Jackson não é meu inimigo. Ele preencheu silêncios frios com histórias calorosas, ainda que essas histórias, às vezes, chegassem perto demais e me queimassem.

Jackson se levanta e se aproxima da minha cama.

— Posso sentar?

Tenho sido muito eficiente em não deixá-lo se aproximar da minha cama; ele nunca pediu, e eu nunca convidei. Ele sempre se acomodou na poltrona ao lado da cama; mesmo na hora de calçar os sapatos, ele se restringiu ao chão e ao colchão. Mas estou me sentindo vulnerável, então, sem me mover um centímetro da minha posição atual, eu o olho nos olhos e digo sim.

Ele se senta na beira da cama, sem abusar da sorte e ficar à vontade demais, com pernas esticadas e costas apoiadas na parede.

— Obrigado por me deixar ficar aqui, Griffin. Sério. Ainda me sinto arrasado... Não é culpa sua, não é isso... mas já não me sinto em um milhão de cacos. Não espero voltar a me sentir inteiro de novo. Acho que você também não. Detesto a ideia de deixar você sozinho aqui. — Ele se cala e o silêncio não é o mesmo silêncio com o qual fico bem, aquele em que não precisamos dizer nada, porque simplesmente é bom ter alguém por perto. — Você vai ficar bem?

É quando a ideia vem a mim. Assim, do nada, como uma daquelas epifanias geniais que você tinha o tempo todo, sou possuído pela luz.

— Vou com você. Você pode me mostrar como era a vida do Theo lá. Podemos fazer companhia um para o outro no dia treze. — Dizer essas palavras em voz alta me dá a sensação de sair voando daquele buraco negro.

— Seus pais vão deixar você ir?

— Posso convencê-los. Tudo bem se eu for com você?

— Totalmente. — Jackson sorri. — Vou escrever pro meu pai.

Ele saca o celular e eu jogo os braços ao redor do pescoço dele enquanto os braços dele envolvem minha cintura. Eu deveria soltá-lo agora, mas não solto.

SEXTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 2016

— Sinto falta das reuniões em família desde o divórcio dos meus pais — Jackson conta para os meus pais à mesa do jantar. O seu “jantar de despedida”, como meu pai disse. Estamos bajulando-os na esperança de que me deixem ir para a Califórnia com ele no domingo. — Isso foi bem antes dos meus pais começarem a brigar, claro, mas na maior parte do tempo era bom contar a eles como foi o meu dia. E acho que sinto ainda mais falta das refeições caseiras. Os tacos de carne fizeram jus à reputação deles, sr. Jennings.

— Fico feliz de ouvir — meu pai diz, limpando o molho da boca. — Mas, sério, me chame de Gregor.

— Certo, Gregor.

— Obrigada de novo por entender, Jackson — Mamãe diz. — Tem sido maravilhoso ter você aqui em casa. E, de verdade, não é pessoal. Só queremos que o Griffin volte à rotina, assim como você.

Jackson concorda com a cabeça.

— Não tenho palavras para agradecer por vocês terem me deixado ficar aqui. É hora de pensar no que vou fazer assim que voltar pra casa também.

Estou coçando a palma das mãos.

— Eu quero ir com ele por alguns dias. Faz quase um mês desde que o Theo morreu e quero estar na Califórnia com o Jackson nessa data. Eu não vou voltar

para a escola agora, e...

— O seu tempo de folga não é o mesmo que férias — Mamãe interrompe.

— Eu não chamaria de férias estar de luto pelo Theo.

— Desculpe. Não foi o que eu quis dizer, mas desculpe. O seu recesso escolar foi sugerido para que você pudesse descansar em algum lugar conhecido. Você nunca foi à Califórnia — Mamãe diz.

Sei muito sobre a Califórnia por todas as coisas que você e Jackson me contaram. Sei por causa das minhas pesquisas, quando eu estava pensando em ir cursar uma faculdade lá para me juntar a você. Sei por senso comum.

— Você já superou seu medo de voar? — Papai pergunta. — Se você teve um ataque de pânico na biblioteca da escola, não podemos confiar que vai ficar bem em um voo de algumas horas.

Estou quase sugerindo me darem um remédio para dormir enquanto as desculpas continuam vindo. Eles não podem pagar por uma passagem aérea de urgência, especialmente considerando o dinheiro que estão guardando para minhas sessões de terapia. Eles não se importam que o pai do Jackson já tenha reservado duas passagens para nós. Nenhum deles pode pedir licença do trabalho agora para me acompanhar, como se eu fosse uma criança precisando de um acompanhante em vez de um adolescente de dezessete anos que vai ficar na casa da mãe do Jackson.

— Não estou tranquila com essa ideia — Mamãe diz.

— Nem eu — Papai diz.

— Bem, e eu não vou estar tranquilo aqui quando o Jackson for embora — digo.

Não sei como eles não notaram nenhuma diferença em mim. Tenho conseguido assistir a um pouco de TV, sem me sentir culpado por não estar triste e chorando. Estou de novo em uma posição em que me imagino rindo, rindo *de verdade*, com lágrimas nos olhos e tudo. Além disso, quero conhecer o seu dormitório, seus lugares favoritos, os lugares que você evitava; até a praia onde você morreu, quero visitar.

— Eu preciso muito ver como era a vida do Theo lá. Prometo que vou tentar ir à terapia se vocês me deixarem ir.

Mamãe segura minha mão.

— A terapia vem primeiro, Griffin. Não queremos pressionar você, mas precisamos encarar a verdade: você precisa ver um profissional. Vai poder visitar o Jackson na Califórnia quando estiver se sentindo melhor. Sinto muito. — Ela me solta e começa a limpar a mesa.

Eu estava delirando se achava que eles me deixariam ir. Mas, pelo menos, eu pedi.

Teria sido ótimo ir com a permissão deles.
Paciência.

SÁBADO, 10 DE DEZEMBRO DE 2016

No cemitério, Jackson e eu passamos por várias lápides elaboradas, esculpidas em pedras de diferentes cores, com ângulos agudos e salientes como os membros esqueléticos enterrados abaixo delas. Talvez, as famílias quisessem gastar o máximo de dinheiro com a lápide mais cara do catálogo como uma última extravagância em homenagem ao ente perdido.

Apesar da sua lápide ser bastante comum — lisa, cinzenta e na altura dos joelhos —, para mim ela se destaca das outras, quase como se brilhasse no escuro. Quero me ajoelhar diante dela, mas então percebo que estou pisando sobre você. Este é o momento em que estamos mais próximos fisicamente desde o dia 21 de novembro, quando enterramos você. Não quero pensar no estado do seu corpo debaixo da terra congelada, mas é impossível evitar.

— Esta parece a coisa certa — Jackson diz. — Obrigado por me trazer aqui. Não consigo pensar em uma melhor forma de passar meu último dia em Nova Iorque.

— Você acha que vai voltar um dia? — pergunto a ele. — Talvez, para acertar as coisas com a Veronika e visitar a Anika? — Ainda não consigo acreditar que Anika nunca teve tempo de conversar com Jackson; não havia como ele saber do aborto de Veronika. Se essas são as amigas dele, talvez esteja precisando de amigos novos. Talvez, seja eu. Talvez, seja por isso que ele se sentiu atraído por você.

— É, eu ia querer visitar você também — Jackson diz.

Há uma fagulha de calor no meu rosto antes que o vento frio a leve embora.

— É esquisito, né? Nós dois. Não esquisito de um jeito ruim, mas ainda esquisito se você pensar no tempo que desperdiçamos tentando *não* ser amigos.

— A cada dia que acordo sem o Theo, penso como é estranho estar acordando no seu quarto. Sempre demora um tempo para cair a ficha. Sem querer ofender.

— Não ofende. Também me sinto assim. Queria te perguntar uma coisa. E você não pode mentir pra mim nem evitar responder, porque está de pé em cima do Theo agora, e isso é mais sério do que jurar sobre a Bíblia.

— Manda. — Jackson nem para para pensar sobre isso como eu teria feito.

— Você se preocupava que o Theo fosse terminar com você e voltar pra mim?

— Competir com o primeiro amor dele era tão impossível às vezes — Jackson diz. — Sei que o Theo nunca me trairia, mas, se ele fosse fazer algo assim, sei que teria sido com você.

Você nunca contou a ele o que aconteceu quando você esteve aqui em junho

sem ele, não é?

Desculpe, é tabu. Mesmo agora.

Jackson salta um pouco para se aquecer.

— Se serve de consolo, acho que eu não conseguiria continuar amigo dele se tivéssemos terminado. Eu iria querê-lo na minha vida, mas, ao mesmo tempo, não conseguiria suportar. Eu teria dito adeus. Não sei como você sobreviveu a isso.

Não tenho certeza se *realmente* sobrevivi. Olhe para mim agora, Theo. Estou prestes a fugir de casa e embarcar em um avião: duas coisas que nunca haviam passado pela minha cabeça antes. Talvez, eu precise de terapia quando voltar. Estou vazio e estilhaçado. Sou fiel até o fim, mas este é o cerne do meu problema e, em breve, será o do Jackson também: quando exatamente termina?

DOMINGO, 11 DE DEZEMBRO DE 2016

Jackson está dobrando suas roupas, empacotando as coisas para o voo amanhã.

— Tem certeza que quer ir? Depois que o avião decolar não tem volta.

Ele está sussurrando, mas quase entro em pânico ao pensar que meus pais poderiam nos ouvir. Então lembro que eles estão dormindo — ou transando, tanto faz — no quarto deles.

— Com certeza, eu vou. Você está com mais medo deles do que eu.

Jackson guarda as camisetas na sua bolsa de academia.

— Não quero que fiquem furiosos comigo. Gosto deles.

— Se me dedurar, acabo com você — aviso.

— Não vou dedurar. Eu realmente quero que você venha comigo. É só por isso que não estou surtando agora.

Também não estou surtando, e não sei por quê. Talvez porque eu tenha me comprometido. Vou ter que mentir da pior forma possível e deixar meus pais apavorados para conseguir chegar lá, mas vou ligar para eles no mesmo segundo em que eu e Jackson aterrissarmos, então eles saberão que estou em segurança. Voltarei para casa na quarta-feira e serei eternamente punido, mas terá valido a pena. Eu preciso ver como você vivia.

A campainha toca.

— Vou atender. — Salto da cama e vou até a porta da frente para encontrar Wade ali, com uma bandeja de alumínio; sinto o cheiro de cupcakes. Ele assou cupcakes para meu aniversário este ano. Posso ver uma das gravatas que você deu a ele por baixo do casaco.

— Desculpe vir sem avisar — Wade diz. — Você não estava respondendo minhas mensagens e eu queria ver como você estava desde quinta-feira... — A

voz dele falha.

Jackson sai do meu quarto com um copo vazio a caminho da cozinha. Ele acena.

— Wade, oi. Como vai?

Os olhos do Wade se estreitam. Ele dá as costas para Jackson e se vira para mim.

— Que diabo tá acontecendo? — Ele está falando baixo, mas a pergunta sai como se tivesse gritado. — Você não fala comigo, mas fica saindo com o cara que tornou sua vida um inferno?

Meus lábios estão secos.

— As coisas mudaram — digo. Quero fechar a porta na cara dele.

Wade fecha os olhos, lutando contra as lágrimas, e balança a cabeça.

— Dá pra ver que você não está mais sofrendo sozinho como eu. Muito legal, Griffin. Você é egoísta pra cacete.

Eu deveria contar ao Wade sobre a viagem, mas ele vai reagir do mesmo jeito que meus pais.

Não posso arriscar.

Sou *mesmo* egoísta.

Wade deixa a bandeja cair aos meus pés.

— Espero que vocês dois gostem. — Ele parte depressa e bate a porta atrás dele com um estrépito que ecoa por todo o corredor.

Não posso correr atrás dele, Theo. Preciso me aprontar. Tenho um voo para pegar.

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2016

Você consegue acreditar, Theo? Estou em um avião, pronto para decolar.

Estou indo para a Califórnia com o Jackson e lutando contra um surto de ansiedade. Preciso me conter antes que seja posto para fora. Antes que acabe provando que meus pais estão certos sobre eu não estar nas melhores condições para isso.

Não gostei do que precisei fazer. Jackson também não curtiu a ideia, mas isso não o impediu de parar o táxi duas quadras adiante, depois que se despediu de mim e da minha família para que eu pudesse acompanhá-lo. Trago apenas uma mochila pequena. Meus pais ainda acreditam que ela está cheia de livros e cadernos para uma suposta ida até o café para fazer tarefas de reposição escolar, mas, na verdade, está cheia de camisas, cuecas, carregador de celular e uma escova de dentes. O resto trago na minha carteira: dinheiro, cartão de débito, carteira de identidade, passagem.

Espero que *você* também me perdoe por mentir. Estou fazendo isso por você.

Estamos na fileira número quatorze e estou no assento número um. É um bom número de fileira e um número de assento aceitável. Mas esse ataque de pânico tem me espreitado desde que cheguei ao aeroporto. Não estava contando com as filas nem com o pequeno atraso no voo. Tento afivelar meu cinto de segurança, mas é diferente dos cintos dos automóveis e Jackson me ajuda sem que eu precise pedir, o que me deixa tenso por um instante, porque ele está muito perto do meu pinto, mas, em poucos segundos, ele termina e estou seguro. Não consigo me livrar da sensação de que ele me amarrou aqui, como se fosse uma camisa de força.

— Como está se sentindo? — Jackson pergunta.

Balanço a cabeça.

Jackson procura na mochila e tira um exemplar da revista *Entertainment Weekly* do mês passado.

— Isto vai ajudar você a se distrair.

Vou direto para as resenhas de filmes, mas não demora muito até que a comissária de bordo solicite nossa atenção e ofereça instruções de segurança sobre onde encontrar máscaras de oxigênio e onde localizar as saídas de emergência. Jackson está lendo sua própria revista, o que me irrita um pouco, porque ele é responsável por mim neste voo.

— Você sabe essas coisas de cor?

Ele responde citando a comissária de bordo e imitando seus gestos.

— Eu já voei algumas vezes — Jackson diz. — Vai ficar tudo bem.

Em poucos minutos, o avião começa a andar, seguindo tranquilamente para a pista, e a sensação é a de estar em um carro na estrada. Exceto pelo fato de que carros não aceleram como este avião, carros nunca me deixam nervoso a ponto de agarrar o braço da poltrona como estou fazendo agora. Carros não balançam com essa violência. E carros, definitivamente, não empinam o nariz e saem do chão.

A mão do Jackson pousa sobre a minha, hesitante. Não me afasto e a mão dele se abre, segurando a minha.

— Como você está se sentindo?

O avião faz uma curva à esquerda e estou certo de que acabou, vamos cair. Observo pela janela e é triste perceber como o avião nem subiu alto o bastante para que a cidade congelada ficasse parecendo pequena como um amontoado de formigas na neve.

O avião volta a se equilibrar.

O comandante avisa que o voo levará pouco mais de cinco horas e que, em breve, os comissários começarão o serviço de bordo.

— É só isso? — pergunto.

— Sim, é só isso — Jackson responde, soltando minha mão.

Meu coração ainda está aos saltos.

— Você já sentiu medo de voar?

— Provavelmente vai ser melhor eu responder essa pergunta quando estivermos no chão.

— Já estamos no ar. O que tiver que acontecer vai acontecer — digo.

— Você não vai tentar saltar de paraquedas? — Jackson pergunta.

— Eu nem faço ideia de como me livrar deste cinto de segurança. Não vou a lugar algum.

— Ainda fico muito nervoso e não sei quando isso vai parar — ele admite. — É bizarro, porque meu pai é piloto. Ou talvez seja essa a razão. Sempre fico um pouco inquieto. Isto vai parecer egoísta ou horrível, mas a única vez em que me senti preparado para qualquer tragédia foi quando eu estava com o Theo.

— Ele era corajoso no avião?

Estou dentro de um avião pedindo ao Jackson para me contar algo que eu não sei sobre você. Que dia, hein?

— Theo era engraçado. Ele é o motivo de eu comprar revistas para o voo em vez de assistir a um filme ou qualquer outra coisa. Ele costumava ler todas as seções da revista, até coisas como “Quem Se Vestiu Melhor?”, e eu ficava devendo a ele um dólar cada vez que ele conseguia acertar o nome de um ator ou atriz nas palavras cruzadas de celebridades.

Estou prestes a chorar. Não é um choro ruim. Não é aquele tipo de choro nunca-pude-fazer-isso-com-você, juro. É um choro mais do tipo eu-vou-ter-um-ataque-de-riso-se-continuar-pensando-nisso, o que é bom. E sou golpeado por uma constatação: o Theo que você era com ele é diferente do Theo que você era comigo, e talvez tudo bem. Eu estava tão desesperado para saber quem você estava se tornando que nunca parei para pensar que tudo que fazia de você minha pessoa favorita poderia ter mudado. Talvez, você não tenha superado o que sentia por mim, mas simplesmente se tornado outra pessoa. Isso não me faz desistir de saber quem você se tornou, apenas faz com que me sinta um pouco menos supérfluo.

— É muito engraçado — comento, imaginando você resolvendo palavras-cruzadas do mesmo modo como fazia com os quebra-cabeças, mas com alguns dólares apostados, antes que você os ganhasse-barra-perdesse cada vez que acertasse. — Então você só se sentia seguro quando estava com o Theo?

— Não seguro. Consolado. Era reconfortante saber que eu poderia segurar a mão dele ou abraçá-lo caso qualquer coisa acontecesse. Sei que eu não deixaria Theo para trás se eu morresse sozinho.

É bizarro, mas faz sentido.

— E aí o Theo se afogou diante de você. — As palavras simplesmente escapam da minha boca. É a primeira vez que as digo em voz alta, e isso o deixa chocado também. Ele fica tenso e prende as mãos entre as pernas, apertando-as, como se as estivesse travando.

Mesmo que estejamos a caminho de celebrar a sua vida e visitar a praia onde você morreu, ainda não cruzamos esse limite.

Você nos deixou sós. Sua morte nos deixou como peças soltas deste quebra-cabeça esquisito que não se encaixam direito, mas que são suficiente para produzir uma imagem: dois garotos apaixonados por um que nunca mais vai voltar.

Eu não deveria ter tocado no assunto. Foi uma coisa péssima a se dizer. Jackson precisa viver sabendo que foi incapaz de salvar você. Eu tive a sorte de sofrer apenas as consequências e ser poupado da tragédia em si.

Ficamos calados pelas cinco horas seguintes. Eu até consigo cochilar um pouco. Quando o avião perde velocidade e começa a descer, me ergo de um salto, tenso. Então o piloto anuncia que estamos iniciando a descida e pede que estejamos com os cintos de segurança afivelados. Jackson me olha de lado e ri.

— Não esqueça que, nesta parte, a gente desce — Jackson diz.

— Se eu não gostar, vou voltar pra casa a pé.

— Vou com você.

Olho corajosamente pela janela enquanto o avião desacelera e desce, com solavancos que eu esperava que fossem mais suaves, mas a única coisa que importa é que consigamos aterrissar. Quando descemos abaixo das nuvens, vejo uma cidade imersa em raios de sol. Posso até ver uma praia ao longe. O avião toca a pista em segurança e dispara na direção do aeroporto com uma velocidade incrível, as turbinas rugindo. Sinto um leve tranco e então acabou. Estamos deslizando suavemente na direção dos portões.

— Você voou! — Jackson diz.

— Voei — sussurro.

Minha vida mudou. Não posso mais voltar atrás do meu primeiro voo de avião nem ter de volta a virgindade que perdi com você, assim como não posso desfazer coisas que eu adoraria que fossem desfeitas.

As possibilidades estão girando rápido na minha mente. Se eu posso voar até aqui por sua causa, aonde não poderei ir por minha própria conta?



Faz 10°C na Califórnia esta manhã — voltei três horas no tempo —, então abaixo a janela, porque estou contente com qualquer coisa acima dos -7°C de

Nova Iorque (com um vento que dá a sensação térmica de -12°C). Estou sentado no lado esquerdo do táxi, como deve ser, apreciando a vista, que consiste principalmente de outros carros enquanto saímos da autoestrada para entrar em Santa Monica.

Tenho uma ligação perdida da minha mãe e duas mensagens de texto dos meus pais me perguntando como estou e como vão as tarefas da escola. Sinto uma onda de horror nauseante, mesmo que tenha antecipado que isso aconteceria.

— Deixe-me resolver logo isso — digo ao Jackson.

— Boa sorte.

Quase sugiro que ele coloque os fones de ouvido, para não ter que ouvir os gritos ensurdecadores da minha mãe quando ela souber que estou a quase cinco mil quilômetros de distância.

Digito o número.

— Um momento, Griffin — Mamãe responde, e ela diz para a pessoa que está ao lado dela que precisa de um minuto. — Desculpe. Aí está você. Como vai?

— Preciso contar uma coisa e você vai ficar muito chateada — digo.

— O que está acontecendo... Griffin, por favor, não me diga que você está na Califórnia — Mamãe diz. A voz dela está mais calma do que eu esperava. Mas também há um tom cortante que não é nada comum.

— Eu estou na Califórnia — digo. — Desculpe. Eu realmente precisava vir pra cá e vou fazer tudo o que vocês quiserem quando voltar, terapia ou qualquer outra coisa, mas eu...

— VOCÊ VOLTA PRA CASA HOJE!

Aí está ela, a mãe que eu conheço, a mãe que você conhecia também.

— Não saia do aeroporto — ela continua. — Fique aí...

— Volto pra casa na quarta-feira de manhã — interrompo. — Depois passo pra vocês todas as informações do voo.

— Isso não vai acontecer. Vou pegar um avião para aí e...

— Certo. Pegue um avião. Mas, mesmo assim, eu não vou embora antes de quarta-feira. Amanhã o Jackson e eu vamos fazer uma homenagem para o Theo — digo. É um sacrifício manter minha voz estável. — Vou mandar pra você o número do telefone da mãe do Jackson com as informações do meu voo. Você pode ligar pra ela.

Jackson me manda uma mensagem com o número de telefone da mãe dele.

— E como eu vou saber que estou falando com a mãe do Jackson? — ela grita. — Pode ser uma mulher na rua para quem vocês pagaram vinte dólares. Como vou confiar em você de agora em diante? Você já ligou para o seu pai? Espere. Ele não sabia, não é?

— Não, eu liguei primeiro pra você.

— Você mentiu pra gente. — A voz dela soa tão decepcionada. — Você nos enganou.

— Eu sei. Eu sei. Desculpe, mas eu tinha que...

— Estou no trabalho agora — ela me interrompe. — Mande o número da mãe do Jackson e atenda quando eu ligar. — Por fim, a voz dela suaviza. — Você está bem? Como foi o voo?

— Estou bem. Não tive nenhum surto. O Jackson cuidou de mim.

Mamãe respira fundo ao telefone.

— Atenda da próxima vez que eu ligar.

— Certo. Amo você, mãe.

Há um silêncio longo e excruciante.

— Amo você também. — Ela desliga.

— Caramba. — Evito os olhos do Jackson e envio uma enxurrada de informações relevantes para os meus pais. Meu pai me manda uma mensagem um minuto depois pedindo os endereços dos pais do Jackson, que Jackson digita para ele.

Jackson devolve meu telefone e me oferece um sorriso hesitante.

— E aí, está gostando da Califórnia?

Eu rio.

— Não foram os melhores vinte minutos da minha vida, mas também não foram os piores — digo.

— Vamos melhorar isso. O que você quer fazer hoje?

Olho pela janela e espero não ser mandado de volta pra casa. Os pais do Jackson podem aumentar as chances disso acontecer.

— Não sei. Você decide.

Quando pensava em me mudar para a Califórnia, sempre pensava que a primeira coisa que eu e você faríamos juntos seria ir à praia. É uma coisa óbvia, porém totalmente oposta ao que costumávamos fazer em Nova Iorque. Mas aquele foi um universo alternativo. Não tenho direção a seguir sozinho neste universo.

Vinte minutos depois, o táxi nos deixa em uma esquina. A atmosfera é diferente, leve, como se eu pudesse flutuar na brisa com aroma de mar e algas marinhas. Acomodo a mochila nos ombros. Tenho saudades do sol, mas estou sentindo falta de óculos escuros. Protejo os olhos com o capuz do seu moletom.

Jackson paga o motorista e aponta na direção de uma casa térrea, cor de laranja clara, situada entre duas outras cor de areia. Considerando que essa é a única casa com rampa e corrimão levando à porta de entrada, imaginei que seria o lugar certo. Parece antiga e um pouco desgastada, como se tivesse atravessado

uma forte tempestade, mas eu adorei. Posso sentir histórias emanando dela.

— Esta é a casa da sua infância? — pergunto.

Jackson balança a cabeça, negando.

— Quando meus pais se separaram, as coisas foram divididas também. Meu pai tem o apartamento dele em Culver City e minha mãe ficou aqui em Santa Monica. A casa da minha mãe me dá uma sensação mais próxima de um lar, mas também sinto saudades da casa onde cresci. Teria sido legal levar você e o Theo àquela casa, mas esta outra não é tão ruim.

É, ter uma casa com certeza não é tão ruim. Sem falar nas passagens gratuitas que ele consegue com o pai, que poderia facilmente bancar qualquer viagem de que precisasse. Claro que não estou querendo chamar a atenção dele por se queixar nem nada assim — especialmente depois que você me disse que já fez isso. Você estava perto dele com tanta frequência que esses privilégios do Jackson nunca o aborreciam. Você fez algumas piadas que para Jackson não correspondiam à verdade, mas chegou a um ponto em que ele queria que você abrisse mão do seu trabalho para sair com ele.

— Alguns de nós precisam trabalhar pra pagar as entradas do museu — você disse a ele. Mas essa briga não foi suficiente para acabar com o relacionamento de vocês.

Jackson encontra as chaves na mochila e destranca a porta da frente.

— Mãe, chegamos! — Ele olha ao redor, agacha-se e fica esperando. Passinhos rápidos vêm na nossa direção. Com o nome de Chloe, eu pensava que ela seria uma linda golden retriever, mas é uma collie preta. Sua cauda balança enquanto Jackson coça o traseiro dela.

— Estou na cozinha! — diz a voz da mãe dele.

Dou um passo na direção da Chloe e ela sai debaixo da mão do Jackson e se afasta de nós recuando.

— Você é muito alto para se aproximar dela assim. Abaixei aqui do meu lado — Jackson diz.

Agacho ao lado dele. Ele faz barulhinhos de beijo e chama Chloe pelo nome com uma voz que soa como o Mickey Mouse chapado. Parece que Chloe confia no Mickey Mouse maconheiro, porque ela se aproxima e nos deixa fazer carinho. Além da coçada no traseiro, ela gosta de carinhos brutos na cabeça.

Jackson joga suas coisas no sofá e eu faço o mesmo. O lugar parece bastante vazio, nada sofisticado como eu estava esperando. Talvez não tenha tantas histórias assim, afinal. Ou, talvez, eles não queiram exibir as histórias que têm. Posso entender isso agora. Eles moram aqui tempo o bastante para terem mais móveis, não é?

Sigo Jackson até a cozinha, onde a mãe dele está sentada à mesa de jantar em

sua cadeira de rodas. A sra. Wright está digitando com uma só mão enquanto segura um envelope. Não cheguei a ver fotos do pai dele, mas, sem dúvida, Jackson parece uma versão mais jovem da mãe.

Ele se inclina, dá um beijo no rosto dela e a abraça.

— Estou feliz que você chegou — a sra. Wright diz, abraçando Jackson com tanta força que ela deixa cair o envelope.

Corro e pego a carta para ela, devolvendo-a assim que eles terminam de se abraçar.

— Oi, eu sou o Griffin.

Ela sorri para mim, amigável.

— É um prazer te conhecer, Griffin. Muito obrigada por hospedar o Jackson, sei que foi muito importante para ele estar entre amigos — a sra. Wright diz. Depois, balança o celular enquanto seu rosto fica mais sombrio. — A propósito, soube que há uma recompensa pela sua cabeça. — Ela se vira para o filho. — Você poderia ter me avisado que o seu convidado é um fugitivo.

— Desculpe — Jackson diz. — Mas tudo bem se ele ficar, mesmo assim, não é?

— Ligue pra sua mãe — a sra. Wright me diz, soando cansada e resignada. — Ela concorda desde que vocês dois fiquem aqui e não nos dormitórios da universidade.

O alívio me inunda. Esse era o último obstáculo. Apesar de saber que uma tempestade de problemas está me esperando quando eu voltar, estou livre para ficar na Califórnia, por você, com o Jackson, até a quarta-feira.

— Tudo bem. Vamos ficar.

— A propósito, meus sentimentos — a sra. Wright acrescenta. — Sei que você e o Theo eram muito próximos.

— Obrigado.

Ela meneia a cabeça.

— Sente-se.

Pergunto-me onde você se sentava quando vinha visitá-la. Vou para a cadeira do lado esquerdo do Jackson, claro.

— Como foi o voo, Griffin? Sua primeira vez, não é?

Olho de um para o outro.

— O Jackson preservou minha sanidade. — Desde os seus pais, não tenho encontrado outros com tanta disposição para conversar, e a sensação é bem estranha. — Acho que vou precisar de mais alguns voos para me acostumar, mas essa não é a pior parte. O chato vai ser voltar para aquele clima.

— Ah, se eu pudesse ir a qualquer lugar agora, seria a Nova Iorque durante o inverno. Sinto falta dos casacos, e de andar nas ruas, e dos dedos dos meus pés

ficarem entorpecidos por causa da neve. Viajar tem sido bem frustrante desde o acidente. Passar com a cadeira de rodas pelas ruas de Nova Iorque seria difícil.

Não pergunto sobre o acidente que a deixou na cadeira de rodas, apesar de ela parecer aberta a falar sobre isso. Jackson nunca me contou. Essa parece ser uma história que pertence a ela, não algo que eu deveria perguntar só por curiosidade. Algo parecido com as pessoas na escola perguntando como você morreu, como se isso fosse mudar alguma coisa. A mera curiosidade não dá às pessoas o direito a uma resposta.

— Gosto da organização aqui — digo. — Sua casa é incrível.

— É o nosso lar — a sra. Wright diz.

Quero examinar a reação do Jackson, mas não quero abrir mão dele agora, caso ele ainda não tenha conversado sobre esse desconforto com sua mãe. Ficaria surpreso, já que eles parecem tão próximos, mas você e eu também éramos próximos e isso não me impediu de ocultar coisas para proteger seu coração. Talvez seja isso o que está acontecendo aqui.

Ela se vira para mim: — Espero não estar me intrometendo, mas Jackson contou que você também está fazendo uma pausa nos estudos no momento. Aconteceu alguma coisa na escola?

Tudo escapa de uma vez. Não sei por que razão, talvez porque seja tão exaustivo me conter, mas conto tudo à sra. Wright. Conto a ela tudo a respeito das minhas compulsões, das regras delas e de como me controlam. Conto sobre o surto que tive quando saí correndo da biblioteca para minha casa, arranquei o uniforme e o enterrei no meu guarda-roupa. Conto sobre meus pais quererem que eu faça terapia, além do aconselhamento escolar. Conto como seu filho tem ajudado na minha recuperação.

A sra. Wright sorri por um momento, orgulhosa do filho que criou, do garoto que você amava — mesmo que ela não aprove o modo como ele organizou minha visita surpresa. Ela leva a cadeira de rodas até a geladeira e tira um bolo de aniversário, sabor morango, no formato da letra J. Jackson está sorrindo tanto, de um jeito infantil, e não sei se vou me recuperar da surpresa de ver tanta alegria no rosto de alguém que perdeu quem amava.

A sra. Wright começa a cantar “Parabéns pra Você” sozinha, mas eu — novamente, uma surpresa — entro na metade da canção, e, o que é mais surpreendente, Jackson também adere e começa a cantar parabéns para si mesmo. Estamos todos rindo no final... e caramba, Theo, queria muito que você estivesse aqui para acrescentar sua voz ao coro.



A última coisa chocante que está acontecendo *neste* universo, onde vivo, não algum que você tenha criado: estou entrando no quarto do Jackson com minha mochila para passar a noite. Estou tentado a perguntar a ele tudo o que vocês fizeram neste quarto, onde você estudava, se é que você já estudou aqui, ou se você se sentava no parapeito da janela quando conversava ao telefone, assim como fazia no meu quarto. Mas isso poderia levar a algo íntimo demais, cruzando um limite.

As paredes do quarto dele são cor de laranja enferrujado, um tom que deve parecer vermelho quando o sol não está se infiltrando das janelas de molduras brancas. Tenho certeza que a enorme cama no meio do quarto é *king size*. O que posso afirmar sem dúvidas é que nunca vi uma cama apinhada com uma montanha tão alta de roupas como a dele.

Reparo que as portas e gavetas do closet estão escancaradas. Fazer as malas enquanto está de luto deve ser um saco. Há uma caminha no canto do quarto, que imagino ser da Chloe e não para hóspedes como eu. Há prateleiras com pouquíssimos livros, mas muitos jogos de cartas e pacotes de expansão dos jogos.

— É isso — Jackson diz, jogando as malas no chão. — Quarto um de dois. O que acha?

Nas paredes há cinco pôsteres de filmes clássicos, mas eu só assisti a *Edward Mãos de Tesoura* (e odiei). Os outros quatro — *Os Goonies*, *O Iluminado*, *Pânico* e *A Hora do Pesadelo* — nunca vi, então, con-tá-los desse jeito não incomoda tanto. Mesmo assim, o pôster do quinto filme me deixa assombrado.

— Acho que vou dormir na sala.

— Por quê? Tem bastante espaço na cama...

— Isso depois que você tirar todas essas peças da sua cama. Tenho algo contra *Edward Mãos de Tesoura*. — E não estou usando isso como desculpa para o meu Transtorno Obsessivo-Compulsivo; o pôster é realmente sinistro, assim como o filme.

— E o que é que você tem contra meu filme favorito do Johnny Depp?

— Assisti quando era criança e me borrei de medo. Tive um pesadelo em que ele vinha à cafeteria da minha escola com uma camisa de força e queria me cortar — confesso.

— Mas ele estava com uma camisa de força.

— Primeiro: qualquer pessoa que se aproximar de mim com uma camisa de força já é assustadora o bastante. Mas vamos nos ater ao fato de que o Edward tinha lâminas no lugar das mãos e o resultado é um Griffin de dez anos de idade tão apavorado que seus pais precisaram dar o DVD para um vizinho, porque ele não suportava nem mesmo tê-lo dentro de casa. — Aponto para o pôster. — E

agora estou diante do meu inimigo de novo, vinte vezes maior do que a capa daquele DVD.

— Deveríamos assistir de novo enquanto você está aqui.

— Vou embora hoje mesmo se você pensa que isso vai acontecer.

Jackson vai até a escrivaninha no canto do quarto.

— Como você vai destrancar a porta se estiver dentro de uma camisa de força?

— Não tem graça.

— Tem razão. Desculpe. — Jackson levanta uma mão em rendição. Então ele rapidamente mostra o que há na outra mão: um par de tesouras, que ele brande cortando o ar. Ele dá um passo na minha direção e ri antes de chegar perto demais... quero dizer, perto demais para os meus punhos levantados. Ele recoloca a tesoura na escrivaninha. — Trégua?

— Trégua. — Deixo minha mochila cair ao lado da dele. — Este quarto é enorme. — E chutaria que tem o dobro do tamanho do meu.

— É, dos três quartos minha mãe me deixou ficar com o principal. Acho que ela não vê motivo para ficar no quarto destinado a um casal. Acho que ela também queria que eu ganhasse alguma coisa depois do divórcio deles, então fiquei com este quarto. — Jackson diz, abrindo a janela enquanto Chloe entra e se acomoda em sua cama.

Ando pelo quarto e vejo sobre a escrivaninha do Jackson a mesma foto sua e dele que estava em seu quarto, no lugar onde antes ficava a nossa. Jackson dobra algumas roupas. Eu o ajudo até notar alguns escritos no canto do quarto. Dirijo-me até lá e percebo que as letras estão desbotadas, mas ainda consigo ler: THEODORE + JACK. O nome dele gravado com a sua letra e o seu nome com a dele.

— O que é isto? — Não queria que o meu tom fosse tão acusador.

Jackson para de fazer bolinhas com as meias.

— Fizemos isso depois da nossa primeira briga. E, sim, brigamos por sua causa.

Ele me conta a história, é a primeira vez que a ouço: você e Jackson estavam em Venice Beach depois da aula. Vocês dois estavam imitando as flexões e torções dos caras musculosos que estavam se exercitando por ali, e você estava fracassando gloriosamente. No momento em que Jackson estava virando uma cambalhota, eu liguei para você e você atendeu. Jackson achou que você iria dizer que me ligaria mais tarde, mas você se sentou na areia e continuou conversando.

— Aquilo me irritou tanto — Jackson diz. — Mas eu não podia dizer nada ruim sobre você. Então me recusei a falar com ele depois que ele desligou o

telefone, vinte minutos depois. Theo odiou aquele silêncio.

O que você não entende, Theo, é que o silêncio, às vezes, é melhor do que alguém falando antes de estar pronto. É assim que as mentiras escapam.

— Depois voltamos para cá, para que eu devolvesse as coisas dele e eu ia terminar com ele. Anika não quis acreditar quando contei isso a ela, mas eu estava falando sério. Não queria ficar competindo com o passado dele. Theo me disse para parar de ser tão calado e contar o que havia de errado. Eu disse a ele que era você. Ele pegou uma caneta e disse que ia dar uma prova de sua fidelidade.

Jackson fecha as venezianas e apaga as luzes. O THEODORE + JACK se ilumina, brilhando em azul na escuridão. Só posso imaginar como essas letras vão ficar claras quando estiver um breu lá fora. Tenho uma sensação incômoda revolvendo dentro de mim.

— Ele não fazia ideia de que a caneta era fluorescente. Veronika a deixou aqui. Ele disse que, se eu me importasse de verdade com ele, escreveria o nome dele embaixo do meu. Então fui até aí com ele e escrevi. — Jackson observa os nomes, sua voz suaviza. — Então ele disse que me amava. Pela primeira vez. E eu também disse.

Não digo nada. Meu silêncio é esmagador. Você costumava me contar sobre todas essas brigas, brigas nas quais eu encontrava alguma satisfação, mas nunca me contou que essa briga terminou desse jeito, nunca contou absolutamente nada disso.

— Precisamos sair daqui — ouço-me dizer. — Se vou arrumar confusão na Califórnia, quero aproveitar ao máximo. Aonde podemos ir? O que podemos fazer? Qualquer coisa.

— Que tal um passeio de carro? — Jackson pergunta, acendendo as luzes, de modo que os seus nomes desaparecem no mesmo instante.

— É um bom plano de batalha — digo.

No entanto, não são muitos os planos que nos conduzem nesse passeio. Jackson não trocou seus tênis por sandálias para ficar mais californiano (pelo menos, como eu acho que os californianos devem se vestir); ele não leva um cooler com sanduíches e garrafas d'água, nem o filtro solar para o caso de ficarmos fora mais tempo do que o esperado. Ele conta à sra. Wright que vamos dar uma volta de carro, e isso é tudo. Jackson me leva para o quintal, até a garagem ao lado da casa onde um Toyota Camry preto o espera. Jackson senta-se no lado do motorista e eu automaticamente vou para o lado de trás, sentando no meio do banco traseiro e de frente para o espelho retrovisor, onde um tipo de caneta espiã está pendurada.

— Você não quer sentar no banco do carona? — Jackson pergunta. — Ah,

espere, então como isso funciona? Você nunca senta na frente?

— Vou sentar na frente quando aprender a dirigir ou quando for para Londres andar na mão inglesa — digo. — A menos que eu consiga me libertar desta compulsão, mas vamos ser realistas: aí vou eu, Londres.

— Anotado.

Jackson aperta um botão e todas as quatro janelas são automaticamente abaixadas. A brisa do mar invade o carro. Ele tira o carro da garagem e o portão se fecha atrás dele. Faz uma curva brusca para a direita e segue para a estrada, o vento fluindo no meu rosto do modo mais relaxante possível. Estou prestes a gritar para perguntar ao Jackson aonde vamos primeiro quando ele liga o rádio, aumentando o volume na primeira estação de *heavy-pop* que aparece.

Antes que eu me dê conta, ele está cantando lindamente essa canção terrível sobre encher a cara em uma sexta à noite. Ele dirige com um braço descansando na moldura da janela e, às vezes, joga a cabeça para trás com os olhos fechados para cantar uma música. Eu cometeria um assassinato da música se me deixasse levar pelo momento como ele está fazendo. Mas é divertido ouvi-lo cantar, assim como era divertido ouvir você cantando no carro com os seus pais, ou no seu quarto. Olho para o banco do passageiro e imagino você sentado ao lado direito do Jackson, cantando com ele. Visualizo você virando para trás e me olhando, esticando um braço para sacudir meu ombro até que eu comece a cantar com você.

Existe um universo alternativo onde somos um grupo de três, tão unido e inseparável que não precisamos de um quarto para equilibrar os números para mim. Um quarto elemento apenas traria problemas. Jackson dirige, você vai no banco do carona e eu grito com vocês dois para aumentarem o volume quando o nosso hino começa a tocar e todos nós cantamos tão alto que o rádio não é páreo para o nosso coro levemente desafinado. Infelizmente, nenhum de nós habita esse universo.

HISTÓRIA

SEXTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2015

Tem sido um pouco difícil manter os encontros pelo Skype por causa do cronograma do Theo e da diferença de fuso horário, mas estamos dando um jeito. Às sextas, ele sai da aula às 14 horas e conseguimos conversar por volta das 16 horas, quando volto da escola. Mas temos apenas uma hora para isso por causa das aulas particulares que ele dá para conseguir algum dinheiro.

Ligo no momento em que chego em casa e ele atende imediatamente.

— Está atrasado — diz um Theo do tamanho da tela do laptop.

— Só dois minutos — eu digo.

— Você perdeu dois minutos imperdíveis comigo. E... — Theo levanta o pacote da encomenda que mandei para ele no começo da semana. — São dois minutos extras que tive que esperar para abrir o que quer que seja isto! É você? Você está dentro da caixa? — Ele sacode o pacote e eu chacoalho para a frente e para trás.

— Abra!

O colega de quarto dele, Manuel, sem camisa como sempre, aparece atrás do Theo enquanto ele abre a caixa.

— Ei, cara. — Ele acena para mim antes de perguntar ao Theo se pode ver.

— É seguro? — Theo pergunta.

— Não é um álbum de fotos minhas pelado.

— Droga. Agora que você plantou essa ideia na minha mente, o que quer que seja isto vai ser inferior. Você é sua própria ruína, sabia? — Theo abre a caixa de qualquer maneira, claro, e tira dois livros de colorir, um de Star Wars e um dos X-Men, e um boneco *bobblehead* de pirata. — Certo, o boneco é muito maneiro.

Manuel pega o livro de colorir dos X-Men.

— Theo, cara, um livro de colorir não vai ajudar você a se entrosar aqui.

— Vou começar a me importar quando você começar a usar camisa. — Theo arranca o livro de colorir dele. — Obrigado, Griff.

Theo e eu conversamos o suficiente para que eu possa dizer que estamos pondo a conversa em dia. O cronograma da faculdade e das aulas particulares podem ser bastante exigentes, mas ele sempre acha tempo para estes encontros

virtuais. Uma parte de mim diz que não deveríamos estar chamando isto de encontros, até porque não estamos mais namorando, mas ainda somos muito carinhosos um com o outro e isso deixa claro que nenhum de nós está a fim de encontrar outra pessoa. Saber que ele me ama é a única coisa que me impede de enlouquecer na ausência dele.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2015

Theo está vinte minutos atrasado para nossa chamada no Skype e disparo uma mensagem para ele. A mensagem é recebida, mas ele não responde de imediato. Sei que ele dá uma aula particular esta tarde — um aluno do terceiro ano de uma escola local que está condenado a repetir de ano se Theo não conseguir ajudá-lo a melhorar suas notas —, mas sempre que fica fora até tarde ele me avisa, para que eu não fique sentado diante do meu laptop como um idiota carente e patético.

Assim como estou agora.

Exceto pelo detalhe de que sou um idiota carente e patético vestido de Han Solo porque queria surpreender Theo com minha fantasia de Halloween. Talvez, ele ainda esteja a caminho de casa e não queira molhar o celular. Ele comentou que andava chovendo forte.

HISTÓRIA

SÁBADO, 31 DE OUTUBRO DE 2015

— **É louco como há um ano, no dia de hoje, você estava me** ajudando com a dissertação que me trouxe para cá — Theo diz, já vestido para o Halloween, exceto pelas garras do Wolverine que ele está colocando neste instante. — Tudo pode mudar da noite para o dia.

— Eu não chamaria um ano de “da noite para o dia”, mas, sim. Você estar aí é culpa minha — digo, apontando a pistola do Han Solo para a minha cabeça. — Eu deveria ter deixado você enviar sua primeira dissertação.

— Provavelmente eu teria entrado mesmo assim — Theo diz.

Franzo a testa diante da tela.

— Não me lembro dessa arrogância no ano passado quando perdemos a festa. A faculdade está subindo à sua cabeça? — Estou brincando. Pelo menos, acho que estou.

— Como eu disse, tudo pode mudar da noite para o dia. Em todo caso, desculpe por esta conversa pelo Skype ser meio corrida hoje. A festa vai ser fora do campus e ouvi dizer que os drinques de gelatina vão me fazer ver estrelas.

— E isso é bom?

— É o que vamos ver.

Sinto como se ele estivesse preferindo as gelatinas a mim, mas deixo isso de lado, porque sei que ele está escolhendo socializar e se divertir para preservar sua sanidade. Há um limite para quantas vezes alguém pode conversar com seu ex-namorado-barra-melhor-amigo via Skype e não querer mais. Se bem que sempre esqueço o *mais* em momentos como este, mas talvez isso não baste para ele.

— Tudo bem — digo. — Logo preciso ir lá fora me encontrar com o Wade. Tem falado com ele?

As sobrancelhas do Theo se franzem.

— Faz dois dias que mandei uma mensagem pra ele, mas não tive resposta.

— Vou falar pra ele responder hoje.

Theo flexiona a mão e suas garras de plástico ficam sensacionais — seis no total.

— Não se preocupe com isso, Han. — Ele pisca. Alguém bate à porta e ele dá um salto. — E lá vem o Manuel sem a porcaria da chave de novo. Um segundo. — Theo se levanta e grita ao se aproximar da porta. — Você não deveria se vestir como o Tarzan se vai ficar sem um bolso pra colocar sua... Ah. Oi.

— Surpresa! — Não conheço essa voz e não sei se o Theo conhece.

— Você fica bem de amarelo — o cara diz. — Muito mais gato, aliás.

Theo não responde.

— Cheguei em um momento ruim?

Estou escutando algo que acho que não é da minha conta, mas não vou me desconectar.

— Não, eu estou em uma conversa pelo Skype. Só preciso dizer tchau pro meu amigo. Você espera aí fora um minuto?

Theo fecha a porta e volta, corando.

— Desculpe, era o meu amigo Jackson. Ele vai me dar carona esta noite. Preciso ir agora.

— É.

— Você vai estar disponível amanhã para um chat?

— É.

— Certo, Griffin. Cuide-se aí. Que a Força esteja com você.

— Você também, Theo. Boa noite. — Nem lembro a ele que Han Solo não acreditava na Força, pelo menos não no início. Antes de desligar, ele aperta as garras e me dispara um sorriso em que não acredito.

E eu meio que não estou mais com vontade de sair.

Não consigo tirar da cabeça que Theo chamou isso de uma *conversa pelo Skype* em vez de um *encontro pelo Skype*. Ou que eu seja só o seu “amigo” e nada mais.

HISTÓRIA

SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO DE 2015

Outro sábado, outra chamada pelo Skype. Theo está me contando sobre o fliperama de máquinas de *pinball* que ele visitou na noite passada com Manuel — e com aquele Jackson, o cara do Halloween, e mais dois alunos do primeiro ano. Não sei se eu deveria estar lendo nas entrelinhas, porque tudo o que consigo entender aqui é um aviso para eu estar preparado. Conheço Theo há anos, sei quando ele está prestes a fazer um pronunciamento sobre uma grande mudança. E não sinto que vai ser bom como aquela vez em que ele segurou minha mão no metrô e confessou seus sentimentos por mim.

— Quem venceu?

— Manuel — Theo diz. — O cara é um monstro. Esse é uma das poucas coisas que o convencem a pôr uma camisa e sair com todo mundo.

— Parece que você está criando uma tropa aí.

— Nada igual vocês — Theo diz. — Você sabe como é. Estuda com um pessoal e depois nunca mais fala com eles. — Ele se corrige em seguida: — Não vai acontecer com vocês dois. Prometo.

Porém, já está acontecendo. Wade e Theo tiveram uma pequena discussão de novo — ninguém quer admitir o que houve, provavelmente porque foi algo idiota —, então sou o único elo verdadeiro que Theo ainda tem com a tropa. Mesmo assim, Wade e eu nem contamos como tropa. Theo é a nossa cola, o nosso centro.

— O Jackson é bacana também. E tem, hã... pode ser que alguma coisa esteja rolando entre mim e ele — Theo diz. Agora ele está evitando totalmente fazer contato visual. Está confessando algo que eu suspeitava desde o Halloween. Mas suspeita não basta para fazer o quarto parar de girar. Suspeita não é o mesmo que confirmação. — Não sei, ainda é cedo.

— Legal — minto. É uma mentira pequena, mas sei que as mentiras vão crescer na medida em que Theo passar mais tempo com Jackson.

— Faz uma semana que estou querendo conversar com você sobre isso. É confuso de verdade, porque eu sei que ainda gosto de você. Mas também gosto de estar com o Jackson — Theo diz. Ouvir o nome do Jackson é sufocante, mas

não posso demonstrar fraqueza, porque agora Theo está olhando para mim. — Quero que a gente possa conversar sobre isso, Griff. Você ainda é minha pessoa favorita. Você é extremamente importante pra mim, mas se não quiser ouvir nada disso eu não posso culpar você. O que está pensando?

Meneio a cabeça como se tudo estivesse bem. Até meus movimentos são mentiras.

— É claro que eu quero estar aqui pra te ouvir, Theo. Olha, nós não estamos namorando. Eu terminei com você porque imaginei que isso aconteceria. Você não está fazendo nada de errado. — Exceto dar as costas a tudo o que éramos ficando com alguém dois meses depois. — Como vocês se conheceram?

— Na verdade, foi no dia em que eu me atrasei para a nossa conversa no Skype. Estava chovendo e o Jackson parou o carro e me ofereceu uma carona. Ele pegou no banco de trás uma camiseta e me deu para que eu me secasse, era uma camiseta da Santa Monica College. Começamos a conversar e naquela noite nos encontramos no lounge para continuar conversando. — Há uma leveza na voz dele. Alívio por estar tirando esse aperto do peito. — Na verdade, acho que você gostaria dele.

Falsifico um sorriso.

— Você tende a ter bom gosto — eu brinco em vez de gritar. — Então você não estava mesmo esperando o Jackson no Halloween?

— Não, absolutamente — Theo diz, quase num fôlego só. — Eu só queria conversar com você.

— Ele se fantasiou de quê?

— Ciclope — Theo responde. — Ele cresceu com uma fantasia do Wolverine e do Ciclope juntos, então achamos que seria divertido.

Não vejo como seria divertido usar uma fantasia de casal se você não está namorando alguém, mas tudo bem.

— Olha, eu preciso mesmo ligar pro Wade agora — minto. — Mas você deveria me mandar uma foto do Halloween se tiver alguma. Quero ver como é esse cara. — Essa foi provavelmente a coisa mais sincera que consegui dizer.

— Vou mandar. Ainda está de pé nossa chamada de amanhã?

— Sim. — De forma nenhuma vou ter mais uma conversa por vídeo sabendo que Jackson está na vida dele. Esta noite fingi que está tudo bem, mas meu rosto está prestes a me trair. Daqui em diante só falaremos por telefone, para que ele não seja capaz de me ver lidando com meus tiques. — Não esqueça de mandar aquela foto. Até mais, Theo.

Theo respira fundo e sua cabeça balança um pouco.

— Até, Griff.

Desligo.

Olho para meu telefone, esperando pela foto.

Não sei por que estou fazendo isso comigo mesmo. Cada palavra que ele disse doeu como uma tijolada na minha cara. Ele não está tentando me machucar; acredito que ele me ame o bastante para não querer me destruir de propósito. Mas uma vez que o tijolo é arremessado, está fora do alcance das mãos dele e só resta a mim conseguir me desviar. Se eu me abaixar, Theo vai pensar que não sou forte o bastante para enfrentar a dor. E pode estar certo.

Pergunto-me se Jackson vai ser como estou pensando, ou seja, tudo o que eu não sou: esguio, com um bronzeado de surfista, cabelo mais dourado que o do Theo, olhos incrivelmente azuis que inspirariam poesia a alguém apaixonado e uma barba por fazer que pareça intencional.

Meu celular vibra e há dois anexos. Clico e eles abrem antes que eu possa mudar de ideia. O primeiro é uma foto do Jackson sozinho, sentado no chão de algum lugar. Ele não é nada do que eu estava esperando. Parece comigo. Temos a mesma pele, o mesmo cabelo escuro, as mesmas pernas compridas, o mesmo sorriso. Theo encontrou um clone do Griffin. Eu poderia até apostar dinheiro que Theo só anda à direita do Jackson.

Verifico a segunda foto, esta com o Theo-Wolverine com o braço ao redor dos ombros do Jackson-Ciclope, e ambos estão sorrindo.

O mais estranho é que eu realmente estou me sentindo melhor. Não acho que eu tenha sido eliminado do páreo. Se tenho que deixar Theo arremessar tijolos em mim para poder mantê-lo na minha vida, não preciso que ele me acerte.

Posso agarrar esses tijolos.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 2015

No Réveillon do ano passado, eu pensei um monte de besteira sobre tempestades serem incríveis. E então uma tempestade de verdade uniu Theo e Jackson. Eu também não estava contando com os raios, que parecem ter caído sem parar.

Um raio me acertou quando Theo recebeu a carta de admissão.

Um raio me acertou quando Theo fez as malas.

Um raio me acertou quando Theo se mudou.

Um raio me acertou quando Theo conheceu Jackson.

E não há nada que eu possa fazer a não ser continuar sendo fulminado. Ainda que eu parasse de falar com Theo, isso não ajudaria a minha imaginação. E não ajuda esta noite, quando estou tentando me obrigar a dormir cedo porque sei que não há chance de Theo se afastar do Jackson para vir me ligar à meia-noite no meu fuso horário. Não suporto estar acordado no exato momento em que Theo está beijando Jackson em um horário diferente.

Theo finalmente vai vir aqui no aniversário dele, então, se eu for forte até fevereiro, se continuar saltando sempre que um raio cai, existe uma chance de eu finalmente reconquistá-lo.

HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2016

Jackson para o carro no estacionamento de uma igreja. Eu deveria lembrá-lo da minha posição a respeito desse personagem que é Deus, mas o lugar é bonito. Estou quase pondo a cabeça fora da janela para admirar os tijolos cor de areia e o sol reluzindo nos vitrais. Você nunca mencionou ter frequentado cerimônias com Jackson, mas não ficaria surpreso se soubesse que vocês faziam isso. Estou tentando ser respeitoso aqui, mas meus sentimentos a respeito da fé neste momento são os mesmos que tenho para com a própria igreja — bonita e promissora do lado de fora, mas do lado de dentro, uma provável decepção.

Não vou compartilhar nenhum desses pensamentos de descrença com Jackson. Ele claramente está aqui com um propósito, talvez rezar por você, onde quer que você esteja.

Jackson sai do carro e faço o mesmo. O tempo está tão bom aqui fora e me sinto esquisito por pensar nisto, mas é melhor estar de luto no inverno da Califórnia do que no de Nova Iorque, onde o clima já torna a vida bem infeliz. Ele já me ajudou deixando-me fugir com ele.

— Sente-se no banco do motorista — Jackson diz.

— O quê?

— Vou te ensinar a dirigir. — Jackson segue para o banco do passageiro.

— Espere. Você não veio aqui para rezar?

— Não, vamos usar o estacionamento. Agora é uma tarde de terça-feira, não é exatamente uma hora movimentada.

Começo a rir.

— Sai dessa, diabo.

— Porra, Griffin, olha como fala.

Não posso acreditar que estou fazendo isso, mas por que não? Sento-me no banco da frente e Jackson fica no banco do carona. Ele prende rápido o cinto de segurança, como se eu pudesse jogar o carro dentro da igreja nos próximos dois segundos. Estar no lugar do motorista é estranho. E faz alguns anos desde a última vez que me sentei no banco do passageiro.

Jackson me instrui sobre onde colocar as mãos, e eu chamo a atenção dele por

ser um mau exemplo quando ele mesmo está dirigindo — com o braço esquerdo descansando na janela. Ele me ensina tudo o que preciso saber sobre os espelhos, as curvas e as placas e até sobre etiqueta, como se eu fosse cortar algum outro motorista neste momento.

Começo. É emocionante, mesmo a 25 quilômetros por hora. Parece bastante com os games de corrida que jogávamos, só que seria péssimo para nós se eu nos jogasse do alto de uma ponte agora, porque provavelmente não teríamos vidas extras para usar. Jackson me encoraja a ir um pouco mais rápido, o que faz com que os nervos do meu pé pisem um pouco forte demais, então piso no freio e a cabeça do Jackson dá um coice para a frente. Fico surpreso que ela ainda esteja grudada sobre os ombros e não no para-brisa. No estacionamento desta igreja, devo pedir que Deus abençoe o inventor do cinto de segurança.

Jackson não me arranca do banco do motorista. Ele ri e me orienta a continuar e não entrar em pânico. Leva alguns minutos, mas começo a pegar o jeito. Já estou andando em círculos como um profissional. É libertador estar no banco do motorista e decidir se vou para a esquerda ou a direita, para a frente ou para trás. É libertador estar no controle.



Jackson não me forçou a pegar a estrada — o que é bom, caso contrário não teríamos chegado inteiros à sua universidade. A moradia dos estudantes parece maior e melhor nas fotos do *website* da instituição e nas que você me mandou, mas pessoalmente é um lugar um pouco monótono. Talvez essa seja uma das razões pelas quais você gostava tanto de dormir na casa do Jackson, além da cadela amável e da mãe mais amável ainda.

É esquisito ver estudantes de moletom em um clima quente como este. Deve haver algum fenômeno californiano que faz os habitantes confundirem temperaturas em torno dos 15°C com clima frio. Você mesmo fez isso. Em dezembro ou janeiro, não lembro bem, estávamos ao telefone e você comentou que precisava correr até o dormitório para pegar este moletom que estou usando agora porque estava um pouco frio.

Enquanto isso, eu estava lidando com um inverno bem abaixo de zero. Usava suéteres debaixo do meu casaco, mas tinha esquecido as luvas e por isso segurar o telefone estava sendo doloroso para os meus dedos. Essa era uma desculpa boa o bastante para desligar o telefone. Você estava tão alegremente californiano e tão pouco familiar. Agora não me importo em admitir isso.

Jackson estaciona e imediatamente duas garotas vêm na direção dele, oferecendo suas condolências e dizendo o quanto elas sentem falta de você. Um

nó se forma na minha garganta, eu deveria ter previsto isso. Ele continua se virando para mim, e não sei se está tentando me apresentar às garotas ou se está pedindo que eu arrume uma desculpa para resgatá-lo desta situação; no entanto, mais alunos se incorporam à multidão e aumentam a distância entre nós.

Eu me recupero rapidamente. Esta é uma demonstração de como você era querido por eles e também de como você e Jackson eram profundamente ligados.

Jackson parece prestes a chorar agora. Estou capturando trechos de memórias, todas clamando para serem ouvidas de uma vez: — Ele era tão engraçado que eu babeí minha margarita de tanto rir na primeira noite em que a gente saiu pra se divertir.

— Ele era muito gente boa. Deixava eu colar da lição de casa dele se eu emprestasse uns videogames. Ele era muito tranquilo.

— Eu achava que era o campeão do xadrez até disputar com ele.

— Eu fui perguntar se ele podia consertar o controle remoto da minha TV e acabamos conversando por quatro horas maravilhosas.

Eles sentem saudades. Podem até ter sido seus amigos.

Seguro os ombros do Jackson e o puxo para longe, murmurando que preciso roubá-lo um pouco. Jackson está tremendo e eu passo um braço ao redor dos seus ombros. Todos se calam. Eles nos observam enquanto caminhamos até o prédio. Devem estar tremendamente confusos, talvez confundindo minha amizade com intimidade — mas a minha única preocupação no momento é garantir que Jackson não tenha um colapso, especialmente antes de irmos ao seu quarto para empacotar os seus pertences.

Pelo menos descobrimos um modo de transformar minha fuga em algo construtivo. Até meus pais aprovariam: precisamos decidir o que Jackson pode guardar consigo e o que deve ser enviado de volta para os seus pais.

Jackson me leva para os corredores. As portas são infindáveis e idênticas, a não ser por algum adesivo ou decoração, mas Jackson nunca se perde. Algumas vezes eu me perco quando estou indo para casa por um caminho diferente ou quando fico muito distraído com pensamentos ou com música. Mas Jackson poderia encontrar o caminho para o seu quarto de olhos vendados.

Sei que é o bloco oeste, quarto 10, por causa de todas as cartas que enviei a você — mas, mesmo se eu tivesse esquecido e estivesse aqui sem Jackson, teria sido fácil descobrir pelo que há do lado de fora do seu quarto: buquês de flores, velas e mensagens de saudade coladas na porta.

Sinto o nó na garganta de novo. Não posso ler o que as pessoas disseram sobre você. Dói demais, porque Jackson e eu não somos os únicos que estão sofrendo. Não sei quando foi que você deu ao Jackson a chave do seu quarto, mas ele abre a porta para que entremos, tomando cuidado para não pisar em cima das flores.

— Cá estamos. — A voz de Jackson está trêmula. — Parece uma cidade fantasma.

Só conhecia este quarto por meio das fotos que você e Jackson postaram nas redes sociais no começo deste semestre, comemorando terem o quarto só para si, sem precisar dividi-lo com ninguém, no segundo ano.

Sobre a escrivaninha estão o seu laptop, a estação de recarga do seu iPhone, o boneco *bobblehead* de pirata e os livros de colorir da primeira e última encomenda que mandei para você, e uma caneca de Star Wars repleta de canetas. A cama de solteiro está desarrumada. É tão estreita que, quando Jackson dormia aqui com você, vocês dois deviam ter que se espremer para não caírem da cama. Não faço a menor ideia de quando você e Jackson transaram pela primeira vez, mas a primeira vez que você comentou isso comigo foi dois meses depois que vocês começaram a namorar, como uma piada que você lançou para testar se eu acharia engraçado. Eu ri, mas sei que você percebeu o quanto isso me magoou, porque nunca mais tocou no assunto. Ou foi isso, ou então você e Jackson pararam de transar, mas — vamos ser realistas — eu conheço você.

— Volto em um minuto. Vou buscar algumas caixas — Jackson sussurra e me deixa sozinho.

Detesto o fato de você não estar deitado nesta cama agora, dormindo, ou com seus fones de ouvido, escutando alguma música que depois recomendaria a mim. Vou até sua escrivaninha e pego o boneco pirata. Dou um tapinha na espada, observando-o balançar a cabeça e sorrir seu enorme sorriso. É como se ele fosse o único pirata sobrevivente, que não se infectou com o vírus zumbi, e agora detém todos os mapas do tesouro e está livre para navegar e coletar todas as riquezas. Continuo cutucando o pirata até Jackson voltar.

— Você se importa se... se importa se eu ficar com este pirata? — pergunto a ele. Sei que eu o dei para você, mas não sei se Jackson também se apegou a ele; algumas semanas atrás eu não teria nem perguntado.

— É seu — Jackson diz, colocando as caixas no chão.

— Obrigado. Theo e eu tínhamos uma piada recorrente sobre piratas. — Sento-me na cama, ainda cutucando o pirata com batidinhas pares.

— O apocalipse zumbi-pirata, não é? Ele me contou.

O pirata me transforma em uma criança — uma criança confusa e chorosa. Jackson se senta ao meu lado, passando o braço em torno dos meus ombros. Faço o pirata dar pulinhos ao longo da minha perna, como se ele estivesse marchando pela prancha do navio, e o deixo mergulhar para o fundo do oceano, no colo do Jackson. Jackson estremece e ri um pouco, puxando-me para mais perto. O contato do corpo dele é tão bom que chega a ser perturbador. Pergunto-me se ele também se sente assim. Eu me desloco um pouco, querendo me

afundar um pouco mais ao lado dele, mas ele me solta completamente, talvez confundindo meu movimento com desconforto.

Ou talvez ele não estivesse sentindo o mesmo conforto que eu. Talvez, eu estivesse cruzando um limite.

Começamos a empacotar os seus pertences. Jackson coloca as camisetas e os jeans que não reconheço em uma caixa; eu limpo sua escrivaninha e guardo tudo na segunda caixa. Essa tarefa leva menos de vinte minutos e não enche mais que duas caixas.

Ainda estou chorando um pouco quando terminamos. Não posso acreditar que sua vida aqui coube em apenas duas caixas.



Não consigo nem fingir que estou cansado por causa do *jet lag* como qualquer pessoa que atravessasse fusos horários pela primeira vez. Este é apenas o primeiro dia do tour na vida do Theo, mas já me exauriu de modos que eu não previa. Jackson está igual, claro. Está calado desde que pegamos a estrada. Simplesmente ignorou quando, sentado no banco traseiro, pedi para ele ligar o rádio para tentar animá-lo.

A caneta espiã no retrovisor chama a minha atenção de novo, então pergunto onde ele a conseguiu, embora eu suspeite que foi você quem deu.

— Presente do meu pai no meu aniversário de dezessete anos — Jackson responde, observando-a por um segundo antes que volte a se concentrar na estrada. — Ele sabe que eu parei de me importar com presentes de aniversário por volta dos treze ou quatorze anos, mas mesmo assim ele comprou essa caneta em um aeroporto em Chicago porque sabia que eu era fã de histórias de espionagem quando criança. Menti para o Theo ano passado quando disse que a *action figure* do Demolidor foi o melhor presente que já ganhei, na verdade foi essa caneta.

Tenho certeza que a *action figure* vem logo um segundo lugar, Theo.

— Ela é mesmo bem legal — digo. — Sem querer ofender seu pai, mas não é o que eu esperaria baseado em tudo o que sei sobre ele. Sei que ele é generoso com as passagens gratuitas e coisas assim, mas isso é diferente.

— Exatamente — Jackson diz. — Acho que foi por isso que me desapeguei dos aniversários. Continuo ganhando um monte de presentes da minha mãe e do meu pai, e o tempo todo parece que eles estão tentando me comprar. Ganhei o quarto principal e o carro da minha mãe. Ganhei um laptop muito bom do meu pai. Depois meu pai escolheu essa caneta espiã, que é basicamente uma lanterna que também pode escrever em tinta invisível, mas me lembra dos tempos em que

eu era criança e meus pais trabalhavam juntos para criar missões para mim e inventar códigos para eu resolver.

Deixo minha mente absorver o que ele diz.

— Mas você ficou feliz que eles se separaram, não foi?

— É, eles se odeiam. Mas uma coisa tão pequena como criar jogos de espionagem para me divertir me faz lembrar da equipe que poderiam ter sido.

— Se você me disser que a mantém no espelho retrovisor para ficar se lembrando do passado, vou dar um soco no seu saco.

Jackson ri.

— Não soque meu saco. Não sou tão filosófico assim. Deixo no espelho retrovisor, porque senão ela ficaria perdida por aí. Além disso, com todas as idas e vindas, o carro é a única constante na minha vida.

— Você está perigosamente perto da baboseira filosófica.

— Tudo bem, certo. Eu a mantenho no carro porque às vezes tenho algum pensamento íntimo que preciso tirar do peito usando essa caneta, mas como a tinta é invisível ninguém vai poder ler.

Levanto o punho, como se estivesse prestes a socar o saco dele.

— Sei como a tinta invisível funciona. Tente de novo.

— Nunca sei quando vou precisar de uma lanterna?

Abaixo o punho.

— Assim está melhor.

Ele sorri e, pelo espelho retrovisor, me flagra sorrindo também.

Sem aviso, Jackson encosta o carro na beira da estrada e desliga a ignição. Não sei por que minha mente salta logo para os piores pensamentos possíveis sem nenhuma evidência que os sustente, mas me viro para trás esperando encontrar um carro de polícia atrás de nós, apesar de Jackson estar dirigindo bem, se você ignorar todas as vezes que ele fecha os olhos para cantar ou tira as duas mãos do volante. A severidade no rosto do Jackson sugeriria algo assim, mas ele retira o cinto de segurança e se vira para mim, dizendo: — Este é mais ou menos o lugar onde encontrei o Theo.

Estou sem palavras. Entorpecido.

Saio do carro e Jackson faz o mesmo. Deixo-me levar para longe até pisar em um objeto metálico; o ruído de algo amassando me arranca do meu devaneio, e vejo que é só uma lata de refrigerante que alguém deve ter atirado para fora da janela do carro. O solo é bonito, com uma mistura de areia e terra. Se eu pudesse descrever com alguma referência de casa, diria que parece o chão do campo de beisebol do Central Park. Mas, quando você conheceu Jackson, ele devia estar escuro e molhado, talvez lamacento. É esquisito, mas de algum modo desejo que seus passos tivessem sobrevivido intactos, como se imortalizados no cimento,

para que eu pudesse pisar onde você pisou. Mas não preciso disso. Não preciso mais estudar cada centímetro do caminho que levou você a subir no carro dele naquele dia de chuva — finalmente vejo o que você viu nele.

— Alguma vez vocês voltaram aqui? — Talvez seja algo muito íntimo para perguntar, mas também é seguro presumir. Eu e você adorávamos pegar o trem L juntos, sempre imaginando se o vagão em que estávamos era o mesmo em que nossa história tinha começado, o prólogo do que deveria ter sido uma história de amor épica.

— Uma vez por mês — Jackson diz.

— Por que só uma vez?

— Porque deixávamos pra fazer isso nos aniversários de namoro — Jackson diz. — Sei que comemorar todo mês é idiotice, mas realmente significava muito para mim. Theo foi meu primeiro relacionamento sério também e eu queria que tudo tivesse um significado, especialmente depois de me sentir tão desprezível por causa do meu ex. Era eu quem precisava lembrá-lo da data, mas ele sempre ficava feliz em vir comigo.

Você e eu comemorávamos os aniversários de namoro também. Eles também foram ideia minha, mas isso acabou depois de sete meses — pelo menos até o nosso primeiro ano, e mesmo nessa ocasião não fizemos nada especial. Lembrávamos a data e aproveitávamos o momento para agradecer, como de brincadeira, o fato de termos sobrevivido um ao outro e seguíamos em frente. Eu achava que tudo o que fazíamos era especial, ainda que fosse algo tão simples como passarmos a tarde com um livro de colorir.

— Theo era carinhoso assim — digo.

Consigo imaginar você e Jackson sentados em uma dessas rochas observando o trânsito ou simplesmente de pé, abraçando um ao outro. Eu queria muito ter sido capaz de estar feliz por vocês quando você estava vivo. Quando você levou Jackson a Nova Iorque, eu deveria ter sido mais aberto a conhecê-lo melhor.

— Você vem pra cá com bastante frequência, não é? Acha que vai parar o carro aqui sempre? Ou vai deixar para os dias de aniversário? Ou pretende mudar de caminho?

— Tenho certeza que vou vir em dias aleatórios também.

— Mesmo quando estiver namorando outra pessoa?

Jackson franze o rosto e suas mãos se levantam como se estivessem com um punhado de areia que depois ele deixa escapar por entre os dedos. Por fim, dá de ombros.

— Não sei. Não estou pensando em namorar ninguém por enquanto. Você está?

— Céus, não. Mas já faz um tempo que tenho evitado pensar nisso. Sei que

todo mundo fica nos lembrando de que somos jovens e temos o resto da vida pela frente, o que sempre achei que fosse uma coisa idiota a se dizer. Alguém poderia jogar uma âncora do alto desse despenhadeiro e nos matar agora mesmo.

— Talvez se estivéssemos vivendo dentro de um desenho animado — Jackson diz.

— Eu tenho dezessete e você, dezenove. Não estou dizendo que devemos achar alguém pra namorar agora, mas algum dia devemos estar abertos a isso, não é? Theo foi embora e eu queria mais que tudo que alguém me dissesse quando é aceitável deixar outra pessoa entrar na nossa vida.

Jackson balança a cabeça.

— Não estou pensando nisso agora — ele diz. Há algo na voz dele que não consigo interpretar, mas as duas possibilidades me fazem sentir mal.

A primeira é que ele está me julgando por mencionar isso, por tentar ter essa conversa. A segunda é que ele acredita que eu deveria ter me envolvido com alguém há muito tempo, porque eu e você nem sequer estávamos namorando no dia em que você morreu. Espero que não seja isso que ele está pensando. O amor não começa nem termina com o seu *status* nas redes sociais.

Abandono o assunto.

Aviso que vou esperar no carro, para que ele possa ficar sozinho por um minuto no espaço que vocês dois compartilharam. No banco traseiro, deixo o braço repousar sobre uma de suas caixas e observo Jackson pela janela. Ele não está chorando e, o que acho mais notável, não está falando sozinho, o que significa que também não está falando com você. Pergunto-me quando isso vai começar.

Jackson volta para o carro depois de alguns minutos.

— Estou pronto pra voltar. Tudo bem pra você?

— Sim.

Ficamos em um silêncio incômodo no caminho de volta. Sei que eu deveria preencher esses silêncios com explicações em vez de dei-xá-los se arrastar, mas não tenho ânimo para explicar meu raciocínio quando disse que deveríamos, por fim, encontrar outras pessoas. Tudo o que sei é que você não gostaria que ficássemos chorando por você pelo resto da vida. Não é?



Encerro uma ligação para minha mãe no momento em que entramos na garagem do Jackson. Asseguro a ela pela quarta vez que, assim que voltar para casa, cumprirei a promessa de ir à terapia.

Ganhei três horas hoje — preferia que fossem quatro, claro —, mas isso foi

tão desgastante que estou pagando o preço agora. Estou exausto. Mas não tenho arrependimentos, a não ser o desejo de ter documentado nosso dia no Instagram ou no Facebook. Nem sequer toquei nas minhas contas desde poucos dias depois que você morreu.

Jackson deve ter treinado Chloe muito bem, porque ela não late quando entramos na casa, apenas abana o rabo com um entusiasmo cansado; não sou mais novidade para ela. Ele imediatamente joga todas as roupas que estão em sua cama no chão, incluindo as camisetas que dobramos e as meias que embolamos.

— Você é mais que bem-vindo para dormir na cama comigo. Ela é grande o suficiente, claro.

Ele gesticula para o colchão *king size*. Realmente é bem grande, o suficiente para que não nos toquemos. Talvez ele até tenha feito algumas brincadeiras com você, como rolar até o seu lado, topando um com o outro e rindo até que seus lábios se encontrassem, e eu abaixo uma cortina preta na minha imaginação daí por diante.

Isso faz com que eu me sinta distante.

Não sei como Jackson realmente se sente a respeito disso. Provavelmente está sendo gentil, mas deve preferir que eu durma no chão com a Chloe, que foi exatamente o tratamento que ele recebeu na minha casa. Além disso, não sei como você se sentiria em relação a isso, se veria isso como uma forma de traição. Só me faz pensar em como nossas famílias reagiriam, se ficariam felizes de saber que minha amizade com Jackson cresceu tanto que me sinto à vontade para dormir na mesma cama que ele ou se confundiriam isso com algo que, na verdade, não é.

Para terminar e equilibrar os números, e talvez o menos importante, não sei se *eu* me sinto bem com essa ideia, porque acho que Jackson é um cara bacana que não vai fazer nada que tornasse a situação constrangedora, porque sei que ele não tem sentimentos que me fariam desconfiar desse simples convite, ou se estou de acordo com isso porque me sinto verdadeiramente sozinho e tenho saudades de dormir na cama com alguém — porque sinto falta de dormir na cama com você. Dormir em uma cama onde você dormiu e perto de alguém com quem você dormiu pode ser a segunda melhor coisa para mim e para Jackson.

— Tem certeza que não quer que eu durma aqui embaixo com a Chloe?

— A Chloe dorme sozinha — Jackson diz.

— Que ruim pra ela.

— Não, a Chloe se diverte. Mas ela manda todos os pretendentes de volta para suas respectivas casinhas de cachorro depois que estão todos satisfeitos.

— Pobrezinhos dos cachorros.

— Você está presumindo que ela é hétero.

Jackson fecha a janela, porque todos os tipos de insetos podem invadir no meio da noite, não que eles consigam ir muito longe dentro de casa antes que Chloe os cace e os devore.

Em um movimento rápido, Jackson abre o cinto e deixa a calça jeans cair até os tornozelos, chutando-a para fora. Estou esperando que ele coloque pijama para cobrir aquelas pernas levemente peludas e a cueca boxer cinza um tanto reveladora, mas ele se senta em cima das cobertas como se isso não devesse me surpreender, apesar de eu só tê-lo visto ir para a cama com minhas calças de moletom nas últimas noites. Jackson divide os travesseiros, jogando um para fora da cama para que permaneçam somente quatro. É muito reconfortante ver que ele se esforça para tornar a cama segura para mim. Ele coloca o celular para carregar, usa um controle para ligar o ar condicionado e se deita.

Pergunto-me se esta é a sua rotina.

Caminho até o lado oposto da cama, o lado esquerdo.

— O Theo dormia deste lado ou onde você está agora?

Jackson sabe por que estou perguntando isso.

— No começo ele sempre dormia aqui — ele diz, dando um tapinha no lado em que está. — Ele nunca admitiu, mas acho que tinha a ver com um costume que ele ganhou com você. Mas uma noite ele dormiu do outro lado e depois mudou.

Você costumava brincar que eu arruinei sua vida porque desde então você sempre procurava estar do lado direito das pessoas, e não somente comigo. Porém, de algum modo, Jackson consertou você. Pouso a mão do lado da cama onde você uma vez acordou se sentindo diferente e me sento, esperando que Jackson possa me consertar também. O ar frio preenche o quarto. Logo estou debaixo de um lençol e com o edredom a meus pés, caso precise. Jackson apaga as luzes e o torvelinho de desconforto que eu esperava nunca me atinge. Não parece certo, mas tampouco parece errado.

O que não mudou é o quanto gosto de barulho na hora de dormir, um hábito que começou quando eu era criança. No começo, meus pais pensavam que eu só queria a TV ligada para ficar assistindo a desenhos em vez de ir dormir, mas, na verdade, eu só queria o ruído da TV para sufocar todos os outros acontecimentos além da minha janela.

— Me conte uma história até eu ficar entediado e dormir — peço.

Jackson ri. Ele começa a contar que sempre que Anika e Veronika vinham dormir aqui durante o ensino médio, eles jogavam cartas, falavam mal de alguém que não suportavam, faziam desabafos que sempre os surpreendiam e, às vezes, deixavam as coisas meio embaraçosas e quase sempre terminavam dormindo os

três de conchinha. Ele me pergunta sobre os bons tempos com você e Wade. Afasto todas as partes ruins enquanto me lembro dos momentos divertidos, como as corridas de revezamento na escola, e coisas engraçadas como a aversão do Wade por comer coisas com forma de animais e como ele pisa rápido em uma escada rolante como se ela fosse mudar de velocidade. Jackson conta que sente muita saudade de suas amigas, mas não consigo admitir que sinto o mesmo pelo Wade.

Já passa da meia-noite, é oficialmente dia treze. Jackson deve saber disso também, mas nenhum de nós comenta. Você sabe que Jackson e eu sacrificaríamos tudo para ter você aqui entre nós, mas estou aprendendo que há momentos em que devo deixar que você descanse em vez de ficar obcecado com tudo o que você fazia. Ou, pelo menos, estou tentando. Não sei o que vai ser de mim se o amor e a tristeza não puderem trazê-lo de volta à vida.

Talvez eu tenha que ser trazido de volta à vida também.

HOJE

TERÇA-FEIRA, 13 DE DEZEMBRO DE 2016

Faz um mês que o universo perdeu você. Um mês desde que você acordou de manhã. Um mês desde que você abriu um livro. Um mês desde que você fez uma refeição. Um mês desde que digitou uma mensagem. Um mês desde que saiu para caminhar. Um mês desde que segurou uma mão. Um mês desde que beijou seu namorado. Um mês desde que pensou em um futuro que não vai acontecer. Um mês desde que talvez tenha sonhado seus próprios universos alternativos.

Faz um mês desde que você morreu.

Faz apenas um mês desde que você estava vivo.



— O que o Theo fez naquele dia?

Jackson e eu não conversamos muito hoje. Um com o outro, pelo menos. Tomamos um café da manhã bastante calado com a sra. Wright, com ovos mexidos com rodelas de linguiça. Anika telefonou para Jackson porque ela se lembrou da data e os dois conversaram um pouco. Eu liguei para sua família e falei um pouco com Denise, que estava aliviada por seus pais a terem deixado faltar à escola hoje — acho que eles desistiram daquela história de manter uma rotina a todo custo. Jackson e eu só conversamos amenidades, como a que horas precisamos chegar ao píer, mas nada mais profundo que isso.

No entanto, assim que Jackson para o carro no estacionamento ao lado da orla da praia, com a areia luzindo e o Oceano Pacífico bem à nossa frente, todo o meu silêncio se transforma em curiosidade, e toda a minha curiosidade se recusa a retroceder.

Quero saber tudo sobre o dia em que você morreu.

Jackson não me responde.

Saímos do carro. Jackson descalça os tênis, deixando-os no banco da frente, seu pequeno truque para manter a areia longe dos sapatos. (“Você não fica com areia nos sapatos se seus sapatos nunca tocarem na areia”, ele me disse ontem.)

Faço a mesma coisa, deixando as meias para trás também, e meus pés queimam em contato com o asfalto, então vou pulando até um trecho de grama como se estivesse andando sobre brasas.

Jackson não parece tão incomodado quanto eu.

O céu está do mesmo azul de ontem, nada mágico ou notável até aí. Mas o píer de Santa Monica captura a minha atenção com sua roda-gigante monumental.

— Na nossa primeira vez junto, nós fomos à roda-gigante — Jackson diz, como se lesse minha mente. — Nós dois. Eu não tenho medo de altura, diferente do Theo, mas prometemos que iríamos juntos. — Ele puxa o telefone do bolso e eu retiro os óculos de sol para ver melhor as fotos de você e do Jackson na cabine da roda-gigante, fazendo caras de medo, e as nuvens parecem tão próximas que vocês poderiam ter trazido uma delas consigo.

Você teve uma primeira vez no dia em que morreu, algo que você fez para se sentir corajoso e que você poderia lembrar, um dia, diante de algo que o amedrontasse.

— Nós nos sentimos intocáveis depois disso — Jackson diz. Ele joga o celular no banco do carro e tranca a porta.

Ele passa por mim e eu o sigo, saltando um guarda-corpo e chegando à areia. Ele não está correndo como uma criança na direção do mar — não que eu estivesse esperando por isso, mas há uma energia nos seus passos que eu não esperava. Este é o lugar onde você se afogou, o lugar onde Jackson viu você se afogar... De jeito nenhum eu me lançaria assim nessa direção.

Passamos por uma família de três pessoas, todas espalhadas sobre uma toalha. O pai está lendo em um tablet, a mãe está fazendo palavras cruzadas e a menina — que estou considerando o vértice desse estranho triângulo, que os pais equilibram a partir de suas posições na base — está construindo um castelo de areia e desesperadamente precisando de mais protetor solar. Se ela se distanciar espero que os pais a recolham, que não a deixem ir muito longe, que estejam ali para retirá-la das ondas.

Jackson e eu alcançamos a parte molhada da areia. Ele olha ao redor, chorando, as mãos tentando falar por ele e falhando.

— Eu nem sei em que ponto da praia aconteceu, Griffin — ele consegue dizer, com a voz rouca. — Quando um acidente acontece, as pessoas sabem onde deixar flores, mas eu não sei. Tudo aconteceu tão rápido. O que sei é que os salva-vidas não estavam perto o bastante. E eu, eu... não fui rápido o suficiente.

Ele caminha na direção do mar e vou com ele. Uma onda baixa resvala nos meus tornozelos e dedos dos pés, enviando arrepios pernas acima, e eu quase retrocedo, desejando que meus pés estivessem queimando no asfalto de novo.

Mas fico com Jackson.

Uma vez você compartilhou comigo uma especulação muito estranha sobre a água. Foi na primeira vez em que estive aqui e achei que você estivesse chapado. Você disse que cada molécula em todas as porções de água — o mar, os lagos, o chuveiro e a pia — tinham uma história e uma razão para existir. Você sempre enxergava sentidos no mundo, mas essa ideia sobre a água não parecia muito digna de virar um assunto antes; o que eu deveria dizer se você acreditava que uma gota que caísse do seu chuveiro e mergulhasse direto no seu ralo, sem nem sequer tocar em você, tinha algum propósito no mundo senão o de lhe dar banho?

Universitários fumam maconha, todo mundo sabe disso; foi o que me deu vontade de dizer. Porém, agora que estou aqui, à beira do oceano que nos roubou você, pergunto-me se cada molécula aqui testemunhou a sua morte, se esta água que banha minhas pernas inundou sua garganta enquanto você lutava para respirar.

Adentro mais um pouco, com água na altura dos joelhos, e o jeans pesa nas minhas pernas. Eu me agacho, agora também chorando, e soco a água várias vezes. Socar a água dói. Ainda assim, não paro, mesmo depois que estou encharcado, mesmo depois que Jackson chama meu nome, mesmo depois que berro, mesmo depois que uma onda me surpreende e me derruba, e agora estou lutando para que o mar me solte enquanto me debato, em pânico.

Sei que não estou tão fundo, mas não sei onde fica a superfície, nunca consegui manter os olhos abertos debaixo d'água. O mar fica mais denso, prendendo-me no fundo — não, está me levando para cima, e na verdade é Jackson e não o mar. Respiro fundo, cuspiendo água; Jackson me abraça e eu o abraço também.

— O que raios você estava fazendo?

Perdi os óculos de sol no mar, e o sol fere meus olhos. Tento contar a ele sobre as suas malditas moléculas de água e sobre eu querer brigar com todas elas, mas só consigo chorar e chorar, sabendo que tudo o que senti ali por alguns segundos não foi nada comparado com o que você experimentou quando seus braços e pernas não conseguiam mais lutar, quando seu pânico provavelmente levou a melhor e você tentou respirar debaixo d'água, quando seu cérebro desligou. Pensar nisso me aterroriza, mas sei que estou seguro com Jackson — você também poderia estar se ele estivesse aqui com você.

— Por que você não estava nadando com o Theo? — Minha pergunta sai em meio à tosse e em tom mais acusador do que eu queria; Jackson fica paralisado. Estamos a centímetros de distância um do outro. Ainda é difícil ler o rosto dele porque meus olhos estão irritados e o sol está me ofuscando. — Não estou

culpando você.

— Eu sei — Jackson diz, calmo. — Theo queria entrar sozinho. Ele tinha acabado de desligar o telefone e queria ficar sozinho por um minuto. Eu fiquei na praia com nossas coisas e o Theo foi mais fundo do que deveria.

Não é culpa do Jackson.

Minha raiva desfalece. Meu corpo nota a temperatura congelante da água, mesmo depois de eu ter passado um tempo mergulhado. Eu tinha razão em proteger meus castelos de areia das ondas quando era criança. Que se dane. Agarro o braço do Jackson e o puxo para longe daqui.

Arranco minha camisa e caio de cara na areia, sentindo o sol nas costas e nos ombros imediatamente. Não está me queimando vivo como deveria. Na verdade, até me sinto um pouco relaxado. Ou talvez seja só porque estou de volta à terra firme.

— Desculpe — Jackson diz, sentado ao meu lado, observando a rebentação das ondas. Quase pergunto se ele estava se desculpando comigo ou com você quando me recordo que ele não costuma falar com você como faço. — Eu deveria ter estado lá com ele. Poderia tê-lo salvado. A vida de todos teria sido muito melhor.

Minha mão vai na direção da mão do Jackson como se ela fosse um botão de *deus ex machina* que pulverizaria todos os zumbis-piratas em uma única explosão.

— Você não é o único responsável pelo Theo, tá? Você não o obrigou a ir até lá e fez tudo o que podia para trazê-lo de volta.

Jackson meneia a cabeça, mas não sei se isso o consola. A verdade é que me sinto tão impotente agora quanto ele naquele momento.



Esta noite Jackson me convence a assistir a *Edward Mãos de Tesoura* com ele; estou culpando meus olhos pelo nosso estado sensível. Sempre pensei que você estaria comigo quando eu encarasse este meu pesadelo de infância, pronto para dar uma pausa no filme, caso eu precisasse de uma trégua. Nunca imaginei que eu o estaria vendo em Los Angeles com outro cara que ama você e certamente não imaginei que eu estaria usando os shorts dele. Eu teria preferido ficar sentado do lado de fora, observando o céu queimar em nuvens amarelo-alaranjadas e vermelho-róseas.

No fim das contas, este filme não é tão aterrorizante quanto eu me lembro. Claro, ele é sinistro porque Edward tem tesouras no lugar das mãos e cicatrizes por todo o rosto pálido, mas dá mesmo pro cara ser aterrorizante enquanto está

aparando um arbusto em formato de dinossauro ou cortando o cabelo dos cachorros?

— A trilha sonora do filme também deve ter algo a ver — comento com Jackson, sentado de pernas cruzadas com um travesseiro no meu colo.

— Não sei quem foi que compôs — Jackson diz, sacando seu celular.

— Danny Elfman.

Jackson concorda com a cabeça quando sua pesquisa entrega o resultado.

— É.

— Perdeu, Google — digo. — Alguma vez ouviu o Theo dizer isso?

— Sim. Era quase como um duelo de caubói quando víamos se ele conseguia responder uma pergunta antes que eu conseguisse sacar o telefone e pesquisar. Theo teria feito estragos participando de *Jeopardy* na TV.

Deixo o filme de lado. Jackson sabe tão bem como era estar com você que eu poderia até abraçá-lo.

— Comprei para ele o videogame do *Jeopardy*, o que foi um grande erro. Eu me sentia um tremendo idiota sempre que jogávamos.

— Você não é um idiota.

Ignoro o comentário.

— Você se sentia inteligente ao lado dele?

— Não e eu sou mais velho. Provavelmente me sentia pior do que você.

Essa coisa de idade é uma estupidez e quase custou nossa amizade, mas eu entendo o que ele quer dizer.

— Theo nunca quis se gabar, isso era algo que eu adorava nele. Ele só estava tão entusiasmado em aprender tudo que às vezes chegava ao ponto de faltar espaço na cabeça dele para armazenar as pequenas coisas... e algumas grandes coisas também. É bizarro pensar que agora toda a informação que o Theo baixou naquele lindo cérebro idiota que ele tinha se perdeu.

Concordo com ele, a felicidade entre nós se foi também. Assim como aconteceu com você. Volto a olhar para o filme, mas não estou prestando atenção.

— Ele deixou o conhecimento dele conosco — Jackson diz. — Uma parte, porque não consigo me lembrar de tudo. Mas as coisas que sei provavelmente nunca terão utilidade na vida real, a maior parte eram fatos engraçados. Por exemplo, a represa Hoover foi construída para durar dois mil anos. E os gatos, durante a Idade Média, eram enfiados dentro de sacos, e jogados nas fogueiras, e atirados do alto das torres das igrejas, porque eram associados à bruxaria. Ele também me fez ouvir um monte de músicas antigas como “All Out Of Love” e “They Long To Be Close To You”. — Jackson mexe no telefone e põe para tocar “Come Sail Away”, aumentando o volume. — Esta é uma das minhas favoritas.

— Minha também.

Jackson se aproxima de mim até ficar bem perto.

— Certo, não me bata, mas quero mostrar uma coisa que o Theo me ensinou.

— Por que eu bateria em você?

— Porque vou ficar muito perto do seu rosto e você vai achar inapropriado e, quando for o caso, pode me bater. Tudo bem?

Jackson fica de joelhos e pede para que eu faça o mesmo. Ele coloca as mãos na minha cintura e se inclina, mas não na direção dos meus lábios.

— Este é um beijo de borboleta. — Fico tenso quando ele resvala os cílios sobre os meus. — Este é um beijo de homem das cavernas. — Ele cola a testa na minha, de leve. Estou um pouco trêmulo. — Este é um beijo de esquimó. — Ele esfrega o nariz no meu com os olhos fechados, esperando que eu faça o mesmo, mas tenho medo do que posso fazer se me mexer. — E este é um beijo zumbi. — Jackson morde minha bochecha, com um rosnado muito idiota. Depois ele olha nos meus olhos e sorri. Está feliz por ter compartilhado algo tão íntimo comigo.

Ele não sabe que eu sei de tudo isso.

Você ensinou a ele algo que é extremamente pessoal para mim. Ensinou um costume que eu tinha com meus pais quando era criança. Algo que nunca imaginei que compartilharia com alguém no mundo até você aparecer. Você ensinou a ele um beijo que eu mesmo criei para nós quando senti que precisava de um número quatro.

Eu entendo.

As pessoas são quebra-cabeças muito complexos, sempre tentando ter uma noção do conjunto, mas, às vezes, entendemos errado e, às vezes, ficamos incompletos. Às vezes, é melhor assim. Algumas peças não podem ser encaixadas à força, ou pelo menos não deveriam, pois não fariam sentido.

Assim como Jackson e eu neste dia ímpar, ou em qualquer outro dia.

Agarro Jackson pela nuca e dou-lhe um beijo — não um beijo de borboleta, não um beijo de homem das cavernas, não um beijo de esquimó, nem um beijo de zumbi —, um beijo, simplesmente, em que minha língua faz o caminho para sua boca e a língua dele acaricia a minha em resposta. Jackson se afasta dos meus lábios e me encara com confusão no olhar, mas não acho que haja arrependimento ali. Ele respira fundo e voa de volta para mim. Jackson me beija com a mesma intensidade com que o surpreendi.

Os dedos dele agarram minha cintura, conforme ele me puxa para tão perto que um peito pressiona o outro, os corações disparados um em contato com o outro. Eu o empurro para trás e provavelmente ele acha que parei, que voltei a mim ou algo assim, mas eu arranco minha camiseta e ela sai voando para o outro lado do quarto. Estou acostumado a ver um sorriso quando chego a este estágio

na cama, um sorriso porque alguém está excitado em fazer isso comigo, mas Jackson deve estar travando uma luta dentro de si, só que isso não o impede de tirar também sua camiseta e deixá-la cair na cama.

— Onde estão suas camisinhas?

Jackson consegue pegá-las na gaveta ao lado da cama.

— Devo apagar as luzes?

— Não.

Quero que você me veja transar com seu namorado.

Ele é alguém que está triste por você, outro ser humano com sentimentos humanos que não deveria ser usado como arma contra você. Entretanto, também sou um ser humano com sentimentos humanos. Você usou nossa história íntima para criar um futuro com outra pessoa e isso é um milhão de vezes pior. Você usou nosso amor contra mim. Agora estou usando seu amor contra você.

Quando acabamos, suados apesar dessa porcaria de ar condicionado, fico observando o teto e Jackson faz a mesma coisa.

Estou nu com Jackson, na cama do Jackson, no quarto do Jackson, na casa do Jackson, no estado do Jackson, no fuso horário do Jackson.

E o que mais quero agora são as luzes apagadas.

E se tem algo que quero ainda mais é que você vá embora. Perdi tanto tempo sendo fiel a você, mesmo quando não estávamos namorando, porque pensei que tivéssemos nosso plano de final feliz. Olhe onde a fidelidade me trouxe. Estou preso aqui tentando descobrir qual meu próximo passo. O que aprendi é que daqui em diante preciso tomar cuidado com a quem confio meu coração. Preciso desconfiar que essa pessoa vá contrabandear meu amor para outro alguém.

Você fez isso comigo.

A história não é nada. Ela pode ser reciclada ou jogada fora. Não é o baú de um tesouro sagrado que pensei que seria. Fomos alguma coisa, mas apenas a história não basta para fazer essa coisa viver para sempre. Você não é meu melhor amigo e o amor da minha vida que passei este último mês pranteando e, desde muito antes disso, sentindo sua falta. Não quero mais conversar com você.

HOJE

QUARTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 2016

De quem é o cão que está latindo?

Demora alguns minutos para tudo se encaixar, e sei que estou na cama do Jackson e que transamos na noite passada. Uau, eu transei com ele enquanto Chloe estava no quarto. Tem algo errado nesse cenário; não sei, é como transar no mesmo quarto em que há um bebê dormindo, só que a cadela com certeza não estava dormindo. Estou virado de frente para a parede com o pôster de *Os Goonies*. E outra diferença: não há braços me envolvendo, como acontecia sempre que eu dormia ao lado daquele babaca do Theo.

Viro-me devagar. Jackson está na borda da cama e há toda uma ilha de espaço entre nós. Nenhum de nós estava com o cérebro programado para dormir de conchinha.

— Está acordado? — Jackson pergunta.

— É — eu digo. Queria ter um chiclete agora. É um saco que eu não possa sair correndo e saltar dentro de um avião para fugir de tudo isso porque meu voo só sai hoje à tarde, mas nada na minha vida tem sido simples ultimamente, e talvez seja assim que deva ser.

Viro-me enquanto Jackson se senta e me dou conta de que ele está vestido — com roupas totalmente diferentes das que usava ontem, por sorte, e eu estou cem por cento nu e cubro o corpo inteiro com o lençol, repentinamente inseguro.

— Não consegui dormir a noite inteira. Talvez só cinco minutos — Jackson diz. — Provavelmente seis — ele se corrige.

Eu dormi. Sei disso porque a última coisa de que me lembro é de me virar e fechar os olhos depois de prometer ao Theo que pararia de falar com ele.

— Isso não significou nada — deixo escapar, mas soa mais áspero do que eu queria. Mas sou assim desde que Theo morreu: áspero, rude, e saber de sua traição apenas me tornou ainda mais cortante. É uma pena para Jackson que a ponta da minha espada agora esteja na garganta dele, uma péssima escolha de palavras considerando o que aconteceu ontem, mas Jackson não tem culpa, porque ele não roubou Theo de mim. Theo simplesmente me superou. — Certo?

Jackson concorda veemente, meneando a cabeça assim como o boneco pirata

que deixei no descanso para copos do carro dele no nosso caminho de volta ontem à noite.

— Você está certo. Foi um dia esquisito. Voltar àquela praia mexeu comigo.

— Estávamos fragilizados — digo, o que é uma meia-verdade. Ele sofria pelas saudades que sente do Theo, e eu estava tentando machucar Theo.

— Exatamente.

— Vou me vestir — digo.

Jackson se vira. Eu não tinha problemas em ficar nu diante do Theo. Não é como se Jackson tivesse um abdômen superdefinido, mas não me sinto tão à vontade perto dele, mais ou menos como quando eu era criança e ficava de camiseta na praia enquanto estava perto dos meus amigos. Encontro minha cueca no chão, perto da camisinha de aparência triste, me visto completamente em dez segundos e jogo a camisinha na lata do lixo. Peço ao Jackson para rebobinar *Edward Mãos de Tesoura* para eu ver como termina enquanto escovo os dentes, mas tudo o que consigo fazer quando entro no banheiro é me sentar na cadeira de banho da mãe dele e chorar enquanto a água escorre da torneira.



— Estou bem, Pai.

— Eu não acredito — Papai diz. O detector de mentiras esfarrapadas dele ficou dez vezes mais acurado desde a segunda-feira, quando fugi para a Califórnia.

Fui noventa por cento sincero sobre o que eu e Jackson estivemos fazendo nos últimos dois dias, mas ele percebeu que aconteceu algo mais além dos filmes e dos passeios pela cidade. Não sei como contar a ele que Theo foi canalha e fez algo imperdoável em troca.

— Eu sei. As coisas não estão ótimas, certo? Prometo que vou contar tudo a vocês quando chegar em casa hoje à noite.

— É tudo o que eu queria ouvir.

— Que tudo está uma droga?

— Não, uma resposta sincera. Vamos pegar você no aeroporto — Papai diz.

— Não vá mudar de ideia no último minuto e pegar um avião para outro país.

Escuto passos no corredor e digo ao meu pai que preciso ir e que vou mandar uma mensagem antes de embarcar. Jackson entra no quarto assim que desligo, só de cueca boxer e com uma toalha ao redor dos ombros. Ele não diz nada para mim, a noite de ontem arruinou a amizade que tínhamos começado, mas, quando eu for para casa e houver novamente distância entre nós, talvez consigamos resgatar um pouco dela.

Jackson se ajoelha diante de mim, fixando os olhos castanhos nos meus. Ele me beija e eu cedo com tanta facilidade que não tento afastá-lo. A mão dele entra por baixo da minha camiseta até encontrar meu ombro, apertando-o, antes de sair para desamarrar o cordão do meu *shorts*. Massageio a cintura dele, ainda um pouco molhada. Ele sobe no meu colo e me beija de novo, desta vez com mais força, nem perto de estar controlado como da primeira vez que fizemos isto.

Afasto-me porque, a despeito da traição do Theo, ainda prefiro não sentir nada a sentir vergonha, mas Jackson continua tentando.

— Jackson, pare.

Ele retrocede, saindo de cima de mim e indo para a cama. Os olhos dele estão vermelhos.

— Sinto tanta saudade dele. Eu nunca o mereci. Não sou o cara que ele achava que eu era. Eu estraguei tudo.

— Nós dois estragamos.

— Não, não estou falando sobre ontem à noite. Eu não queria estragar a sua viagem, mas... — Jackson chora e eu estou aterrorizado com o que ele está prestes a dizer. Não tenho nenhuma teoria. — Eu não fui... Eu não me joguei no mar para tentar salvar o Theo como disse que fiz. Eu corri para procurar um salva-vidas porque estava com medo de me afogar também... Eu não queria morrer, mas corri muito rápido, juro, eu não podia arriscar...

Jackson é a razão pela qual Theo quebrou a promessa de nunca morrer.

— Seu covarde de merda — sussurro, e não sei por que isso não saiu como um grito. — Você deixou o Theo... — Minha voz está se alterando enquanto falo entredentes e as lágrimas me cegam. — Você deixou o Theo morrer. — Salto da cama, apertando os olhos e os punhos. — Eu teria arriscado minha vida por ele!

— Você não tem como saber disso, Griffin. Não até se deparar com um momento igual a esse.

— Eu jamais teria ficado ali vendo o Theo morrer!

Jackson salta da cama e segura meus braços. Não sei se ele está tentando fazer com que eu pare de tremer ou se está tentando me impedir de sair do quarto, mas eu me desvencilho e desfiro um soco no rosto dele, o que surpreende a nós dois, então dou mais um soco, e agora só ele está surpreso. Nada mais pode me surpreender agora. Sinto-me como se estivesse me observando fora de mim.

O nariz do Jackson está sangrando. Ele levanta o rosto para mim e balança a cabeça.

— Foi você quem mandou ele para o mar, em primeiro lugar! Ele estava ouvindo uma das suas mensagens de voz e depois quis ficar sozinho. Não coloque toda a culpa em mim.

Estou tão tonto que quase penso que o sangue em minhas mãos é meu. Na última mensagem que deixei para Theo, eu dizia a ele que precisávamos conversar sobre aquele assunto tabu que prometemos jamais mencionar...

Talvez Jackson não tenha salvado Theo, mas fui eu quem o matou. Saio correndo da casa do Jackson apenas de meias. Não sei se devo ir para a frente ou para trás, para esquerda ou para a direita. Vou para a esquerda, porque é o meu padrão. Minhas opções são péssimas, porque não estou na minha cidade, onde poderia correr para casa e esperar na minha cama.

Momentos mais tarde, eu vomito na calçada limpa, e novamente isto não me surpreende: não me sinto nada melhor.



Quando encontro o caminho de volta à casa do Jackson, ele fica na sala enquanto faço as malas, quero dizer, enfio algumas das minhas roupas de volta na mochila e recolho minhas coisas. Recebo uma mensagem avisando que o táxi está esperando do lado de fora. Estou atordoado quando me despeço da sra. Wright, apertando a mão dela e agradecendo-a com um sorriso que ninguém jamais acreditaria que é genuíno. Coloco a mochila nas costas e me encaminho para a porta, onde Jackson está parado.

— Griffin. Quer que eu leve você com o carro? Eu posso...

Imaginei este momento enquanto voltava para cá, quando eu passaria por ele como se ele não fosse ninguém, mas paro na porta. Não sei se quero dar mais dois socos nele ou um abraço de despedida com um pedido de desculpas por eu ter sido um ser humano tão horrível. Mas não posso libertá-lo dessa obrigação. Então tudo o que faço é olhar nos olhos dele e esperar que ele se lembre do rosto desta pessoa que ele ajudou a destruir além de qualquer conserto. Alguém que ele tentou consertar por culpa.

Continuo andando e entro no táxi. Não me viro para olhar Jackson. Abaixo as janelas e inspiro os aromas uma última vez, porque nunca mais vou voltar aqui. Pensar em voltar para casa é o que me ajuda a enfrentar o moroso caminho para o aeroporto; os rostos que poderei ver quando retornar são os únicos em que posso confiar.

O avião decola no horário. A altura e a sensação de desamparo não me aborrecem desta vez. Há ventos fortes e, quando o avião chacoalha inesperadamente, sinto como se meu coração desabasse até o estômago. Mas não surto nem fico desejando a presença do Jackson ou de qualquer outra pessoa ao meu lado. Apenas olho através da janela perguntando-me como seria ter esta vista se o avião realmente despencasse.

HOJE

SEXTA-FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 2016

Vou para a terapia esta manhã, afinal, promessa é promessa. E, diferente de algumas outras pessoas, eu honro as minhas. Deixo meus broches de grifo dentro da gaveta com o restante dos pertences do Theo e visto um dos meus próprios suéteres em vez do moletom dele. Meu pai vai me acompanhar em minha primeira sessão, para me dar apoio. Desconfio que ele também quer garantir que não haverá chance de eu entrar em um avião e nunca mais voltar.

— No banco do carona, Griff? — Papai pergunta enquanto entramos no carro.

— Não, obrigado — minto. Ele deveria saber que não deve me pedir para sentar ao seu lado direito na mesma manhã em que vamos ver um profissional por causa das minhas compulsões. Ele ainda está bravo comigo, não que eu o esteja culpando.

Eu me estico no banco de trás e cubro o rosto com meu casaco. Theo costumava ficar preocupado quando eu dormia com o edredom por cima da cabeça, como se ele fosse acordar ao meu lado e descobrir que morri sufocado. Eu não acordava perto do Theo com muita frequência — pelo menos não de forma romântica, já que às vezes apenas dormíamos na casa um do outro —, mas as vezes em que conseguíamos flagrar o outro abrindo os olhos eram maravilhosas. Mas não vou me apegar a elas. Ele seguiu em frente com sua vida.

Preciso fazer o mesmo.

Mais ou menos vinte minutos depois o carro para. Escuto o cinto de segurança do meu pai clicar e se retrair de volta para a bobina metálica. Meu casaco cai de cima de mim.

— Acorde. Chegamos... — Ele me olha nos olhos e eu me viro, escondendo meu rosto no encosto do banco. — Griffin, tudo bem chorar.

Pego meu casaco de volta, vestindo-o enquanto saio do carro. Caminho na direção da clínica, com suas linhas retas, parecendo menos uma instituição séria e mais uma creche para futuros criminosos ainda de fraldas — tijolos cinzas, janelas de moldura verde e uma porta azul-escura com raios de sol pintados ao redor da maçaneta. Não sei o que pretendiam fazer. Mas queria que o plano de saúde dos meus pais oferecesse algo melhor que isso.

Assim que entro, procuro o melhor lugar para mim na sala de espera. Vou para a poltrona na parede oposta à entrada porque assim o balcão e os consultórios ficam todos à minha direita. Espalhadas sobre a mesa estão várias revistas de fofoca. Uma possível mãe está sentada perto de um vaso de planta lendo um jornal. Depois que eu e Theo terminamos, por algumas vezes tentei criar o hábito de ler jornais, por causa de uma coisa que ele disse enquanto estávamos juntos: “Algumas pessoas sabem tudo sobre um pouco, outras sabem um pouco sobre tudo”.

Eu queria ser mais parecido com ele, alguém que sabia um pouco de tudo, de modo que nossas conversas nunca ficariam sem combustível e pudéssemos entender o que move este universo. Inútil.

Papai entra e segue direto para o balcão, olhando na minha direção como se eu fosse alguém que passou na frente dele na fila; desde que voltei para casa eu o vi frustrado muitas vezes. Continuo resistindo à bondade dele porque não a mereço, e isso o irrita. Papai assina minha chegada e se senta calado ao meu lado direito, pegando algumas revistas e folheando as páginas de fofocas de celebridades e de quem vestiu melhor os trajes de gala até chegar na parte das sinopses de filmes.

— Talvez a gente possa sair pra assistir a um filme neste fim de semana? Convidar o Wade?

— Não, obrigado — digo ao Papai.

A secretária espia por cima do balcão.

— Griffin Jennings?

Ela gesticula na direção de uma porta aberta. Ainda bem que Theo já não está por aqui, porque eu não iria querê-lo me acompanhando nesta sessão. Terapia é algo íntimo, e já é bem difícil ser totalmente franco com um estranho, imagine com meu ex-namorado observando cada movimento meu.

Entro e fecho a porta atrás de mim.

— Sou Griffin — digo.

O médico sai de trás de sua mesa. Ele tem uma aura de sabedoria transcendental com os fios cinzentos em meio aos cabelos pretos e costeletas. Seus óculos de armação azul-clara me distraem tanto que estou tentado a pedir para ele tirá-los, mas deixá-lo cego não vai me ajudar nesta sessão. Ele está aqui para me ouvir e para me reajustar.

— Bom dia, Griffin. Sou o dr. Anderson, mas pode me chamar de Peter.

Peter tem cinco letras. Vou manter o tom formal com ele.

O dr. Anderson me convida para sentar onde eu me sentir melhor.

Sou a agulha da bússola em busca do meu norte. Há uma poltrona azul, que parece acolhedora, e também um sofá verde-escuro, a cor favorita do Theo. O dr. Anderson se senta diante de sua mesa. Ele tem uma excelente postura, o que é

ótimo, porque o estou considerando como o norte, uma vez que este é seu consultório. Fico parado entre a poltrona e o sofá, dividido.

— Vou ficar de pé um pouco — decido.

O dr. Anderson se acomoda na beira de sua cadeira.

— Tudo bem. Devo ficar de pé também?

— Não.

Ele é alguns centímetros mais alto que eu e isso é bastante intimidador.

— Podemos começar? Gostaria de um copo d'água?

O desejo dele de me deixar à vontade só está me deixando ansioso. Quero ser capaz de conversar com ele, porque não tenho mais ninguém, mas já posso sentir uma coceira bem no meio da palma da mão.

— Vamos só começar.

O dr. Anderson relaxa no encosto de sua cadeira.

— Seus pais me informaram sobre tudo o que você tem passado ultimamente — ele diz com suavidade. — Adoraria ouvir tudo de você.

Isso é impossível porque eles não sabem de tudo. Não sabem que eu tive um papel na morte do Theo, nem tudo o que passei desde que terminei com ele. Meu rosto queima. Coço minha palma e puxo o lóbulo da orelha com a outra mão. Dou as costas ao dr. Anderson, observando a parede, de modo que ele fica do meu lado direito. Quero socar todos os malditos diplomas que supostamente lhe dão o poder de me curar. Quero destruir o relógio que está a um só tempo se arrastando e me apressando.

Isso não vai ajudar. O dr. Anderson tem os mesmos poderes que um mágico de rua. Ele é só um cara com uns truques na manga e uns fios escondidos.

Mas também sei que tenho mentido para mim. Sei que Theo ainda está por aí, me observando. Ele me seguiu a este consultório, e não deve ser assim que ele vai descobrir tudo.

Preciso contar a ele sozinho.

HOJE

SÁBADO, 17 DE DEZEMBRO DE 2016

Estou pronto para conversar de novo, Theo.

Eu deveria pedir desculpas por lhe dar um gelo, mas vamos concordar que esta é a última coisa pela qual eu deveria me desculpar agora. Não tenho palavras para descrever o que descobri na quarta-feira. Mas as palavras não trouxeram você de volta para mim quando estava vivo. Foram as palavras que fizeram você entrar no Oceano Pacífico. Você deve saber que eu sinto muito por ser o motivo pelo qual você não é mais parte deste universo, por ser o motivo pelo qual você nunca poderá experimentar o futuro que buscava com tanto afinho, por ser o motivo por que você nunca pôde empregar nenhuma das suas estratégias geniais contra os malditos zumbis-piratas e por ser o motivo pelo qual todos vão prantear você até que eles mesmos estejam mortos.

Mas há algo mais que você deve saber. É hora de usar minhas palavras para o bem e parar de distorcê-las, só porque lamento a verdade.

HISTÓRIA

QUARTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 2016.

— **Eu não vou.**

Jogo meus livros dentro do armário, um por um, pego meu casaco e bato a porta.

Alguns alunos olham para mim como se houvesse uma bolha acima da minha cabeça que contará a eles por que estou tão furioso e magoado, mas eles me ignoram e seguem em frente para poder chegar em casa e assistir à Netflix ou perder tempo no Facebook.

Mas Wade não sai do meu lado.

— Nós não o vemos faz o quê? Cinco, seis meses? — Wade diz. — É o aniversário dele.

— E ele trouxe o namorado novo para ficar com ele! — Eu havia passado o último mês animado com o fato de que Theo viria para casa em seu aniversário, mas alguns dias atrás ele soltou a bomba Jackson com uma mensagem. — Ele não me quer lá — digo. Theo não me quer, ponto-final. Saio caminhando pelo corredor, vestindo o casaco e o chapéu.

— Você terminou com ele — Wade diz.

— Ele não deveria ter, logo no dia seguinte, arrumado um namorado que é um clone malfeito de mim — digo.

— Achei que tivesse sido dois meses depois — Wade diz. — E vocês não são clones.

— Nós tínhamos um plano e ele... Não me importa. — Saio pela porta lateral, o frio arranha meu rosto no mesmo segundo. Espero que o californiano Jackson esteja sofrendo muito com o tempo aqui.

Wade me segue até o lado de fora sem seu casaco e se coloca na minha frente.

— Juro que você vai se arrepender disso.

— Volte pra dentro. — Tento desviar dele, mas Wade é insistente.

— Vocês dois me prometeram que não deixariam o relacionamento de vocês passar por cima da tropa, lembra?

Lembro. Lembro-me de ser um idiota.

— Vá reclamar com o Theo.

— Bem, eu ainda vou ao jantar. — Wade estremece e balança a cabeça. — Pelo menos ligue pra ele, tá bem? Sei que vocês vão se sentir melhor se pelo menos conversarem.

— Certo. — Isso eu posso fazer. — Sérico, volte pra dentro. Vejo você amanhã.

Nós nos despedimos com um soquinho dos punhos e Wade finalmente me deixa passar no momento exato para que eu consiga cair no choro sem que ele veja.



O retrato-quebra-cabeça do Theo e de mim, aquele que Wade me deu de presente dois Natais atrás, está no meu colo. Nunca vou entender como o tempo pode fazer um momento parecer tão próximo como ontem e tão distante quanto os anos.

Então telefono para Theo, lembrando-me de todas as coisas boas sobre ele durante nossa amizade e nosso namoro, como o quanto ele sempre foi atencioso e como sempre me fez sentir seguro. Se eu me concentrar apenas em todas as vezes em que ele ferrou as coisas desde que conheceu Jackson, vou só ser um babaca, e ele não precisa disso, principalmente no seu aniversário.

— Alô. — Ele está triste.

— Oi — digo. — Feliz aniversário. — Quero perguntar como vai o jantar, mas o bom senso me faz calar a boca.

— Obrigado.

— Sinto muito por não ter ido aí esta noite — digo. Realmente lamento não ter ido (talvez Wade seja vidente, afinal de contas), mas também sei que fiz a coisa certa.

— Eu também — Theo diz. — Acha que consegue sair amanhã? Eu quero muito ver você.

Talvez nosso relacionamento não seja só um pontinho no radar dos olhos dele, afinal.

— É, eu e o Wade podemos... — E me calo quando escuto Jackson e Ellen rindo ao fundo. A vida social nunca me deixou tão enjoado antes. — Olha, eu preciso ir. Mas aproveite o resto da noite, tá?

— Griff, espere, o que aconteceu?

— Falo com você amanhã, Theo. Feliz aniversário.

— Fale comigo, eu...

Desligo e arremesso o retrato-quebra-cabeça do outro lado do quarto. Não é certo que ele fique intacto.

HISTÓRIA

TERÇA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 2016

— **Talvez o Theo tenha morrido — o Wade me diz ao telefone.**

— Não tem graça — digo.

Duas horas atrás, Theo postou uma foto com filtro no Instagram dele e Jackson, ambos com óculos de sol e protetor solar demais na testa, jogando xadrez na praia. Eles não podem estar jogando a mesma partida porque há só 32 peças no tabuleiro. Certamente Theo ligaria e me desejaria feliz aniversário antes de começar outra partida.

Sei que isso não é nenhuma baboseira vingativa que restou de fevereiro, quando não fui ao jantar de aniversário dele. Conversamos sobre isso, ele entende que eu não estava preparado para conhecer Jackson.

— Você ainda não abriu o presente dele? — Wade pergunta.

— Não.

Abri todos os presentes que recebi hoje, exceto o que o entregador deixou nesta tarde. Chegou assim que voltei da escola. Meus pais me deram uns videogames novos e cartões de presente. Wade fez uma dúzia de cupcakes para mim e não experimentei nenhum ainda, mas menti dizendo para ele que estavam deliciosos.

— Seu aniversário vai acabar dentro de dois minutos — ele diz.

Não preciso desse lembrete.

— É. Vou abrir agora. Falo com você depois da escola amanhã.

— Vou ter que esperar até amanhã?

— Duvido que vá compensar a espera.

— É melhor que não.

— Obrigado de novo pelos cupcakes.

— Feliz aniversário, Griffin. Vejo você amanhã.

É estranho ver no pacote o endereço do dormitório do Theo em vez do endereço de Manhattan. Pego uma caneta e vou espetando a fita, abrindo o pacote. Tiro de dentro um par de botas azuis-escuras com cordões pretos e um cartão.

O cartão diz: *Feliz aniversário, Griff. Vi essas botas e pensei em você na*

mesma hora. Você vai ficar mais bacana que todo mundo aqui.

De seu melhor amigo no apocalipse, Theo P.S.: Use essas botas em TODO LUGAR porque esta agência dos correios é uma droga. EM TODO LUGAR, EU DISSE, TODO LUGAR.

É um ótimo presente e eu vou usar estas botas em todo lugar, mas não sei como contar com ele como meu melhor amigo no apocalipse, sendo que ele nem sequer me dá um telefonema de aniversário. Ainda faltam dois minutos.

Tenho certeza que ele vai ligar. Não é?

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 2016

Tudo parece errado. Estou abraçando Theo pela primeira vez desde agosto passado. Meus braços estão ao redor dele, meu queixo apertado de encontro às suas clavículas, e ele me abraça como se eu fosse seu tio, não seu melhor amigo-barra-primeiro-amor. Theo parece errado.

E me refiro à aparência também. Ele veio para casa com um leve bronzeado que eu não esperava por causa de todas aquelas fotos com filtro que ele posta. Não quero que ele pareça infeliz, mas não gosto do modo como ele está leve, como se a vida finalmente tivesse passado a fazer sentido agora que ele foi embora.

— É ótimo ver vocês, caras — Theo diz, abraçando Wade com muito mais intimidade do que a mim. Não é como se Jackson estivesse aqui nos vendo; ele está de férias com o pai dele em Cancún. Ficarei surpreso se for realmente uma viagem “de pai e filho” e não algo feito por culpa.

— Você também — digo, enterrando as mãos nos bolsos.

— Parece que faz um minuto — Wade diz.

Theo repara nas botas que me deu de aniversário, as pontas estão arranhadas de tanto que eu as usei.

— As botas!

— Estou usando-as em todos os lugares, como foi solicitado — digo.

— Ótima forma de estragar o aniversário dele — Wade diz.

— Foi um erro sincero — Theo diz. — É estranho pensar que o Griffin nasceu em um dia ímpar. Pelo menos acertei o tamanho das botas!



Por que as vindas do Theo nunca podem ser simples? Apesar do Jackson não estar aqui com ele desta vez, ainda sinto a presença dele a tarde toda. Theo evita dizer o nome dele para não me irritar. Não me entenda mal, prefiro assim, mas sempre que Theo está prestes a mencioná-lo ele se vira para mim e muda de assunto, como se eu devesse me sentir culpado. Ele também fica verificando o

telefone e responde as mensagens do Jackson imediatamente. Mal posso esperar até que estejamos no metrô, indo ao Brooklyn em busca de algo para fazer, onde o meu clone malfeito californiano não possa alcançá-lo.

No caminho para a estação, Wade comenta sobre universidades.

— Não acho que eu conseguiria ficar longe de casa por tanto tempo. Provavelmente vou ficar aqui na cidade no próximo outono.

— Não é a pior coisa — Theo diz.

Não é a pior coisa porque ele encontrou o paraíso para si, enquanto nós ficamos presos aqui, sentindo falta dele, sozinhos.

— Com certeza vou me inscrever na Santa Monica College — digo.

Theo meneia a cabeça.

— Se é o que você quer, é o que deve fazer. — Agora ele fala como uma porcaria de orientador vocacional.

— Claro que é o que eu quero — digo. Quase lembro a ele que é o que nós dois desejamos, mas prometi ao Wade que não faria com que o dia de hoje fosse sobre Theo e eu. Não faço nenhuma ideia do que quero estudar na faculdade, mas sei que só existe a possibilidade de Theo e eu consertarmos nosso relacionamento se estivermos próximos.

No trem 2 para a Union Square, Theo e Wade conversam sobre séries da Netflix. Sinto-me invisível e mudo. Estou sentado de frente para Theo e Wade, e os dois estão rindo como se fosse totalmente normal o fato de que eu e Theo não combinamos mais. Isso me lembra os primeiros anos da nossa amizade, quando Theo e Wade eram os melhores amigos e eu era um número ímpar, um acessório em testes para entrar na tropa. Parece até que voltei a ser um menino de onze anos desesperado para provar seu valor, desesperado para mostrar ao Theo que posso ser útil quando ele está resolvendo quebra-cabeças, desesperado por conhecer todas as trilhas sonoras de filmes para que Wade me achasse bacana.

Dane-se tudo isso.

Descemos na Union Square e enquanto esperamos pelo trem L permaneço entre os dois, entrando na frente do Theo.

— Precisamos conversar.

— Griff...

Viro-me para Wade.

— Preciso de dez minutos com ele. Sozinho.

Wade tenta protestar, mas eu agarro a mão do Theo e puxo-o pela plataforma, parando debaixo da escadaria.

— Certo, precisamos deixar de lado toda a farsa pelos próximos dez minutos. Você é capaz disso? Podemos ser totalmente sinceros por dez minutos e depois a gente volta a se fazer de bobo?

Theo parece prestes a chorar. Ele tira o telefone. E eu estou quase avisando que não há sinal de celular aqui — ele não passou tanto tempo assim na Califórnia para já ter se esquecido disso —, mas ele acerta o timer para dez minutos e inicia a contagem.

Eu não teria acertado um timer. Quero uma vida inteira para ser sincero com ele sem que isso tenha consequências, mas, já que ofereci os dez minutos, vou usá-los bem.

— Ainda somos o final feliz um do outro?

Theo faz que sim, depois balança a cabeça, dá de ombros, congela.

— Eu não sei.

— Você sabe se ainda me ama? Ou será que alucinei completamente o que aconteceu entre nós?

— Você não alucinou — Theo diz. — Eu realmente amo você. Mas amo o Jackson também. — É a primeira vez que ele me conta que o ama. Eu havia preenchido essa lacuna sozinho, mas isso é ainda mais doloroso que a primeira vez que ele me contou que eles transaram. — Eu não sei o que fazer. Você terminou comigo, Griff. Continuamos nos falando, mas eu não sabia qual era o seu objetivo real. Pensei que talvez você não me quisesse mais. Jackson estava lá, e eu gostei dele.

Meneio a cabeça. Meu corpo está pegando fogo.

— Devo me afastar?

— Não, não. Quero dizer. Não sei. Não é justo da minha parte fazer você esperar — Theo diz.

— Vai ser muito chato pra você se eu disser que não estou aqui te esperando?

— É — Theo confirma com a cabeça. — Sei que isso é egoísta, mas você quer a verdade.

É egoísta, sim.

Um trem expresso do outro lado da estação dispara, passando por nós, mantendo-nos calados, encarando um ao outro. Estou tentado a pegar a mão dele de novo e, desta vez, segurá-la, mas me sinto rejeitado antes mesmo de me mover. Quando o trem vai embora, Theo me pergunta se há outra pessoa.

— É claro que não.

— Você não precisa mentir se houver. Eu vou entender.

— Não minto pra você — digo. — Digamos que eu me mude para a Califórnia para estudar. O que acontece então? Você termina com o Jackson?

— Provavelmente.

Por muito tempo não amei tanto uma possibilidade. Tenho sido fiel ao meu amor por ele, e, se eu puder me agarrar a ele por mais algum tempo, poderemos ter nosso final feliz. Theo está disposto a abrir mão de tudo o que tem com seu

namorado de conveniência, que “estava lá”.

— Certo. Eu sinto demais a sua falta — digo.

— Sinto sua falta também — Theo diz. — Continuo andando do lado direito do Jackson. Há momentos em que espero ver você e é como um soco na cara.

Ele oferece a mão para mim e eu a pego, claro, mas não espero que ele vá me puxar para um beijo. Duvido que me beijar faça parte do cronograma do Theo hoje. Não importa. Beijar é o que fazemos nos próximos minutos até que o timer dispare o alarme no bolso dele, vibrando de encontro à minha perna. Não quero parar, mas Theo solta a minha mão e se afasta.

— Isso tudo é tabu, certo?

— É. Agora voltamos a nos fazer de bobos, Theo.

Theo contorna a escadaria para encontrar Wade. Eu o sigo, sentindo-me como me senti no meu aniversário — triste, mas também um pouco vitorioso porque ele me mandou um presente. Quando o trem L chega, imagino que seja o mesmo trem onde Theo e eu nos assumimos um para o outro, do modo como ele costumava fazer.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 2016

Tem sido um verão bastante solitário. Theo esteve aqui por apenas duas semanas. Mas houve várias vezes em que eu não suportei sair com ele, porque Jackson ligou e mandou mensagens o tempo inteiro. Wade se manteve ocupado indo a festas e procurando trabalho, mas agora ele parece à deriva também, tentando aproveitar o que resta de sua liberdade, antes de começar o quarto ano do ensino médio. Estou contando os dias até eu estar na Califórnia com Theo. No entanto, reconheço que não estou contando realmente ficar com o Theo quando chegar lá. Ainda sou um pouco realista.

Agora Wade e eu estamos sentados no chão do quarto do Wade. Estamos jogando sua bola de *handball* de um lado para o outro, ouvindo a trilha do Homem de Ferro.

— Você ainda acha que ter terminado foi a escolha certa pra mim? — pergunto a ele.

— É — Wade diz. — Sei que você não se sente mais assim.

Ele está certo. Tenho feito essa mesma pergunta várias vezes, a cada manhã quando acordo e não há uma mensagem do Theo, a cada noite quando vou para a cama pensando que poderia ter uma conversa em vídeo com ele para desejar boa noite, e minha resposta nunca é *sim*. Não quando sou honesto comigo mesmo.

— Não sou idiota de achar que sim — digo.

— Eu nunca disse que você era. Mas já faz um ano, né? Você tem que fazer o que tem que fazer.

— Ele só está matando o tempo com o Jackson — digo, jogando a bola de volta para ele. Eu não deveria falar sobre isso, mas estou me despedaçando. — O Theo disse que a gente vai voltar a ficar junto quando eu estiver na Califórnia.

— Quando ele disse isso? — Wade joga a bola para trás, na cama.

Sei que eu não deveria, mas não consigo evitar, preciso conversar com alguém. Conto ao Wade que tudo o que eu e Theo combinamos é tabu. Ele poderia ficar muito decepcionado comigo por trair sua confiança — mesmo que seja com Wade —, mas estou sozinho aqui. Theo pode se esquecer de mim nesse meio-tempo. Mas quando termino de contar estou chorando, porque não sei se

aguento viver mais um ano sem Theo me amar como sei que ele pode.

— O Theo é um babaca por fazer você esperar — Wade diz. A voz dele é dura, não é o tom brincalhão que ele usa para provocar o Theo ou falar dele para mim às suas costas.

Balanço a cabeça e me controlo.

— É culpa minha. Eu terminei com o Theo... Terminei com o Theo antes que ele pudesse terminar comigo. — É a primeira vez que digo a verdade em voz alta. Estou sabotando a confiança que Theo tem em mim e a confiança que tenho em mim mesmo porque ser brutalmente sincero é o alívio de que venho precisando desde o ano passado. — Não achei que ele poderia continuar me amando. Achei que seria melhor se eu simplesmente colocasse um fim nisso antes que ele o fizesse. Assim eu posso dizer que controlei o resultado. Só que ele disse que ainda está apaixonado por mim.

De um modo estranho, gostaria que tivesse sido eu quem quase foi atropelado por um carro no último verão, assim Theo teria tido aquele instante em que imaginaria a vida sem mim. Talvez eu fosse capaz de “fazer o que tinha que fazer” do modo como Wade pensa que eu deveria.

Wade se aproxima de mim.

— Não é você que é complicado, o Theo é que ficou estúpido. Ele é academicamente um gênio, mas é um baita idiota na hora de lidar com você. — Ele respira fundo. — Preciso contar uma coisa. Theo conseguiu um quarto simples para morar no segundo ano, então ele vai ter mais privacidade com o Jackson. Não acho que o Jackson vá sair de cena tão cedo.

Observo a cama do Wade. Meu coração martela. Posso ouvir o barulho de obras do lado de fora do corredor e a TV que a mãe dele deixou ligada antes de sair para jogar dominó com os amigos. Theo está seguindo com sua vida porque eu fui inseguro.

— Eu não deveria ter duvidado dele.

— Pare de se culpar, cara. — Wade dá um tapinha no meu ombro. — Eu estava lá desde o começo. Você fez tudo. Caramba, talvez tenha feito até demais. Isso é bom! Se o Theo quer jogar isso fora, então você precisa jogá-lo fora também.

— É o seu melhor amigo — digo.

Wade balança a cabeça.

— Não importa. Theo não deveria ter pedido a você para ficar esperando por ele, como se você fosse um plano B.

— Ele admitiu que foi egoísta.

Wade olha nos meus olhos.

— Pare de defendê-lo, Griffin. E pare de colocá-lo em um trono. Se o Theo

ferrou com as coisas é culpa dele, não sua.

Wade me puxa para um abraço, o que é raro. Mas preciso disso e correspondo. Então ele me beija, o que é inimaginável.

Não sei o que está acontecendo e não sei por que não parei. Não tenho sentimentos pelo Wade, nunca tive, e não apenas porque sempre achei que ele era hétero. Mas não sou beijado assim desde junho, e aquele beijo foi roubado do Theo em segredo e nunca mais mencionado. É diferente, também. Nunca pensei que eu fosse algum dia beijar outra pessoa que não o Theo. Nunca pensei que alguns beijos viessem em diferentes ritmos. Wade é mais lento que Theo, mas funciona.

Eu gosto.

Nesse momento paro de beijar Wade. Ele é o melhor amigo do Theo.

— Mas que raios foi isso? — ofego, retrocedendo.

Wade não se desculpa. Ele fica me olhando, talvez esperando que eu lhe dê um soco ou saia correndo. Ele já não é o mesmo Wade com quem cresci e isso me atordoa, ainda mais do que a notícia sobre Theo conseguir um quarto simples e praticamente ir morar com Jackson. Eu não teria descoberto isso se não fosse pelo Wade, a única pessoa que realmente esteve ao meu lado desde que terminamos. Não posso contar com Theo.

Então beijo Wade de novo. Beijo-o porque ele é o melhor amigo do Theo.

Tenho um milhão de perguntas, mas não preciso de nenhuma resposta agora. Há apenas a urgência de provar que Wade está errado: eu sou complicado, sou um idiota que faz coisas idiotas e é por isso que Theo não me quer. Se eu fosse tão bom quanto Wade pensa que sou, então não faria sentido Theo ter ido pra cama com outra pessoa tão rápido.

Arranco minha camiseta e tiro também a do Wade. Subo em cima dele e ele deita com as costas no chão, e eu o beijo como Theo me beijou na última tarde em que transamos. Não demora muito para que nos mudemos para a cama, tirando toda a roupa, e Wade me confessa que esta é sua primeira vez — sua primeira vez na vida. Tomo a dianteira. Fico de olhos fechados o tempo todo.

Não demora muito. Mas muda tudo.

Visto-me depressa. Não consigo olhar para Wade ao sair. Eu o ignoro quando ele me pede para ficar, para que possamos conversar sobre isso. Tenho tido muitos impulsos destrutivos como esse ao longo do último ano, mas decidi que, se alguma vez cedesse a eles, seria com um estranho, não com alguém que se sentou na primeira fila da minha vida nos últimos anos.

Quero contar ao Theo, mas sei que não posso. Não dá para reverter uma traição como essa. Nunca.

HISTÓRIA

QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2016

Continuo cavando e cavando. Theo nunca vai me querer de volta. Não depois que ele descobriu que já transei com Wade cinco vezes: a primeira nos pegou de surpresa; a segunda pegou Wade de surpresa quando apareci em sua porta furioso, porque Theo postou uma foto do Jackson no Instagram; a terceira foi porque fiz a besteira de ir à página do Jackson no Facebook e verifiquei que suas três últimas fotos de perfil incluíam o Theo; a quarta porque encontrei o clipe “Griffin à Esquerda”, que Theo fez para o meu aniversário dois anos atrás e fiquei desapontado comigo mesmo por ter acreditado que ele realmente o terminaria; e a quinta recentemente, porque eu estava solitário e arrasado e só me sentia completo ao me perder com ele.

E agora Wade mal pode esperar pela sexta vez.

— Você não conversa mais comigo — ele diz. — E você sabe que temos muita coisa para conversar.

Nunca perguntei ao Wade há quanto tempo ele sabe que é gay, ou bissexual, ou curioso, ou sei lá o quê. Grandes conversas realmente não têm estado nos nossos planos. Vou até lá, faço alguma coisa que me dá vontade de esquecer e volto para casa me perguntando se um dia terei coragem de jogar esta bomba no Theo.

— Vamos conversar depois. — Me curvo à procura do zíper dele, mas ele agarra minha mão e a afasta.

— Você disse isso da última vez — Wade responde.

Considero ir embora, mas aí eu acabaria perdendo meu único amigo. Isso ultimamente não parece amizade, nem mesmo amizade colorida — talvez só colorida. Não posso usá-lo do mesmo modo como Theo está tirando vantagem de mim.

— Tem razão. — Levanto-me e vou me sentar na cadeira giratória dele. — Desculpe. É muito fácil eu me perder nas minhas próprias bobagens ultimamente.

— Entendo. — O tom de voz dele é mais gentil do que eu mereço. Isso me deixa irritado; o motivo, eu não sei.

— Então. — Giro na cadeira. — Por que você não contou pra gente que é gay?

— Eu não dou a mínima para rótulos agora, mas o Theo sabia. Conte pra ele no ano passado — Wade diz.

Paro de girar.

— Eu e o Theo estávamos juntos? Onde eu estava?

— Foi na tarde em que você me pediu para distrair o Theo enquanto você saía pra procurar um chapéu de formatura pra festa surpresa. Eu mandei a real pra ele porque queria entender como ele sabia em quais sentimentos confiar. — Wade joga sua bola de handball na parede, evitando olhar para mim.

— E por que você não me contou? — Não estar por dentro de algo da nossa tropa faz com que eu me sinta o apêndice que era quando comecei a andar com eles, o apêndice que Wade teve horror de se tornar quando Theo e eu nos assumimos.

— Eu não queria dar muita importância a isso. Você e o Theo transformam tudo em grandes eventos, e eu não sou assim. — Wade perde a jogada e a bola rola para baixo da cama. Ele desiste e se senta no chão. — Vocês me confundiam também. Eu queria o que vocês dois tinham, e queria com você. Não se preocupe, não estou apaixonado por você.

Isso não era exatamente uma preocupação para mim. Se muito, apenas mais uma evidência de como não venho sendo amado atualmente, mas guardo esse comentário para mim.

— Tem sido bem difícil ver você tão magoado — Wade diz. — Eu queria fazer você se sentir melhor e isso era arriscado, então dei o primeiro passo. Eu não esperava que fosse tão longe.

— Nem eu.

Espero que ele não esteja tentando começar um relacionamento comigo. Amo o Theo demais para fingir interesse em outra pessoa. Sexo é para preencher o vazio, mas não consigo simular amor.

— Você está tranquilo com isso? Ser gay, ou bi, ou coisa assim?

— Você e o Theo faziam isso parecer bem legal. Vocês eram como manos que beijam e transam. Falando assim, não soa bem, mas você entendeu o que eu quis dizer. — Wade revira os olhos consigo mesmo, lutando contra um bocejo. — Eu queria que fosse tão fácil quanto você e o Theo faziam parecer. Mas fiquei meio surtado no meio do caminho, pensando no que aconteceria se eu fosse rejeitado. Eu não queria ferrar nossa amizade.

Fico tentado a reagir à sinceridade dele com a minha, contar que só estou me relacionando sexualmente com ele para me vingar do Theo, apesar de não saber se essa é uma arma que eu gostaria de disparar. Wade seria idiota se não

desconfiasse disso, mas há uma enorme diferença entre suspeitar que alguém tem uma arma e encontrá-la com o cano voltado para você. Ele não merece nem precisa ser machucado. Merece coisa muito melhor.

Talvez eu e ele ainda possamos ser amigos. Mas é o mais longe que podemos ir. Nada mais — exceto, espero, esta sexta vez na cama.

HISTÓRIA

QUINTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 2016

Estou jogando *laser tag* zumbi com a pessoa errada. Wade queria jogar *laser tag* no seu aniversário, mas eu não contava que ele fosse escolher o jogo de zumbi. Eu não sabia que isso existia, senão teria levado Theo para jogar em seu aniversário ou em algum dos nossos encontros. Mas não importa, não vou deixar que isso arruíne minha noite nem, mais importante, a noite do Wade.

Corremos pela arena com nossa equipe, usando armas de raios que parecem de ficção científica e arcos e flechas com ponta de espuma para eliminar os zumbis que brilham no escuro, rosnando e se arrastando de encontro às paredes. Ficamos próximos, com os braços encostados, e me sinto treinado para esta batalha de tanto imaginar cenários do apocalipse zumbi-pirata. Acabamos chegando a um laboratório onde um zumbi salta do armário e nossa equipe inteira descarrega seus *lasers* no pobre filho da puta. Mas quando quatro zumbis nos flanqueiam em cada uma das saídas, eu giro com a arma *laser* como um maníaco.

Um zumbi arranha Wade, que está ocupado demais rindo de mim para notar. Ele só desaba quando finalmente percebe o que aconteceu.

Deixo os zumbis me pegarem também. Não vou continuar esta batalha sem Wade.

As batidas do meu coração se acalmam enquanto Wade e eu seguimos para a saída, passando pelos corredores manchados de sangue e as cercas destruídas. Estamos suados, tentando recuperar o fôlego. Isso desencadeia lembranças de quando transei com Wade. Pergunto-me se acontece o mesmo com ele. Ultimamente temos sido bons em não fazer mais isso.

Seguimos para nosso armário compartilhado, pegamos os celulares e carteiras e vamos para a lanchonete comprar garrafas d'água superfaturadas. O celular do Wade vibra. É o Theo tentando uma chamada de vídeo. Wade me mostra a chamada.

— Pode atender — digo. Não é como se eu e o Theo não estivéssemos conversando.

— Estou me divertindo com você — Wade diz. — Posso falar com ele depois.

Sinceramente, fico um pouco aliviado. E estou me divertindo com Wade também.

HISTÓRIA

SÁBADO, 24 DE SETEMBRO DE 2016

Wade e eu estamos agachados na calçada, examinando livros com desconto sobre um tapete estendido no chão. A possibilidade de eu me concentrar na leitura é igual a zero depois do Theo ter me ligado há uma hora: Jackson quer que paremos de conversar para sempre. Talvez Theo tenha quebrado nossa regra sobre o tabu — assim como eu — e contado ao Jackson sobre o beijo e nossas promessas. Tudo o que sei é que Theo respondeu ao Jackson que ele não vai me tirar de sua vida. Isso não foi bom para ninguém.

— Theo está tentando fazer a coisa certa — digo ao Wade, que está bem chateado desde a ligação.

Wade deixa cair o livro com um ônibus da Greyhound na capa.

— Você é mais esperto que isso, Griffin. Vai chegar uma hora em que manter você feliz não vai ser mais a coisa certa. Ele vai escolher o Jackson.

Levanto-me. A multidão continua a seguir para a Times Square, então viro para a outra direção e me afasto. Wade me segue, mas não pede desculpas por dizer a coisa errada, como normalmente faz.

Ele me faz parar, segurando meus ombros e olhando nos meus olhos. É um olhar intenso e, por mais que eu tente me desviar, Wade se coloca de volta no foco.

— Pare de ficar irritado por eu ser o único aqui que diz a verdade pra você. Você precisa seguir com a sua vida. Não tem que ser comigo nem com qualquer outra pessoa, mas você vai acabar ficando louco se continuar esperando por ele. Detesto assistir a isso.

Quero me desvencilhar das mãos dele, empurrá-lo, mas sei que ele é o único que está ao meu lado.

— Por que você se importa tanto?

— Você é tão idiota. Eu sempre me importei. — Wade enfia a mão no bolso do meu casaco e puxa o chaveiro do Cedrico Diggory, que ele me deu de aniversário no ano passado, deixando as chaves balançarem diante do meu nariz.

— E você nunca prestou atenção. — Ele coloca as chaves na minha mão, fechando-a entre as suas. — Eu nunca ia tentar nada com você por causa do

Theo, mas ainda queria que você fosse feliz. O chaveiro do seu personagem preferido. Aquela colagem com o retrato seu e do Theo. — Os olhos dele, estreitados, estão lacrimejando. — Queria ter feito um de você e de mim, mas como amigo eu respeitava vocês.

Ficar concentrado no Theo nos últimos anos me impediu de reconhecer o papel que Wade tem na minha vida. Ele não é só um apêndice que se diz vidente. Ele não apenas diz a coisa errada na hora errada. Ele é uma Pessoa com P maiúsculo que fala a verdade e cuida do futuro de todo mundo, muitas vezes colocando-o na frente do seu próprio futuro.

Wade me solta e meu coração continua acelerado.

— Estou farto do Theo. Faz quase um ano e aquele babaca ainda deixa você esperando por uma ligação. Isso não está certo.

— Não posso me livrar dele — digo. — Ele me quer na vida dele e eu não posso fazer isso com ele. — Não fujo do contato visual com Wade. — E também não quero que você vá embora. Quero ser algo mais para você, mas isso vai levar tempo. Você pode me dar isso, tempo?

— E você pode mesmo tentar?

— Eu vou.

Tenho que ser cuidadoso com ele. Wade é uma Pessoa e não quero brincar com a cabeça dele do modo como Theo brincou com a minha. Ter esperanças não me levou a lugar algum e também não quero fazer Wade esperar.

HISTÓRIA

DOMINGO, 13 DE NOVEMBRO DE 2016

Wade e eu estamos na cama com as pernas enlaçadas. Estamos comendo Doritos com o aquecedor ligado no máximo e trilhas sonoras de filmes tocando ao fundo de nossa conversa sobre os Vingadores mais atraentes.

— Não sou fã de nenhum dos Bruce Banners — digo, passando um salgadinho no pote de molho, tomando todo o cuidado para não deixar respingar, ou o Wade surtará e me fará lavar o lençol imediatamente. — O Thor é ótimo de se olhar, mas tenho me sentido muito fiel ao Capitão ultimamente.

— Posso ser do time Capitão América e do time Viúva Negra?

— Claro.

— Certo. E posso ser do time Capitão América, do time Viúva Negra e do time Tony Stark?

— Vai precisar de um quarto time — digo.

— Certo. Time Capitão América, time Viúva Negra, time Tony Stark e time Griffin.

Reprimo um sorriso.

— Você não está jogando direito. Não sou um Vingador. — Ele está prestes a contra-argumentar, mas eu o interrompo: — Você deveria ter saído do armário antes. Poderíamos ter tido essas conversas na tropa.

Essa visão não parece errada. Conversar sobre caras com Theo e Wade é tão normal quanto um grupo de rapazes héteros conversar sobre as garotas de que gostam. Talvez esse tipo de conversa seja o que Theo estava esperando quando trouxe Jackson para cá este ano. Jamais faria sentido para mim, na situação em que estava. As coisas estão diferentes agora.

— Dane-se o Capitão América, dane-se a Viúva Negra, danem-se o Tony Stark e todo o dinheiro dele. Quero ser time Griffin — Wade diz. — Quando vamos dar esse lance?

Essa visão do Wade e de mim também não parece errada. Está um pouco desfocada, sim, porque ainda tenho sentimentos pelo Theo, mas eles já não são tão fortes assim. Seguir com minha vida parece estranho. Ficar com alguém que costumava ser apêndice da minha relação com Theo é mais estranho ainda. As

coisas mudaram nos últimos dois meses. Tenho ficado com Wade menos porque Theo me levou a isso indiretamente e mais porque é onde quero estar.

— Quero conversar com o Theo sobre isso primeiro — digo. Há muita coisa que preciso tirar do meu peito. Algumas incluem Wade, mas não todas. — Tudo bem pra você?

Wade concorda com a cabeça, soltando suas pernas das minhas.

— Posso esperar mais um dia.

Ficamos ali um pouco mais até o momento de calçar minhas botas novas — seria esquisito ter vindo com as botas que Theo me deu — e beijar Wade na porta.

— Ligo pra você mais tarde.

— É bom ligar mesmo ou não estou mais no time Griffin.



Caminho pelo meu quarto, sabendo que estou dando adeus ao futuro que imaginei para mim nos últimos anos. Ainda não estou muito confiante em um futuro com Wade, e existe a chance de que isso nunca venha a acontecer, mas também não estou tão desesperançado. Theo está com Jackson, e eu vou tentar algo com Wade. Se o destino quiser, Theo e eu voltaremos a ficar juntos, então acontecerá ao seu próprio modo. Mas não vou mais esperar. Wade tinha razão.

Telefone para Theo e a ligação cai na caixa postal.

— Oi, Theo, é o Griff. Eu meio que preciso falar com você sobre uma coisa importante. Não é sobre nós, juro. Isso foi meio que uma mentira, porque nos envolve um pouco, mas não é o que você está pensando. Enfim. Me ligue.

HOJE

SÁBADO, 17 DE DEZEMBRO DE 2016

Aí está, Theo.

Eu estava escondendo a história de você. Talvez isso tenha cegado você. Talvez você suspeitasse desde sempre. Mas aqui está algo com que acho que você não contava, porque me pegou de surpresa também: posso me ver me apaixonando pelo Wade. É uma virada na nossa história de amor que faz minha cabeça girar e meu coração martelar. Pensei que eu o usaria como vingança por você ter me trocado por outro, mas nunca pensei que eu também trocaria você.

Eu quis consertar as coisas sendo sincero com você do modo como você foi comigo quando Jackson entrou na sua vida. Por favor, acredite em mim quando digo que encontrei forças para oficialmente engavetar nosso plano de final feliz quando você perdeu aquela minha ligação.

E morreu quatro horas depois.

Quando recebi a notícia, não chorei apenas porque isso significava que nunca mais nos apaixonaríamos, mas também porque meu melhor amigo não estaria mais neste universo comigo. Não faço ideia do que você teria pensado sobre eu ficar com Wade, mas já não importa. Eu estava apaixonado, e a paixão morreu, e a dor que você deixou não é uma dor que tenho forças para enfrentar de novo.

Mas isso não me impede de entrar no prédio do Wade. Não me impede de ter esperanças de que ele esteja em casa e que não me mande embora. Entro no elevador e ele vai miraculosamente direto do térreo para o vigésimo sétimo andar, mas mesmo assim a sensação é de que demora eternamente, ainda mais do que naquela vez em que nós três ficamos parados no décimo sétimo andar pelos vinte mais longos minutos de nossas vidas.

É estranho pensar sobre como tudo mudou e ficou uma bagunça, quase como se nossa amizade fosse um quebra-cabeça de mil peças sendo resolvido por um bebê de um ano que montou tudo errado. Às vezes este universo parece mais um universo alternativo, mas talvez você já soubesse disso.

Saio do elevador pensando em mudar de ideia e voltar para casa correndo, mas perdi a chance. Wade sai do seu apartamento carregando um saco de lixo em cada mão. Está usando apenas *shorts* de basquete e meias soquete. Meu coração

para, como se eu estivesse dentro de um elevador cujos cabos arrebentaram. Não é só porque o corpo dele é bonito mesmo sem o abdômen definido que ele tanto deseja ou o modo como os olhos dele se estreitam sempre que eu o surpreendo, como se estivesse tentando me enxergar sem os óculos. Pela primeira vez desde que você morreu, estou admitindo para mim mesmo o quanto sinto falta desse cara e como vai ser estranho sermos apenas amigos.

É você deixando sua marca em todos os lugares de novo.

— Griffin.

Os arrepios que me percorrem jamais poderiam ter vindo de uma noite de inverno como esta. Podem apenas ser de alguém chamando meu nome como o de uma pessoa amada.

— Suas meias — digo.

Wade olha para as meias.

— Minhas meias?

— Vão sujar — digo.

Diminuo a distância entre nós, fazendo o máximo para lutar contra meu impulso de abraçá-lo. Estendo as mãos para pegar os sacos de lixo e resvalo meus dedos frios nos artelhos quentes dele por um breve e insuportável segundo e carrego os sacos até o fim do corredor, sentindo o cheiro das garrafas de cerveja, e deixo-os cair no poço do lixo. Espero encontrar Wade esperando por mim na porta do apartamento — já que ele não me ignorou nem me mandou ir embora até agora, imagino que não vá fazer isso — e ele está vindo na minha direção, pisando sobre minhas pegadas escuras de neve derretida.

— Suas meias — digo de novo.

Acho que ele vai me beijar. Não tenho forças para afastá-lo, mas em vez disso ele envolve meu pescoço com os braços e aperta o corpo de encontro ao meu. Eu o abraço e quase rio quando ele estremece com meus dedos frios nas costas.

— Suas meias vão ficar muito sujas — digo.

— Não ligo — Wade diz. — Não ligo para as meias e não me importo com por que você está aqui. De um jeito bom.

Aí está o Wade que conheço, Theo. Ele sempre produz os sentimentos certos e as palavras erradas, mas não há jeito de eu me irritar com ele porque é quase como se dizer a coisa errada fizesse parte da natureza dele e ele não tivesse como mudar isso. Ele para de me abraçar, mas segura meus cotovelos e eu queria não estar usando este casaco agora para poder sentir suas mãos na minha pele.

— Quero que você entre, mas preciso pedir para minha mãe primeiro. Sei que falar assim faz parecer que temos doze anos de novo.

— Está tudo bem?

Ele suspira.

— Estou sob severa vigilância como nunca antes. É uma longa história.

— Versão curta?

— Eu estava matando aula na escola.

— Por quê?

— Espere para ouvir a versão integral. — Wade vai até a porta e hesita antes de entrar. Parece até a vez em que fomos para Coney Island e ele não quis ir à montanha-russa, o que faz com que eu me sinta ainda pior hoje, porque pude segurar a sua mão enquanto estava morrendo de medo, mas o Wade teve que se sentar com um estranho.

— Você vai estar aqui quando eu voltar, não é?

Não há modo de dizer não diante daquele olhar frágil a pedir não-me-magoe.

— Vou estar aqui — prometo.

E o olhar de você-está-me-dando-esperanças diz que ele acredita em mim.

Você nunca viu esse lado dele, Theo, o que faz sentido porque as pessoas revelam diferentes partes de si a diferentes pessoas. Não sei por que não vi isso antes. O modo como eu era com você não é o modo como sou com Wade, e o modo como Jackson foi comigo não é o modo como ele era com você.

Wade volta para o corredor vestindo uma camiseta branca justa, que abraça os ombros dele, e acena para que eu entre. O apartamento está bem aquecido e com aroma de baunilha, que eu confundo com velas antes de lembrar que provavelmente é o cheiro da vodka da mãe dele.

Vou até a sala onde a sra. Juliette está meio adormecida assistindo a algum programa de quiz. Ela diz oi e me pergunta como estou, mas não do modo como outras pessoas têm perguntado, como se eu fosse uma peça de cristal; a normalidade é quase um alívio. A sra. Juliette pede um pouco de água para Wade, o que eu espero que não seja um código para mais vodka. Wade enche o copo de água na pia da cozinha e ela quase entorna tudo em um gole.

Ela avisa que está com dor de cabeça e vai para a cama cedo e que eu não devo demorar muito porque Wade não deveria nem ter companhia, para começar. Ela está furiosa por motivos que vou saber dentro dos próximos segundos, mas beija Wade na testa antes de se recolher para o quarto dela.

— O meu quarto mudou um pouco — Wade diz, abrindo a porta do quarto.

É um eufemismo. O quarto dele parece até que foi roubado. Há um contorno no chão onde o seu *home studio* costumava estar, e eu não ficaria surpreso se descobrisse que o móvel caindo aos pedaços finalmente desmoronou e ele precisou jogar fora, só que ele não explica o que houve com a TV de tela plana e o Xbox. O laptop não está na posição habitual na escrivaninha e não vejo o carregador em nenhum lugar. As únicas coisas que permanecem iguais são a cama, a poltrona e a escrivaninha com um livro aberto sob uma luminária, uma

estante bem abastecida de livros de não ficção que ele raramente termina porque se cansa dos assuntos por “overdose de informação” — ao contrário de você — e o telefone. O celular está encostado em um ângulo estranho no canto do quarto, um truque para que a acústica do jazz se amplifique.

— Estou com medo de perguntar onde sua mãe escondeu suas coisas. Por favor, não me diga que ela vendeu.

— Estão em um guarda-volumes em algum lugar.

— O que raios você fez?

Wade tira uma barra de chiclete de menta do bolso e mastiga enquanto se senta na cama, convidando-me a fazer o mesmo. Em vez disso, vou para a poltrona. No começo não é muito confortável porque estou perto do aquecedor, então retiro o casaco, lembrando a mim mesmo que não devo ficar muito exposto. Cada peça que eu tirar, mais fácil vai ser remover toda a roupa e me perder nele — na sua frente. Wade está confuso, sem dúvidas, mas ele não me pressiona porque me conhece bem o suficiente para saber que isso me afastaria.

Uau. Alguém me conhecer devia ser algo bonito e não algo que nos impede de nos abrir, não é? Queria que você estivesse aqui para me dar uma resposta de verdade.

— Eu estava faltando à escola semana passada. Tudo ficou meio maluco depois da sua explosão na biblioteca e de você preferir o Jackson a mim. Ficar vendo você e o Theo por toda a escola não me ajudava a me sentir menos sozinho. Não no sentido de ficar vendo fantasmas e doideiras assim, mas lembrar de vocês era um saco. Na manhã seguinte eu estava indo pra escola e esqueci a porcaria da minha gravata, então corri de volta pra casa porque não estava a fim de ficar lá e receber uma advertência. Minha mãe já tinha saído para o trabalho quando cheguei e, assim que a ideia de ficar em casa entrou na minha cabeça, ela não saiu mais. Fiquei ouvindo música e jogando videogame e dormindo. Fiz igual no dia seguinte. Mas no terceiro dia a escola ligou pra minha mãe pra saber se estava tudo bem comigo e então a merda bateu no ventilador. Ela voltou pra casa e pensei que ia quebrar a regra de nunca me bater.

Meneio a cabeça, compreensivo.

— E aí ela levou todas as suas coisas embora?

— No dia seguinte, quando voltei da escola... pois é. Ela só me deixou ficar com meu telefone porque teria sido irresponsável se não deixasse. Não posso nem usar meu laptop pra fazer a lição de casa e ela me obriga a ficar até tarde na biblioteca pra fazer os trabalhos. — Wade dá de ombros. — Pelo menos tenho uns jogos no meu celular.

Nem sequer posso comentar.

— A propósito, você poderia ter dito que sentia falta de nós.

— Dizer o quê?

— Quando pedi a versão breve da história. Você podia ter dito que estava faltando à escola porque sentia saudades de mim e do Theo.

— Levei um tempo pra tomar coragem e dizer tudo isso e você ainda vem me julgar? Que saco, Griffin.

Viro-me para a janela porque não consigo tomar coragem e olhá-lo nos olhos.

— Sou um idiota, Wade. Tenho sido muito egoísta, como se minha dor fosse mais importante que a de todo mundo. Neste mês que passou eu tinha o Jackson pra conversar e você não tinha ninguém.

— Preciso perguntar — Wade diz, mas então não pergunta nada por um bocado de tempo. — Você e o Jackson...? — Ele joga a pergunta e depois fecha os olhos como se estivesse ao volante de um carro caindo de um precipício. — Você e o Jackson estão juntos ou algo assim? Esqueça, não quero saber. — Ele olha para o quarto ao redor, provavelmente desejando que pudesse ligar a TV para se distrair, mas ele está aqui trancafiado comigo. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele prossegue: — De qualquer forma, não importa, não é como se nós estivéssemos namorando. Quero dizer, o que raios estamos fazendo, Griffin? É só sexo? Não sei se posso continuar se é só isso que vai ser.

— Eu acho que deveríamos voltar a ser só amigos — digo.

— É complicado demais tentar qualquer outra coisa agora — Wade diz.

— Não deveríamos ver as coisas assim. Acho que estaremos melhor como amigos, ponto-final. Eu pessoalmente não quero entrar em um relacionamento de novo. Definitivamente não no futuro próximo. Ainda é muito cedo.

— Certo — Wade diz. — E eu prefiro não saber nada do Jackson.

A questão é: o amor não faz mais sentido, e sinto que mentiram pra mim. O amor não é esse poder supremo que vai fazer com que eu me sinta imbatível e soberano. Se eu amasse você de verdade, eu teria me voltado para Wade? E seu eu amasse Wade, teria me voltado para Jackson? Talvez meu impulso autodestrutivo não tenha a ver com trair alguém, mas trair o próprio amor, o maior mentiroso deste universo.

— Eu precisava muito ter um amigo de novo — digo. — Podemos ser?

Wade concorda com a cabeça.

— É, podemos ser amigos.

— Sinto muito, Wade.

Tanta culpa e ansiedade têm cercado meu relacionamento com Wade que nos restringir à amizade parece quase um desserviço. É algo que nós dois achávamos que tentaríamos transformar em algo mais. Mas isso é o que vai nos salvar no longo prazo.

Conto a ele sobre a Califórnia, deixando de fora qualquer menção a ter

transado com Jackson e o papel que tive na sua morte. Quero que ele saiba como prestamos um tributo a você e quero preservar quem você foi para todo mundo. Ninguém merece passar o resto da vida desconfiando do quanto significava realmente para você.

— Estou orgulhoso de você por conseguir ir até a praia — Wade diz. — De vocês dois.

Não foi fácil. Não pude admitir isso antes porque você estava ouvindo, mas eu queria muito, muito mesmo que Wade estivesse ali comigo e com Jackson. Ele teria brigado com o mar também. Pensando melhor, não posso aceitar o elogio dele.

— Não estou mais falando com o Jackson. Fomos um auxílio mútuo por um tempo, mas acho que foi uma coisa idiota e nada saudável. Eu deveria ter ficado aqui com você e lidado com o Theo em vez de ir investigar a vida dele com outra pessoa. Desculpe. De novo. — Um segundo pedido de desculpas. Um número par.

— Vamos fazer isso então — Wade diz.

— Sério?

— Talvez você tenha superado o Theo, mas eu ainda sinto falta dele.

Trocar histórias sobre Theo é tão cansativo — de formas boas e ruins — e agora eu só queria me enfiar embaixo das cobertas com Wade e dormir encostado no peito dele. Mas meu pai me manda uma mensagem pedindo-me para voltar para casa antes que escureça, o que provavelmente será o melhor a fazer, porque se eu passar mais tempo aqui não vou conseguir me abster de tentar algo com Wade.

— Preciso ir — digo, guardando meu celular.

— Você não vai desaparecer de novo, não é?

— Não. — Pelo menos, espero que não.

— Estou pensando em visitar a Denise e os pais do Theo esta semana. Você deveria vir também. — Wade diz. — Tenho certeza que iam gostar de ver alguns rostos amigos este mês.

— Não sei se deveríamos ir juntos à casa do Theo — digo.

— Por que não? Griffin, você não traiu o Theo. Ele estava namorando o Jackson e você estava solteiro. Não fizemos nada de errado. — Wade diz. — Além disso, somos apenas amigos.

Quero abraçá-lo, mas resisto.

— Me ligue amanhã e vamos marcar um dia. Até mais, Wade.

Ele me acompanha até a porta e uma coisa tão simples quanto me virar quando saio pela porta me dá a sensação de ter socado meu próprio rosto. Quando éramos somente amigos eu podia dizer a ele “até mais”, entrar no

elevador e ir para casa sem pensar nele o resto do dia. Então começamos a ficar juntos e há momentos em que não posso nem encará-lo quando estou saindo desta casa. Uma vez — uma vez — eu realmente me virei e o beijei diante da porta, livre de culpas e animado para vê-lo de novo.

Agora já não sei o que é apropriado. Wade provavelmente está pensando a mesma coisa, só que ele não espera que eu decida e me dá um aceno de cabeça quando fecha a porta. Este universo em que estou encalhado apenas piora cada vez mais: toda esta história e eu já não posso ter um futuro com esse cara assim como não posso ter um futuro com você.

HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 2016

Wade e eu estamos em uma missão com Denise.

Ellen e Russel estão prestes a sair para comprar os presentes de Natal. É inédito o fato de seus pais ainda não terem os presentes embrulhados e guardados no baú à beira da cama deles, embora Denise seja muito nova para perceber — mas, por sorte, esperta o bastante para saber como é bom esse negócio de Papai Noel, pois tenho certeza que Wade e eu não vamos dedurá-lo.

Seus pais parecem estar melhor. Russel está com a barba feita, mas ainda cheira a cigarros, e eu realmente espero encontrar um adesivo no braço dele no futuro próximo. Ellen parece cansada, o que é compreensível, e os fios grisalhos permanecem entre os cabelos loiros dela, mas ela não está abatida.

— É ótimo ver vocês dois, de verdade — Ellen diz, e eu acredito, mesmo se ela não reforçasse. — Obrigada por acolher o Jackson, Griffin. Ele é da família assim como vocês dois, mas hospedar qualquer pessoa naquele momento exigia uma energia que eu não tinha. Acho que estamos voltando àquele estado de calma em que podemos confiar melhor em nossas emoções.

— Sem problema — digo. Ela não faz ideia do papel que tive na morte de seu único filho. O papel que tive na sua morte. Não mereço estar aqui, nem sequer perto de sua família de novo. Sou uma faca. Sou um veneno. Sou uma corda no pescoço. Sou fogo. Mas além disso também posso ser mais cuidadoso com os que estão ao meu redor. — A caixa com as coisas do Theo chegou bem?

Ellen meneia a cabeça.

— Obrigada por cuidar disso com o Jackson. Seu amor pelo Theo significa mais do que tenho palavras para descrever.

— Não há necessidade de palavras.

Russel e Ellen beijam Denise e se apressam a sair, esperando estar de volta em casa em um horário respeitável. Isso vai ser difícil, considerando o clima e as lojas cheias, mas Wade e eu ficaremos aqui pelo tempo que eles precisarem.

Wade fica de frente para Denise, de braços cruzados como um segurança, e olha para ela com um olhar sério e engraçado.

— Muito bem, Dê, estamos ao seu dispor. Do que você quer brincar primeiro?

Denise corre para o quarto dela e volta com uma braçada de jogos de tabuleiro bem conhecidos. Estou pensando que ela vai escolher o Monopoly Jr., mas então ela abre o quebra-cabeça de tartaruga de cinquenta peças que resolvemos uma vez com ela e, se ela for forte o bastante para reunir esta família de três tartarugas, então eu também consigo — e vou. Wade sempre foi mais um observador no que diz respeito a quebra-cabeças, assim creio que ele surpreende até a si mesmo quando começa a participar, começando do canto superior direito, que — alerta de *spoiler* — é a caverna para onde as tartarugas estão se dirigindo.

É bacana isso, Wade meio que está garantindo que haja uma casa para as tartarugas que Denise e eu estamos criando.

Normalmente você contava as histórias por trás de cada quebra-cabeça. Estou pronto para fazer o mesmo no seu lugar, mas Denise se interpõe e a imaginação dela é tão fértil quanto a sua. Quando o quebra-cabeça está montado, ela nos pede para — desculpe, nos manda — guardar o quebra-cabeça enquanto vai buscar outro jogo.

— Eu nunca entendo esta parte — Wade diz. — Desmontar o quebra-cabeça.

— Theo e eu deixávamos alguns montados — digo. Antes, quando eu e Wade estávamos juntos, era embaraçoso falar sobre você. Agora que estamos nos firmando, parece mais natural mencionar você, embora uma parte de mim espere que isso não faça Wade sentir-se mal.

— É uma perda de tempo não deixá-los montados. São como castelos de areia que as pessoas derrubam se você abandonar por um minuto — Wade diz.

— Não acho. Você ainda ganha alguma experiência com cada quebra-cabeça. Os quebra-cabeças são iguais à vida no sentido de que você pode embaralhar as peças e reconstruir depois, e provavelmente você estará mais habilidoso da próxima vez.

Despedaço as bordas do mar e as algas, depois as nadadeiras, depois as conchas e por último as cabeças. Tenho certeza que as tartarugas vão sair para brincar de novo, talvez uma ou duas vezes antes que Denise passe para quebra-cabeças mais complexos.

Denise volta com suas caixas de som e as liga no laptop da mãe, deixando as músicas da sua playlist explodirem pela sala.

— Vamos dar um baile!

Então ela começa a dançar de olhos fechados, de modo que ela não vê como está se saindo com todos aqueles braços e ombros. Imagino que vou precisar forçar Wade a ser meio ridículo, mas ele se põe de pé antes de mim e me lança seu olhar sério e engraçado. Ele estende a mão e me ajuda a levantar, soltando-me rápido. A cabeça dele está balançando completamente fora de sincronia com a batida, mas talvez ele esteja perdido em pensamentos, com alguma outra

música levando-o a dançar no baile dessa garotinha.

— Dance, Griffin! — ela grita.

Sim, eu danço. Danço como dançaria com você, o que basicamente significa pular muito, e nós três estamos dançando com tanta vontade que provavelmente estamos deixando a família do apartamento de baixo de cabelos em pé. E ainda que eles tenham coragem de vir aqui reclamar do barulho, vão ter que berrar lá fora, porque nós não vamos parar. Não vou interromper a felicidade de uma garota que sente saudade do irmão mais velho, a felicidade de um cara que sente saudade do primeiro amor de sua vida e a felicidade de um cara que perdeu o melhor amigo, a felicidade coletiva de três pessoas que precisam desesperadamente ser felizes.

Quando o baile finalmente acaba, Wade e eu encontramos na geladeira o chá gelado que sua mãe preparou e servimos copos para todos nós, embora não saibamos quando Denise vem tomar o seu, já que ela ainda está plantando bananeira na sala. Deveríamos seriamente incentivá-la a ir para a cama agora, mas, se ela está com toda essa energia, duvido que vá dormir. Detesto imaginar os pensamentos que ela deve ter quando está sozinha na cama.

Meu celular vibra.

É uma mensagem do Jackson: *Mordi a língua duas vezes hoje, ã sei pq. Se você morderse a língua três vezes, morderia uma quarta vez?*

Não sei que porcaria de mensagem é essa, mas com certeza não é uma pergunta que pretendo responder. Jogo o telefone do outro lado do sofá e digo a Denise para escolher um filme. Ela coloca *Peter Pan*, o que me leva a pensar nas ex-melhores amigas do Jackson e sua peça de teatro, mas expulso Jackson dos meus pensamentos.

Na metade do filme, Denise dorme em cima do braço do Wade e ele, por sua vez, está a minutos de desmaiar também. Ainda é cedo para os padrões dele, então não sei por que está tão cansado, mas isso certamente me faz imaginar o que deve pensar quando está sozinho em sua cama.

Depois que Wade adormece, levanto do sofá e vou até seu quarto desejando que fizesse sentido bater na porta. Abro a porta e tudo ainda está no mesmo lugar, com o acréscimo da caixa que Jackson e eu enchemos com coisas do seu dormitório.

Você é a única coisa que falta. Não tenho forças para entrar lá dentro sozinho, mas estou feliz por ver que suas coisas ainda estão aqui e não foram simplesmente abandonadas na calçada como sugeria o último ritual de cura mandado por e-mail a seus pais.

Viro-me e os olhos do Wade estão abertos agora, observando-me. Não sei por que razão, mas isso me faz parar. Ele está cansado, mas também parece, não sei,

decepcionado ou irritado. Pergunto sem realmente falar: “O quê?”, e ele balança a cabeça suavemente. Não acredito que não seja nada, mas não vou pressionar, especialmente com Denise aqui.

Junto-me a eles no sofá e coloco os pés na mesinha de centro. Tento me concentrar no filme, mas não dá. Ainda não consigo acreditar que você não fosse imortal. Imito Denise e fecho os olhos.

HOJE

DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO DE 2016.

Este Natal é ainda pior que o do ano passado. Sei que eu disse a mesma coisa sobre o Dia de Ação de Graças, mas o Natal machuca mais, assim como será com o Réveillon e o seu aniversário, assim como será com o meu aniversário e cada dia da minha vida em que você não estiver. Se eu realmente parei de mentir, não posso mentir sobre isso.

Pelo menos o dia está passando bem rápido. Abrimos os presentes em casa e agora estamos reunindo a família na casa da minha tia. Papai me prometeu que não vamos ficar muito tempo, especialmente depois da discussão do Dia de Ação de Graças. Estou escondido no quarto da minha tia para evitar meu primo babaca, mas o ruído dos risos de todos atravessa as paredes. Não tenho a menor vontade de saber o que é tão engraçado, mas isso me faz lembrar como foi bom sair do meu quarto esta manhã e encontrar minha mãe e meu pai sentados no chão ao lado da nossa árvore de Natal simples como se este fosse o primeiro Natal deles juntos.

É louco ver como eles não se cansam um do outro, como não parecem ter perdido sequer um fragmento de amor um pelo outro. A segunda melhor parte da manhã é quando me junto a eles e minha mãe desfila com seu pijama para eu e meu pai, indo da sala para a cozinha e da cozinha para a sala, como se estivesse na passarela.

Mamãe traz minha avó para o quarto, e eu a ajudo, segurando-a por baixo do braço enquanto nós a guiamos até a cadeira de balanço em frente à TV. Mamãe me diz que a sala estava ficando barulhenta demais para ela, então espera que eu não me incomode com Vovó presente no meu “retiro de silêncio”.

Ligo a TV no noticiário que ela tanto gosta, mas nunca consegue absorver de verdade; ela ainda acha que Obama é presidente dos Estados Unidos, e eu a distraio com essa conversa porque sinto saudades dele também. Perdi o aniversário de noventa anos dela na semana passada por estar fora do ar, mas, se eu quisesse mentir e dizer que falei com ela, ela não teria como saber.

— O Theo vem? Queria ver o filme dele com as flores.

Você ainda está vivo para Vovó. Você ainda está por aqui criando mais filmes.

Ainda está aqui para sacar o celular e mostrar um dos seus vídeos para ela. Ainda está aqui para segurar minha mão e me dar um beijo de bom dia. Sei que você não está vivo, mas não consigo tratá-lo como se estivesse morto. Sei que está me observando, mas sei que existe uma chance de não estar. Sei que não está por aqui para viver e sei que continuará vivendo através de mim.

Não tenho coragem de magoá-la e dizer a ela que está acabado porque, bem, não sei, se eu negar a ela a fantasia da sua imortalidade não sei se isso vai arruinar o mistério de onde você está.

— Theo não conseguiu vir — digo. É a verdade oculta nas dobras de uma mentira. — Mas eu tenho um vídeo dele. — Procuro a coleção de vídeos no meu celular e me sento ao lado da minha avó, me sentindo desamparado enquanto revivo suas criações para uma mulher que as vê com a alegria de alguém testemunhando mágica pela primeira vez.

Onde quer que você esteja, Theo, espero que tenha um feliz Natal. Vou tomar um pouco daquela gemada por você.



— Desculpe, não trouxe um presente pra você — digo, coçando a palma da minha mão sobre a luva e puxando o lóbulo da orelha o tempo todo enquanto subo os degraus para sair da estação de metrô.

— Eu também não — Wade diz. — Tudo bem. — Ele passa para o meu lado esquerdo e fica lá. Mudo de posição para resgatar o meu lado certo, mas ele continua me confundindo. — Vou andar do seu lado esquerdo por um minuto.

— Não. Eu vou andar do lado esquerdo pra sempre — digo.

— Colabore.

— Isso não tem graça.

— Exatamente. Isso é sério e você nunca tratou dessa forma. Quero ver como você é do meu lado direito.

Ele já andou ao meu lado direito antes, mas só quando você estava vivo e eu estava à sua esquerda porque você era obviamente a pessoa mais importante, então, no conjunto, isso não me incomodava. Wade nunca ficou do meu lado direito quando estávamos a sós e permitir que isso aconteça parece importante, assim como foi meu primeiro encontro com você. Eu estava inseguro, apesar de sentir que conhecia você desde sempre e de confiar totalmente em você, algo que as pessoas comuns nunca experimentaram.

— Isso não vai durar muito, mas vou fazer o que puder — digo.

No momento em que Wade esboça uns passos para trás, como se as forças do inverno decidissem carregá-lo para longe da minha vida pra sempre, sinto-me

impelido a ir para a esquerda para bloqueá-lo, mas fico firme até que ele reapareça do lado errado com flocos de neve nos ombros e um sorriso um tanto ansioso.

— Como estamos indo?

— Provavelmente é melhor não concentrar nisso — digo, olhando para a frente e me recusando a me virar para a esquerda. É quase impossível para meu pescoço virar nessa direção. No momento em que eu fraquejar, a experiência toda vai por água abaixo e eu vou decepcioná-lo, o que vai ser como uma bola de neve destinada a virar algo pior. — Conte uma história.

Ele começa a contar sobre a vez em que fez uma competição com seu vizinho para ver quem bebia mais Gatorade. Depois que ele ganhou, foi para casa fazer xixi, mas a mãe dele tinha saído e ele ainda não tinha suas próprias chaves. Então, sim, ele se ferrou. Tentou mijar na saída da escadaria, mas alguém começou a descer e ele precisou sair correndo. Era de dia, então ele não podia ir mijar nos cantos ou atrás da moita sem ser flagrado e achava que os vizinhos dos outros prédios o delatariam. Sua bexiga doía demais e ele continuava tentando se distrair, mas fracassou porque havia poças d'água ao redor e começou a chuveirar um pouco, mas não o bastante para afugentar as pessoas que estavam na rua para que ele pudesse mijar fora de casa em paz.

Assim que ele voltou à escada para uma segunda tentativa, a bexiga dele decidiu que já bastava e descarregou “com fúria” na sua calça jeans, encharcando-o com um “xixi infinito”, tanto que seus olhos reviraram de alívio antes que ele se desse conta do vexame que seria depois que a urina parasse de escorrer sobre os seus tênis.

Chegamos ao prédio do Wade e, assim como nessa história, tenho segurado toda a minha ansiedade por ele estar à minha esquerda, só que ainda não pedi para ele me devolver o meu lado (e nem me mijeje enquanto isso). Fico aliviado assim que entramos no elevador e não existem mais lados, apenas nós dois de frente um para o outro. Entramos no apartamento e vamos direto ao quarto dele. Ele recebeu a TV de volta durante o recesso do Natal porque já tinha entregado todas as tarefas de escola e feito as inscrições nas universidades, mas vai perdê-la assim que as aulas recomeçarem. Pensei que fôssemos ver um filme ou coisa parecida e aproveitar a TV dele enquanto ela ainda está presente, mas em vez disso ele põe para tocar a trilha sonora de *E.T. — O Extraterrestre* e se senta na cama enquanto eu me acomodo na poltrona. A primeira música termina e começa a tocar a seguinte.

— Espere. Deixe aquela tocar de novo — digo a ele.

— Por quê?

— É relaxante — digo.

— Não é isso — Wade diz. — Talvez um pouco, mas não totalmente. Você só quer repetição. Conheço esse seu jogo, Griffin. Você deve detestar o rádio.

— Não detesto. Mas também não diria que sou fã.

— Me dê seu telefone — Wade diz.

— Por quê?

— Quero apresentar você a mágica do *shuffle* — Wade diz. Não passo meu celular para ele, mas Wade não tem pudores em ir até o bolso do meu casaco e pegá-lo ele mesmo. — Vamos brincar de rádio com suas músicas baixadas. Olhe, todas estas são músicas que você escolheu em um ou outro momento e foram todas as suas preferidas por razões diferentes.

— Então eu ainda estou no controle?

— Não exatamente. Mas você está no controle de permitir a si mesmo ser surpreendido.

— Não posso controlar a surpresa, isso não faz sentido.

Wade dá um sorrisinho.

— Griffin, sua zona de conforto talvez seja um pouco confortável demais, certo? É como se você tivesse uma TV com som *surround* e todos os videogames e a maior cama possível para que todas as suas pessoas favoritas possam estar com você. Mas isso não é real e você precisa viver em um lugar um pouquinho mais realista.

Wade vai até o canto do quarto, retira seu celular dali e coloca o meu para conseguir uma boa acústica. Ele aperta o play e a primeira música que surge imediatamente me enche de lembranças.

— Viva os momentos.

E então vem “Be Still My Heart”, do The Postal Service: ouvimos essa enquanto íamos para casa, dividindo um mesmo fone de ouvido, no dia em que nos assumimos um para o outro. Sinto como se tivesse sido jogado no começo de tudo. Não ouço essa música há muito tempo e nem sequer notei que sentia saudades dela.

“All Night”, do Icona Pop: descobri essa música com Wade um dia depois do meu aniversário. Foi pouco depois que você me ligou para me desejar feliz aniversário e se sentiu mais idiota que nunca quando descobriu que havia confundido a data. Wade e eu estávamos indo para a Duane Reade, a mesma farmácia onde meu pai nos deu aquela palestra sobre sexo, e essa música estava tocando no som de um carro estacionado por ali. Ela só se implantou no meu cérebro durante aquela tarde, mas curti meu momento com ela — assim como estou curtindo agora.

“Take Me Out”, do Franz Ferdinand: outra canção muito sua, e nem preciso lhe falar sobre ela. É um pouco desconfortável porque tenho certeza que Wade

sabe que a ouvimos várias vezes depois que transamos pela primeira vez. Uma vez ela começou a tocar quando estávamos jogando Guitar Hero e todo mundo queria saber por que você e eu caímos na gargalhada e isso foi tão bom.

“Hold On”, do Wilson Phillips: certo, esta me deixa um pouco pra baixo, mas fiquei muito apegado a ela nos meses que se seguiram ao fim do nosso namoro. Sei que vai parecer besteira, mas ela me permitia sentir muito sozinho e não me forçava a mentir para mim mesmo sobre meus sentimentos. Posso até fingir que sou forte perante os outros, mas nunca me enganar.

“Carry Me”, do Family of the Year: a música favorita do Wade que não é jazz nem trilha sonora de filme. Ele me recomendou esta porque sabe que gosto de canções com boas letras e, sim, esta aqui realmente grudou em mim por umas semanas. Houve momentos em que nem quis pensar no Wade e no que fizemos juntos, mas não tive como me afastar desta música, é como se fosse oxigênio.

Eu estava certo sobre não poder controlar minhas surpresas, mas errei ao tentar mensurar o quanto essas surpresas realmente seriam boas para mim. Cada vez que uma canção nova começa a tocar, sinto-me ressuscitar. Este é o verdadeiro poder da história. Antigos sentimentos e memórias estão sendo revividos e eu não estou reclamando; é como se eu ainda sentisse o cansaço que me fez abandonar aquela música, mas não me importasse de ser despertado por ela um instante.

Wade se levanta e desliga meu celular.

— Que tal?

— Toque mais uma música — digo. — Só foram cinco.

— Eu sei.

— Cinco não é um bom número ímpar, só o um, o sete ou qualquer outro terminado em sete.

— Eu sei. Três coelhos com uma só paulada.

Estou me sentindo enganado. Pelo menos eu entendia qual era o plano quando ele resolveu andar à minha esquerda ou tocar músicas diferentes, mas eu não imaginava que ele mexeria com meus números ímpares também. Mas tudo bem, posso encontrar minha saída desta situação; já saí de algumas piores, circunstâncias totalmente fora do meu controle, que me afetaram como se fossem minha culpa. O jazz que estava tocando antes que Wade começasse a tocar minhas músicas pode contar como primeira ou como sexta, e é válido porque é uma música de que gosto e que gostaria de ouvir de novo.

Então, sobre esse comentário doloroso dos três coelhos mortos com uma paulada só, se eu estivesse desesperado o bastante poderia dizer que três mais um é igual a quatro, mas essa não vai colar comigo, logo, preciso de outra coisa para me acalmar. Hã, hum, certo, já sei. Vou me sair com a tática dos grupos: um

grupo para os coelhos e outro para o pau.

— Tá tudo bem? — Wade pergunta.

Respiro fundo.

— O mundo não acabou — Wade diz. — Você viveu os momentos.

Ele tem razão. O universo não está se autodevorando como algum canibal que mastiga o próprio braço. A sensação ainda é a de que o universo está pelo menos mordiscando, mas ainda estou aqui inteiro. Sei que isso não vai durar, mas saber que posso fazer três testes — três! — em uma mesma noite é bem importante. E me dá uma sensação de poder como nunca senti antes com você, pelo menos não em relação às minhas compulsões.

— Theo fazia eu me sentir especial — digo, o que pega Wade de surpresa. — Com minhas compulsões, quero dizer. Desculpe. Eu sei que às vezes ele se frustrava com elas, mas também não consigo deixar de pensar que elas me faziam parecer especial aos olhos dele. E, sei lá, sempre acreditei que o Theo me amava, mas sempre houve essa voz me convencendo a garantir que sempre combinássemos. Se eu não mudasse, jamais deixaria de ser especial aos olhos dele. Quase como... se eu comesse a fazer coisas como as que fizemos agora, eu perderia meu brilho e de repente me sentiria, sei lá, apagado para ele?

— Esse negócio... não é saudável — Wade diz. — Não sei como é morar dentro dessa sua cabeça, mas você tem que fazer o que for preciso pra não ser escravo das suas compulsões. Isso está limitando sua vida.

Não controlando. Limitando.

Tento acreditar nisso, mas não consigo. Minhas compulsões ameaçam minha saúde física e mental. Por exemplo, não consigo tirar da cabeça que eu transei com três caras — três. Mesmo que não esteja interessado em mais ninguém, sinto como se precisasse haver um quarto, caso contrário o universo vai implodir ou algo vai acontecer a alguém que amo. Tentei elaborar uma lógica baseada nisso; como o fato de que eu dormi com dois caras — Wade e Jackson — por necessidade e não por amor. Então Wade e Jackson estão dentro de uma categoria muito distante da bolha em que você habita. Porém, se tenho que manter um padrão, a próxima pessoa que eu levar para a cama tem que ser por amor, e não por necessidade de sentir alguma coisa.

— Entendi — digo. — Vou tentar fazer esses exercícios mais algumas vezes.

Ainda não tenho coragem de pedir a ele esse enorme favor, mas quero que ele me ajude, e é verdade. E ele quer me ajudar. Não quero falar como se eu tivesse que dar a ele meu coração ou meu pinto em troca da ajuda, mas tenho que dar a ele minha amizade. Ele me devolveu um pouco da história sobre a qual eu não pensava havia um bom tempo e provavelmente corria o risco de esquecer para sempre. Em troca preciso ser totalmente sincero com ele.

— Preciso contar uma coisa. Não sei como fazer isso com delicadeza, mas simplesmente tenho que despejar. Eu ferrei com as coisas. Não me refiro somente a ter ferrado as coisas com você ou qualquer nome que você dá para o que tivemos, mas fiz uma coisa idiota porque não estava no meu melhor momento. — Ele sabe o que estou prestes a dizer, posso ler isso no rosto dele. Mas não posso omitir estas palavras. — Eu transei com o Jackson quando estive na Califórnia.

Wade meneia a cabeça sem parar, estilo boneco pirata.

— Eu sei.

— Você sabe? — Impossível. Não contei a ninguém e o Jackson não teria contado a ele. — Como?

— Porque eu conheço você — Wade diz. — É uma coisa que você faz. Desculpe, parece até que estou te chamando de prostituto ou algo assim, não foi o que eu quis dizer. Você faz coisas que sabe que não devia, é como se estivesse programado para cometer erros quando não está no seu “melhor momento”, e não foi difícil adivinhar que isso aconteceria.

— Você não entende. Sabe aqueles beijos que eu e o Theo tínhamos? Theo os ensinou ao Jackson e isso me deixou maluco e eu disse para o Theo que queria que ele me visse transando com o namorado dele para me vingar e...

— Você disse ao Theo? Não entendi.

Merda. Não posso mentir para ele e não posso omitir a verdade. Eu prometi isso a mim, a você, e estou cansado de ser mentiroso.

— Eu ainda falo com o Theo.

— Há quanto tempo? Desde que ele morreu?

— É. Às vezes um pouco antes disso, como se fosse algo que eu quisesse dizer quando voltássemos a ficar juntos. Mas desde que ele morreu estou tentando fazer com que ele me perdoe, só que eu nem sequer consegui contar a ele o que eu e você...

— Nunca vou ganhar esse jogo, não é? Não importa o que eu seja, se melhor amigo ou... tanto faz, eu sempre vou estar competindo com um fantasma — ele diz. — Não, não estou competindo, nem sequer tenho a chance de lutar. — Wade se levanta da cama, pega o meu celular e o devolve para mim. — Estou meio cansado.

— Está falando sério? — pergunto.

Wade não diz mais nada. Nunca imaginei que ele pudesse me dar um gelo assim, mas ele não tem absolutamente nenhum interesse na minha presença agora.

— Não é simples como parece...

Pensei que Wade seria a primeira pessoa para quem eu contaria sobre o meu

papel na sua morte, o que deveria demonstrar a importância imensa que ele tem para mim, mas me recusei a ouvir a mim mesmo. E posso ir em frente, ser um babaca e contar a ele de todo jeito. Mas esta não é uma culpa que ele precise carregar, especialmente por um amigo de merda como eu.

— Vejo você depois.

Pego meu casaco e saio, sigo para as escadas e desço todos os 27 andares. Eu realmente deveria parar de culpar a todos e a tudo pelo que aconteceu comigo. Sou a pior coisa que já me aconteceu.

HOJE

QUARTA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 2016.

Ligo o vídeo do meu laptop e faço uma chamada para o Jackson em um minuto ímpar. Não me surpreende que ele tenha concordado com um bate-papo considerando que me mandou uma dúzia de mensagens desde que voltei da Califórnia. Só estou surpreso que ele concordou em falar tão cedo, considerando que são sete horas da manhã em Santa Monica. Talvez ele também tenha passado a noite sem dormir.

Ele atende no quinto toque. A tela ainda está escura, mas a voz do Jackson atravessa as caixas de som: — Foram quatro do seu lado também?

Estou prestes a responder que não quando ele aparece e, sim, eu estaria mentindo se dissesse que não senti saudades dele. Fiquei tão acostumado a vê-lo por perto e, diabos, até acordar ao lado dele. Nunca tive sentimentos românticos por ele, o que é a mais pura verdade, Theo. Ninguém é perfeito e Jackson certamente não é exceção, mas eu nunca me senti atraído por ele do mesmo modo que por você, nem do modo como estava sendo atraído pelo Wade. Tudo bem dois garotos que são gays serem amigos e não quererem ficar juntos.

Estou aprendendo. Estou me adaptando.

— Cinco — respondo.

— Desculpe. Foram quatro do meu lado. Vou desligar e tentar de novo. Vou responder no quarto de novo, aí vão ser oito do meu lado e dez do seu.

— Vamos deixar isso pra lá — digo. É engraçado como você sempre colaborou e fez ajustes parecidos, assim como Jackson está tentando fazer agora. Eu deveria perguntar ao Jackson como ele está e como foi seu Natal, mas nenhuma dessas coisas parece certa... são amigáveis demais e, como aprendemos várias vezes, eu não mereci essa amizade. — Desculpe não responder suas mensagens. Você me fez bem e sei que também fiz bem a você. Mas as coisas ficaram muito confusas.

— Eu ia contar pra você na primeira noite em que a gente saiu. É por isso que eu queria que a gente se encontrasse — Jackson diz. Ele se mexe, incomodado, e, atrás dele, Chloe salta sobre a cama e descansa a cabeça no travesseiro. — Eu queria deixar você arrasado, mas, quando começamos a nos conhecer melhor, eu

soube que sua dor era tão grande quanto a minha. Eu não quis mais afiar aquela lâmina.

Ele é uma pessoa melhor que eu.

— Sinto muito termos transado — digo.

— Eu também.

— Não digo isso pra magoar você, mas acho que você deveria saber por que tomei aquela iniciativa — digo. Conto a ele sobre os beijos que eu compartilhava exclusivamente com você, os beijos que você ensinou ao Jackson, os beijos que eu nunca apresentei ao Wade, os beijos que Jackson nunca mais verá do mesmo modo depois de ouvir esta história. Respiro fundo antes de terminar: — Eu não conseguia acreditar que ele compartilhou uma coisa tão pessoal com você. Eu reagi. Não foi a primeira vez que fiz algo assim. Eu tinha começado a ficar com o Wade durante o verão. Estava virando um relacionamento e foi por isso que liguei para o Theo naquele dia.

— Uau.

— Só que agora o Wade meio que me detesta. Talvez seja melhor assim. Acho que não aguento amar alguém de novo — digo. Ser sincero sobre como me sinto fragilizado com alguém que até dois meses atrás era meu pior inimigo dá um alívio indescritível.

Sinceridade não é história. Aprendi isso também.

— Eu não sabia que ele era gay — Jackson diz. — Sei que o Wade e o Theo tinham aquelas picuinhas entre eles, mas eu sabia que o Theo gostava muito do Wade e sentia falta da amizade deles. Um dia perguntei para o Theo quando ele achava que você encontraria alguém. Nunca recebi uma resposta objetiva dele.

— Parecia que ele queria que eu encontrasse outra pessoa?

Jackson faz que sim com a cabeça.

— Mas lembre com quem ele estava falando.

— Ele amava você — digo, e é a coisa mais difícil e mais sincera que consigo dizer ao Jackson. — Meio que sou um expert em saber como o Theo age quando está apaixonado.

— Estou feliz por você, se é que isso importa — Jackson diz. — Tenho certeza que o Theo estaria também.

Acredito que Jackson esteja feliz por mim. Você estaria feliz por mim?

— Sim, importa.

Jackson sorri.

— Vou pra Nova Iorque na primeira semana de janeiro passar uns dias. Assim que os voos ficarem menos concorridos. Espero conseguir conversar direito com a Anika e a Veronika. E com você também. Mas tudo bem se você preferir que a gente não se fale mais.

— Acho melhor a gente continuar se falando — digo.

— Prometo que serei cuidadoso com a diferença de fuso horário — Jackson diz.

— Estou sempre acordado. Vou tentar não acordar você às seis da manhã de novo.

— Este foi um bom motivo pra acordar.

Concordamos em voltar a conversar mais em breve. Termino a chamada, a tela se apaga.

É louco ver que, assim como eu, Jackson também não tem todas as respostas sobre sua vida e sobre sua morte. Wade, Jackson... todos nós temos perguntas e podemos fazer quantas quisermos a você, mas você nunca vai nos responder. Sempre haverá algum mistério.

HOJE

QUINTA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO DE 2016

Wade ainda não respondeu minha mensagem de ontem perguntando se poderíamos nos encontrar. Quando acordei, depois do meu “cochilo” de quatro horas após a chamada com Jackson, realmente esperava que houvesse uma mensagem do Wade. E eu tinha certeza que até esta manhã ele já teria respondido, mas nada.

Acho que estraguei as coisas pra valer, Theo.

HOJE

SEXTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 2016

Bato na porta do apartamento do Wade.

Posso ouvir alguém apertando o olho atrás do olho mágico, e, levando em conta a velocidade com que a pessoa se afasta, é seguro afirmar que essa pessoa é o Wade. Bato de novo e de novo até que a mãe dele abre a porta e me diz que Wade não está em casa com o tom de voz menos convincente possível. Sei que ela sabe que não sou tão idiota assim, mas esta briga não é dela.

Dou para trás e desejo a ela um feliz ano novo, porque não parece nada provável que voltarei a vê-la em 2017.

HOJE

DOMINGO, 31 DE DEZEMBRO DE 2016.

Ainda resta uma hora em 2016. Se Wade não quiser nada comigo até o fim deste ano, então vou deixá-lo. 2017 vai ser *Wade-free*. Estas são as regras da noite de Réveillon: adeus ao que é velho, bem-vindo o que é novo. Não pensei bem que tipo de novo devo esperar, mas sei que isso começa comigo me tornando meu próprio ponto de apoio, minha própria rocha. Foi o que aprendi com Jackson em boa parte deste último mês e com Wade antes disso.

Ser minha própria rocha é promissor, mas seria uma enorme mentira se eu não admitisse que seria igualmente recompensador me tornar uma montanha junto a outra pessoa.

Talvez seja a cidra — ou o espírito de beber com meus pais —, mas vou ligar para Wade uma última vez e deixar uma mensagem de voz para dizer adeus do jeito certo. Estou cansado dessas porcarias de mensagens de texto em que ele não pode ouvir a sinceridade na minha voz. Quero que saiba que não estou com raiva e que estou me detestando por não ter feito o melhor que podia por nós dois.

Mas Wade atende.

— Oi — ele diz.

— Oi. Na verdade eu ia deixar uma mensagem de voz — digo, correndo para o meu quarto.

— É o que você preferia fazer?

— Não se você estiver disposto a falar comigo — digo. Ele não diz não. — O que está fazendo?

— Estou em casa com a minha mãe, mas você conhece ela.

— Ela já foi pra cama.

— Ela não liga pra festas de ano novo.

— Você deveria vir pra cá. — Para qualquer pessoa, isso seria algo casual. Para Wade, seis meses atrás, teria sido casual. Porém, tudo mudou antes mesmo de você morrer, Theo. — Não recuse. Temos comida e música ruim e vamos ver a bola da Times Square descer. Você não deveria ficar aí sozinho. Podemos conversar se você quiser conversar, ou podemos calar a boca e conversar depois

e...

— Com certeza você deveria calar a boca agora — Wade me interrompe e acrescenta, mais gentil: — Podemos conversar quando eu chegar aí.

— Chegue aqui antes que a bola termine de descer, por favor.

Recapitulando: eu liguei para Wade para dizer adeus e agora ele está vindo pra cá. Ainda resta uma hora em 2016 e pela primeira vez no dia realmente sinto entusiasmo com as possibilidades e a renovação. E não precisei mentir para fazer acontecer.

Corro para contar aos meus pais que Wade está a caminho e eles não entendem por que estou tão feliz, mas ficam muito contentes por ver como estou. Corro de volta para o meu quarto, recolhendo as roupas caídas no chão, arrumando a cama, enfiando as botas e o casaco no armário e cuidando de outros detalhes até que a campainha soe vinte minutos depois.

Eu me apresso para receber Wade e abro a porta, encontrando-o com o rosto neutro e ofegante. Os pulmões dele devem estar estourando e o fato de eu esmagá-lo com um abraço bem no meio do corredor também não deve estar ajudando.

Ele conversa um pouco com meus pais, mas o tempo está se esgotando e a bola vai descer na Times Square. Puxo Wade para dentro do meu quarto e deixo a porta aberta, para que ele não pense que vou querer transar e para que meus pais não confundam a situação também.

Faz um bom tempo desde que não ficamos a sós aqui. Wade olha ao meu redor, lembrando-se de cada parede e peça de mobília. Houve algumas mudanças, sendo que a maior de todas é ele mesmo, tenha Wade percebido ou não. Você provavelmente diria que é seguro presumir que ele sabe disso, não é? Minha insistência dos últimos dias e desta noite para que fôssemos apenas amigos seria injusta levando em consideração que eu sei dos sentimentos dele por mim.

— Obrigado por vir.

— Obrigado pelo convite — Wade diz, sentando-se no parapeito da janela.

Balanço a cabeça e ofereço a mão para ele.

— Sente-se aqui comigo.

Wade pega minha mão e nós sentamos perto um do outro, meu joelho encostado na coxa dele.

— Eu tenho que dizer isso logo, antes que seja meia-noite. Não quero que você comece o ano pensando se eu valho a pena ou não. — Respiro fundo. — Sinto muito que meu amor pelo Theo tenha sido como uma placa de interditado pra você. Foi assim pra mim também. Mas quero que você saiba que no dia em que o Theo morreu eu tinha ligado pra ele pra falar sobre você. Não consegui

falar com ele, então deixei uma mensagem na caixa postal, o que provavelmente o fez ter vontade de entrar sozinho no mar... Eu matei a pessoa que amei mais do que ninguém porque estava tentando contar a ele sobre meus novos sentimentos pelo nosso melhor amigo...

Wade não espera até que eu tenha terminado para me abraçar, suas mãos massageiam minhas costas.

— Isso não tem como ser culpa sua. Existe um milhão de coisas que podem ter dado errado. Porra, cara, eu não sabia que você estava carregando essa culpa toda por aí. — Ele se afasta um pouco. — Eu ferrei as coisas também. Sabia que você não ia tentar ter um relacionamento de verdade com o Jackson, mas fiquei com ciúme mesmo assim. Não tem graça nenhuma ser o perdedor. Passei as últimas noites me sentindo um idiota por causa da nossa situação. Se nós não tivéssemos transado, não estaríamos sentados aqui agora tentando descobrir se vamos fazer parte da vida um do outro no ano que vem.

Isso é verdade.

— Eu quero dar uma chance pra gente, juro. Mas não posso ir rápido demais ou vamos acabar errando. E você vai precisar compreender que eu ainda carrego o Theo comigo, e tenho certeza que você faz isso também. Só que pra mim é diferente. Sei que você não é o Theo, nem quero que você seja.

Prometo que daqui em diante jamais vou rejeitar o amor que sentir por qualquer pessoa. Comecei a detestar a palavra amor, porque sempre soa cafona, mas o amor não deve contar só em caso de vitória. O amor nunca foi mentiroso; eu, sim.

— Você confia em mim? — pergunto.

— Acho que sim. — Wade me beija na testa, o que envia arrepios gelados para os meus ombros e minha coluna. — Você acredita que quero ser algo mais pra você?

— Acho que sim. — Eu o beijo na bochecha.

Minha mãe nos chama porque a contagem regressiva está para começar. Corremos para a sala e colocamos os ridículos chapéus de festa e penduramos os apitos de plástico no pescoço. Meu pai nos serve cidra em taças de plástico. Queria muito que você estivesse aqui, não de modo romântico, mas para reunir a tropa com toda a força como quando éramos mais novos, antes de tudo ficar complicado. Mas tudo bem. Vou tentar ter menos arrependimentos no Ano Novo. Vou deixar para trás tudo o que já está feito e não vou repetir os mesmos erros daqui por diante.

Dez. Nove...

Wade se vira para mim, sorrindo como se a vida dele já tivesse recomeçado.

Oito. Sete...

Entorno a cidra e deixo a taça de lado.

Seis. Cinco...

Wade faz a mesma coisa, sabendo que vai precisar das mãos também.

Quatro. Três...

Estou me preparando para reapresentá-lo ao mundo.

Dois. Um...

Meu coração está fora de controle, mas eu não estou quando puxo Wade e o beijo com a força de tudo o que há de mais feliz. Muito dessa felicidade inesperada é graças a ele. Assim que meus pais terminarem de se beijar, eles vão vir me abraçar e vão me ver nos braços de alguém com quem eles jamais teriam apostado me encontrar. Continuo nos braços do Wade porque “Auld Lang Syne” começa a tocar e, caramba, Theo, este ano — o ano passado — foi tão árduo e impossível que não sei como consegui sair dele vivo. Mas sei que sobreviverei a ele no ano que começa.

E sei que a parte mais difícil da minha sobrevivência está diante de mim.

HOJE

QUARTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 2017

Dividir um táxi até a sua casa com seu ex-namorado e com o meu não-exatamente-mas-quem-sabe-um-dia namorado parece o começo de uma piada ruim. No entanto, a única coisa engraçada até aqui foi que Wade ameaçou Jackson, avisando que ele mantivesse sempre dois metros de distância do meu pinto ou viraria picadinho.

Deve ter sido só uma tirada de humor embaraçoso, acho.

Jackson chegou aqui em uma boa hora, porque volto para a escola amanhã. Por sorte, terei Wade ao meu lado; time Montanha. Parece que Jackson ainda não se sente preparado para voltar às aulas e não vou brigar com ele por isso.

Sáímos do táxi e seguimos direto para a escada que leva ao seu apartamento, onde seus pais estão nos esperando. Russel e Ellen nos dão abraços calorosos. Parecem animados. Tenho certeza que vê-los melhorar a cada dia deixa você feliz, certo? Ninguém quer vê-los presos no lado negativo da escala de felicidade, incapazes de se erguer e seguir adiante.

Sua mãe prepara chá gelado enquanto Jackson e Wade conversam com seu pai e Denise me conta tudo o que ganhou no Natal. Cada um dos presentes da lista... Logo sou resgatado porque Ellen sabe que a conversa que nós três precisamos ter com ela e com Russel não é apropriada para Denise e não queremos magoá-la, então ela pede para a filha para o quarto jogar seus videogames de corrida.

— Então, o que está acontecendo? — Ellen pergunta, cruzando as pernas enquanto beberica seu chá quente.

Nós — Jackson e eu — contamos aos seus pais como fomos os responsáveis pela sua morte. Contamos a eles que, se não estivéssemos em guerra, provavelmente não teríamos deixado você tão louco a ponto de querer se distanciar de todo mundo. Conto a eles sobre a mensagem de voz que fez você ir para o mar, embora não conte por que liguei para você. E Jackson se desculpa por não ter sido corajoso o bastante para salvá-lo.

— Ah, meu Deus — Ellen diz, balançando a cabeça. — Não. Não. Vocês não podem fazer isso consigo. A morte do Theo não foi culpa de vocês. Griffin, a menos que sua mensagem de voz fosse um truque de hipnose em que você

convencia o Theo a entrar no mar, você não tem culpa de nada.

— Exato — Russel diz. — O mesmo pra você, Jackson. Ninguém nunca esperou que você corresse para a água para tentar salvar o Theo. Ele estava em perigo e você poderia ter se afogado também. A morte do Theo foi imprevisível, um acidente.

— Nós ficamos nos culpando também, juro — Ellen diz. — E se nunca tivéssemos mandado o Theo para estudar na Costa Oeste? E se o tivéssemos colocado em cursos de natação quando era criança? Vamos enlouquecer se ficarmos procurando novos “e ses” para sempre.

— Deixem essa loucura para nós — Russel diz.

— Acho que nunca vou deixar de me sentir culpado — digo.

— É porque você ama o Theo, onde quer que ele esteja — Ellen diz. — Vocês três. Vocês já sabem disso, mas têm que viver por ele e amar por ele. — Ellen olha para mim e para Wade, provavelmente porque estamos bem mais perto um do outro do que estamos do Jackson, e há tanto espaço aqui que poderíamos nos sentar de pernas escancaradas se quiséssemos. — Vocês não têm que ficar presos ao passado. Não se sintam culpados por amar de novo.

— É assustador e é a última coisa que tenho em mente agora, mas duvido que algum dia vou estar pronto pra isso — Jackson diz.

— Quando você estiver pronto será o momento certo — Ellen diz.

— Pode até acontecer antes disso — digo.

Viro para Wade e seguro a mão dele, entrelaçando nossos dedos. Estou com medo de levantar o rosto, mas ele aperta minha mão e me dá forças. Tanto Ellen quanto Russel estão sorrindo e balançando a cabeça. A aprovação deles significa tudo para mim porque sei que eles querem o melhor para você e, se eles reconhecem que é bonito eu seguir com minha vida, então acredito que é assim que você se sentiria também.

Ellen e Russel nos dizem que somos da família. Nós três somos seus filhos por extensão e irmãos mais velhos da Denise. Chamamos Denise de volta para a sala e ligamos aqui seu Wii novo para brincarmos juntos o jogo de corrida.

Não sei quando verei seus pais ou sua irmã novamente. Talvez no mês que vem, perto do seu aniversário, eu faça uma visita e traga algo para Denise. Mas é bom saber que serei bem-vindo.



— Vou visitar o túmulo do Theo hoje — Jackson diz depois que saímos do prédio. — Eu estava planejando vir para o aniversário dele, mas acho que vou ficar em casa pensando no que fazer da minha vida a seguir. Vai ser bom ter um

momento a sós com ele.

— Esse é o seu jeito de garantir que nós não vamos nos convidar pra ir até lá com você? — pergunto, enganchando meu braço no do Wade.

— Mais ou menos — Jackson diz.

Tentamos convencê-lo a almoçar conosco, mas ele está determinado a ter esse tempo-com-o-Theo antes de se encontrar com Anika e Veronika esta noite e tentar consertar a amizade. Jackson nos convida para ir à Califórnia em abril no recesso de primavera e, para mim, pensar tão à frente no nosso quase-relacionamento é um pouco assustador em geral, mas não chega a ser terrível.

— Tudo bem se eu o abraçar de novo? — Jackson pergunta para Wade.

— Ele não é meu chefe — digo, aproximando-me do Jackson. Eu o abraço como se fosse o irmão que nunca tive, como o irmão com quem eu nunca teria transado se pensasse que um dia o chamaria de irmão. — Obrigado por tudo, Jackson. Não quero nem pensar onde eu estaria se não tivesse procurado você. O Griffin daquele universo alternativo está totalmente ferrado.

— Bem, o Jackson daquele universo alternativo também não está vivendo a melhor das vidas — Jackson diz, soltando-se de mim. — Se você não mantiver contato comigo, vou ter que vir voando até aqui pra azucrinar você, e não sei se o Wade vai gostar.

— Ele vai continuar não sendo meu chefe — digo.

— É o que ele pensa — Wade diz.

— Pega leve com o Theo — recomendo. — E consigo.

— Vocês também.

Paramos um táxi para Jackson e, com um último aceno, ele parte. Realmente não sei quando voltarei a vê-lo, mas prometo a você, Theo, que vamos continuar cuidando um do outro e que nunca mais vou dar as costas a ele.

HOJE

SÁBADO, 6 DE JANEIRO DE 2017

— Não sei por que concordei em voltar para a escola.

Agradeço ao Criador de Todos os Universos o Wade ser uma alma generosa e entediada que está passando o sábado de manhã me ajudando a pôr em dia os estudos.

— Acho que nós dois sabemos por quê — Wade diz, apontando para si. — É uma escolha de vida segura.

Ele está deitado na minha cama, terminando minha lição de matemática — não me julgue, é impossível dar conta de fazer tudo sozinho. Time Montanha, lembra? —, e o cotovelo dele toca meu quadril e se isso acontecesse alguns meses atrás nós já teríamos nos afastado. Agora eu me aproximo um pouco mais dele.

Estou deixando minha *playlist* correr solta e, depois de dar os últimos retoques no meu relatório de história sobre a Segunda Guerra Mundial, viro-me para Wade.

— Pronto.

Deito-me perto dele, sabendo que nada sexual vai acontecer porque deixamos a porta aberta. É um saco, mas estou contente que Wade e eu não estejamos transando por um tempo. O começo do nosso relacionamento foi difícil, então precisamos de um recomeço. Isso significa fazer por merecer nosso relacionamento.

— Acho que já podemos ir.

Esta semana não apenas volto para a escola, mas também tenho terapia esta tarde com uma nova médica. O dr. Anderson não era nada mau, mas vou recomeçar com a psiquiatra que a amiga da minha mãe recomendou. Espero que a dra. Fergesen não me deixe ansioso, ou vou acabar saindo do seu consultório também. Vou descobrir o que fazer a partir daí.

Vestimos nossos casacos e saímos de casa, caminhando até a clínica.

— Sei que andei mentindo pra mim mesmo sobre achar que estou funcionando bem e sei que não vou conseguir me libertar completamente dos meus impulsos e da ansiedade, mas quero ver se consigo recuperar o controle

sobre minha vida — digo.

— De nada — Wade diz.

— Eu não agradei — digo.

— Eu reparei. Achei melhor colocar você no caminho certo.

— Obrigado por me forçar a ser sincero comigo mesmo.

— Sempre que precisar, chapa — Wade diz.

Sorrio para ele antes de olhar adiante. Percebi que não há nada de errado em alguém salvar minha vida, especialmente quando não posso contar comigo mesmo para fazer isso direito. As pessoas precisam de pessoas. É isso.

E mesmo que eu esteja incrivelmente ansioso com a consulta de hoje, sinto que posso fazer qualquer coisa agora, como ir brincar de fazer anjos na neve só de cueca e camiseta e não ficar doente ou escalar a lateral de um prédio com Wade sem dar a mínima para a gravidade.

Estou do lado esquerdo dele, claro, mas, no meio da história que ele está contando sobre sua mais remota memória em um cinema, eu me mudo para o lado direito e seguro a mão dele, o que dá uma sensação esquisita, não vou mentir. Mas a sensação é boa também. Não vou mais acordar do lado errado da minha vida.

HISTÓRIA

DOMINGO, 13 DE NOVEMBRO DE 2016

Meu armário está empoeirado, assim como minhas roupas, depois de ter enterrado alguns pertences do Theo aqui dentro. Tiro a camiseta e os jeans, largando-os no chão. Estou indo até a cômoda quando meu celular toca. Estou um pouco nervoso porque agora vou ter que contar ao Theo sobre o Wade, mas é o que precisa ser feito para o bem de todos os envolvidos. Ainda assim é um saco. Mas não é Theo quem está ligando, é a mãe dele.

— Oi, Elle...

Ela está chorando.

Tudo fica enevoadado a partir daí. Ela está mentindo sobre Theo ter se afogado esta tarde, não é? Não sei por que ela faria isto, mas não há como ser verdade. Entretanto, ela não está mentindo. Estou chorando com ela enquanto corro para a sala e passo o telefone para os meus pais. Meus olhos ardem e não consigo respirar, preciso de ar.

Saio do apartamento e corro, ouvindo minha mãe chamar por mim. Disparo pela escadaria abaixo e quase tropeço algumas vezes, mas não me importo. Acabe comigo, Universo, não me importo. Chego do lado de fora e está gelado, pela primeira vez percebo que estou só de cueca boxer e meias. Meus pés ficam molhados no mesmo instante, mas o frio não me impede de correr pela rua. Não quero fazer isso, não quero continuar vivendo, não quero estar aqui sem o Theo. Vejo um carro vindo e posso me jogar na frente dele se saltar de trás deste outro que está estacionado.

É o que vou fazer.

É o que vou fazer porque ele descumpriu sua promessa.

O carro está a alguns metros, mas acabo me jogando no monte de neve que há atrás de mim, tremendo e chorando. Theo não iria querer que eu me machucasse. Mas também não sei como estar vivo em um universo onde não posso conversar com Theo McIntyre.

HOJE

DOMINGO, 7 DE JANEIRO DE 2017

Tenho que dizer adeus a você, Theo McIntyre.

Estou ajoelhado diante da sua lápide, meus joelhos enterrados na neve, e espero que você saiba que isso é o melhor pra mim. Minha psiquiatra está tratando meu Transtorno Obsessivo-Compulsivo com terapia de exposição e também medicamentos, porque ela me diagnosticou com ordem delirante. Não estou convencido de que ela esteja certa, mas tenho que encarar uma versão dolorosa da verdade — você não está realmente me ouvindo. Este pensamento me faz coçar a palma e puxar o lóbulo da orelha porque, se você não ouviu nada do que eu lhe disse desde que morreu, então você morreu sem saber a verdade.

Mas agora que estou aqui, onde o enterramos, talvez eu possa conversar com você. Não perdi meu amor por você, juro. Fico nervoso de verdade pensando que talvez eu nunca perca meu amor por você, que, se eu começar a namorar outra pessoa e enquanto estiver montando esse novo quebra-cabeça, me verei procurando por peças com o seu formato. Isso pode parecer aceitável para duas ou quatro ou seis ou oito peças, mas se for mais do que isso terminarei com um quebra-cabeça que tem metade do seu rosto e metade do rosto de outra pessoa. Não é justo com o cara que espera que eu me entregue completamente a ele como fiz com você.

Não é justo com Wade.

Você sempre será meu primeiro humano favorito. Ninguém pode roubar isso de você. Mas agora preciso me organizar e abrir espaço para mais pessoas favoritas e confiar que Wade e Jackson merecem suas próprias coroas.

Tem sido gratificante ser sincero ultimamente. Estou determinado a continuar sendo sincero, como se vidas dependessem disso, e acho que elas meio que dependem. Ninguém vai morrer se eu mentir, mas as vidas podem crescer e florescer se eu disser a verdade. Ser sincero vai acabar com meu conflito interno quando estou com Wade e posso vê-lo pelo que ele é, em vez de enxergá-lo como alguém que está por perto para preencher o vazio.

Talvez Jackson tenha tido esta mesma conversa com você quando esteve aqui. Isso meio que me deixa nauseado, como se estivéssemos abandonando você por

uma coisa que não foi sua culpa. Mas acredito que a razão de tudo isso é que Jackson e eu sempre manteremos você por perto, mas vamos nos priorizar e seguir em frente como sei que você desejaria que fizéssemos.

Prometo que vou encontrar a felicidade de novo. É a melhor maneira de honrar você.

Levanto-me, tremendo um pouco enquanto cubro sua lápide com o seu moletom para manter você aquecido. Não acho mais que seja certo eu ficar com essa peça. Pergunto-me o que vai acontecer com ela. Imagino se milagrosamente vai estar aqui da próxima vez que alguém vier visitá-lo, ou se os ventos vão arrancá-la e enterrá-la fundo na neve, apenas para algum estranho encontrá-la depois. Essa pessoa não saberá que você o deu para mim na tarde em que fizemos sexo pela primeira vez.

Mas tudo bem. A história permanece com as pessoas que mais a estimam. Eu amo você, mas não posso mais ficar.

Vou embora. Vai levar um tempo até que eu fale com você de novo. Estou tão feliz por você ter sido o meu primeiro, Theo, e você compensou cada mágoa. Espero que não exista um universo alternativo em que eu também não fui o seu primeiro amor.

Mas este universo é o único que importa e tenho uma última pergunta para você: não entendi mal sua história, não é?

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu editor, Daniel Ehrenhaft, por acreditar em mim muito cedo, por editar palavras com tamanha habilidade, por entender as compulsões de Griffin com tanta rapidez e por ficar sem dormir até termos entendido tudo da maneira correta. Quero agradecer também à minha publicitária, Meredith Barnes, por toda a empatia que mostrou em relação à minha mente muito particular. Ao meu agente, Brooks Sherman, por sua capacidade de dar bons conselhos e terapia nos momentos em que estava duvidando de mim mesmo. À minha colega de quarto, Hannah Fergesen, uma bruxa editorial que teve razão tantas vezes que fez meu ego sofrer. Ao meu assistente, Michael D’Angelo, por sempre me dizer o que fazer. Aos meus maravilhosos e brilhantes superiores, Bronwen Hruska e Jenny Bent, e os talentosos campeões da Soho Teen e da Bent Agency. Quando chegar a hora do apocalipse zumbi-pirata, a minha equipe de editores será a primeira a ser recrutada.

Ao Luis “LTR3” Rivera, por ser o melhor salvador de vida em toda a terra me hospedando por alguns meses para que eu pudesse terminar de escrever este livro, por partidas épicas de Super Smash Bro. combinada com os amigos e “uma quarta coisa”. Ao Corey Whaley, por ser meu braço direito, meu anjo da guarda, fazer parte da minha história e permanecer na minha vida, e à Cecilia Renn, por nossa conexão psíquica e por cuidar de mim, pois sou muito teimoso para fazer isso sozinho. À Amanda e ao Michael Diaz (e Ann e Cooper), que conhecem minhas maneiras obsessivas muito bem – desculpem-me (mas não me lamento) por todas aquelas músicas que eu os fiz ouvir repetidamente. Ao Lestor Andrade, pelo *Carpool* da Vergonha e muitos outros momentos da Vida Real.

À Becky Albertalli, por sempre garantir que eu não jogasse minhas oportunidades fora nos momentos em que as coisas estavam ruins. Ao David Arnold (-Silvera), pela a proposta falsa mais épica no universo. À Jasmine Warga, pelo melhor piquenique de doces naquela banheira ostentosa. (*Team Beckminavidera* para sempre.) À Sabaa Tahir, uma Mestre Jedi que sempre pode sentir quando há um desequilíbrio na Força. À Nicola Yoon, por sua generosidade sem medidas. À Victoria Aveyard, por nunca me acordar durante todos os filmes que vemos. *Hashtag* mavarilhosa. À Renée Ahdieh, por não me

deixar fugir da Comic-Con quando o chiclete caiu da minha boca no meio do nosso painel. À Kim Liggett, por me tirar de casa para escrever este livro e todas as fofocas, e ao Lance Rubin, por ser o pior rival, já que não há um osso em seu corpo ou palavra em seu cérebro que eu poderia odiar. À Virginia Boecker, por muitas risadas sobre coisas indescritíveis. À Dhonielle Clayton e à Sona Charaipotra, grandes inteligências separadas, que são capazes de mudar o mundo juntas.

Se eu tentasse nomear todos na comunidade que ajudaram na minha carreira, este livro teria o dobro de páginas. Obrigado a todos os leitores, blogueiros (especialmente para Dahlia Adler e Eric Smith), escritores, familiares (enorme agradecimento para minha amável mãe pela feliz história), amigos, bibliotecários, livreiros (muita gratidão à *Books of Wonder*), booktubers (principalmente Angie Manfredi).

E, o mais importante, para todos os seres humanos, nomeados e não nomeados, que me encorajaram a escrever meu caminho para essa vida e me ajudaram a escrever meu caminho através da minha depressão. Este é para vocês - como são todos os que seguirão.